

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E DA COMUNICAÇÃO

Ramo de Especialidade: Linguística Portuguesa Aplicada

**OS PADRÕES DE USO DOS PRONOMES PESSOAIS
ÁTONOS EM PORTUGUÊS EUROPEU**

**ESTUDO REALIZADO NOS ANOS TERMINAIS DOS 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO,
COM PROPOSTAS DE DIDACTIZAÇÃO**

MARIA FLORENTINA CHARNECA CATALÃO

Orientadora:

Professora Doutora Fernanda Maria Ribeiro Gonçalves

Abril de 2011

Universidade de Évora

**Os Padrões de Uso dos Pronomes Pessoais Átonos em Português
Europeu**

**Estudo Realizado nos Anos Terminais dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico,
com Propostas de Didactização**

Maria Florentina Charneca Catalão

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação, no Ramo de
Especialidade de Linguística Portuguesa Aplicada, apresentada à Universidade de
Évora, sob a orientação da Professora Doutora Fernanda Maria Ribeiro Gonçalves.

Abril de 2011

Índice

Nota Prévia	7
Resumo	9
Palavras-chave	9
Abstract	10
Índice de Gráficos	11
Índice de Quadros	18
Lista de Abreviaturas	19
1. Introdução	20
1.1. Enquadramento teórico	22
1.1.1. Os pronomes pessoais átonos ou clíticos: propriedades e distribuição	22
1.1.2. Classificação dos pronomes pessoais átonos ou clíticos especiais	27
1.1.3. Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos	33
1.1.4. Estudos realizados no âmbito da aquisição dos pronomes clíticos em PE e em outras línguas	42
1.1.5. Hipóteses de trabalho	51
2. Aspectos metodológicos	53
2.1. Os sujeitos	53
2.1.1. Grupos I e II	54
2.1.2. Grupo III	54
2.2. Os testes	56
2.3. A recolha dos dados	61
2.4. O tratamento dos dados	62
3. Apresentação, descrição e discussão dos resultados	64
3.1. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo I	64
3.1.1. Resultados do Grupo I no teste de produção	65
3.1.1.1. Próclise	65
3.1.1.2. Ênclise	68
3.1.1.3. Mesóclise	70
3.1.1.4. Síntese descritiva	73
3.1.2. Resultados do Grupo I no teste de avaliação	75
3.1.2.1. Próclise	75
3.1.2.2. Ênclise	81
3.1.2.3. Mesóclise	84

3.1.2.4. Síntese comparativa	87
3.1.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação	90
3.1.4. Síntese final do Grupo I	91
3.2. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo II	92
3.2.1. Resultados do Grupo II no teste de produção	92
3.2.1.1. Próclise	93
3.2.1.2. Ênclise	97
3.2.1.3. Mesóclise	99
3.2.1.4. Síntese comparativa	102
3.2.2. Resultados do Grupo II no teste de avaliação	105
3.2.2.1. Próclise	105
3.2.2.2. Ênclise	110
3.2.2.3. Mesóclise	113
3.2.2.4. Síntese comparativa	116
3.2.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação	120
3.2.4. Síntese final do Grupo II	121
3.3. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo III	122
3.3.1. Resultados do Grupo III no teste de produção	122
3.3.1.1. Próclise	122
3.3.1.2. Ênclise	126
3.3.1.3. Mesóclise	126
3.3.1.4. Síntese comparativa	128
3.3.2. Resultados do Grupo III no teste de avaliação	131
3.3.2.1. Próclise	131
3.3.2.2. Ênclise	136
3.3.2.3. Mesóclise	138
3.3.2.4. Síntese comparativa	140
3.3.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação	143
3.3.4. Síntese final do Grupo III	144
3.4. Discussão dos resultados	145
3.4.1. Comparação entre os grupos no teste de produção	145
3.4.1.1. Valores globais	145
3.4.1.2. Próclise	146
3.4.1.3. Ênclise	148
3.4.1.4. Mesóclise	150
3.4.2. Comparação entre os grupos no teste de avaliação	152
3.4.2.1. Valores globais	152
3.4.2.2. Próclise	153
3.4.2.3. Ênclise	155
3.4.2.4. Mesóclise	157

3.4.3.	Comparação entre os resultados do teste de produção e do teste de avaliação	159
3.4.3.1.	Valores globais	159
3.4.3.2.	Próclise	160
3.4.3.3.	Ênclise	162
3.4.3.4.	Mesóclise	162
3.4.4.	Discussão dos resultados em função das hipóteses formuladas	163
4.	Os pronomes pessoais átonos nos Programas de Português do Ensino Básico	171
4.1.	Propostas de didactização	173
4.1.1.	Actividade 1: Exercício de diagnóstico	176
4.1.2.	Actividade 2: Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos	177
4.1.3.	Actividade 3: Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos	181
5.	Considerações finais	186
6.	Referências bibliográficas	188

7. Anexos

Anexo 1 – Questionário de Identificação (Grupos I e II)

Anexo 2 – Identificação do Grupo I

Anexo 3 – Identificação do Grupo II

Anexo 4 – Questionário de Identificação (Grupo III)

Anexo 5 – Identificação do Grupo III (Grupo de adultos – Sexo feminino)

Anexo 6 – Identificação do Grupo III (Grupo de adultos – Sexo masculino)

Anexo 7 – Teste de Produção

Anexo 8 – Teste de Avaliação I

Anexo 9 – Teste de Avaliação II

Anexo 10 – Pedido de Autorização para a Recolha de Dados (Director da Escola)

Anexo 11 – Pedido de Autorização para a Recolha de Dados (Encarregados de Educação)

Anexo 12 – Resultados do Teste de Produção – Grupo I – Próclise

Anexo 13 – Resultados do Teste de Produção – Grupo I – Ênclise

Anexo 14 – Resultados do Teste de Produção – Grupo I – Mesóclise

Anexo 15 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo I – Próclise

Anexo 16 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo I – Ênclise

Anexo 17 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo I – Mesóclise

Anexo 18 – Resultados do Teste de Produção – Grupo II – Próclise

Anexo 19 – Resultados do Teste de Produção – Grupo II – Ênclise

Anexo 20 – Resultados do Teste de Produção – Grupo II – Mesóclise

Anexo 21 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo II – Próclise

- Anexo 22** – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo II – Ênclise
Anexo 23 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo II – Mesóclise
Anexo 24 – Resultados do Teste de Produção – Grupo III – Próclise
Anexo 25 – Resultados do Teste de Produção – Grupo III – Ênclise
Anexo 26 – Resultados do Teste Produção – Grupo III – Mesóclise
Anexo 27 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo III – Próclise
Anexo 28 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo III – Ênclise
Anexo 29 – Resultados do Teste de Avaliação – Grupo III – Mesóclise

Nota prévia

Entendo este trabalho como o fim de um percurso, durante o qual contei com a ajuda de algumas pessoas que o tornaram possível.

Gostaria, pois, de prestar os seguintes agradecimentos:

Aos alunos dos 6º e 9º anos da Escola B. I. / J. I. de Alcáçovas que contribuíram para a recolha dos dados analisados nesta dissertação e aos seus pais por terem autorizado a sua participação neste estudo.

Aos colegas que integraram o grupo de controlo, por terem aceitado colaborar.

Aos colegas da escola, que facilitaram a aplicação dos testes, em especial, à Sónia e ao Vítor, e ao António, pela redacção do *abstract*.

Às colegas de mestrado, pelos bons momentos partilhados e pelas palavras de incentivo em determinadas fases.

À minha colega e amiga Mihi, companheira de tantas batalhas. Obrigada por todos os (muitos) momentos em que me ouves, pelos conselhos e pelo apoio que sempre me dás, enfim... pela amizade que construímos.

Às professoras do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação, pela competência e dedicação com que realizam o vosso trabalho e que tanto motivam os que convosco têm o privilégio de trabalhar.

À minha orientadora, pelo profissionalismo que demonstrou e que me cativou desde o início. Admiro verdadeiramente a sua competência e exigência. Obrigada por me ter aceitado como sua mestranda, pela sua disponibilidade e pelas palavras de incentivo e apoio que me dirigiu nos momentos mais difíceis.

Ao meu avô Isidro, que me ensinou a fazer os primeiros rabiscos e me incutiu desde a infância o gosto pelo conhecimento. Foi e será sempre uma grande referência na minha vida. Obrigada pelas horas de interminável paciência e pelo carinho que ainda hoje lembro com imensas saudades.

À minha madrinha Rosária, aos meus tios Zé e Rosete e à avó Mariana por terem sido os meus segundos pais. O vosso carinho e dedicação foram determinantes em muitas

fases difíceis. Não tenho palavras para agradecer a forma como eliminaram tantas barreiras do meu caminho, quando eu ainda não o conseguia fazer. Muito obrigada por tudo.

Ao meu pai, pela cumplicidade que sempre tivemos e por me ter passado os valores que ainda hoje respeito, embora, infelizmente, tenhamos convivido tão pouco tempo.

À minha mãe. Obrigada pelo impulso inicial e por todos os que vieram a seguir. Obrigada pela confiança que sempre teve no meu trabalho e pelo apoio incondicional.

Ao meu Hugo, companheiro de todos os momentos, excelente confidente e conselheiro. Obrigada pela compreensão, pelas palavras sábias e sinceras que era necessário ouvir nos principais momentos. Nunca irei esquecer a dedicação. Este trabalho também é teu!

Ao meu querido e apaixonado *Príncipe Farguar* e à minha linda e doce *Princesinha*. Obrigada por inúmeras vezes me fazerem sentir uma autêntica personagem de contos de fadas. Nada do que sou, nada do que faço faria sentido sem vocês. Obrigada por tantos mimos. Adoro-vos para sempre!

A Deus, Amigo omnipresente, que caminhou ao meu lado nos momentos de entusiasmo e me pegou ao colo nos de maior desânimo. Nada seria possível sem a Sua vontade e sem a Sua incondicional protecção.

Resumo

Os Padrões de Uso dos Pronomes Pessoais Átonos em Português Europeu - Estudo Realizado nos Anos Terminais dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, com Propostas de Didactização

Esta investigação tem como principal objectivo contribuir para o estudo da colocação dos pronomes pessoais átonos em PE em contextos de próclise, ênclise e mesóclise.

A recolha de dados recaiu sobre sujeitos do 6º e do 9º anos de escolaridade e um grupo de adultos, a quem foram aplicados um teste de produção e um teste de avaliação.

Os resultados obtidos foram superiores no teste de avaliação e revelaram que os sujeitos: (i) dominam a ênclise, com alguns problemas nas frases infinitivas; (ii) revelam dificuldades em reconhecer alguns proclisadores, principalmente a conjunção subordinativa causal “porque” e os quantificadores universais “qualquer” e “todos” e (iii) aceitam, mas não produzem o pronome mesoclítico.

Quando as produções dos alunos não foram conformes à gramática-alvo, verificou-se a preferência pelo padrão enclítico.

Os resultados deste estudo são relevantes para linguistas e professores de língua portuguesa dos 2º e 3º ciclos do ensino básico.

Palavras-chave: aquisição; clíticos; pronomes pessoais átonos; ênclise; próclise; mesóclise; produção; avaliação; colocação; uso; Português Europeu.

Abstract

The patterns of placement of clitic pronouns in European Portuguese - A study performed in the 6th and 9th grades including proposals of didactization

The main goal of this research is to contribute for the study of clitic placement in E. P. in contexts of mesocclisis, proclisis and enclisis.

The collection of data was focused on the results of production and evaluation tests applied to 6th and 9th grade students as well as in a group of adults.

The results obtained were better in the evaluation test and showed the following: (i) the subjects master enclisis despite having some problems in infinitive sentences; (ii) they revealed difficulties in recognizing some trigger proclisis mainly the subordinate causal conjunction “porque” (*because*), and the universal quantifiers “qualquer” (*any*) and “todos” (*all*); (iii) the mesocclisis is recognized but not used.

It is given preference to the usage of the enclitic pattern whenever the grammar rules aren't followed.

The conclusions drawn from this research are relevant for linguistics, elementary and secondary school teachers.

Key words: acquisition, clitics, atonic personal pronouns, enclisis, proclisis, mesocclisis, production, evaluation, placement, usage, European Portuguese.

Índice de gráficos

Gráfico 1: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo I	65
Gráfico 2: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I	66
Gráfico 3: Valores percentuais de produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise	67
Gráfico 4: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo I	68
Gráfico 5: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de produção	69
Gráfico 6: Valores percentuais das produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise	70
Gráfico 7: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo I	71
Gráfico 8: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de produção	71
Gráfico 9: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise	72
Gráfico 10: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I	73
Gráfico 11: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I	74
Gráfico 12: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo I	75
Gráfico 13: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo I	75
Gráfico 14: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação	76
Gráfico 15: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação	77
Gráfico 16: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação	77
Gráfico 17: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação	80

Gráfico 18: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação	81
Gráfico 19: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação	81
Gráfico 20: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação	82
Gráfico 21: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação	83
Gráfico 22: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	84
Gráfico 23: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	84
Gráfico 24: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação	85
Gráfico 25: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	86
Gráfico 26: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I	87
Gráfico 27: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I	88
Gráfico 28: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I	88
Gráfico 29: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo I	89
Gráfico 30: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo I	90
Gráfico 31: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo I no teste de produção e no teste de avaliação	91
Gráfico 32: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo II	93
Gráfico 33: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II	94

Gráfico 34: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise	96
Gráfico 35: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo II	97
Gráfico 36: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de produção	98
Gráfico 37: Valores percentuais das produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise	99
Gráfico 38: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo II	100
Gráfico 39: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de produção	100
Gráfico 40: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise	101
Gráfico 41: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II	102
Gráfico 42: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II	103
Gráfico 43: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo II	104
Gráfico 44: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo II	104
Gráfico 45: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação	105
Gráfico 46: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação	106
Gráfico 47: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação	107
Gráfico 48: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação	109
Gráfico 49: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação	110
Gráfico 50: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação	111

Gráfico 51: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação	112
Gráfico 52: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação	113
Gráfico 53: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	113
Gráfico 54: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	114
Gráfico 55: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação	115
Gráfico 56: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	115
Gráfico 57: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II	117
Gráfico 58: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II	117
Gráfico 59: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II	118
Gráfico 60: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo II	119
Gráfico 61: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo II	120
Gráfico 62: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo II no teste de produção e no teste de avaliação	121
Gráfico 63: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo III	123
Gráfico 64: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III	124
Gráfico 65: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise	125
Gráfico 66: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo III	126
Gráfico 67: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo III	127

Gráfico 68: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de produção	127
Gráfico 69: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise	128
Gráfico 70: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III	129
Gráfico 71: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III	129
Gráfico 72: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo III	130
Gráfico 73: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo III	130
Gráfico 74: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação	131
Gráfico 75: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação	132
Gráfico 76: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação	133
Gráfico 77: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação	135
Gráfico 78: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação	136
Gráfico 79: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação	137
Gráfico 80: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação	137
Gráfico 81: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação	138
Gráfico 82: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	138
Gráfico 83: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	139

Gráfico 84: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação	139
Gráfico 85: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação	140
Gráfico 86: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III	140
Gráfico 87: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III	141
Gráfico 88: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III	142
Gráfico 89: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo III	142
Gráfico 90: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo III	143
Gráfico 91: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo III no teste de produção e no teste de avaliação	143
Gráfico 92: Comparação dos valores percentuais globais de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos Grupos I, II e III	146
Gráfico 93: Comparação dos valores percentuais de produção de próclise dos Grupos I, II e III	147
Gráfico 94: Valores percentuais de produção de próclise, agramaticalidades e outras ocorrências dos Grupos I, II e III	148
Gráfico 95: Comparação dos valores percentuais de produção de ênclise dos Grupos I, II e III	149
Gráfico 96: Valores percentuais de produção de ênclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III	150
Gráfico 97: Comparação dos valores percentuais de produção de mesóclise dos Grupos I, II e III	151
Gráfico 98: Valores percentuais de produção de mesóclise, agramaticalidades e outras ocorrências dos Grupos I, II e III	151
Gráfico 99: Comparação dos valores percentuais globais de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos Grupos I, II e III	152

Gráfico 100: Comparação dos valores percentuais de avaliação de próclise dos Grupos I, II e III	153
Gráfico 101: Valores percentuais de avaliação de próclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III	155
Gráfico 102: Comparação dos valores percentuais de avaliação de ênclise dos Grupos I, II e III	156
Gráfico 103: Valores percentuais de avaliação de ênclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III	157
Gráfico 104: Comparação dos valores percentuais de avaliação de mesóclise dos Grupos I, II e III	158
Gráfico 105: Valores percentuais de avaliação de mesóclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III	159
Gráfico 106: Comparação dos resultados globais dos testes de produção e de avaliação dos Grupos I, II e III	160
Gráfico 107: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de próclise dos Grupos I, II e III	107
Gráfico 108: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de ênclise dos Grupos I, II e III	162
Gráfico 109: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de mesóclise dos Grupos I, II e III	163

Índice de quadros

Quadro 1: As formas não-reflexas e reflexas dos pronomes pessoais átonos ou clíticos	23
Quadro 2: Os tipos de clíticos especiais em português	27
Quadro 3: O domínio de outras línguas por parte dos sujeitos testados	55
Quadro 4: Os contextos testados e as frases do teste de produção	58
Quadro 5: Os contextos testados e as frases do teste de avaliação	59
Quadro 6: A abordagem dos pronomes pessoais átonos nos PPEB	172

Lista de Abreviaturas

DP – Determiner Phrase (Sintagma Determinante)

EP – European Portuguese (Português Europeu)

FC – Frase Correcta

FI – Frase Incorrecta

GN – Grupo Nominal

PB- Português do Brasil

PE – Português Europeu

PPEB – Programas de Português do Ensino Básico

UCC – Unique Checking Constraint (Restrição de Verificação Única)

1. Introdução

Esta investigação tem como principal objectivo contribuir para o estudo da colocação dos pronomes pessoais átonos em Português Europeu e integra a descrição e análise de dados relativos à produção e avaliação de frases com o pronome em posição enclítica, proclítica e mesoclítica por alunos dos anos terminais do 2º e do 3º ciclos do Ensino Básico (6º e 9º anos de escolaridade).

O interesse em aprofundar o conhecimento sobre este tópico gramatical, que motivou a sua selecção, deve-se, sobretudo, às dificuldades manifestadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, não só aquando da realização de exercícios no âmbito da competência de conhecimento explícito da língua, como também nos modos oral e escrito. A detecção destas dificuldades nos 2º e 3º ciclos de escolaridade ditou a escolha dos anos terminais destes níveis como alvo da presente investigação. Por outro lado, estudos anteriormente realizados dão conta da existência dos problemas referidos: em Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2009) afirma-se que os sujeitos revelam dificuldades na colocação dos pronomes pessoais átonos em PE até ao final do 1º ciclo ou até mais tarde e em Santos (2002) conclui-se que os problemas persistem até ao fim do 3º ciclo do ensino básico.

Tendo em consideração o exposto, procedeu-se ao desenvolvimento desta investigação, que se encontra organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, far-se-á o enquadramento teórico, com a apresentação das propriedades dos pronomes pessoais átonos ou clíticos e da forma como se encontram distribuídos com base nas gramáticas tradicionais. Relativamente aos padrões de colocação dos referidos pronomes, dão-se a conhecer as descrições presentes nas gramáticas e as conclusões de estudos realizados por vários autores. Posteriormente, são apresentados vários estudos realizados no âmbito da aquisição dos pronomes pessoais átonos em PE e em outras línguas. No fim do capítulo, dão-se a conhecer as hipóteses de trabalho formuladas com base na investigação teórica.

No segundo capítulo, apresentar-se-ão os aspectos metodológicos subjacentes à investigação realizada. Neste momento, proceder-se-á à caracterização dos sujeitos testados, à descrição dos questionários utilizados e explicar-se-á a forma como a recolha dos dados foi efectuada. Por fim, far-se-á referência à forma como foram tratados os

dados recolhidos e revelar-se-ão os critérios adoptados relativamente à definição da fase de aquisição das estruturas linguísticas em estudo.

A apresentação, a descrição e a discussão dos resultados far-se-ão no terceiro capítulo. Os dados serão apresentados por grupo de sujeitos, perfazendo um total de três grupos. Relativamente a cada um dos grupos, apresentar-se-ão os resultados globais do teste de produção, seguidos dos resultados por padrão de colocação (próclise, ênclise e mesóclise) e de uma síntese comparativa dos três padrões; de seguida, serão apresentados os resultados do teste de avaliação, procedendo-se de forma idêntica à anteriormente descrita para o teste de produção; no fim, será apresentada uma síntese comparativa dos resultados obtidos nos dois testes e, por fim, uma síntese final do grupo. Este capítulo ainda inclui a discussão dos resultados com base na comparação entre os grupos nos dois testes, apresentando-se os valores globais e os valores obtidos por padrão de colocação, seguindo-se a comparação entre os resultados do teste de produção e do teste de avaliação, em termos globais e por padrão de colocação. Por fim, os resultados obtidos serão discutidos em função das hipóteses formuladas.

No quarto capítulo, apresentar-se-á uma reflexão sobre a abordagem dos pronomes pessoais átonos nos novos Programas de Português do Ensino Básico, seguindo-se a apresentação de algumas propostas de didactização elaboradas com base nas conclusões a que se chegou com esta investigação.

No último capítulo, o quinto, tecem-se algumas considerações finais sobre o estudo realizado.

1.1. Enquadramento teórico

1.1.1. Os pronomes pessoais átonos ou clíticos: propriedades e distribuição

Os pronomes pessoais apresentam a pessoa gramatical das entidades envolvidas no acto de comunicação: o locutor (1ª pessoa), o ouvinte (2ª pessoa) e a entidade sobre a qual se fala (3ª pessoa)¹ (cf. Cunha & Cintra (1990), Bechara (2001) e Mateus *et al.* (2003)).

Tradicionalmente, a classificação dos pronomes pessoais é feita com base em critérios sintácticos e fonológicos. Assim, em Cunha & Cintra (1990) e em Bechara (2001), os pronomes pessoais são classificados de acordo com: (i) a função que desempenham na oração: *rectos*, se exercem a função de sujeito; *oblíquos*, se funcionam como objecto (directo ou indirecto); (ii) a acentuação: *tónicos* ou *átonos*. De acordo com Mateus *et al.* (2003), os pronomes pessoais não são uniformes, existindo: formas fortes, formas fracas e clíticas². Segundo as autoras, o que distingue os pronomes pessoais é o seu carácter clítico / não clítico e o caso (nominativo, acusativo, dativo, oblíquo). Em Vilela (1995) e em Cuesta (1971) procede-se à classificação dos pronomes seguindo critérios sintácticos, i. e., apresentam-se as formas dos pronomes pessoais de acordo com as funções que exercem na frase (sujeito, complemento directo e complemento indirecto). Em Cuesta (1971) faz-se a distinção entre as formas de sujeito, de complemento sem preposição, de complemento com preposição (excepto com a preposição *com*) e de complemento com a preposição *com*, para as primeira e segunda pessoas do singular e do plural; quanto à terceira pessoa, estabelece-se a distinção entre as formas de sujeito e as de complemento com e sem preposição.

Na presente dissertação, concentrar-nos-emos nos pronomes pessoais átonos. Esta será, preferencialmente, a denominação adoptada, em consonância com o Dicionário Terminológico³, documento de referência para o ensino da Língua Portuguesa, cujo objectivo se prende com a uniformização dos termos empregues na análise e descrição linguísticas.

Os pronomes pessoais átonos são assim designados pela gramática tradicional (cf. Said Ali (1908) (*apud* Mateus *et al.* (2003)); Cuesta (1971); Cunha & Cintra (1990); Bechara (2001)); em Vilela (1995), são referidos como pronomes pessoais complemento,

¹ Designada em Bechara (2001:164) como “a não-pessoa (não-*eu*, não-*tu*)”.

² Ver Cardinaletti e Starke (1996 e 1999) e Kato (1999)

³ Documento disponível para consulta em linha em: <http://dt.dgidc.min-edu.pt/> (versão consultada no dia 26 de Abril de 2011)

aludindo à função por eles desempenhada nas frases; e em Mateus *et al.* (2003) são denominados pronomes clíticos⁴ por corresponderem às formas átonas dos pronomes pessoais e surgirem como complementos verbais.

O *Quadro 1* apresenta a distribuição dos pronomes pessoais átonos ou clíticos:

Pessoas gramaticais		Pronomes		Formas não-reflexas		Formas reflexas
		Caso acusativo	Caso dativo	Casos acusativo e dativo		
Singular	1 ^a	me		me		
	2 ^a	te		te		
	3 ^a	o / a	lhe	se		
Plural	1 ^a	nos		nos		
	2 ^a	vos		vos		
	3 ^a	os / as	lhes	se		

Quadro 1: As formas não-reflexas e reflexas dos pronomes pessoais átonos ou clíticos⁵.

Enquanto em Mateus *et al.* (2003) se faz a distinção entre clíticos não-reflexos e clíticos reflexos consoante a pessoa gramatical e a forma casual a que correspondem (acusativo ou dativo), em Cunha & Cintra (1990) estabelece-se a diferença entre os pronomes pessoais oblíquos não reflexivos (átonos e tónicos) e os pronomes reflexivos e recíprocos. Em Vilela (1995), por seu lado, distinguem-se os pronomes pessoais dos pronomes reflexivos, compreendendo estes últimos os pronomes recíprocos. Em Cuesta (1971) não se faz qualquer referência aos pronomes recíprocos, sendo apresentadas as formas dos pronomes pessoais e os pronomes reflexos separadamente.

De acordo com Mateus *et al.* (2003), os pronomes pessoais átonos podem designar uma das entidades envolvidas no processo de comunicação (*cf.* 1) ou representar um predicado (*cf.* 2):

(1) A Ana emprestou-*me* o livro.

(2) Encontraram a Maria no cinema, mas não *o* revelaram.

As autoras sublinham o facto de estes pronomes serem unidades lexicais desprovidas de acentuação própria, portanto, átonas, que, por tal motivo, seleccionam hospedeiros, não podendo ocupar uma posição isolada na frase. Devido às suas características, as autoras

⁴ Também podem ser designados por “clíticos especiais”, de acordo com Zwicky (1977) (*apud* Mateus *et al.*: 2003).

⁵ Nesta tabela, não se incluíram os pronomes fortes por não constituírem objecto de estudo deste trabalho.

nomeiam os pronomes pessoais átonos “clíticos especiais”, diferenciando-os de outras unidades lexicais igualmente desprovidas de acentuação própria – os artigos e as preposições – que designam como “clíticos simples”. As características dos pronomes pessoais átonos que os distinguem dos “clíticos simples” são (i) a adjacência ao verbo, sem a obrigatoriedade de ocupar uma posição fixa relativamente a ele e (ii) a existência de características de ordem fonológica que os distinguem dos clíticos simples, nomeadamente a alteração da grafia das formas verbais quando seguidas de pronome pessoal átono⁶. Refira-se que esta alteração não ocorre quando a forma verbal é seguida de artigos definidos ou de preposições.

Segundo Duarte (1983)⁷, o pronome clítico é um constituinte fonológico e sintáctico, na medida em que se encontra fonológica e sintacticamente dependente de um verbo e adjacente a esse mesmo verbo.

A designação “clíticos especiais” deve-se a Zwicky (1977), tendo sido posteriormente desenvolvida por Vigário (1999, 2001) e Duarte et al. (2001) (*apud* Mateus et al. (2003: 828)).

Os pronomes pessoais átonos funcionam como complementos do verbo, todavia não ocupam as posições habitualmente adoptadas por eles. De acordo com Mateus et al. (2003), quando, nesse lugar, encontramos outro material lexical, estamos perante construções de redobro de clítico. Segundo as autoras, a forma do constituinte redobrado varia de acordo com o tipo de pronome pessoal átono: não-reflexo, reflexo ou recíproco.

Nas construções não-reflexas, o constituinte em posição canónica é um pronome pessoal forte (*eles* (cf. 3a)) ou um quantificador (*todos* (cf. 3b)), precedido da preposição *a*.

(3) (a) Informámo-*los a eles* sobre o sucedido.

(b) O Luís convidou-*os a todos* para o lanche.

Na gramática de Cunha & Cintra (1990), salienta-se o emprego enfático do pronome pessoal tónico regido da preposição *a* a acompanhar as formas átonas, no sentido de realçar o complemento directo ou indirecto.

⁶ Os pronomes pessoais átonos *o(s)/a(s)* assumem as formas: *lo(s)/la(s)*, quando a forma verbal termina em /s/ ou /r/, suprimindo-se estes elementos; *no(s)/na(s)*, quando a forma verbal termina em nasal (Cuesta (1971); Cunha & Cintra (1990); Vilela (1995); Mateus et al. (2003)).

⁷ A referência a este trabalho foi sugerida pelo júri aquando da discussão da presente dissertação.

Também em Bechara (2001) se realça o uso pleonástico dos pronomes tónicos preposicionados *a ele, a ela, a mim, a ti, a nós, a vós* com as formas átonas *lhe, me, te, nos, vos* e apresenta-se este tipo de ocorrências como casos de ênfase.

De acordo com Mateus *et al.* (2003), o aparecimento de nomes próprios ou comuns e de quantificadores ou determinantes que não co-ocorram com o pronome pessoal forte geram frases agramaticais (*cf.* 4)⁸:

- (4) (a) *Informámo-los *aos jornalistas* sobre o sucedido.
- (b) *Informámo-los *a alguns / a esses*.
- (c) *O Luís convidou-os *ao João* para o lanche.

Nas construções reflexas, o constituinte redobrado pelo pronome pessoal átono é constituído por um pronome forte e um elemento anaforizador como *próprio/a(s)* ou *mesmo/a(s)* (*cf.* 3a), antecedido da preposição *a*.

- (5) (a) Convencemo-*nos a nós próprios / a nós mesmos* de que essa era a melhor solução.

Nas construções recíprocas, a expressão redobrada assume a forma *um/uma(s)+Preposição+outro/a(s)*.

- (6) (a) Apoiaram-*se uma à outra* desde o jardim-de-infância.

Nestas construções, o elemento redobrado pode ser introduzido por outras preposições além da anteriormente mencionada (*a*) (*cf.* 7):

- (7) (a) O Paulo e a Maria conhecem-se *um ao outro* há muito tempo.
- (b) Nós falamos muito *um com o outro*.
- (c) O Pedro e a Margarida não passam *um sem o outro*.

De acordo com Cunha & Cintra (1990), o facto de as formas do pronome recíproco e do reflexivo serem idênticas pode causar ambiguidade quando co-ocorrem com um sujeito plural, sendo necessária a adjunção de expressões reforçativas especiais. Os autores propõem as expressões enunciadas acima e exemplificadas em (5), (6) e (7) e ainda advérbios como *reciprocamente* ou *mutuamente* (*cf.* 8), ou formas verbais derivadas com o prefixo *entre-* (*cf.* 9):

⁸ Saliente-se o facto de algumas variedades do espanhol admitirem a ocorrência de construções deste tipo (*Lo vimos a Juan*), como atestam Kayne (1975) e Jaeggli (1982) (*apud* Mateus *et al.* (2003:832)).

(8) Convencemo-nos *mutuamente* de que essa era a melhor solução.

(9) Num gesto cúmplice, os amigos *entreolharam-se*.

Em Cuesta (1971) afirma-se que os pronomes reflexos assumem também o valor de recíprocos, destacando-se o recurso à expressão *uns aos outros* no sentido de reforçar essa ideia de reciprocidade.

O PE é uma língua que admite quer a omissão do complemento directo quer a omissão do pronome pessoal acusativo que o substitui, desde que o conteúdo do complemento directo seja recuperável através do contexto linguístico, conforme afirma Raposo (1986) (*apud* Silva (2008:13)). A este tipo de construções dá-se o nome de construções de objecto nulo (*cf.* 10).

(10) (a) A Margarida fez um desenho e mostrou [] ao Pedro.

(b) A Margarida fez um desenho e mostrou-o ao Pedro.

Em Mateus *et al.* (2003), afirma-se que estamos perante construções de extracção simultânea quando, em frases coordenadas, o pronome pessoal átono não está expresso e recupera os argumentos a que está associado em cada um dos elementos coordenados (*cf.* (11) e (12)).

(11) (a) A Maria tinha-o lido [-] e emprestado [-] à amiga.

(b) Ela estava-*lhe* sempre a perguntar [-] pelo trabalho e a dar sugestões [-].

(12) (a) Ele também o lera [-] e emprestara [-] à irmã.

(b) Ela nunca *lhe* perguntava [-] pelo trabalho ou dava sugestões [-].

Segundo as autoras, tal acontece quando o pronome pessoal átono ocupa a posição enclítica adjunto a um verbo (normalmente um verbo auxiliar) exterior à estrutura coordenada, tal como se verifica nos exemplos (11a) e (11b), em que apenas os complementos não-finitos dos verbos auxiliares *ter* e *estar* (*lido e emprestado à amiga; a perguntar pelo trabalho e a dar sugestões*) estão coordenados. Sempre que se torna impossível recuperar o conteúdo do pronome pessoal átono no segundo membro da coordenação, as autoras consideram tratar-se de manifestações de objecto nulo (*cf.* 13).

(13) (a) #A Maria tinha-o lido e tinha emprestado [-] à amiga.

(b) #Ela pergunta-*lhe* pelo trabalho e dá sugestões [-].

Quanto às estruturas com o pronome em posição proclítica, observa-se que o pronome pessoal átono pode permanecer no interior da estrutura coordenada (*cf.* (12) e (14)).

(14) Ela [não só *lhe* pergunta pelo trabalho como dá sugestões].

Em Cunha & Cintra, afirma-se que é possível empregar o mesmo pronome como complemento de vários verbos desde que a função sintáctica por ele desempenhada seja a mesma e o pronome esteja colocado antes do verbo; caso a função sintáctica seja diferente ou o padrão de colocação seja a ênclise, deve-se repetir o pronome.

1.1.2. Classificação dos pronomes pessoais átonos / clíticos especiais

Em Mateus *et al.* (2003) distinguem-se os seguintes tipos de pronomes clíticos: argumentais; argumentais proposicionais ou predicativos; quase-argumentais; com comportamento de afixo derivacional; sem conteúdo semântico ou morfo-sintáctico.

Os tipos de clíticos especiais em português			
Argumentais (associados às posições de complemento directo e indirecto)	De referência definida	Pronominais (não-reflexos)	Acusativos
			Dativos
	De referência arbitrária	Anafóricos	Reflexos
			Recíprocos
		Se-nominativo	
Argumentais proposicionais ou predicativos	Clítico demonstrativo		
Quase-argumentais	Com estatuto argumental e funcional	Se passivo	
	Referenciais não associados à grelha argumental do verbo	Dativo ético	
		Dativo de posse	
Com comportamento de afixo derivacional	Ergativo		
	Anticausativo		
Sem conteúdo semântico ou morfo-sintáctico	Inerente		

Quadro 2: Os tipos de clíticos especiais em português.⁹

⁹ O quadro foi elaborado com base na gramática de Mateus *et al.* (2003).

As autoras classificam como argumentais os pronomes pessoais pronominais não reflexos (formas acusativa e dativa) (cf. 15) e os anafóricos reflexos e recíprocos (cf. 16), na medida em que podem ocorrer nas posições de complemento directo e indirecto dos verbos transitivos e ditransitivos.

(15) (a) Levei-*a* ao parque.

(b) Ofereci-*lhe* um gelado.

(16) (a) A Maria mascarou-se de Cinderela.

(b) Perguntou-*se* a si própria o que os amigos pensariam do traje.

(c) Reconheceram-*se* na festa.

Estes clíticos admitem construções de redobro em que o constituinte redobrado assinala a posição argumental a que o clítico está associado (cf. 17).

(17) (a) Levei-*a a ela* ao parque.

(b) Ofereci-*lhe a ele* um gelado.

(c) A Maria mascarou-*se a si própria* de Cinderela.

(d) Reconheceram-*se um ao outro* na biblioteca.

Tal como foi referido anteriormente, em Cunha & Cintra (1990) a classificação das formas átonas dos pronomes pessoais obedece a critérios sintácticos. Assim sendo, a divisão dos pronomes é feita de acordo com a função sintáctica que os mesmos desempenham na frase: complemento directo (*o, a, os, as*), complemento indirecto (*lhe, lhes*) ou ambos (*me, te, nos* e *vos*). Quanto ao pronome reflexo *se*, os autores fazem referência ao seu emprego como complemento directo (cf. 16a) e indirecto (cf. 16b), considerando que ocorre mais raramente como pronome recíproco. Também em Vilela (1995) se distinguem os pronomes pessoais consoante a função sintáctica desempenhada na frase (complemento directo e complemento indirecto), salientando-se que são reflexivos os pronomes utilizados quando o complemento directo ou indirecto é co-referente do sujeito do verbo. Quando indicam a reciprocidade da acção, os pronomes designam-se recíprocos.

Ainda de acordo com Mateus *et al.* (2003), estamos perante o pronome de referência arbitrária *se-nominativo* em frases cujo pronome clítico *se* representa uma entidade arbitrária (cf. 18).

(18) (a) O interesse está no que *se* faz.

- (b) Vende-se moradias em Lagos.
- (c) Projecta-se menos do que no ano passado.

As autoras afirmam que o sujeito associado a este pronome clítico é indefinido e não-específico, substituível por expressões nominais como *alguém* (cf. 19a). As estruturas com se-nominativo não admitem redobro de clítico (cf. 19b).

- (19) (a) O interesse está no que *alguém/uma pessoa* faz.
- (b) **Alguém* vende-se moradias em Lagos.

O carácter referencial deste clítico torna possível o seu aparecimento em casos de extracção simultânea (cf. 20).

- (20) Informa-se que *se* compra terrenos e vende moradias.

Em Cunha & Cintra (1990), o pronome *se*, quando toma por hospedeiras as formas verbais da 3ª pessoa do singular de verbos intransitivos ou de transitivos tomados intransitivamente, é considerado símbolo de indeterminação do sujeito. Relativamente a construções como a apresentada em (18b), os autores manifestam preferência pela forma *vendem-se* na linguagem cuidada, pois consideram como sujeito o nome *moradias*.

Na esteira de Cunha & Cintra (1990), também na gramática de Bechara (2001) se afirma que o pronome *se*, tal como se apresenta nos exemplos enunciados em (18), indica a indeterminação do sujeito. O autor explica que inicialmente este pronome apenas surgia combinado com verbos que não seleccionavam complemento directo, estendendo, posteriormente, o seu papel aos verbos transitivos directos (cf. 18b) e de ligação (cf. 21).

- (21) É-se feliz.

Quanto ao facto deste pronome acompanhar os verbos transitivos directos, o autor refere que a interpretação passiva (cf. 22) foi substituída por uma interpretação impessoal e acrescenta que, desta forma, não estabelece concordância, visto que o sujeito passou a ser complemento directo, pelo que não se exige concordância com o verbo (cf. 23).

- (22) Vendem-se moradias. (=moradias são vendidas)
- (23) Vende-se moradias. (=alguém vende moradias)

O autor esclarece que exemplos como este último, (23), apesar de numerosos, são considerados antiliterários e que na linguagem literária se dá preferência a estruturas similares à apresentada em (22), contudo, acrescenta que ambas as construções são correctas e expressam dois estados diferentes de evolução linguística.

Em Duarte (2000) e em Mateus *et al.* (2003), faz-se referência ao pronome clítico invariável *o* com valor argumental proposicional ou predicativo, correspondente ao pronome demonstrativo *isso*. Este tipo de pronome clítico surge em frases com verbos transitivos que seleccionam orações como complemento directo (*cf.* 24) e não admite redobro (*cf.* 25).

(24) (a) Que chegava antes da data prevista, ela não *o* contou a ninguém.

(b) Queria fazer uma surpresa a todos e a amiga descobriu-*o*.

(25) *Que chegava antes da data prevista, ela não *o* contou *a isso* a ninguém.

De acordo com as autoras, este clítico surge em estruturas copulativas como um predicado nominal, desempenhando o papel de núcleo das orações pequenas seleccionadas pelo verbo¹⁰ (*cf.* 26), sendo frequentemente substituído, enquanto predicado, por uma elipse (*cf.* 27)¹¹.

(26) (a) Umás máquinas, estes colaboradores sempre *o* foram.

(b) O Pedro está *de férias* e a Margarida também *o* está.

(27) O Pedro está *de férias* e a Margarida também está [-].

O se-passivo é apresentado em Mateus *et al.* (2003) como tendo por referente uma entidade identificada com o “agente da passiva” (*cf.* 28) e, tal como o se-nominativo, não permite o redobro de clítico (*cf.* 29), mas admite extracção simultânea (*cf.* 30).

(28) (a) Não é com falta de trabalho e empenho que *se* obtêm bons resultados.

(b) Compraram-*se* hoje muitos imóveis no leilão.

(29) * Compraram-*se* hoje muitos imóveis por *alguém* no leilão.

(30) Já hoje *se* compraram e venderam muitos imóveis no leilão.

Em Cunha & Cintra (1990), este pronome é designado como “apassivador”.

¹⁰ Entende-se por “orações pequenas” as orações constituídas por predicativo do sujeito e pelo sujeito. Veja-se o exemplo seguinte: [O João] *considera a Maria inteligente*. A oração pequena desta frase é constituída pelo predicado, cujo constituinte é “inteligente”, e pelo sujeito, cujo constituinte é “a Maria”.

¹¹ Sobre a sintaxe deste pronome em português europeu, ver Matos (1985). A referência a este trabalho foi sugerida pelo júri aquando da discussão desta dissertação.

Em Mateus *et al.* (2003) afirma-se que o dativo ético indica o locutor, revelando o seu interesse em concretizar a situação expressa pela frase, designando uma entidade considerada como um Beneficiário, e ocorre na 1ª pessoa do singular (*cf.* 31a) (às vezes, na 1ª pessoa do plural (*cf.* 30b)). Como clítico não-argumental, não admite situações de redobro (*cf.* 32).

- (31) (a) Fecha-me essa porta!
(b) ?Fecha-nos essa porta!
- (32) (a) *Fecha-me essa porta *a/para mim!*

Em Cunha & Cintra (1990) este pronome é designado pronome de interesse, dativo ético ou de proveito. Os autores referem que não desempenha qualquer função sintáctica, tratando-se de um recurso expressivo que visa mostrar o interesse do emissor na realização da ordem transmitida ou da exortação feita, usado com mais frequência no discurso oral.

Quando o pronome cliticiza num verbo intransitivo com vista a realçar um comportamento mais espontâneo por parte do sujeito, os autores nomeiam-no “palavra expletiva”.

De acordo com Mateus *et al.* (2003), o dativo de posse está associado a uma posição de argumento ou de adjunto de um complemento do predicador verbal e indica uma relação de posse, podendo assumir todas as pessoas gramaticais (*cf.* 33a). Este clítico admite construções de redobro (*cf.* 33b).

- (33) (a) A professora corrigiu-*me/te/lhe/nos/vos/lhes* os textos.
(b) A professora corrigiu-*lhe* todos os *seus* textos.

Na gramática de Cunha & Cintra (1990) também se salienta o valor possessivo dos pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes*, que funcionam como complemento indirecto e se aplicam a partes do corpo ou a objectos de uma pessoa.

Em Mateus *et al.* (2003) afirma-se que o clítico ergativo/anticausativo¹² apresenta uma forma idêntica à dos pronomes anafóricos reflexos e tem como função destransitivizar o verbo principal a que está associado, comportando-se como um sufixo derivacional destransitivizador. Tal acontece com verbos que apenas se comportam como intransitivos quando acompanhados do clítico (*cf.* 34).

¹² Este clítico exprime o agente do processo e exclui o complemento directo do verbo.

- (34) (a) O castelo de areia desfez-se.
 (b) A onda desfez o castelo de areia.
 (c) *A onda desfez-se o castelo de areia.
 (d) ?? O castelo de areia desfez.

O clítico ergativo difere do se-apassivante por não apresentar valor argumental¹³. Assim, pode co-ocorrer com um adjunto¹⁴ explicitando a causa externa do evento expresso pelo verbo (*cf.* 35).

- (35) O castelo de areia desfez-se por causa de / com a onda.

O clítico ergativo/anticausativo admite redobro. Porém, o constituinte redobrado não ocupa uma posição argumental, mas de adjunto explicitando uma causa interna que pode co-ocorrer com o adjunto que exprime a causa externa (*cf.* 36).

- (36) (a) *O castelo de areia desfez-se a si próprio.
 (b) (?)O castelo de areia desfez-se por si próprio por causa da onda.

Em construções de extracção simultânea, o clítico ergativo revela um comportamento não-uniforme:

- a) Em sequências verbais em que uma única instância de auxiliar alberga o clítico e a coordenação se restringe aos sintagmas que comportam os verbos principais, as frases são gramaticais (*cf.* 37);
 b) Se o clítico estiver no interior da estrutura coordenada, as frases são marginais sempre que os verbos inacusativos requirem obrigatoriamente o clítico (*cf.* 38).

- (37) (a) O castelo de areia tinha-se molhado à beira mar e desfeito de seguida.
 (b) O castelo de areia tinha-se molhado com a onda e desfeito.
 (38) (a) ? Disseram que o castelo de areia se molhou com a onda e desfez de seguida.
 (b) *Julgamos que o castelo de areia se molhou com a onda e desfez.

De acordo com as autoras, neste tipo de construções só se recupera a presença do clítico nos constituintes coordenados quando o pronome cliticizar num verbo que forme um complexo verbal com os verbos principais a de-transitivizar (*cf.* 37).

¹³ O mesmo será dizer que se trata de um constituinte que não é exigido pelo verbo.

¹⁴ O adjunto é um constituinte que está presente numa oração sem ser seleccionado pelo verbo, nome, adjectivo ou preposição que nela ocorra; também é designado “modificador” (*cf.* Duarte (2000:145)).

Em Mateus *et al.* (2003) designa-se como clítico inerente a forma do pronome reflexo que não ocupa posição argumental ou de adjunto e não pode ser considerada partícula deansitivizadora (39a). Em Cunha & Cintra (1990) este pronome é apresentado como fazendo parte integrante de certos verbos que exprimem sentimento ou mudança de estado, tais como: *admirar-se, arrepender-se, atrever-se, indignar-se, queixar-se, congelar-se, derreter-se*, entre outros.

Este tipo de clítico não admite construções de redobro (*cf.* 39b).

(39) (a) Ela indignou-*se* com a situação.

(b) *Ela indignou-*se a si própria/por si própria* com a situação.

Tal como o clítico ergativo, o inerente, quando obrigatório, só pode ocorrer na construção de extracção simultânea de clítico quando tem por hospedeiro um verbo exterior à estrutura coordenada (*cf.* 40a). Se tal não acontecer, as frases são marginais, pois o clítico omitido não é recuperável devido à ausência de conteúdo argumental ou predicativo.

(40) (a) Ela estava-*se* sempre a lembrar do horário e a recordar do que faltava fazer.

(b) *Ela não só *se* lembrava do horário como recordava do que faltava fazer.

(Ela não só *se* lembrava do horário como *se* recordava do que faltava fazer.)

1.1.3. Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos

Segundo Duarte, Matos & Faria (1995), os pronomes pessoais átonos seleccionam as formas verbais como hospedeiras (*cf.* 41a), à excepção das de participio passado (*cf.* 41b), podendo ocorrer à direita (ênclise) (*cf.* 42a), à esquerda (próclise) (*cf.* 42b) ou no seu interior (mesóclise¹⁵) (*cf.* 42c).

(41)(a) A mãe leu-*lhe* uma história nova.

(b) *A mãe tinha lido-*lhe* uma história nova.

(42) (a) O professor entregou-*lhes* a ficha de trabalho.

(b) O professor não *lhes* entregou a ficha de trabalho.

(c) Amanhã, o professor entregar-*lhes-á* a ficha de trabalho.

¹⁵ Em Said Ali (1908) é designada por “interposição”.

Em Mateus *et al.* (2003) enuncia-se a Lei de Tobler-Moussafia, segundo a qual, em PE, as formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase (*cf.* 43).

(43) **Lhes* entregou a ficha de trabalho.

Segundo Said Ali (1966), o pronome pessoal átono ocorre posposto ao verbo, na posição em que habitualmente surgem os complementos, considerando ser essa “*a colocação normal*”. No entanto, o autor afirma que o pronome se pode deslocar devido a uma atracção fonética provocada por outro vocábulo, colocando-se antes do hospedeiro verbal.

Em Duarte, Matos & Faria (1995) reconhece-se que a ênclise é o padrão de colocação básico nas frases finitas e não finitas. As autoras referem que o pronome pode ocorrer na posição pré-verbal na presença de determinados operadores que o atraem para esse lugar (próclise) ou ser colocado no interior da forma verbal, quando se trata do condicional ou do futuro do indicativo (mesóclise):

“(...) in EP, enclisis is the basic pattern both in finite and in non-finite clauses, proclisis is triggered by the presence of overt operator-like elements preceding the verbal host of the clitic and mesocclisis substitutes enclisis in clauses with future and conditional verb forms”.

Duarte, Matos & Faria (1995:134)

Em Mateus *et al.* (2003) são referidos vários estudos realizados sobre a posição dos pronomes pessoais átonos¹⁶ e as autoras corroboram o que foi anteriormente citado:

“a posição enclítica é o padrão básico, não marcado,(...) a posição proclítica é induzida por factores de natureza sintáctico-semântica e prosódica”.

No entanto, em Magro (2007) apresentam-se exemplos que confirmam a ocorrência do pronome pessoal átono na posição pré-verbal em variedades dialectais do PE sem que ocorra qualquer indutor de próclise (*cf.* 44).

(44) (a) Nós *lhe* chamamos urtigas. (CORDIAL-SIN STA12)¹⁷

(b) A gente *lhe* chama o nascente. (Serpa, CORDIAL-SIN SRP02)

¹⁶ Ver Said Ali (1908), Epiphanyo (1918), Figueiredo (1944) e Duarte (1983) (*apud* Mateus *et al.* (2003)). A referência a Duarte (1983) foi sugerida pelo júri aquando da discussão da presente dissertação, tendo sido sublinhada a sua grande importância como um dos primeiros trabalhos publicados sobre este assunto neste enquadramento teórico.

¹⁷ CORDIAL-SIN significa *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*.

Sobre este tipo de construções, em Martins (em preparação) explica-se o seguinte: “A próclise pode ocorrer em frases declarativas enfáticas sem que o constituinte pré-verbal apareça destacado. Isso acontece quando a ênfase recai sobre o valor de verdade da asserção (que pode ser verdadeira ou falsa), ou seja, quando o falante põe em relevo a sua convicção de que aquilo que afirma é verdadeiro, ainda que pareça falso ou improvável.” (apud Magro (2007:246)).

Para além da referência aos dados literários e dialectais, em Magro (2007:247) apresenta-se um diálogo exemplificativo da ocorrência do pronome pessoal átono em posição inicial de frase (cf. 45).

(45) A: Garanto-te que vou falar com ela e pôr tudo em pratos limpos.

B: Não tens coragem...

A: Te garanto que vou!

Segundo a autora, no diálogo estabelecido entre os dois interlocutores, o sujeito B mostrou alguma desconfiança relativamente ao que o sujeito A afirmou, tendo este último, conseqüentemente, enfatizado o valor de verdade da sua afirmação inicial, colocando o clítico em posição pré-verbal. Neste contexto, a posição proclítica ocupada pelo pronome coincidiu com o início da frase, sem que a frase seja considerada agramatical. Logo, a investigadora conclui que “*as declarativas enfáticas legitimam próclise*” (Magro (2007:247), o que contradiz a Lei de Tobler-Moussafia enunciada acima.

De acordo com Martins (1994a) a próclise era o padrão de colocação dominante no século XVI no PE e nas restantes línguas românicas, dando lugar ao padrão enclítico a partir do séc. XVII. A autora afirma que, no português antigo, ênclise e próclise alternavam em frases em que, no português moderno, a ênclise é obrigatória, isto é, em frases afirmativas sem indutores de próclise. Segundo Magro (2007), nos contextos que actualmente exigem o pronome proclítico, existia próclise obrigatória no português antigo, e, nos contextos em que hoje o pronome surge enclítico, existia variação entre ênclise e próclise.

Em Cunha & Cintra (1990) reconhecem-se os três padrões de colocação referidos anteriormente e afirma-se que a posição enclítica é a seleccionada sempre que o pronome átono desempenha as funções de complemento directo ou indirecto. Os autores

alertam para o facto de nem sempre ser esta a posição ocupada pelos pronomes átonos, referindo as diferenças existentes entre a norma do PE e do PB¹⁸. Nesta gramática, enunciam-se as regras de colocação dos pronomes pessoais átonos estabelecendo-se a diferença entre as frases com um só verbo e com uma locução verbal.

Assim, com um só verbo:

- (i) ocorre a próclise ou a mesóclise do pronome quando a forma verbal está no futuro do indicativo ou no condicional;
- (ii) a próclise é preferida:
 - a. nas orações que contêm uma palavra negativa, desde que entre ela e o verbo não haja pausa;
 - b. nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos;
 - c. nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas que exprimem desejo;
 - d. nas orações subordinadas desenvolvidas, mesmo que a conjunção esteja oculta;
 - e. com o gerúndio regido da preposição “em”.
- (iii) com os participios, não ocorre nem a ênclise nem a próclise; quando o participio não é acompanhado pelo verbo auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição;
- (iv) com os infinitivos, mesmo quando acompanhados de palavra negativa, ocorre a próclise ou a ênclise, havendo clara preferência pela última; quando o pronome é “o” ou “a” e o infinitivo é regido da preposição “a”, a ênclise é obrigatória.
- (v) a próclise também ocorre:
 - a. quando o verbo é precedido de certos advérbios (*bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez*, etc.) ou expressões adverbiais sem que uma pausa os separe;
 - b. quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por complemento directo ou predicativo;
 - c. quando o sujeito da oração surge antes do verbo e contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo, tudo, alguém, outro, qualquer*, etc.);

¹⁸ A norma do PB não será aqui referida por não constituir objecto de estudo desta investigação.

d. nas orações alternativas.

- (vi) Sempre que há pausa entre um elemento desencadeador de próclise e o verbo pode ocorrer ênclise.

Em Duarte, Matos & Faria (1995) e em Mateus *et al.* (2003) são apresentados os grupos de palavras que atraem os pronomes pessoais átonos para a posição pré-verbal e que se distribuem por diversas classes sintáctico-semânticas, a saber:

- (i) Operadores de negação frásicos e sintagmas negativos (*não, nunca, sem, ninguém, nada, [pessoa] alguma*);
- (ii) Sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos (*quem, a quem, que*);
- (iii) Complementadores simples e complexos, seleccionados por uma preposição ou um advérbio ou que resultam de reanálise (*que, se, para, logo que, mal, embora, visto que, porque*);
- (iv) Advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspectuais (*só, apenas, também, sempre, talvez, oxalá, já, ainda*);
- (v) Alguns quantificadores distributivos e grupais (*todos, ambos e qualquer*), alguns quantificadores indefinidos e existenciais (*alguém e algo*), alguns quantificadores generalizados (*bastantes e poucos*);
- (vi) Conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa (*não só... mas/ como também, nem ... nem*), conjunções correlativas disjuntivas (*ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja*);
- (vii) Constituintes ligados discursivamente em construções apresentativas (de inversão locativa e outras) (*aqui, isso*).

De acordo com Lobo (2003), a colocação dos pronomes pessoais átonos contribui para a distinção entre a coordenação e a subordinação, embora não possa ser considerado um critério universal. A investigadora afirma que os pronomes pessoais átonos ocorrem proclíticos em todas as estruturas de subordinação: completivas, relativas, comparativas, consecutivas, comparativas e adverbiais em geral, salientando que, nas consecutivas, a ênclise também é admitida. Por outro lado, nas coordenadas (copulativas, disjuntivas e adversativas) a próclise é rejeitada, podendo-se concluir que em PE as estruturas de subordinação seleccionam o padrão proclítico.

Também em Martins (2005) se reconhece que, geralmente, nas orações subordinadas, os pronomes pessoais átonos ocorrem proclíticos, nomeadamente com sintagmas-Q interrogativos e em orações introduzidas por certos quantificadores ou certos advérbios:

“(...) *in subordinate tensed clauses clitics are generally preverbal(...)*”
“(...) *proclisis is derived in wh-interrogatives and in main clauses introduced by focused constituents, certain quantifiers or certain adverbs*”.

No entanto, o pronome pode ocorrer em adjacência ao verbo (*cf.* 46a) ou não (*cf.* 46b). Em Martins (1994a) e Fiéis (2001, 2003) (*apud* Magro (2007)), mostra-se que, no português antigo, era muito comum a situação de não adjacência entre um pronome pessoal átono em próclise e o verbo – este fenómeno recebe o nome de interpolação.

(46) (a) como nesta carta se cõthẽ

(16th century Portuguese legal document. Martins 2001:554)

(b) como se nesta carta contem

(16th century Portuguese legal document. Martins 2001:318)

(*apud* Martins (2005))

Segundo Martins (2003), a interpolação “*representa a persistência de uma estrutura antiga que o português moderno (a partir do século XVI) afastou da norma*”, tratando-se de “*um traço do português medieval conservado nos dialectos portugueses de Norte a Sul do país, tendo contudo deixado de ser parte da variedade padrão*”.

Em Mateus *et al.* (2003) aponta-se a possibilidade de ocorrência do operador de negação frásica “não” entre um pronome proclítico e o hospedeiro verbal (*cf.* 47).

(47) (a) A Maria pensou que *a* não encontrassem à chegada.

(b) É preciso que *te* não yás embora antes de conversarmos.

De acordo com Magro (2007), “*a interpolação é hoje uma construção activa e produtiva em muitas das variedades dialectais do PE*”, tratando-se de “*um fenómeno recente e inovador na história do português, sem origem directa na interpolação do português antigo*”¹⁹. A autora constatou, com a investigação efectuada, que o fenómeno se manifesta em vários locais de Norte a Sul do país, que se actualiza com frequência e está presente em vários e diferentes tipos de constituintes: “*A robustez desta construção*

¹⁹ Para uma análise mais detalhada, ver Magro (2007).

traduz-se na dispersão geográfica que o fenómeno apresenta, na elevada frequência com que se actualiza e na extensão e variedade do inventário de constituintes que afecta.” (cf. Magro (2007:253)).

Em Cunha & Cintra (1990) faz-se referência ao fenómeno e afirma-se que os escritores têm o hábito de colocar uma ou mais palavras entre o pronome pessoal átono proclítico e o verbo, sendo mais usual a intercalação da palavra negativa “não”.

Relativamente à ocorrência do pronome pessoal átono com uma locução verbal, os autores enunciam as seguintes regras de colocação:

- (i) Quando o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio pode ocorrer:
 - a. Sempre a ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio;
 - b. A próclise ao verbo auxiliar, nas seguintes situações:
 - i. Quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa;
 - ii. Nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos;
 - iii. Nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas que exprimem desejo;
 - iv. Nas orações subordinadas desenvolvidas, mesmo que a conjunção esteja oculta;
 - c. A ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam as condições que exigem a próclise;
- (ii) Quando o verbo principal está no particípio, o pronome pessoal átono ocorre proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, respeitando as normas enunciadas para os verbos na forma simples.

Em Mateus *et al.* (2003) afirma-se que, na presença de um complexo verbal, pode dar-se a subida de clítico, fenómeno que consiste na selecção de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal²⁰. A subida de clítico ocorre com verbos auxiliares que seleccionam formas participiais e gerundivas. Nestes casos, não existe alternativa à subida de clítico, devendo este ocorrer obrigatoriamente proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, tendo em consideração as regras mencionadas para os proclisadores.

(48) (a) A Maria tinha-*a* já visto antes.

²⁰ Para uma análise mais detalhada, ver Gonçalves (1999).

(b) A Maria não *a* tinha visto.

(49) (a) *A Maria tinha já *a* visto antes/ visto-*a* antes.

(b) *A Maria não tinha *a* visto / visto-a.

Em construções com verbos semiauxiliares aspectuais que seleccionam complementos infinitivos preposicionados, na presença de um proclisador no domínio superior, pode ocorrer subida de clítico com as preposições “a” e “de”, mas não com a preposição “por”.

(50) (a) ?A temporada não *lhe* começou a correr como esperava.

(b) ?A Maria não *lhe* deixou de pedir o tal favor.

(c) *A Maria não *se* acabou por retirar da reunião.

(51) (a) A Maria não *a* vai provavelmente ver.

(b) A Maria não *a* pode certamente ver.

(52) (a) A Maria não *a* quer ver.

(b) A Maria não *lhe* ousa declarar o seu amor.

(53) (a) A Maria não *os* viu aplaudir a actuação.

(b) A Maria não *os* mandou aplaudir a actuação.

(54) (a) A nutricionista mandou-*lhes* beber muita água.

(b) Os professores deixaram-*lhes* concluir o teste.

Na ausência de um atractor de próclise no domínio superior, os clíticos podem ocorrer no domínio superior ou no domínio encaixado, quando a preposição é “a” (cf. (55a) e (56a)), preferencial e obrigatoriamente adjacentes à forma verbal encaixada, quando as preposições são, respectivamente, “de” e “por” (cf. contraste entre (55b,c) e (56b,c)).

(55) (a) A temporada começou-*lhe* a correr como esperava.

(b) ?/*A Maria deixou-*lhe* de pedir o tal favor.

(c) *A Maria acabou-*se* por retirar da reunião.

(56) (a) A temporada começou a correr-*lhe* como esperava.

(b) A Maria deixou de *lhe* pedir o tal favor.

(c) A Maria acabou por *se* retirar da reunião.

Há construções com verbos semiauxiliares que seleccionam complementos não preposicionados, que admitem tanto subida de clítico como a sua ocorrência no domínio encaixado:

(57) (a) A Maria não *a* vai provavelmente ver.

(b) A Maria não *a* pode certamente ver.

(58) (a) A Maria não vai provavelmente vê-la.

(b) A Maria não pode certamente vê-la.

De acordo com Duarte (2000), o fenómeno da subida de clítico com verbos modais é dificilmente aceite por falantes cultos mais velhos, sendo aceite e produzido pelas gerações mais jovens.

Quanto ao padrão enclítico, destacam-se algumas particularidades que se prendem com frases não finitas com infinitivo não flexionado. Verifica-se que a ênclise também ocorre: (i) na presença de um constituinte negativo (*cf.* 59); (ii) em construções-Q (interrogativas independentes e encaixadas, relativas livres e relativas finais) (*cf.* 60); (iii) com preposições (*cf.* 61).

(59) O jornalista garante não fazer-*lhe* mais perguntas.

(60) (a) O que oferecer-*te*?

(b) Não sei o que oferecer-*te*.

(c) Pediu à mãe para levar-*lhe* o computador.

(d) Não sei a quem entregá-*la*.

(61) (a) Chamei o aluno para *o* avisar / avisá-*lo*.

(b) A Maria foi libertada por *se* ter comprovado / (?) ter-*se* comprovado a sua inocência.

(c) Tenho de *lhe* fazer / fazer-*lhe* uma visita.

Para além dos padrões de colocação explicitados anteriormente, no PE ainda existe uma terceira posição para o pronome pessoal átono: a mesóclise²¹, que ocorre com as formas verbais do futuro do indicativo (*cf.* 62a) e do condicional (*cf.* 62b). Neste padrão, o pronome ocorre no interior da forma verbal.

(62) (a) O jornalista esperá-*la*-á no escritório.

(b) Se me tivesses dito, ajudar-*te*-ia no que pudesse.

A mesóclise tem origem no português antigo, em que as formas verbais do futuro do indicativo e do condicional eram analisadas como formas analíticas, constituídas pelo

²¹ Said Ali (1908) chama-*lhe* “interposição” (*apud* Mateus *et al.* (2003)).

infinitivo do verbo principal e pelo auxiliar “*haver*” no presente e no pretérito imperfeito do indicativo.

De acordo com Duarte, Matos & Faria (1995), verifica-se que a mesóclise é cada vez mais substituída pela ênclise, o padrão não marcado, em contextos como os apresentados em (63)²².

(63) (a) “*Nós rir-nos-emos da Maria.*” / * “*Nós riremo-nos da Maria.*”

(b) “*O João vê-lo-ia ontem, se ele tivesse vindo à festa.*” / * “*O João veria-o ontem, se ele tivesse vindo à festa.*”

Em resumo, os pronomes pessoais átonos ou clíticos podem ocupar três posições distintas na frase: ênclise, próclise ou mesóclise. Enquanto a posição enclítica corresponde ao padrão não-marcado, sendo a alternativa aos outros padrões, a mesóclise ocorre nas formas verbais do condicional e do futuro do indicativo, e a próclise é desencadeada por determinados elementos que atraem os pronomes pessoais átonos para a posição pré-verbal. No que respeita aos complexos verbais, poderá ocorrer subida de clítico em verbos auxiliares que seleccionam formas participiais e gerundivas. Quanto ao fenómeno de interpolação (dominante no português antigo), embora não seja reconhecido pela variedade padrão em PE, está presente nos dialectos de Norte a Sul do país.

De seguida, serão apresentados vários estudos sobre a aquisição dos pronomes pessoais átonos ou clíticos, desenvolvidos com crianças em idade pré-escolar e escolar, no PE e em outras línguas.

1.1.4. Estudos realizados no âmbito da aquisição dos pronomes clíticos em PE e em outras línguas

Nesta subsecção, dar-se-á conta dos estudos realizados no âmbito da aquisição dos pronomes clíticos em PE e em outras línguas.

²² Os exemplos apresentados são transcritos de Duarte, Matos & Faria (1995). Em Mateus *et al.* (2003:866) também se faz referência a esta tendência, com base em dados da aquisição, na produção de falantes de variedades populares e de gerações mais novas, sendo apresentados os seguintes exemplos:

- a. Telefonarei-*te* mais vezes.
(12 anos, 6º ano de escolaridade, modo escrito)
- b. Na conjuntura sócio-económica, poderá-*se* verificar um saldo bastante positivo.
(prova escrita de acesso ao ensino superior, modo escrito)

Relativamente ao PE, várias investigações realizadas até ao momento demonstram que a aquisição dos pronomes clíticos tende a ser tardia, verificando-se a omissão de clíticos objecto. Passamos, de seguida, à apresentação destes estudos.

De acordo com Raposo (1986) (*apud* Costa & Lobo (2006)), o PE tem a particularidade de dispor da construção de objecto nulo (*cf.* 64), admitindo frases sem objecto directo lexicalmente realizado e sem clítico que o represente desde que o conteúdo do objecto directo seja recuperável através do contexto linguístico ou pragmático (*apud* Carmona & Silva (2007)).

- (64) (a) Tirei os óculos da gaveta e pus [] no bolso.
(b) Tirei os óculos da gaveta e pu-los no bolso.

No sentido de averiguarem se as produções das crianças portuguesas constituem omissão dos pronomes clíticos, própria da linguagem infantil, ou construções de objecto nulo (disponíveis na gramática dos adultos), Costa & Lobo (2006) efectuaram um estudo com crianças dos 2 aos 4 anos de idade sobre a aquisição dos pronomes clíticos acusativos.

Segundo estudos realizados anteriormente em outras línguas²³ (*cf.* Tsakali & Wexler (2003); Wexler, Gavarró & Torrens (2003); Babyonyshev & Marin (2003)), dá-se a omissão de pronomes clíticos objecto em línguas que admitem a concordância de participio passado. Estudos realizados na aquisição do grego (*cf.* Tsakali & Wexler (2003)), do espanhol (*cf.* Wexler, Gavarró e Torrens (2003)) e do romeno (*cf.* Babyonyshev & Marin (2005) e Avram & Coene (2007)), em que tal concordância não ocorre, confirmaram que a aquisição dos pronomes clíticos acontece precocemente; por outro lado, na aquisição do francês (*cf.* Hamman et al (1996); Jakubowicz e Rigaut (2000)), do italiano (*cf.* Schaeffer (1997)) e do catalão (*cf.* Wexler, Gavarró e Torrens (2003)), línguas em que o participio passado concorda com o objecto, os pronomes clíticos são omitidos até mais tarde. Os estudos realizados ainda confirmaram a existência de uma correlação entre a idade em que os clíticos começam a ser produzidos e o abandono dos infinitivos raiz, i. e., a fase em que as crianças deixam de produzir frases no infinitivo.

²³ Conferir os estudos mencionados em Costa & Lobo (2006, 2007).

Tendo em consideração o exposto, previa-se que a aquisição dos pronomes clíticos pelas crianças portuguesas ocorresse desde cedo, atendendo ao facto de se tratar de uma língua em que não se dá a concordância do objecto com o particípio passado. Porém, a investigação levada a cabo por Costa & Lobo (2006) infirmou tal pressuposto, verificando-se que a aquisição dos pronomes clíticos objecto ocorre tardiamente. Os autores concluíram que o motivo da omissão de clíticos é diferente do das outras línguas, visto que as crianças não produziram clíticos em contextos de ilhas fortes (contextos dos quais não é possível extrair certos constituintes, neste caso, DPs) e se verificou um aumento de DPs²⁴, levando a crer que, ao demonstrarem algum conhecimento acerca da distribuição de objectos nulos, as crianças omitem os pronomes clíticos. Assim sendo, os investigadores defendem que a distinção entre a aquisição dos pronomes clíticos em PE e nas outras línguas assenta na conjugação de vários factores de complexidade, que a condicionam, tais como: a percepção de que pronomes clíticos e objectos nulos coexistem em alguns contextos; o conhecimento de que a construção de objecto nulo não é permitida em contextos de ilhas fortes; a aprendizagem dos padrões de colocação dos pronomes clíticos. Segundo os autores, a complexidade deve-se à existência de objectos nulos e à posição variável que os clíticos podem ocupar, o que explica a generalização do padrão enclítico. Em Costa & Lobo (2006), propõe-se que as diferenças existentes entre as várias línguas no que toca à aquisição dos pronomes clíticos se devem a dois factores: a *Unique Checking Constraint (UCC)*²⁵ e a complexidade. De acordo com os autores, a UCC explicará a aquisição precoce dos pronomes clíticos quando a mesma estiver associada a fenómenos relacionados com a concordância de particípio passado ou os infinitivos raiz. Por outro lado, a complexidade do sistema justificará a causa da omissão dos pronomes clíticos quando tal ocorrer até tarde e não se verificar uma relação com fenómenos que envolvem a verificação de traços²⁶.

²⁴ DP (“determiner phrase”) é um constituinte que tem como núcleo um determinante e como complemento um nome.

²⁵ A *Unique Checking Constraint (UCC)* é uma restrição de verificação única de traços, que impede a verificação de mais do que um traço pelo pronome clítico. A UCC está associada ao princípio de *Minimize Violations* (Minimizar Violações), que prevê, entre derivações divergentes, a escolha daquela que violar menor número de princípios gramaticais. A UCC está presente na gramática inicial das crianças e é vista como um processo de desenvolvimento que desaparece, estando ausente na gramática do adulto.

²⁶ Entenda-se por “traços” as características morfológicas das palavras, que têm de se enquadrar na frase num contexto coerente; ao seleccionarmos uma palavra, os traços têm de ser verificados perante os de um par com o qual a palavra concorda. Por exemplo, em relação à palavra “rapaz”, sabemos que se trata de um nome, do género masculino e do número singular, pelo que todos estes traços estão presentes quando

Na esteira de Costa & Lobo (2006), em Carmona & Silva (2007) investiga-se a aquisição de clíticos dativos com o propósito de comparar os dois factores apresentados por aqueles autores para justificar a aquisição tardia dos pronomes clíticos em PE. As autoras concluíram que as crianças: omitem clíticos dativos e apresentam a construção de objecto nulo em todos os contextos (ênclise, próclise e ilhas); omitem mais clíticos dativos de 3ª pessoa do que de 1ª e de 2ª, o que favorece a explicação que se baseia na complexidade; produzem pronomes fortes em contexto de dativo. Segundo as autoras, a complexidade reside na escolha entre estruturas que competem em planos diferentes; no contexto acusativo a competição dá-se entre objecto nulo e clítico, ao passo que no contexto dativo a competição se manifesta entre objecto nulo, clítico e pronome forte.

Quanto aos clíticos reflexos, em Costa & Lobo (2007) apurou-se que a sua produção é superior à dos clíticos não reflexos, verificando-se que os valores de omissão destes são bastante superiores aos dos clíticos reflexos. Este resultado confirma que a causa reside na complexidade em detrimento da UCC, pois se fosse esta a responsável pela omissão, não existiriam diferenças de valores entre reflexos e não reflexos, visto que ambos estão sujeitos à verificação de traços.

No sentido de acrescentar mais elementos aos estudos anteriormente descritos, em Silva (2007, 2008) apresenta-se o resultado de uma investigação sobre a produção de pronomes clíticos acusativos, dativos, reflexos e não argumentais em crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos e meio, a frequentarem o ensino pré-escolar. A autora pretendeu averiguar a causa da aquisição tardia da produção de clíticos por parte das crianças portuguesas, através da recolha de elementos que lhe permitissem atribuir a responsabilidade a uma das hipóteses explicativas avançadas em estudos anteriores: a UCC e a complexidade do sistema. Os resultados obtidos demonstram que a aquisição dos pronomes clíticos reflexos e não argumentais se revela menos problemática do que a dos acusativos e dativos, o que favorece a explicação baseada na complexidade do sistema como causa da omissão de clíticos em PE. A autora também apurou que as crianças omitem clíticos e têm a construção de objecto nulo, tendo sido encontradas formas nulas em todos os contextos, nomeadamente em ilhas (contexto que não admite a construção de objecto nulo) e com pronomes reflexos e não argumentais,

a combinamos com outras palavras para formar frases, daí que a possamos combinar com o determinante artigo definido “o”, que também apresenta o singular e o masculino como características morfológicas (traços). (cf. <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/gramhist/sxgenerativa.html>, (versão consultada no dia 26 de Abril de 2011).

em todas as faixas etárias testadas, pelo que concluiu tratar-se de uma sobregeneralização de objecto nulo a omissão em contextos de não alternância com esse tipo de construção. Quanto à aquisição de acusativos e dativos, verificou-se um melhor desempenho na aquisição dos primeiros e a ocorrência de pronomes fortes no lugar de dativos. A autora confirmou, assim, a competição entre objecto nulo, clítico e pronome forte, para o caso dos dativos, e a concorrência entre objecto nulo e clítico, no caso dos acusativos, avançadas em Carmona & Silva (2007). Salienta-se também uma maior produção de acusativos e dativos de 1ª e 2ª pessoas em detrimento da 3ª pessoa, por se revelarem menos complexos ao não poderem competir com a construção de objecto nulo. No que se refere aos clíticos reflexos e não argumentais, a produção de formas clíticas da 3ª pessoa foi superior às de 1ª e 2ª pessoas, justificando a importância da marcação de pessoa na aquisição dos pronomes clíticos. A autora detectou, ainda, incorrecções na colocação dos pronomes em todos os grupos etários, verificando a preferência pelo padrão enclítico mesmo na presença de indutores de próclise, o que torna a aquisição dos pronomes clíticos mais complexa. Em Silva (2007, 2008) concluiu-se que o aumento da produção de pronomes clíticos é proporcional ao aumento da idade das crianças, notando-se uma correlação entre a produção crescente de clíticos e a diminuição de construções de objecto nulo, o que corrobora a conclusão enunciada em Costa & Lobo (2006) de que as crianças tendem a abandonar a sobregeneralização de objecto nulo.²⁷

Em Costa & Lobo (2009), num estudo baseado em dados da compreensão em que participaram crianças com idades entre os 3 e os 6 anos de idade, apurou-se que a construção de objecto nulo é compreendida, sendo também aceite em contextos de ilhas fortes. Os autores ainda constataram que as crianças conseguem atribuir uma interpretação transitiva a frases cujo verbo não tem o complemento realizado, o que confirma a hipótese de que a omissão de clíticos em PE corresponde a uma sobregeneralização de objecto nulo.

A generalização do padrão enclítico verificada na investigação de Silva (2007, 2008), bem como a tardia estabilização dos clíticos em PE, já fora comprovada em Duarte & Matos (2000). Anteriormente, já em Duarte, Matos & Faria (1995) foram divulgados dados relativos à aquisição dos pronomes clíticos, em crianças falantes de PE língua

²⁷ Sobre estes assuntos, veja-se, com mais detalhe, Silva (2008).

materna, com idades até aos 5 anos, verificando-se que as formas argumentais são adquiridas mais cedo do que as não argumentais (cf. 65), o que, segundo as autoras, está relacionado com a aquisição simultânea dos verbos que as seleccionam.

- (65) (a) “vai embora # vai-se embora (R., 19 months)”
(b) “senta lá ao meu colo que eu sento-me aqui (R., 28 months)”
(c) “estava a zangar com ele (J., 5 years) (vs... zangar-se...)”

Em Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2009:25) afirma-se que as crianças produzem, inicialmente, nomes isolados (os núcleos do GN), posteriormente os pronomes pessoais tónicos e “só depois os pronomes átonos (formas como “me, te, lhe”), que colocam problemas até tarde, persistindo, em alguns casos, ainda no final do 1º Ciclo, ou até mais tarde”. As autoras apontam as principais dificuldades que ocorrem na colocação dos pronomes pessoais átonos, designadamente: a troca na posição que devem ocupar (cf. 66); a ausência do pronome (cf. 67); a repetição de constituintes (cf. 68) e a substituição dos pronomes (cf. 69). Os exemplos apresentados são relativos a produções de crianças do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico, cujas idades variam entre os 2 e os 10 anos.

- (66) “estavas a ler, quero que lês-me. (03;10)²⁸”
(67) “e uma vaca que (es)tava d(o) out(r)o lado e uma andorinha ajudaram [-] a ser tratado (10;07) (narrativa oral)”
(68) (a) “eu mandei-lhe um pontapé ao Tiago que é este. (02;09)”
(b) “o cavalo que se chamava-se Trovão. (10;03) (narrativa oral)”
(69) (a) “(es)tou a esconde(r) ele. (02;07)”
(b) “e o boi (...) magoou-lhe com os chifres (...) (10;02) (narrativa oral)”
(c) “Muitos dos homens da aldeia apareceram, mas nenhum lhe agradava até que um lobo a agradou. (narrativa escrita – 4º ano)”

Em Duarte, Matos & Faria (1995), concluiu-se que o padrão de colocação dos pronomes clíticos escolhido pelas crianças é a ênclise²⁹:

“(...) *Enclisis is the most systematic pattern of clitic placement until around 42 months*”.

²⁸ Referência à idade das crianças: (anos; meses). Neste exemplo, trata-se de uma criança de três anos e dez meses.

²⁹ O que se confirma em Duarte & Matos (2000) (*apud* Silva (2008)).

Esta tendência confirma-se em Santos (2002) num estudo que envolveu sujeitos de faixas etárias superiores. A referida autora verificou que *“a ênclise é o padrão de distribuição dos clíticos preferido em todos os contextos, pois é o padrão não marcado”* e acrescentou que *“a próclise está restrita a um sub-conjunto de contextos em que é desencadeada por elementos de tipo operador”*.

Já em Duarte, Matos & Faria (1995) se havia constatado que, não só as crianças como também os adultos, manifestam dificuldades no reconhecimento do estatuto de certos proclisadores. As autoras verificaram que as crianças optaram pela ênclise em estruturas com o advérbio de negação “não” (cf. (70a) e (70b)), a conjunção subordinativa causal “porque” (cf. 70c) e o pronome relativo “que” (cf. 70d). Quanto aos adultos, os exemplos (70c) e (70d) mostram que a ênclise é o padrão de colocação seleccionado em frases com a conjunção subordinativa causal “porque” e com o pronome relativo “que”, respectivamente.

- (70) (a) “não chama-se nada (M., 20 months)”
- (b) “é que não estragou-se (J. G., 39 months)”
- (c) “porque é que foste-me interromper? (R., 29 months)” / “porque não apercebeu-se que... (12 years old child)” / “porque ela começou-o a tirar (illiterate adult)”
- (d) “foi alguém que meteu-me nesta fotografia (J. G., 39 months)” / “É uma verdade que pode-se ver de uma forma muito clara... (literate adult)”

Quanto ao advérbio de negação “não” e à palavra negativa “nunca”, o estudo de Santos (2002) revela que os sujeitos que frequentam o sétimo e o nono anos de escolaridade já os identificam como indutores de próclise. O mesmo acontece com o quantificador universal “todos”, as frases infinitivas introduzidas por preposição e o advérbio “já” em posição pré-verbal.

No entanto, a investigadora detectou a existência de dificuldades na produção de próclise em contextos sintácticos e condições prosódicas que a seleccionam, nomeadamente em frases gerundivas introduzidas por preposição, com o advérbio de inclusão “até”, com a conjunção subordinativa causal “porque”, nas frases com o pronome relativo “que” e nas frases com o pronome interrogativo “que”. De entre todos estes indutores de próclise, a autora destaca a conjunção subordinativa causal “porque” pelo facto de o seu estatuto proclisador não ser reconhecido nem pela maior parte dos

alunos do 3º ciclo nem pela maior parte dos adultos que constituíram o grupo de controlo testado.

Esta investigadora ainda concluiu que, ao nível da compreensão, os sujeitos testados manifestaram dificuldades com os pronomes clíticos não argumentais (inerentes e anticausativos), identificando-os como reflexos. A autora confirmou que os alunos do 3º ciclo não conhecem as diferentes propriedades dos pronomes clíticos, revelando dificuldade na identificação do antecedente de alguns pronomes argumentais, designadamente os clíticos acusativo e dativo.

No que respeita ao padrão enclítico, em Santos (2002) detectaram-se dificuldades na colocação dos pronomes clíticos em frases infinitivas em todos os grupos de sujeitos testados.

Quanto ao padrão mesoclítico, em Duarte, Faria e Matos (1995) afirma-se que os falantes de PE dão preferência à ênclise em contextos que exigem a mesóclise. Esta tendência foi comprovada em Santos (2002), cujos dados confirmam as dificuldades dos sujeitos na produção de mesóclise, nomeadamente os do 7º e do 9º anos, já que a autora verificou que este padrão “*é melhor dominado por adultos*”, embora os resultados obtidos por este grupo neste padrão sejam inferiores aos dos outros dois (ênclise e próclise). As dificuldades referidas manifestam-se nos dois contextos mesoclíticos obrigatórios: futuro do presente e futuro do pretérito.

Ao comparar os resultados do teste de produção com os do teste de avaliação, a autora constatou que os sujeitos do 7º e do 9º anos dominam o padrão enclítico, manifestam algumas dificuldades em contextos de próclise e muitas dificuldades na mesóclise. Quanto ao grupo de controlo, constituído por sujeitos adultos, verificou-se que domina os três padrões de colocação dos pronomes clíticos, embora revele algumas hesitações em contextos de próclise e de mesóclise.

Em Duarte, Faria e Matos (1995), afirma-se que a reduzida ocorrência de clíticos acusativos poderá estar relacionada com casos de leísmo (*cf.* 71a) e de construções de objecto nulo (*cf.* 71b).

(71) (a) “depois atirou-lhe # ele # para o rio (L. M., 5 years)” / “era um homem que tinha medo que a mulher lhe atraísse... (12 years old child)” / “ainda não lhe autorizo a ir a discotecas... (literate adult)”

(b) “o menino estava a chamar (L. M., 5 years)”

No estudo de Santos (2002), também se concluiu que os alunos do 3º ciclo produzem clíticos dativos em contextos que seleccionam formas acusativas (leísmo), tendo-se registado inclusive algumas ocorrências nas produções dos sujeitos adultos.

Quanto ao fenómeno da subida de clítico, em Duarte, Faria e Matos (1995) revelam-se dados comprovativos de que, em construções com complexos verbais, a subida de clítico ocorre bastante cedo (*cf.* 72) e também está presente no discurso dos falantes adultos, que a produzem em alternância com o pronome enclítico no verbo principal.

(72) (a) “depois o Pantufa estava-se a meter com as abelhas... (C. R., 4 years)”

(b) “estou-me a vestir... (M., 20 months)”

As autoras salientaram, ainda, a dupla ocorrência do pronome clítico na mesma frase, em contextos de próclise e de ênclise, simultaneamente (*cf.* 73).

(73) (a) “não te engasgas-te nada! (R., 29 months)” / “Falei com ele, para ele a levá-la para casa... (illiterate adult)”.

Em suma, após a realização de vários estudos, verifica-se que:

- (i) a omissão de pronomes pessoais átonos em PE é motivada por factores diferentes dos que subjazem à omissão em outras línguas, sendo atribuída à complexidade;
- (ii) há diferenças significativas entre pronomes reflexos e não-reflexos e entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas gramaticais;
- (iii) tratando-se de uma aquisição tardia, a colocação dos pronomes pessoais átonos constitui uma dificuldade para as crianças em idade pré-escolar, manifestando-se também nas de faixas etárias mais elevadas, nomeadamente as que frequentam os 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico.

Tendo em consideração as conclusões dos estudos aqui apresentados e o conhecimento empírico que temos acerca das dificuldades na colocação dos pronomes pessoais átonos, a nível da produção oral e escrita, quer dos alunos quer dos adultos, reconhecemos a necessidade de prosseguir os estudos acerca do tópico em questão.

1.1.5. Hipóteses de trabalho

Partindo da revisão da literatura sobre o assunto e da identificação feita, enquanto docente, das dificuldades que os alunos manifestam, quer no domínio da expressão oral quer no domínio da expressão escrita, no que toca à colocação dos pronomes pessoais átonos, considerou-se necessário o aprofundamento do estudo acerca deste tópico.

De seguida, passamos a apresentar as hipóteses de trabalho que subjazem à presente investigação e que conduziram à elaboração dos testes de eliciação de dados.

Na base da colocação das Hipóteses 1 e 2 estão os resultados de estudos anteriores e que são referidos na literatura analisada no presente capítulo desta dissertação (*cf.* Martins (1994); Duarte, Matos & Faria (1995); Santos (2002); Mateus *et al.* (2003)).

Hipótese 1 – Não se espera que os sujeitos manifestem dificuldades na colocação do pronome enclítico, uma vez que se trata do padrão não-marcado.

Hipótese 2 – A mesóclise é o padrão que regista os resultados mais fracos, sendo tendencialmente substituída pela ênclise.

A formulação da Hipótese 3 assentou, à semelhança das anteriores, em várias informações veiculadas pela literatura, nomeadamente em Duarte, Matos & Faria (1995), que dá conta da dificuldade no reconhecimento de certos proclisadores e, muito particularmente, nos resultados obtidos no estudo de Santos (2002).

Hipótese 3 – Os sujeitos manifestam dificuldades na colocação dos pronomes em posição pré-verbal, não reconhecendo a atracção exercida por determinados proclisadores, nomeadamente nas frases introduzidas pelo advérbio “até”, nas frases com pronome relativo “que” e, principalmente, nas frases com a conjunção subordinativa causal “porque”.

Hipótese 4 – Os sujeitos manifestam preferência pelo padrão enclítico em contextos que seleccionam a próclise.

Tendo em conta o facto dos pronomes pessoais átonos colocarem problemas até ao final do 1º ciclo ou até mais tarde (*cf.* Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2009)), formulou-se a Hipótese 5:

Hipótese 5 – As dificuldades na colocação dos pronomes no padrão proclítico tendem a diminuir à medida que os sujeitos avançam na idade e na escolaridade.

Hipótese 6 – Os resultados decorrentes da avaliação de frases gramaticais serão percentualmente superiores aos resultados obtidos com a avaliação de frases agramaticais nos três padrões de colocação e em todos os grupos de sujeitos testados.

Hipótese 7 – Em função do enunciado na Hipótese 6, prevê-se que os resultados alcançados pelos sujeitos no teste de avaliação sejam superiores aos resultados do teste de produção.

2. Aspectos metodológicos

Neste capítulo, dar-se-á a conhecer a metodologia adoptada no decorrer desta investigação. Inicialmente, será feita a caracterização dos sujeitos testados, no geral (2.1.) e por grupo: Grupos I e II (2.1.1.) e Grupo III (2.1.2.). De seguida, apresentar-se-á a constituição dos testes (2.2.) e será descrita a forma como se procedeu à sua aplicação, a fim de recolher os dados (2.3.). No fim do capítulo, serão fornecidas informações relativas ao tratamento dos dados e aos critérios adoptados para a definição da fase de aquisição das estruturas linguísticas em estudo.

2.1. Os sujeitos

A recolha dos dados necessários à concretização do presente estudo efectuou-se em duas turmas de 6º ano (6º A e 6º B) e numa turma de 9º ano (9º A) da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância de Alcáçovas. A selecção recaiu sobre estes dois níveis de escolaridade com o objectivo de conhecer o domínio dos padrões enclítico, proclítico e mesoclítico em termos de produção e de avaliação por parte dos alunos em anos terminais de ciclo. Para tal, contribuíram o conhecimento que temos das dificuldades manifestadas pelos alunos neste domínio e o facto de na literatura se confirmar que a colocação dos pronomes pessoais átonos é problemática até tarde (*cf.* Duarte, Matos & Faria (1995); Santos (2002); Mateus *et al.* (2003); Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2009)).

Após a aplicação dos testes, formaram-se dois grupos de sujeitos: o grupo I, constituído por 14 alunos do 6º ano (7 do sexo feminino e 7 do sexo masculino) e o grupo II, constituído por 14 alunos do 9º ano (7 do sexo feminino e 7 do sexo masculino).

Além do grupo dos alunos, os questionários destinados à recolha das informações também foram aplicados a um grupo de controlo – Grupo III – constituído por 10 adultos (5 do sexo feminino e 5 do sexo masculino) licenciados em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses ou tendo o Português como variante) ou em Ensino de Português e de outra língua. Nove sujeitos leccionam a disciplina de Língua Portuguesa/ Português em escolas do Alto Alentejo e um lecciona numa escola do Algarve.

Serão, portanto, descritos e analisados os resultados obtidos a partir da aplicação dos questionários a 38 sujeitos: 28 alunos (14 do 6º ano e 14 do 9º ano) e 10 adultos.

2.1.1. Grupos I e II

Antes da aplicação dos testes, foi solicitado aos sujeitos o preenchimento de um questionário de identificação (*cf.* anexo 1), com vista à obtenção de informações de carácter pessoal, tais como: o nome, a idade, o sexo, o ano e a turma, o local de residência, a escola, a classificação obtida no final do 2º período na disciplina de Língua Portuguesa, o nível de escolaridade do ano lectivo anterior, a língua materna, a língua falada em casa, e o nível de domínio de outras línguas.

Todos os sujeitos que constituem os Grupos I e II residem em Alcáçovas e têm o Português como língua materna e como língua falada em casa.

O Grupo I (6º ano) é constituído por 8 sujeitos com 11 anos (4 raparigas e 4 rapazes) e 6 sujeitos com 12 anos (3 raparigas e 3 rapazes). No final do segundo período lectivo, 5 alunos (2 raparigas e 3 rapazes) obtiveram a classificação 3 e 9 alunos (cinco raparigas e 4 rapazes) obtiveram a classificação 4. Todos os sujeitos frequentaram o 5º ano no ano lectivo anterior, à excepção de uma rapariga que se encontra a repetir o 6º ano. No que respeita ao domínio de outras línguas, os sujeitos do Grupo I (6º ano) referiram possuir conhecimentos de Inglês a um nível básico, pois iniciaram o estudo desta língua no 5º ano (*cf.* anexo 2).

O Grupo II (9º ano) é formado por sujeitos com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, a saber: 3 sujeitos com 14 anos (1 rapariga e 2 rapazes), 6 sujeitos com 15 anos (4 raparigas e 2 rapazes), 3 sujeitos com 16 anos (2 raparigas e 1 rapaz) e 2 sujeitos com 17 anos (2 rapazes). As classificações obtidas no 2º período lectivo oscilam entre os níveis 2 e 4: 3 sujeitos obtiveram nível 2 (2 raparigas e 1 rapaz), 9 sujeitos obtiveram nível 3 (4 raparigas e 5 rapazes) e 2 sujeitos obtiveram nível 4 (1 rapariga e 1 rapaz). Todos os sujeitos se encontram matriculados no 9º ano pela primeira vez. Quanto ao domínio de outras línguas, 10 sujeitos possuem conhecimentos de Francês e de Inglês de nível básico, enquanto 4 elementos referiram possuir conhecimentos deste nível apenas em Francês. Num nível intermédio de conhecimentos de outras línguas, situaram-se 5 alunos: quatro referiram o Inglês e um apontou o Espanhol (*cf.* anexo 3).

2.1.2. Grupo III

Os sujeitos que compõem o Grupo III (adultos) também preencheram um questionário de identificação (*cf.* anexo 4) que permitiu a recolha de informações relativas a: nome,

idade, sexo, naturalidade, local de residência, profissão, local de trabalho, habilitações académicas, língua materna, língua falada em casa e nível de domínio de outras línguas. O Grupo III é constituído por sujeitos com idades compreendidas entre os 37 e os 58 anos. A maior parte dos sujeitos é natural do Alentejo (Portalegre: 1 do sexo feminino, Portel: 1 do sexo feminino, Beja: 1 do sexo feminino, Vendas Novas: 1 do sexo masculino, Évora: 1 do sexo masculino, Montemor-o-Novo: 1 do sexo masculino), 1 (do sexo masculino) é natural de Paris, 1 (do sexo masculino) é natural de Caldas da Rainha e 2 sujeitos (do sexo feminino) não referiram a naturalidade, mas sim a nacionalidade portuguesa. Quanto ao local de residência, a maioria dos sujeitos habita em localidades alentejanas: 4 sujeitos (3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) em Évora, 1 sujeito (do sexo feminino) em Aguiar, 1 sujeito (do sexo feminino) em Portel, 1 sujeito (do sexo masculino) em Vendas Novas, 1 sujeito (do sexo masculino) em Lavre. Restam dois sujeitos do sexo masculino: um reside em Bragança e o outro não revelou o local de residência, encontrando-se a leccionar na Escola Dr. Hernâni Cidade, em Redondo. Todos os sujeitos são professores e leccionam nos seguintes locais: 4 (3 do sexo feminino e 1 do sexo masculino) em Portel, 1 (do sexo feminino) em Évora, 1 (do sexo feminino) em Alcáçovas, 1 (do sexo masculino) em Armação de Pêra, 1 (do sexo masculino) em Vendas Novas, 1 (do sexo masculino) em Redondo, 1 (do sexo masculino) em Montemor-o-Novo. Os sujeitos são licenciados nos seguintes cursos: Línguas e Literaturas Modernas (LLM) – Estudos Portugueses (2 sujeitos: 1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino), LLM – Português/Francês (1 sujeito do sexo feminino), Ensino de Português/Francês (4 sujeitos: 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino), Ensino de Português/Inglês (2 sujeitos: 1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino). Todos os sujeitos referiram que a sua língua materna é o Português, sendo igualmente a língua que falam em casa (*cf.* anexos 5 e 6).

De seguida, pode-se observar um quadro-síntese em que se encontram registadas as informações relativas ao domínio de outras línguas por parte dos sujeitos estudados.

Nível de domínio de outras línguas	Línguas	Nº de sujeitos	
		Sexo Masc.	Sexo Fem.
Básico	Inglês	—	2
	Castelhano	1	1
	Castelhano/Inglês	1	—
	Alemão/Russo	1	—

Intermédio	Francês	2	2
	Inglês	1	1
	Alemão	_____	1
	Inglês/Latim	1	_____
Avançado	Inglês	2	1
	Francês	3	2

Quadro 3: Domínio de outras línguas por parte dos sujeitos testados.

2.2. Os testes

Para efectuar a recolha de dados sobre o tópico em estudo, foram utilizados três tipos de testes: um de produção e dois de avaliação (avaliação I e avaliação II).

O teste de produção é constituído por 32 frases lacunares. O exercício proposto aos sujeitos consiste em apresentar-lhes a forma verbal e o pronome pessoal átono, solicitando-lhes que os combinem e com eles preenchem o espaço em branco existente nas frases, de forma a completá-las correctamente. No enunciado do exercício, informa-se que as palavras podem sofrer alterações, caso os sujeitos as julguem necessárias (*cf.* anexo 7).

O primeiro teste de avaliação (avaliação I) é igualmente constituído por 32 frases que os sujeitos têm de classificar como correctas ou incorrectas (*cf.* anexo 8). O terceiro teste (avaliação II) contém as mesmas frases que o anterior e solicita-se aos sujeitos que corrijam as frases por eles consideradas como incorrectas, reescrevendo-as de seguida (*cf.* anexo 9). Considerou-se que, deste modo, se poderia verificar se as respostas dadas no teste de avaliação I se mantinham no teste de avaliação II ou se, dispondo de mais tempo para reflectir, os alunos alteravam os seus juízos de gramaticalidade.

Os testes são constituídos, tal como já foi mencionado, por 32 frases, através das quais se pretende investigar a competência linguística dos sujeitos relativamente aos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos em PE. Essas 32 frases que compõem os questionários encontram-se distribuídas da seguinte forma:

- 20 frases para testar o padrão proclítico;
- 4 frases para testar o padrão mesoclítico;
- 8 frases para testar o padrão enclítico.

Relativamente ao padrão proclítico, incluíram-se frases com: advérbio de negação “não”, pronome relativo “que”, pronome relativo “quem” introduzido pela preposição “a”, conjunção subordinativa causal “porque”, conjunção subordinativa completiva “que”, determinante interrogativo “que”, advérbio de inclusão “até”, conjunção subordinativa concessiva “embora”, quantificadores universais “qualquer” e “todos”. Quanto ao padrão mesoclítico, os verbos das frases apresentadas aos sujeitos estão conjugados no futuro do indicativo e no condicional, contextos em que, obrigatoriamente, o pronome ocorre em mesóclise. Os contextos de ênclise foram testados com frases coordenadas adversativas e copulativas, frases raiz, frases infinitivas e gerundivas.

Importa referir que a escolha dos contextos se baseou nas informações obtidas aquando da investigação teórica apresentada no primeiro capítulo desta dissertação (*cf.* Duarte, Matos & Faria (1995); Mateus *et al.* (2003); Gonçalves, Guerreiro & Freitas (2009)), especialmente, no estudo de Santos (2002), de forma a possibilitar a comparação entre esses resultados e os que agora se obtêm. A replicação dos contextos que, segundo estas fontes, são considerados problemáticos, permite-nos verificar se os resultados se mantêm estáveis ou se prenunciam mudança linguística. Apesar dos sujeitos não manifestarem dificuldades ao nível da ênclise, decidiu-se a sua inclusão nos testes, garantindo-se, assim, a presença dos três padrões de colocação disponíveis em PE.

Os testes de avaliação (I e II), em que os sujeitos são convocados a ajuizar sobre a gramaticalidade ou agramaticalidade das frases, são constituídos por 16 pares de frases, estando uma correcta e outra incorrecta. Ao construir os testes, houve a preocupação em apresentar em primeiro lugar a frase incorrecta e só depois a correcta, de modo a que os sujeitos não tivessem contacto com a forma correcta antes de avaliarem a forma incorrecta. Assim, acredita-se que o exercício revela objectivamente o conhecimento dos sujeitos relativamente aos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos nos contextos testados. Ter-se-á, ainda, em consideração qualquer rasura efectuada pelos sujeitos, que possa significar um retrocesso na realização do teste para corrigir uma resposta anteriormente dada depois de ter lido a frase correcta.

No quadro seguinte, sistematiza-se o conteúdo do teste de produção no que respeita aos contextos testados e respectivos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos.

Tal como já foi anteriormente mencionado, as frases foram apresentadas aos alunos com um espaço em branco onde deveriam escrever o que se encontra assinalado a negrito.

PADRÃO	CONTEXTOS		FRASES
PRÓCLISE	Advérbio de negação “não”		O professor avisou que o teste era hoje e eles não lhe disseram nada.
			A Ana foi a casa da Rita, eles passaram por ela e não a viram .
	Pronome relativo “que”		O pai da Joana está fascinado com o computador novo que nos mostrou ontem.
			Os bombons que lhes oferecete no Natal são ótimos!
	Conjunção subordinativa causal “porque”		Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque o encontro muitas vezes à saída.
			Tenho a certeza que a Maria é uma boa amiga, porque se vê nas atitudes dela.
	Conjunção subordinativa completiva “que”		É importante que amanhã nos encontremos para irmos juntas.
			A Joana contou à mãe que o Rui lhe telefonou hoje de manhã.
	Pronome relativo “quem” introduzido pela preposição “a”		Devias agradecer a quem te fez esse favor.
			Se tiver dificuldades, peço ajuda a quem me explica a matéria.
	Determinante interrogativo “que”		- Luís, que cidade te deslumbra mais: Paris ou Londres?
			- De todas as que estão disponíveis, que actividade vos interessa mais?
	Advérbio de inclusão “até”		A Rita acabou de sair; até a Marta se comoveu com a história dela.
			Não sei se vou ter boa nota; até o Luís me disse que o teste foi muito difícil.
Conjunção subordinativa concessiva “embora”		Embora os últimos metros lhe custassem muito, o Rui ganhou a corrida.	
		Embora os pais lhe comprem outros brinquedos, o Pedro brinca sempre com carros.	
Quantificador universal “qualquer”		Quando os jogos chegarem, qualquer colega vos ensina a jogar.	
		Assim que chegarem à clínica, qualquer funcionário vos esclarece acerca do serviço.	
Quantificador universal “todos”		Todos os teus amigos te saudaram pelo excelente resultado obtido.	
		Todos os participantes nos dizem que não concordam com o regulamento do concurso.	
MESÓCLI SE	Futuro	Verbo “levar”	Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e levá-lo-ei ao jardim.
		Verbo “oferecer”	Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos oferecer-lhes-emos duas caixas de bombons.

	Condi- cional	Verbo “ter”	Se eles te tivessem visto na ecopista, ter-me-iam contado.
		Verbo “pendurar”	Tivesse eu um quadro de Picasso e pendurá-lo-ia num lugar especial da minha casa.
ÊNCLISE	Frases coordenadas	Adversativas	A minha mochila estava suja, mas a mãe limpou-a no fim-de-semana.
		Copulativas	Os alunos visitaram o Planetário e mostraram-se mais interessados pela matéria.
	Frases raiz	Verbo “comprar”	Como gosta muito de ler livros, o Pedro compra-os todos os meses.
		Verbo “receber”	Quando os colegas da Joana vão lá a casa, os pais dela recebem-nos muito bem.
	Frases Infinitivas	“Ao encontrar-me”	Estive muito tempo no estrangeiro e a Margarida, ao encontrar-me na feira, ficou surpreendida.
		“Ao ver-te”	A Maria procurou-te entre a multidão e, ao ver-te , caminhou na tua direcção.
	Frases Gerundivas	“Assumindo-se”	Assumindo-se o responsável pela brincadeira, o Rui contou tudo à professora.
		“Metendo-o”	Metendo-o dentro da gaveta, a Maria escondeu o bilhete.

Quadro 4: Os contextos testados e as frases do teste de produção.

No quadro seguinte, sistematiza-se o conteúdo dos testes de avaliação I e de avaliação II no que respeita aos contextos testados e respectivos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos. Tal como já foi anteriormente explicitado, no teste de avaliação I os alunos tinham duas opções de classificação das frases apresentadas: “frase correcta” e “frase incorrecta”. No teste de avaliação II, os alunos eram confrontados com as mesmas frases e tinham de escrever correctamente aquelas que no teste anterior tinham classificado como incorrectas. Importa referir que, nesse momento, o teste de avaliação I já havia sido recolhido pela investigadora, não se encontrando na posse dos sujeitos, pelo que lhes era impossível consultá-lo.

Nas frases abaixo, a conjugação pronominal encontra-se a negrito, apresentando-se, para cada contexto, primeiro a frase correcta e, em segundo lugar, a frase incorrecta.

PADRÃO	CONTEXTOS	FRASES
PRÓCLISE	Advérbio de negação “não”	A Ana encontrou o Pedro e o Filipe à porta do teatro e não lhes disse que os bilhetes estavam esgotados.
		Eles entraram no edifício, dirigiram-se ao refeitório e não viram-te ao fundo do corredor.

	Pronome relativo “que”	- Lembra-te daquele colega que te apresentaram na festa da Rita? Vi-o na minha escola.	
		Trata-se de uma cidade que agrada-nos especialmente pela hospitalidade dos seus habitantes.	
	Conjunção subordinativa causal “porque”	A Maria teve de ir ao hospital, porque o filho se sentiu mal enquanto fazia a digestão.	
		A Ana está descansada, porque o Luís dá-lhe boleia até à porta do escritório.	
	Conjunção subordinativa completiva “que”	A Maria garantiu-me que lhes dava o recado hoje, sem falta.	
		A professora disse que esforçámo-nos pouco nas aulas durante este período.	
	Pronome relativo “quem” introduzido pela preposição “a”	A Maria agradeceu muito a quem lhe entregou o convite para a apresentação do livro.	
		Exponham todas as dúvidas a quem mostrar-vos a obra desse pintor.	
	Determinante interrogativo “que”	- Margarida, que livros te interessam mais: os de aventuras ou de mistério?	
		- Para a visita, que dia da semana agrada-vos : a quinta ou a sexta-feira?	
	Advérbio de inclusão “até”	Aquela matéria é complicada; até a Joana me disse que está com dificuldades.	
		A intervenção dele foi inconveniente; até os colegas sentiram-se incomodados.	
	Conjunção subordinativa concessiva “embora”	Embora a tia a leve ao parque todos os dias, ela fica sempre insatisfeita.	
		Embora a Margarida diga-me que não, eu sei que ela foi ao concerto dos Xutos & Pontapés.	
Quantificador universal “qualquer”	Quando chegares à Guarda, qualquer pessoa te indica o caminho até Belmonte.		
	Quando eles voltarem, qualquer colega explica-lhes a matéria de Geografia.		
Quantificador universal “todos”	Todos os jogadores o saudaram quando entrou no balneário, após o jogo.		
	Todos os alunos da turma fizeram-lhe uma surpresa assim que ela entrou na sala.		
MESÓCLISE	Futuro	Verbo “ver”	Há muito tempo que não estou com a Margarida, mas no sábado vê-la-ei na festa do Mário.
		Verbo “entregar”	Assim que chegarem, a funcionária estará à entrada do edifício e entregará-vos toda a documentação.
	Condicional	Verbo “perder”	O autocarro partiu às oito horas; se sássemos de casa cinco minutos antes,

			perdê-lo-íamos.
		Verbo “devolver”	Se o Pedro tivesse lido o livro quando lho emprestei, devolveria-mo mais cedo.
ÊNCLISE	Frases coordenadas	Copulativas	Os meus primos foram ao cinema e convidaram-me para ir com eles.
		Adversativas	O Pedro não tinha lápis para fazer o exercício, mas um colega lhe emprestou o dele.
	Frases raiz	Verbo “lembrar”	Como tem uma óptima memória, o Pedro lembra-se sempre do aniversário dos amigos.
		Verbo “contar”	Quando pedi à mãe, ela me contou a história da Cinderela.
	Frases Infinitivas	“Ao contar- -lhe”	A Maria encontrou o Luís e, ao contar-lhe a novidade, ele ficou surpreendido.
		“Ao fugir- -lhe”	O Bruno não queria ficar com a tia e, ao lhe fugir , foi atropelado.
	Frases Gerundivas	“Encostando- -se”	Encostando-se à parede, a Maria conseguiu ficar até ao fim do espectáculo.
		“Divertindo- -se”	A Joana esteve na festa até ao fim, se divertindo muito.

Quadro 5: Os contextos testados e as frases do teste de avaliação.

2.3. A recolha dos dados

Num primeiro momento, a investigadora solicitou a autorização do Director da escola para efectuar a recolha de dados (*cf.* anexo 10) e, posteriormente, enviou um pedido de autorização aos encarregados de educação dos alunos envolvidos no estudo (*cf.* anexo 11).

Os dados foram recolhidos nos meses de Maio e Junho, já que se pretendia averiguar os conhecimentos adquiridos pelos alunos no final do ano lectivo. Os testes foram aplicados aos alunos do 9º ano numa aula de Língua Portuguesa. No que respeita às turmas do 6º ano, os testes foram aplicados em aulas de Estudo Acompanhado. A recolha dos dados efectuou-se sempre na presença da investigadora, que começou por se apresentar e explicar que se tratava de um trabalho de investigação, sem revelar, contudo, o tipo de informações que pretendia obter através dos testes que iriam ser aplicados. Para além da investigadora, também se encontravam presentes os docentes incumbidos de leccionar essa área curricular não disciplinar.

Inicialmente, os sujeitos preencheram uma ficha de identificação pessoal com vista à recolha de informações de carácter pessoal.

De seguida, foi distribuído o primeiro teste (de produção), foi lido o enunciado e procedeu-se ao esclarecimento das dúvidas dos sujeitos quando elas surgiram, tendo o cuidado de evitar alguma informação que influenciasse os resultados. Depois de todos os alunos terem terminado o exercício, a investigadora recolheu os testes e distribuiu o primeiro teste de avaliação (avaliação I). Terminado este exercício, a investigadora recolheu os testes e distribuiu o terceiro e último (avaliação II).

Quer a aula de Língua Portuguesa quer a de Estudo Acompanhado tinham a duração de 90 minutos, mas nenhuma das turmas precisou da totalidade desse tempo para responder aos três questionários.

2.4. O tratamento dos dados

Depois de recolhidos os testes, procedeu-se à sua selecção, tendo sido excluídos os dos alunos abrangidos pelas medidas da Educação Especial e os dos alunos cuja língua materna não é o português europeu. Seguidamente, os testes foram agrupados de acordo com o ano de escolaridade dos alunos. Depois de constituídos os grupos – I (6º ano), II (9º ano) e III (adultos) –, os testes foram divididos tendo em conta o sexo dos sujeitos e, por fim, foram ordenados alfabeticamente.

Posteriormente, os dados foram tratados no programa *Microsoft Office Excel 2007*, tendo sido elaborados quadros que dão a conhecer os valores percentuais globais e individuais relativos aos contextos testados dos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos. Além destes resultados, os quadros ainda contêm informação relativa ao sexo, à idade dos sujeitos e à classificação obtida no final do 2º período lectivo. A partir da informação contida nos quadros, foram elaborados gráficos que exibem os valores globais e individuais dos sujeitos relativamente aos contextos testados e foram estabelecidas comparações entre: (i) grupos; (ii) padrões de colocação; (iii) resultados do teste de produção e do teste de avaliação.

Relativamente aos resultados obtidos nos testes de avaliação I e II, aquando do tratamento dos dados, verificaram-se algumas incoerências pontuais, nomeadamente a classificação de frases como correctas no primeiro teste e a sua correcção no segundo, bem como o inverso. Porém, tais juízos não ocorreram exclusivamente em frases gramaticais ou em frases agramaticais, mas sim em ambas as situações, não se reportam nem aos mesmos sujeitos nem às mesmas estruturas, pelo que não se atribuiu

significado a tais diferenças, justificando-se ainda a sua irrelevância nos reduzidos valores percentuais alcançados. Assim sendo, optou-se por considerar apenas os resultados do segundo teste, visto que comporta os juízos de gramaticalidade e as correcções efectuados.

De forma a garantir a confidencialidade da identidade dos sujeitos que participaram neste estudo e, também, a tornar mais prática a sua identificação aquando da apresentação e da descrição dos resultados, adoptámos uma codificação que refere o número e o sexo do sujeito e, ainda, o grupo a que pertence. Veja-se o exemplo: SM1II, em que S = sujeito, M = sexo masculino, 1 = número 1, e II = Grupo II.

Para a definição da fase de aquisição das estruturas linguísticas em estudo, adoptar-se-á o modelo de Hernandorena (1990, citado por Correia (2004) *apud* Ramalho (2010)), cujos critérios passamos a apresentar: i) entre 0 e 50% - não adquirida; ii) entre 51 e 75% - em aquisição; iii) entre 76 e 85% - adquirido, mas não estabilizado; iv) entre 86 e 100% - estabilizado/dominado.

No capítulo seguinte, serão apresentados, descritos e discutidos os resultados obtidos pelos sujeitos.

3. Apresentação, descrição e discussão dos resultados

No presente capítulo, serão apresentados e descritos os resultados obtidos pelos sujeitos nos testes de produção e de avaliação concebidos para levar a cabo esta investigação.

Inicialmente, serão apresentados os resultados do Grupo I (3.1.), seguindo-se os resultados do Grupo II (3.2.) e, finalmente, os resultados do Grupo III (3.3.). Relativamente a cada grupo, serão apresentados os resultados do teste de produção e, posteriormente, os do teste de avaliação. Essa apresentação far-se-á por padrão de colocação, seguida de uma síntese comparativa. No final, apresentar-se-á uma síntese comparativa dos resultados obtidos nos dois testes, seguida de uma síntese final dos resultados obtidos por esse grupo de sujeitos. No final deste capítulo, será feita a discussão dos resultados obtidos (3.4.).

3.1. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo I

Na presente secção, serão apresentados e descritos os resultados que os sujeitos do Grupo I (6º ano de escolaridade) obtiveram no teste de produção (3.1.1) e no teste de avaliação (3.1.2.).

Em primeiro lugar, dar-se-ão a conhecer os resultados do teste de produção por padrão de colocação (próclise, ênclise e mesóclise). Relativamente a cada padrão, serão apresentados os resultados globais do grupo por contexto, seguidos dos resultados alcançados em cada contexto por cada sujeito testado e, posteriormente, serão apresentados os resultados relativos às produções gramaticais e agramaticais por contexto. No final, far-se-á uma síntese comparativa dos resultados alcançados pelos sujeitos do Grupo I nos três padrões de colocação.

Posteriormente, serão descritos os resultados obtidos pelos sujeitos no teste de avaliação, seguindo a ordem adoptada, e já referida anteriormente, para a apresentação dos resultados relativos ao teste de produção. De início, serão descritos os resultados por padrão de colocação (próclise, ênclise e mesóclise). Tal como se procedeu na descrição dos resultados do teste de produção, será feita uma síntese comparativa dos resultados alcançados nos três padrões de colocação e, no final, serão comparados os resultados do teste de produção com os do teste de avaliação. No término desta secção, será apresentada uma síntese descritiva do desempenho linguístico dos sujeitos do Grupo I relativamente ao tópico em estudo.

3.1.1. Resultados do Grupo I no teste de produção

Nesta subsecção, serão apresentados os resultados obtidos pelos sujeitos do 6º ano no teste de produção, por padrão de colocação, seguida de uma síntese comparativa dos resultados obtidos nos três padrões.

3.1.1.1. Próclise

O *Gráfico 1* sintetiza a informação relativa à produção de próclise por parte dos sujeitos do Grupo I (6º ano), nos vários contextos testados.

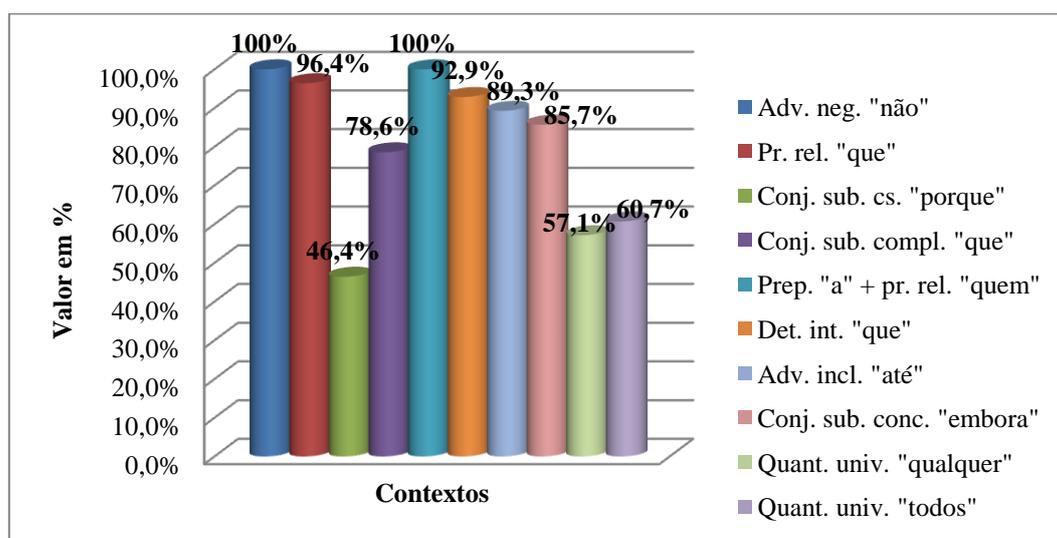


Gráfico 1: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo I.

No que respeita à produção de próclise, os sujeitos do Grupo I apresentam valores que oscilam entre os 46,4% e os 100% (*cf.* anexo 12). Se atentarmos no *Gráfico 1*, que apresenta os valores globais de produção do padrão proclítico, verificamos que o contexto que causa mais dificuldades aos sujeitos é o que inclui a conjunção subordinativa causal “porque”, tendo sido alcançada a média global de 46,4%, i.e., mais de metade dos sujeitos não reconhece o estatuto da referida conjunção como indutora de próclise. Por outro lado, os sujeitos não revelam qualquer dificuldade em produzir próclise quando se encontram perante estruturas com o advérbio de negação “não” e o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”. Nestes dois contextos, a média global registada é de 100%, o que reflecte o pleno reconhecimento desses elementos

como proclisadores por parte dos sujeitos. Vejam-se os exemplos ilustrativos em (74) e (75)³⁰:

(74) “O professor avisou que o teste era hoje e eles não **lhe disseram** nada.” (SF1I)

(75) “Devias agradecer a quem **te fez** esse favor.” (SM1I)

Verificamos também que, abaixo dos 85%, existem três outros contextos que oferecem dificuldades aos sujeitos testados; são eles: o quantificador universal “qualquer”, que apresenta uma média global de produção de 57,1%, seguido do quantificador universal “todos”, com uma média global de 60,7%, e a conjunção subordinativa completiva “que”, com o valor de 78,6%. Com valores percentuais acima dos 85%, e por ordem crescente de produções gramaticais, encontram-se os seguintes indutores de próclise: a conjunção subordinativa concessiva “embora” (85,7%), o advérbio de inclusão “até” (89,3%), o determinante interrogativo “que” (92,9%) e o pronome relativo “que” (96,4%).

Ao compararmos a produção de próclise entre os sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino, concluímos que não existem diferenças significativas na maior parte dos contextos testados (*cf. Gráfico 2, abaixo*).

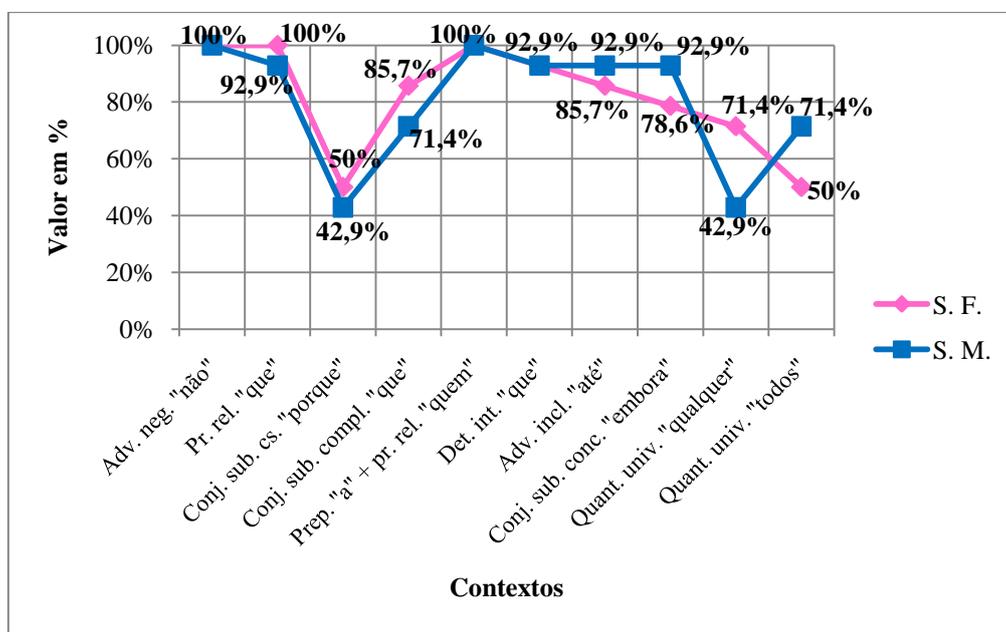


Gráfico 2: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino do Grupo I.

³⁰ As expressões destacadas a negrito neste e nos exemplos seguintes correspondem à produção dos sujeitos.

Os contextos em que se registam maiores discrepâncias são os seguintes: o quantificador universal “qualquer”, em que os rapazes registaram mais dificuldades, alcançando uma percentagem de 42,9%, contra o valor percentual de 71,4% das raparigas, perfazendo uma diferença de 28,5%; e o quantificador universal “todos”, em que se dá a situação inversa à referida anteriormente, ou seja, as raparigas manifestaram mais dificuldades no reconhecimento deste proclisador do que os rapazes, registando uma média de 50%, contra 71,4% dos rapazes (menos 21,4%). É de salientar ainda o facto de no grupo do sexo masculino haver duas médias percentuais abaixo dos 50%, nomeadamente nos contextos que incluem a conjunção subordinativa causal “porque” e o quantificador universal “qualquer”, ambos com o valor de 42,9%. Quanto às médias de produção de próclise obtidas pelos sujeitos do sexo feminino, não se registaram valores percentuais abaixo dos 50%.

Relativamente a resultados individuais, destaca-se apenas um sujeito do sexo masculino que reconhece o estatuto de todos os proclisadores nos contextos testados, obtendo o valor percentual de 100%. Trata-se de um sujeito com a idade de 11 anos, cuja classificação na disciplina de Língua Portuguesa no final do período lectivo anterior à data da recolha dos dados foi o nível 3; as habilitações académicas do pai e da mãe são, respectivamente, o 12º e o 6º ano; à data da realização dos testes, o pai encontrava-se desempregado e a mãe exercia a profissão de boleira.

O *Gráfico 3* sintetiza a percentagem de produções gramaticais e agramaticais por contexto dos sujeitos do Grupo I (6º ano).

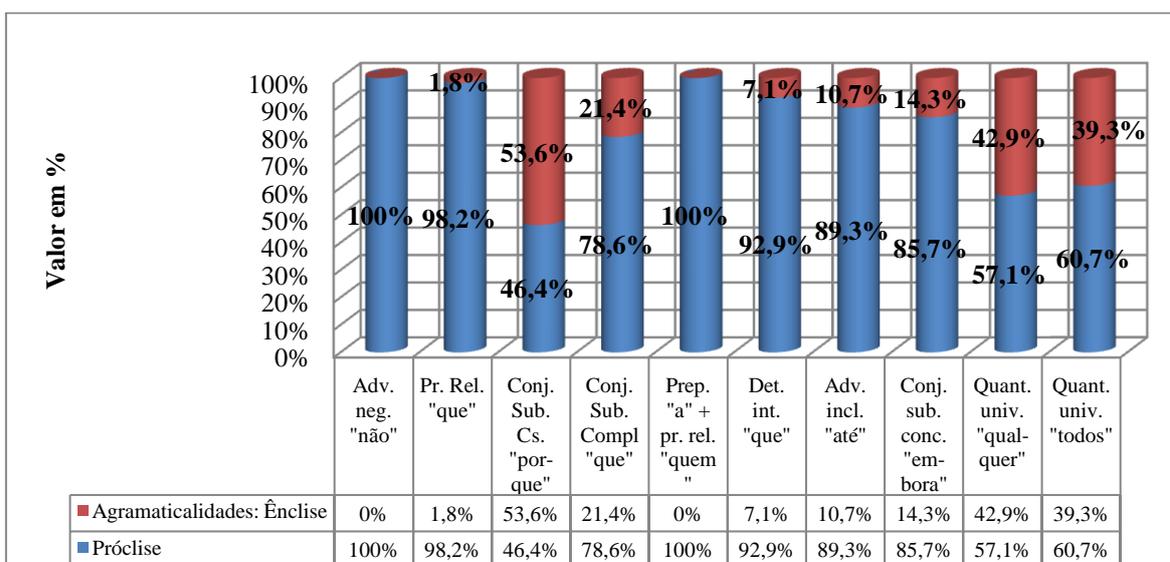


Gráfico 3: Valores percentuais de produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise.

Quanto à produção de frases agramaticais, verifica-se que todas elas têm em comum a realização de ênclise por próclise, destacando-se a percentagem mais elevada (53,6%) nas frases com a conjunção subordinativa causal “porque”. Em segundo lugar, as estruturas que causam mais dificuldades aos sujeitos são as frases com o quantificador universal “qualquer”, apresentando uma percentagem de frases incorrectas de 42,9%, seguindo-se as frases com o quantificador universal “todos”, com uma percentagem de produção de frases agramaticais de 39,3%. Os exemplos seguintes ilustram as frases agramaticais produzidas pelos sujeitos:

(76) * “Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque **encontro-o** muitas vezes à saída.” (SF2I)

(77) * “Assim que chegarem à clínica, qualquer funcionário **esclarece-vos** acerca do serviço.” (SM3I)

(78) * “Todos os participantes **dizem-nos** que não concordam com o regulamento do concurso.” (SF5I)

3.1.1.2. Ênclise

Ao observarmos o *Gráfico 4*, constatamos que a maior parte dos sujeitos produziu correctamente as frases com o pronome enclítico, pois a média global da percentagem alcançada pelos sujeitos varia entre os 71,4% e os 96,4%.

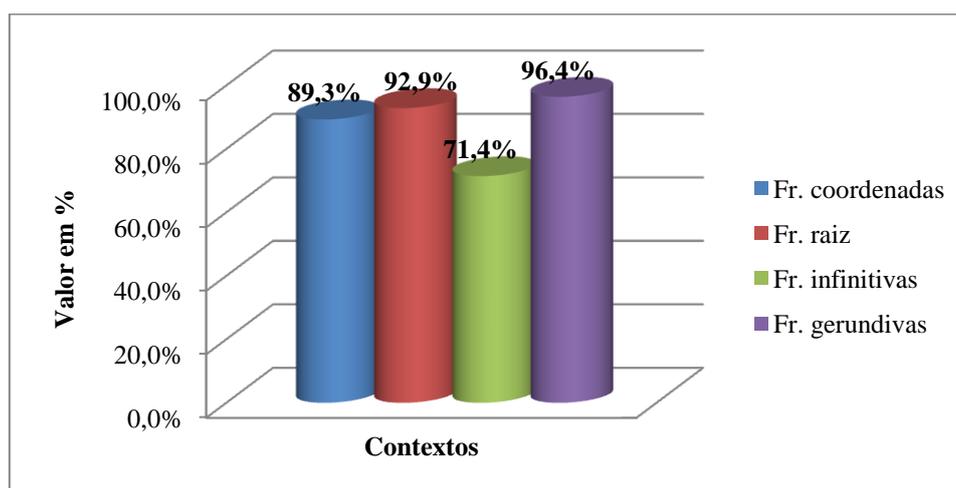


Gráfico 4: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo I.

O contexto que apresenta uma percentagem mais elevada de produções correctas é o das frases gerundivas (96,4%), registando-se apenas a frase agramatical apresentada em (79) (*cf.* anexo 13).

(79) * “**Se assumindo** o responsável pela brincadeira, o Rui contou tudo à professora.” (SF5I).

O contexto que apresenta a percentagem mais baixa é o das frases infinitivas (71,4%), tendo os sujeitos do sexo masculino alcançado uma percentagem mais baixa (64,3%) do que os do sexo feminino (78,6%). Os outros dois contextos, as frases coordenadas e as frases raiz, apresentam, respectivamente, o valor percentual de 89,3% e 92,9%.

Quer os sujeitos do sexo masculino quer os do sexo feminino apresentam uma média global de produções correctas igual: 87,5%. Ao observarmos o *Gráfico 5*, verificamos que os sujeitos do sexo masculino alcançaram uma percentagem igual aos do sexo feminino nas frases raiz (92,9%). Nas frases coordenadas e nas gerundivas alcançaram uma percentagem ligeiramente superior: 92,9% e 100%, respectivamente; enquanto os sujeitos do sexo feminino, nos mesmos contextos, obtiveram 85,7% e 92,9%, respectivamente.

É de salientar, ainda, o facto de, nas frases infinitivas, haver dois sujeitos (um do sexo feminino – SF1I – e outro do sexo masculino – SM2I) que não produziram correctamente nenhuma das frases apresentadas.

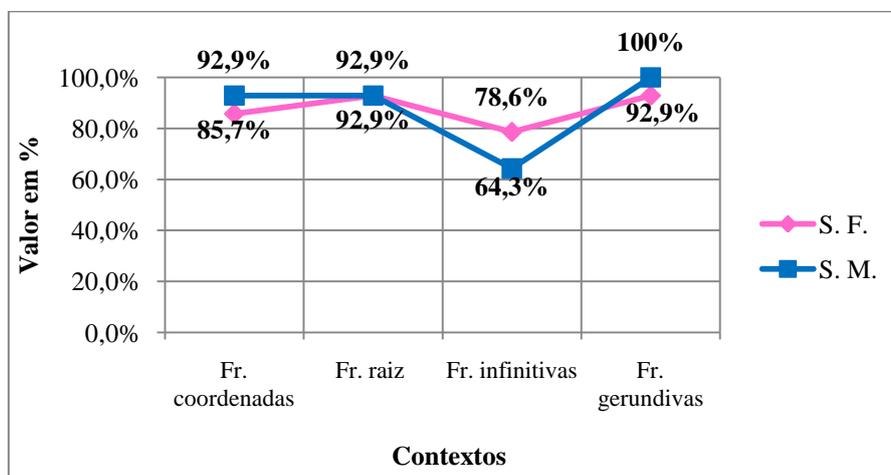


Gráfico 5: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de produção.

No que respeita à produção de frases agramaticais em contextos de ênclise, verifica-se, com base no *Gráfico 6*, que todos os sujeitos optaram por colocar o pronome na posição pré-verbal. Destaca-se a percentagem de 28,6%, respeitante à produção de próclise em

frases infinitivas. O exemplo que se segue ilustra as frases agramaticais produzidas pelos sujeitos neste contexto:

(80) * “A Maria procurou-te entre a multidão e, ao **te ver**, caminhou na tua direcção.” (SF1D)

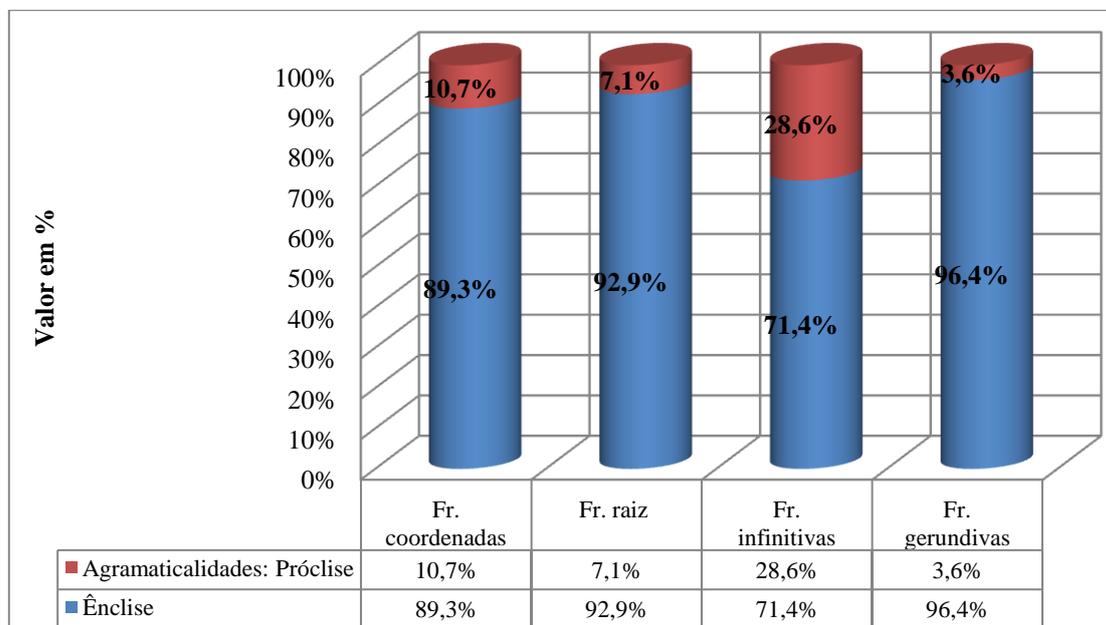


Gráfico 6: Valores percentuais de produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise.

3.1.1.3. Mesóclise

Os sujeitos testados não produziram mesóclise, à excepção do sujeito SF3I que produziu correctamente apenas uma das frases com o verbo conjugado no futuro do indicativo e, como tal, de acordo com a gramática-alvo, exigia que o pronome pessoal ocupasse a posição mesoclítica (*cf.* anexo 14). Veja-se o exemplo (81):

(81) “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **levá-lo-ei** ao jardim.”³¹
(SF3I)

Não se registaram produções correctas nas frases com o condicional. Sendo assim, as médias globais são de 3,6% para as frases com o futuro do indicativo e de 0% para as frases com o condicional, tal como demonstra o *Gráfico 7*:

³¹ O sujeito escreveu a forma verbal com algumas incorrecções, nomeadamente sem acento gráfico e sem hífen: “levalo-ei”.

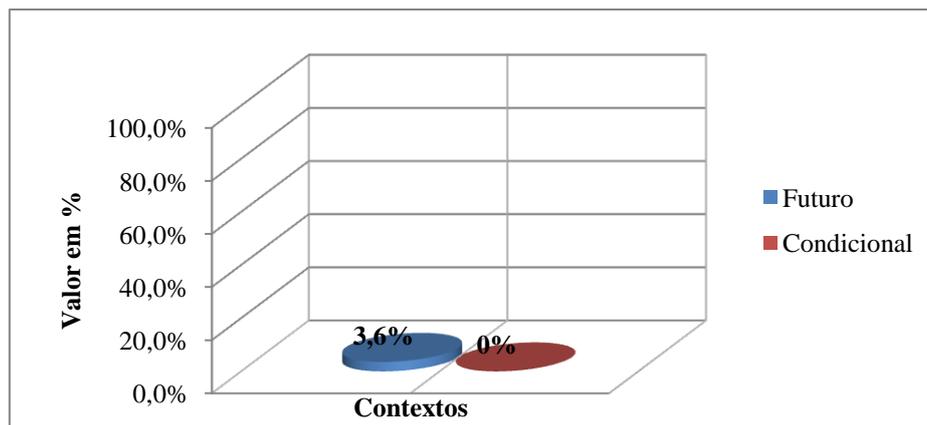


Gráfico 7: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo I.

Os sujeitos do sexo masculino não produziram uma única frase correcta, apenas um sujeito do sexo feminino registou uma frase correcta, tal como já foi mencionado. Assim, a média global do sexo masculino apresenta um valor percentual de 0%, enquanto os sujeitos do sexo feminino apresentam uma média global de 7,1%, correspondente a uma ocorrência gramatical numa frase com a forma verbal no futuro do indicativo (*cf. Gráfico 8*).

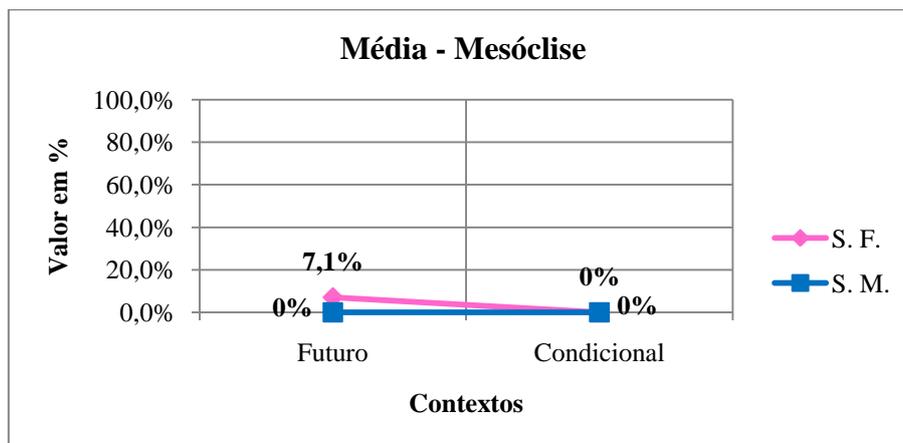


Gráfico 8: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de produção.

Relativamente a este padrão, verifica-se que, em vez de respeitarem o alvo, os sujeitos optaram pela ênclise ou pela próclise, obtendo a primeira percentagens claramente mais elevadas do que a segunda, como se pode observar no *Gráfico 9*:

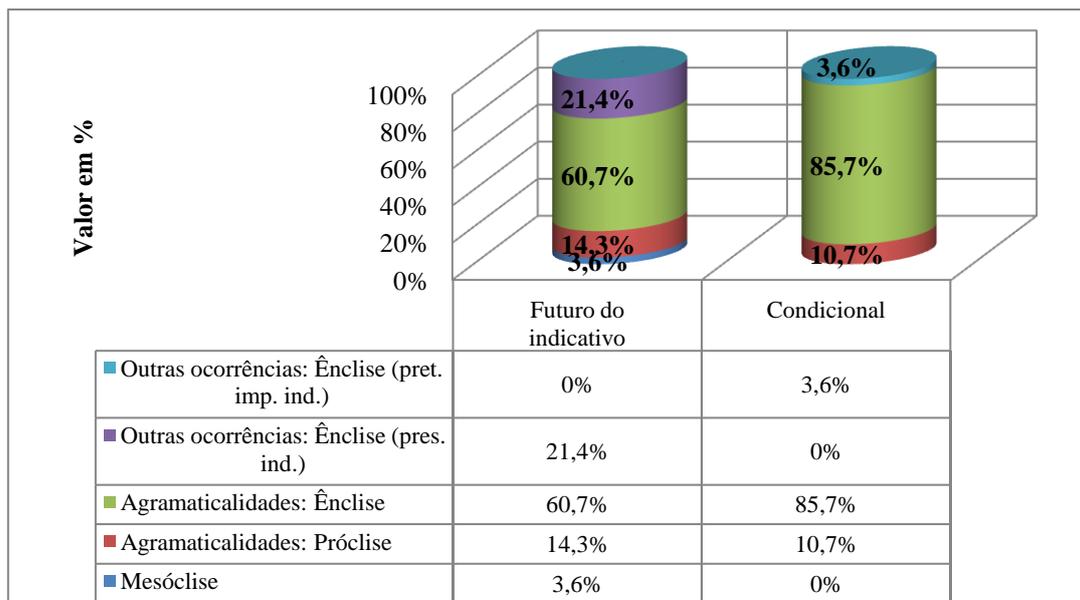


Gráfico 9: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise.

Com base no gráfico acima apresentado, conclui-se que a produção de mesóclise obteve a percentagem de 3,6%. Os sujeitos produziram frases agramaticais, sobretudo enclíticas: 60,7% (17 ocorrências em 28 frases) quando a forma verbal se encontrava no futuro do indicativo (*cf.* exemplos (82) e (83)) e 85,7 % (24 ocorrências em 28 frases) com o condicional (*cf.* exemplos (84) e (85)).

(82) * “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **levarei-o** ao jardim.”

(SF2I)

(83) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **ofereceremos-lhes** duas caixas de bombons.” (SM3I)

(84) * “Se eles te tivessem visto na ecopista, **teriam-me** contado.” (SF4I)

(85) * “Tivesse eu um quadro de Picasso e **penduraria-o** num lugar especial da minha casa.” (SM6I)

Alguns sujeitos optaram pela próclise: 14,3% (4 ocorrências em 28 frases) com a forma verbal no futuro do indicativo (*cf.* exemplo (86)) e 10,7% (3 ocorrências em 28 frases) com o condicional (*cf.* exemplo (87)).

(86) * “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **o levarei** ao jardim.”

(SF6I)

(87) * “Tivesse eu um quadro de Picasso e **o penduraria** num lugar especial da minha casa.” (SM5I)

Para além da produção de frases que não respeitaram a gramática-alvo no que respeita à posição do pronome pessoal, embora mantivessem o tempo e modo verbais (futuro do indicativo e condicional), há a registar outras ocorrências, nomeadamente a produção de ênclise aliada à alteração do tempo verbal. De acordo com os dados apresentados no gráfico, verifica-se a produção de ênclise no contexto do futuro do indicativo com alteração do tempo verbal para o presente do indicativo (21,4%, correspondente a 6 ocorrências em 28 frases; *cf.* exemplo (88)) e a produção de ênclise com o pretérito imperfeito do indicativo no contexto do condicional (3,6%, correspondente a uma ocorrência; *cf.* exemplo (89)).

(88) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **oferecemos-lhe** duas caixas de bombons.” (SF3I)³²

(89) * “Tivesse eu um quadro de Picasso e **penduravao** num lugar especial da minha casa.” (SF1I)³³

3.1.1.4. Síntese comparativa

Se atentarmos no *Gráfico 10*, verificamos que a ênclise é o padrão de colocação dos pronomes pessoais átonos em que os sujeitos alcançaram uma taxa de sucesso mais elevada (87,5%). Segue-se-lhe a próclise, com uma média de produção de 80,7% e, por último, a mesóclise com uma diferença em termos percentuais bastante significativa, registando apenas 1,8%.

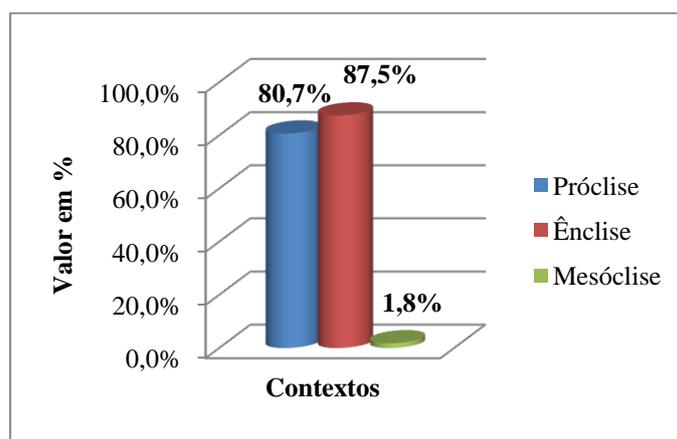


Gráfico 10: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I.

³² O sujeito alterou o valor do pronome pessoal átono do plural (“lhes”) para o singular (“lhe”). Trata-se do mesmo sujeito que produziu a única frase gramatical no contexto de mesóclise com o futuro do indicativo (*cf.* exemplo (8)).

³³ O sujeito omitiu o hífen entre a forma verbal e o pronome pessoal.

Quanto aos valores percentuais por grupo de sujeitos – sexo feminino e sexo masculino –, verifica-se que os sujeitos de ambos os sexos alcançaram 87,5% na produção de ênclise. Relativamente à próclise, regista-se uma diferença mínima entre a média do sexo feminino (81,4%) e a do sexo masculino (80%). A produção de mesóclise é quase inexistente, como atestam as percentagens constantes no *Gráfico 11*: 3,6% para o sexo feminino e 0% para o sexo masculino. A ênclise é o padrão de colocação que regista uma percentagem mais elevada de produções correctas pelos sujeitos de ambos os sexos.

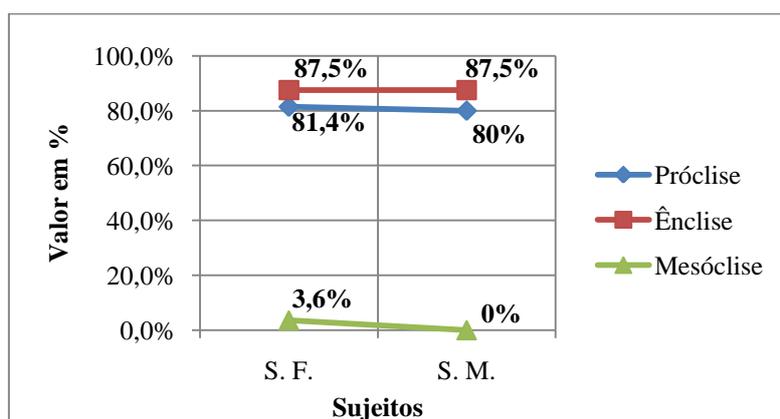


Gráfico 11: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I.

Se observarmos o *Gráfico 12*, constatamos que, do sexo feminino, apenas três dos sete sujeitos testados registaram valores percentuais de produção de próclise mais elevados do que de produção de ênclise: os sujeitos SF1I, SF4I e SF6I. Quanto aos sujeitos do sexo masculino (*cf. Gráfico 13*), apenas dois obtiveram resultados mais elevados nos contextos proclíticos do que nos contextos enclíticos: os sujeitos SM1I e SM2I. No que respeita à mesóclise, apenas um sujeito do sexo feminino (SF3I) a produziu numa das quatro frases do teste de produção, representando um valor percentual de 25%.

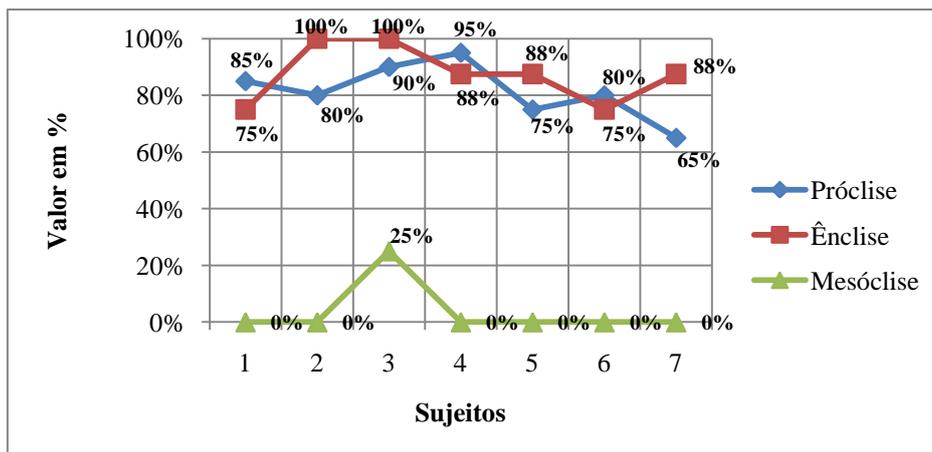


Gráfico 12: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo I.

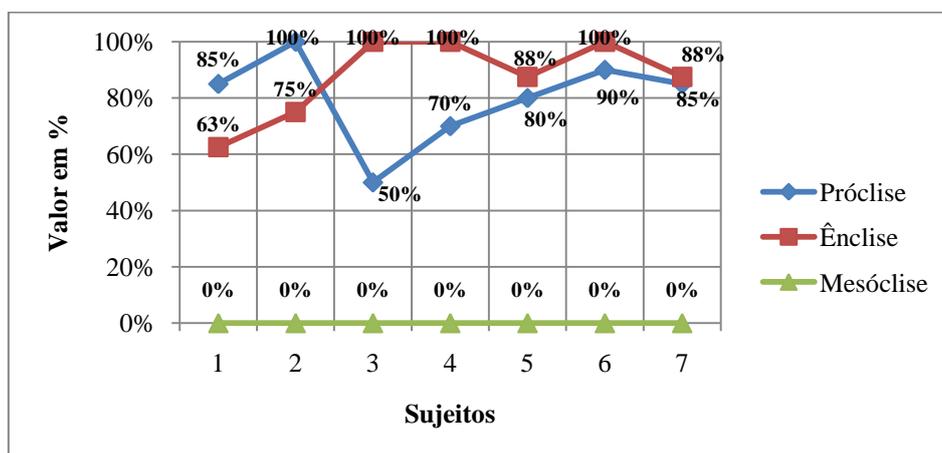


Gráfico 13: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo I.

3.1.2. Resultados do Grupo I no teste de avaliação

Nesta subsecção, será feita a descrição dos resultados obtidos pelos sujeitos do 6º ano no teste de avaliação, por padrão de colocação. A terminar, far-se-á a comparação do desempenho dos sujeitos nos três padrões de colocação.

3.1.2.1. Próclise

O *Gráfico 14* apresenta os resultados dos juízos de gramaticalidade e da correcção de frases do teste de avaliação. Ao observarmos os dados, verificamos que os valores oscilam entre os 57,1%, correspondente ao contexto da conjunção subordinativa causal

“porque”, e os 96,4%, relativo à avaliação correcta das frases que incluem a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”. Assim, concluímos que o primeiro é o contexto que causa mais dificuldades aos sujeitos, sendo o segundo aquele que é mais facilmente entendido como proclisador. No que toca aos restantes contextos, destacam-se por terem uma percentagem abaixo dos 85%: os quantificadores universais “todos” (67,9%) e “qualquer” (75%), a conjunção subordinativa concessiva “embora” (78,6%) e a conjunção subordinativa completiva “que” (82,1%) (cf. anexo 15).

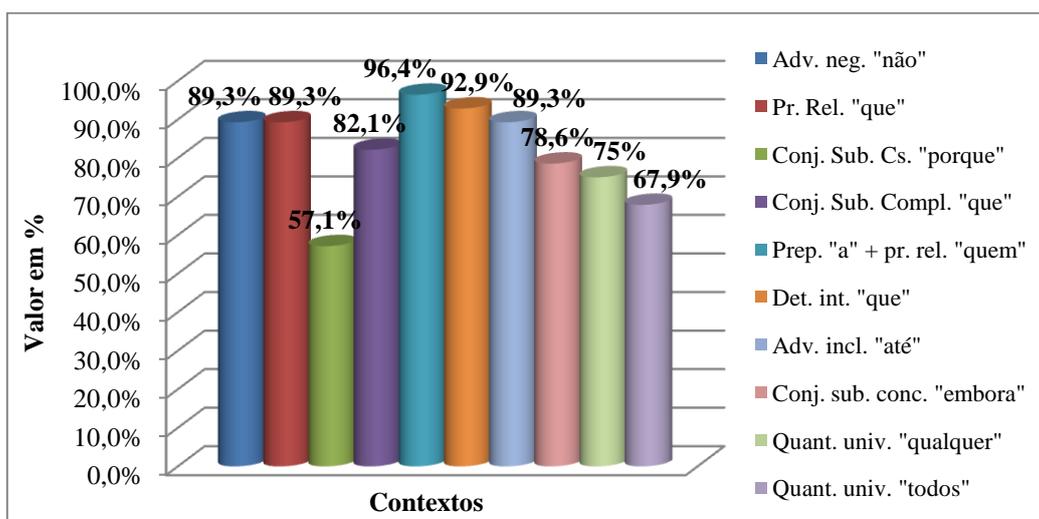


Gráfico 14: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação.

O gráfico abaixo (*Gráfico 15*) permite verificar a variação percentual ocorrida na avaliação das frases apresentadas aos sujeitos, salientando-se uma maior percentagem de sucesso na avaliação das frases correctas (FC) em detrimento da alcançada aquando da avaliação e correcção das frases incorrectas (FI). A maior discrepância ocorre no contexto da conjunção subordinativa causal “porque”, em que os sujeitos alcançaram uma média de 85,7% na avaliação das frases correctas contra o valor de 28,6% obtido na avaliação de frases incorrectas. A segunda maior discrepância ocorre com o quantificador universal “todos”, que regista 92,9% de avaliações correctas perante frases gramaticais e 42,9% quando a tarefa consistia em avaliar frases agramaticais.

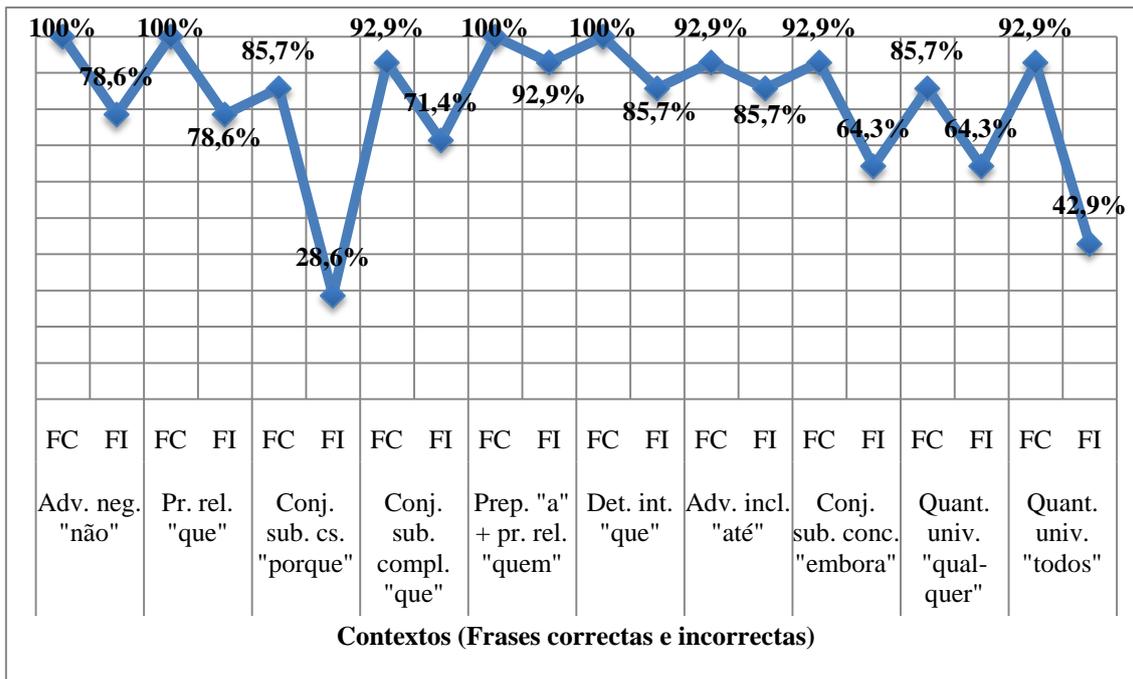


Gráfico 15: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação.

O gráfico seguinte (*Gráfico 16*) permite-nos estabelecer a comparação entre os resultados da avaliação de frases correctas e incorrectas do teste de avaliação dos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino.

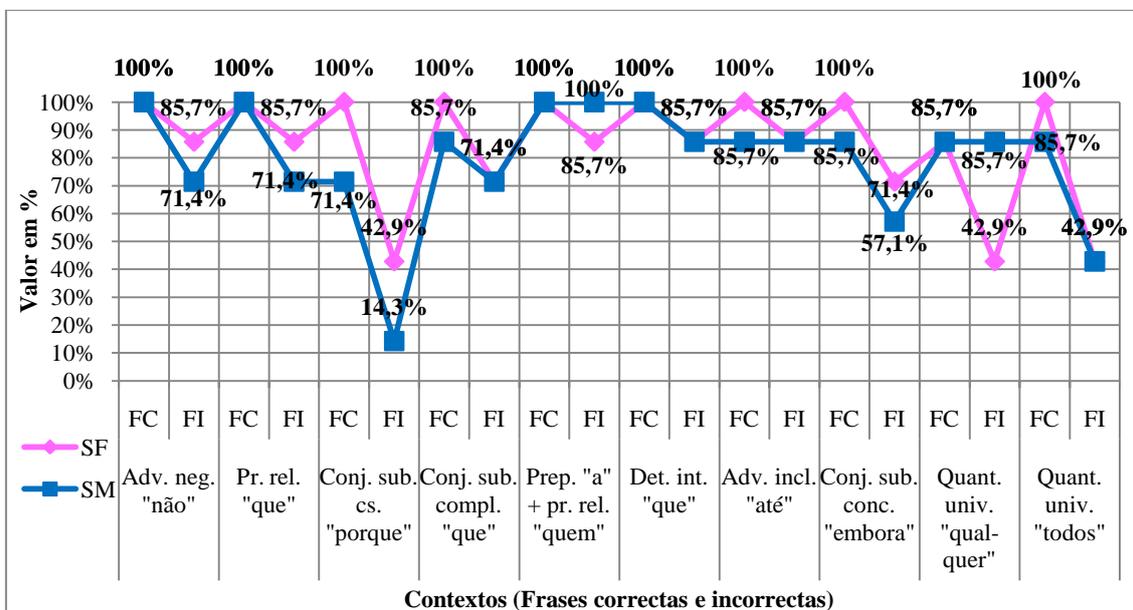


Gráfico 16: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação.

Ao observarmos o *Gráfico 16*, verificamos que, de um modo geral, os sujeitos de ambos os sexos obtiveram maior sucesso na avaliação das frases correctas do que das frases incorrectas. Contudo, registam-se três contextos em que os sujeitos do sexo masculino alcançaram percentagem idêntica na avaliação de ambas: a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem” (100%), o advérbio de inclusão “até” (85,7%) e o quantificador universal “qualquer” (85,7%). Quanto à diferença entre os resultados obtidos pelos sujeitos do sexo feminino e os sujeitos do sexo masculino refira-se que, quando não obtiveram resultados idênticos, os sujeitos do sexo feminino alcançaram valores percentuais superiores aos dos sujeitos do sexo masculino. A única excepção ao que se afirma prende-se com a avaliação de frases incorrectas dos contextos em que ocorre a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem” e o quantificador universal “qualquer”.

Relativamente a resultados individuais, nenhum sujeito fez uma avaliação correcta de todas as frases gramaticais e agramaticais. De acordo com o que foi anteriormente descrito, vários sujeitos avaliaram correctamente todas as frases gramaticais (6 sujeitos do sexo feminino e 5 sujeitos do sexo masculino). Quanto às frases agramaticais, nenhum sujeito conseguiu identificar e corrigir todas as frases agramaticais que lhe foram apresentadas (*cf.* anexo 15).

O gráfico apresentado na página seguinte (*Gráfico 17*) mostra o desempenho dos sujeitos do Grupo I no teste de avaliação.

De acordo com a informação do gráfico, a maior parte dos sujeitos classificou como correctas as frases que lhe foram apresentadas de acordo com a gramática-alvo. Quanto às estruturas agramaticais, a maioria dos sujeitos também reconheceu a agramaticalidade, procedendo à sua correcção. No entanto, há a salientar dois contextos cujas frases agramaticais registam a tendência inversa. São eles: a conjunção subordinativa causal “porque” e o quantificador universal “todos”. Perante as frases agramaticais destes dois contextos, a maior parte dos sujeitos testados aceitou-as tal como lhe foram apresentadas, sem efectuar qualquer correcção. Assim, verifica-se que, no que respeita ao primeiro contexto, apenas 28,6% dos sujeitos corrigiram a frase agramatical contra 71,4% que não procederam a qualquer correcção. Quanto à estrutura que continha o quantificador universal “todos”, regista-se a mesma tendência, ou seja,

42,9% dos sujeitos corrigiram a frase agramatical contra 57,1% que não a identificaram como tal.

O gráfico em análise mostra, ainda, a ocorrência de algumas agramaticalidades, ainda que a percentagem seja bastante reduzida. Destaca-se a ocorrência de ênclise por próclise nas frases gramaticais dos seguintes contextos: conjunção subordinativa causal “porque” (14,3%; 2 ocorrências), conjunção subordinativa completiva “que” (7,1%; 1 ocorrência), advérbio de inclusão “até” (7,1%; 1 ocorrência), conjunção subordinativa concessiva “embora” (7,1%; 1 ocorrência), quantificador universal “qualquer” (14,3%; 2 ocorrências) e o quantificador universal “todos” (7,1%; 1 ocorrência). A realização de mesóclise por próclise ocorreu apenas uma vez, na frase agramatical que incluía o quantificador universal “qualquer”, correspondendo ao valor percentual de 7,1%.

Podemos, ainda, observar que nenhum dos contextos testados apresenta 100% de classificações correctas/ frases corrigidas de acordo com a gramática-alvo nas frases gramaticais e agramaticais conjuntamente. O contexto que exhibe a percentagem mais elevada de sucesso é a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”, pois apenas um sujeito corrigiu a frase agramatical realizando ênclise por próclise.

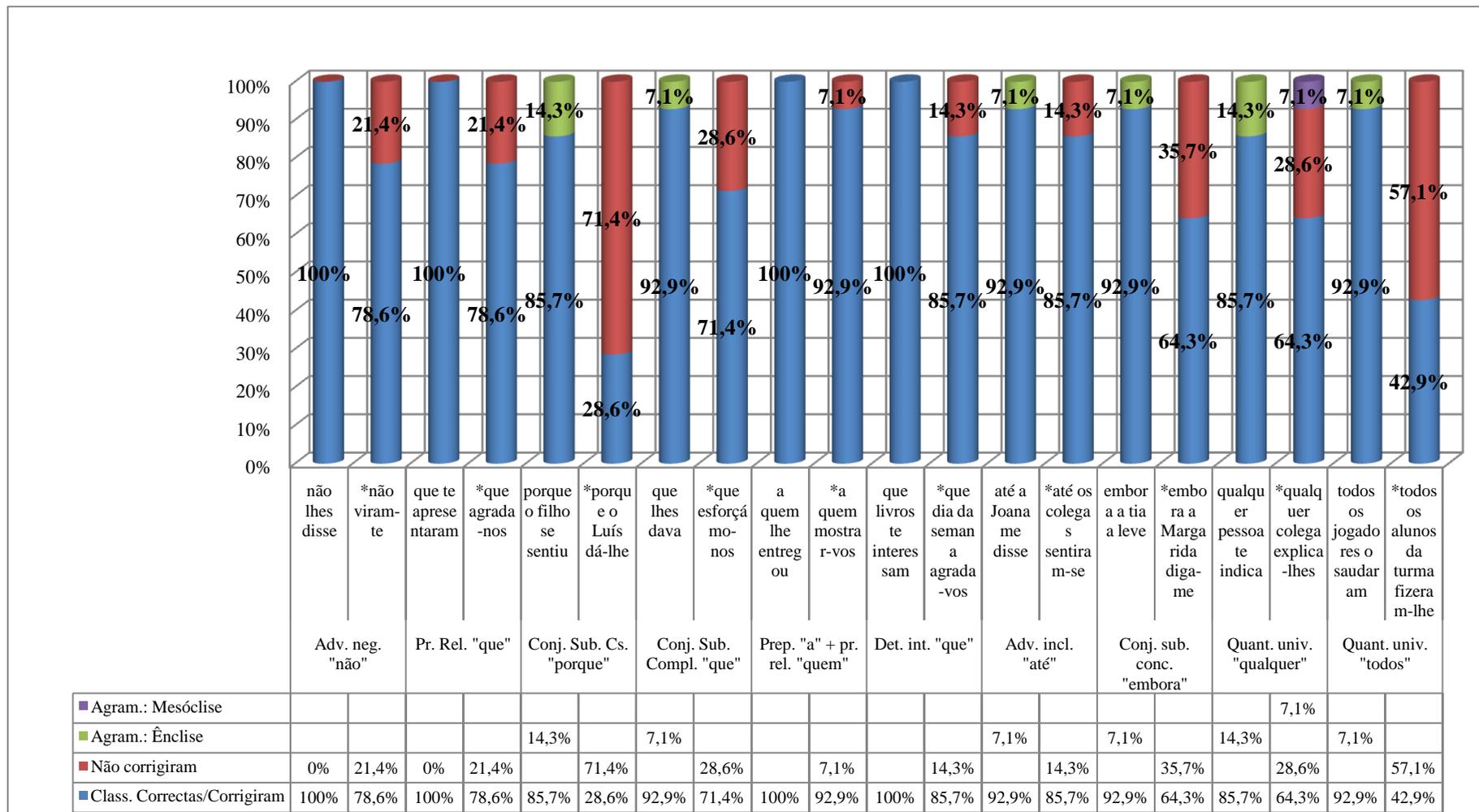


Gráfico 17: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise do teste de avaliação.

3.1.2.2. Ênclise

O *Gráfico 18* apresenta os resultados obtidos pelos sujeitos na avaliação de frases gramaticais e agramaticais com o pronome colocado na posição enclítica.

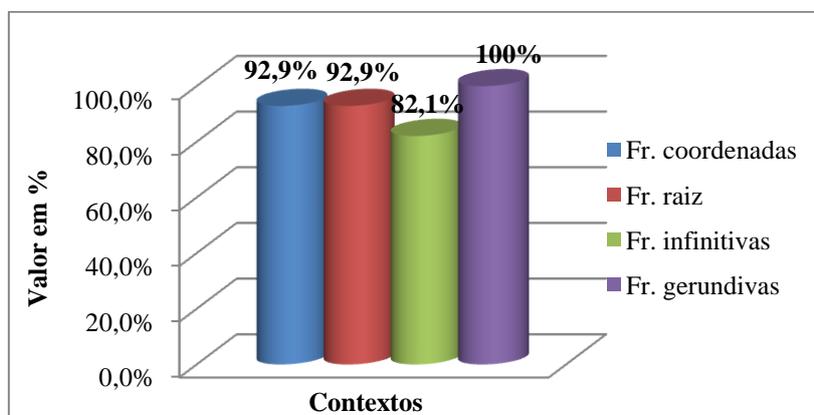


Gráfico 18: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

Relativamente à avaliação das frases do padrão enclítico, verificamos que todos os sujeitos testados foram fiéis ao alvo na avaliação de frases gerundivas, elegendo a ênclise como padrão de colocação. A percentagem de sucesso é idêntica nas frases coordenadas e nas frases raiz (92,9%). O contexto em que os sujeitos alcançaram a menor percentagem foi nas frases infinitivas (82,1%).

De seguida, são apresentados os resultados obtidos por frase de cada contexto (*Gráfico 19*).

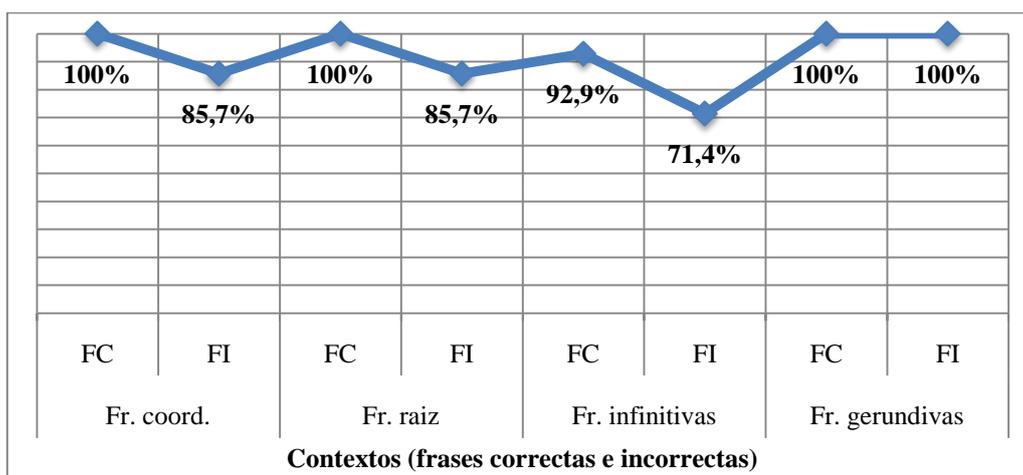


Gráfico 19: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

No que respeita ao padrão enclítico, os sujeitos do Grupo I obtiveram melhores resultados na avaliação de frases gramaticais do que na de frases agramaticais. O único contexto em que os sujeitos não alcançaram 100% de sucesso nas frases gramaticais foi o das frases infinitivas (92,9%). Quanto às frases agramaticais, os sujeitos obtiveram 85,7% na avaliação das frases coordenadas e das frases raiz e 71,4% nas frases infinitivas. O único contexto em que os sujeitos não demonstraram dificuldades foi o das frases gerundivas, em que obtiveram 100%, tal como já foi mencionado.

O gráfico que se segue (*Gráfico 20*) mostra os resultados obtidos pelos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino em cada frase de cada contexto.

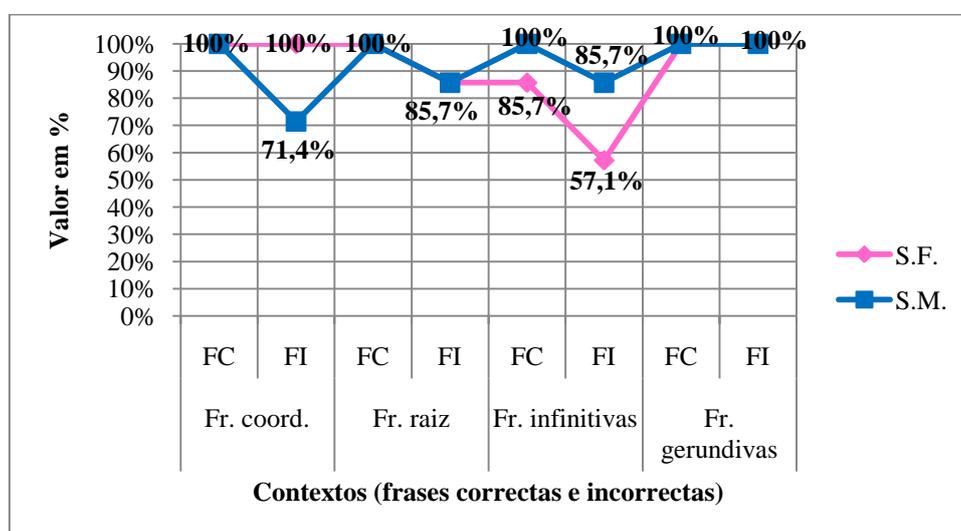


Gráfico 20: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação.

De acordo com os dados apresentados, constatamos que todos os sujeitos obtiveram 100% de sucesso na avaliação das frases gerundivas, quer nas frases gramaticais quer nas agramaticais. No que respeita aos restantes contextos, os sujeitos alcançaram melhores resultados na avaliação de frases gramaticais do que na de frases agramaticais. Nas frases coordenadas e nas frases raiz, a percentagem de sucesso na avaliação de frases gramaticais foi de 100% em ambos os sexos; quanto às frases agramaticais, os resultados foram idênticos na avaliação de frases raiz, mas, no caso das frases coordenadas, todos os sujeitos do sexo feminino avaliaram as frases correctamente, obtendo a percentagem de 100%, contra a percentagem de 71,4% alcançada pelos sujeitos do sexo masculino. O contexto em que se notaram mais discrepâncias ao nível

dos resultados entre um e outro sexo foi o das frases infinitivas; os sujeitos do sexo masculino obtiveram resultados mais elevados do que os do sexo feminino, pois nas frases agramaticais obtiveram 100%, contra 85,7% dos sujeitos do sexo feminino, e nas frases agramaticais obtiveram 85,7% contra 57,1% nas frases agramaticais.

Ao considerarmos os resultados individuais, verificamos que avaliaram correctamente todas as frases gramaticais e agramaticais: dois sujeitos do sexo feminino (SF3I e SF4I) e quatro sujeitos do sexo masculino (SM4I, SM5I, SM6I e SM7I) (cf. anexo 16).

O gráfico abaixo sintetiza a avaliação realizada pelos sujeitos e as agramaticalidades produzidas aquando da correcção das frases classificadas como incorrectas. Constatamos que: 14,3% dos sujeitos não corrigiram as frases agramaticais das frases coordenadas e das frases raiz; 28,6% não corrigiram as frases agramaticais das frases infinitivas; 7,1% produziram próclise por ênclise ao corrigir a frase gramatical das frases infinitivas; e 21,4% dos sujeitos, ao corrigirem a frase agramatical das frases gerundivas, alteraram o tempo verbal do gerúndio para o pretérito perfeito (cf. 90):

(90) “A Joana esteve na festa até ao fim, **divertiu-se** muito.” (SF6I; SF7I; SM6I)

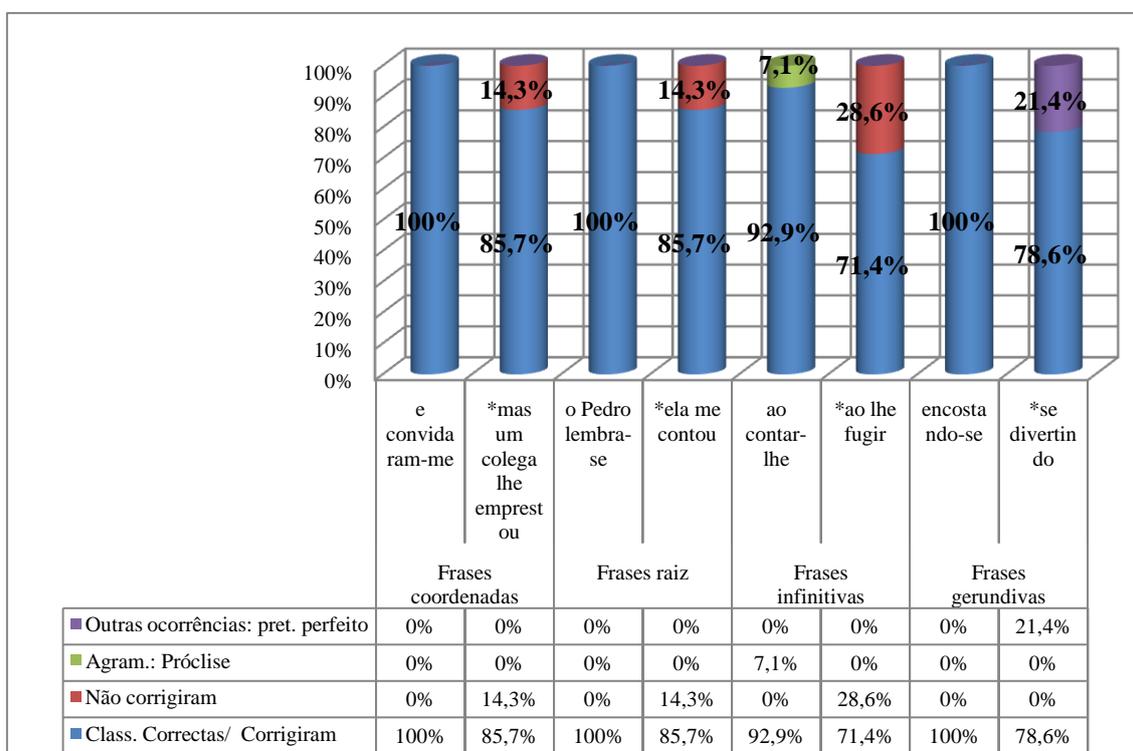


Gráfico 21: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

3.1.2.3. Mesóclise

O *Gráfico 22* sintetiza os resultados do Grupo I no que respeita à avaliação de contextos em que o pronome ocupa a posição mesoclítica.

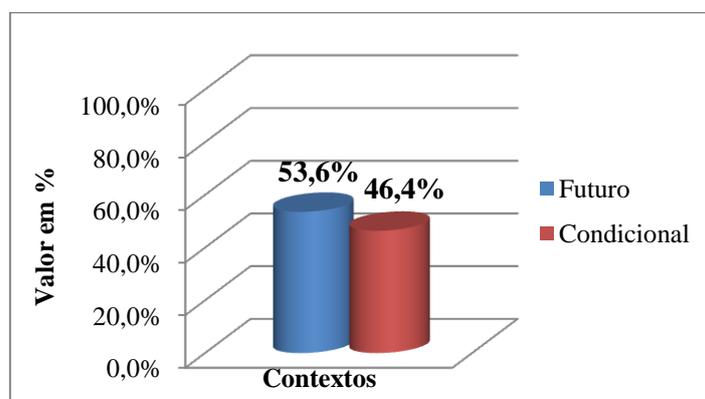


Gráfico 22: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Ao proceder à leitura do gráfico, verificamos que os resultados relativos à avaliação de estruturas mesoclíticas se situam entre os 46,4%, valor correspondente à avaliação de frases com o verbo no condicional, e os 53,6%, valor referente à avaliação de frases com o verbo no futuro do indicativo.

Os resultados apresentados no gráfico abaixo (*Gráfico 23*) revelam grandes discrepâncias entre a avaliação de frases gramaticais e agramaticais. Verificamos que os sujeitos obtiveram igual percentagem na avaliação das frases gramaticais do futuro do indicativo e do condicional (92,9%) contra 14,3% na frase agramatical do futuro do indicativo e 0% na frase agramatical do condicional.

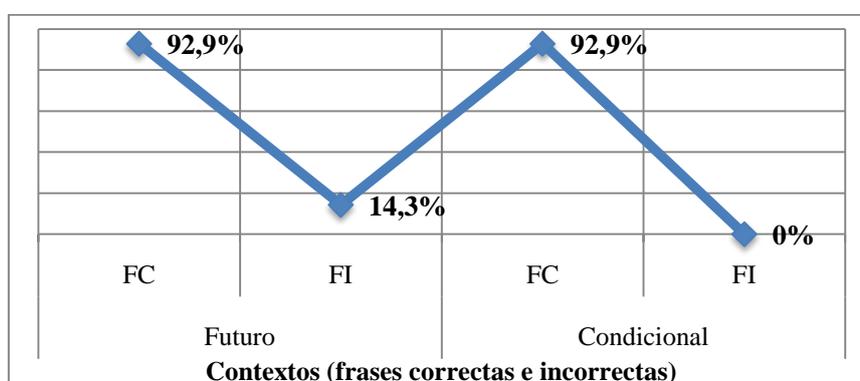


Gráfico 23: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

No *Gráfico 24*, são apresentados os resultados dos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, que nos permitem comparar o desempenho linguístico de ambos os grupos, no que respeita à avaliação de estruturas com o pronome mesoclítico.

Constatamos que os sujeitos do sexo feminino obtiveram valores ligeiramente superiores aos do sexo masculino. Todos os sujeitos do sexo feminino identificaram correctamente todas as frases gramaticais, enquanto os do sexo masculino obtiveram o valor de 85,7%. Quanto às frases agramaticais, os sujeitos do sexo masculino não as identificaram como tal (0%), mas os sujeitos do sexo feminino alcançaram o valor de 28,6% na identificação e correcção da frase agramatical do futuro do indicativo, tendo obtido 0%, tal como os sujeitos do sexo masculino, na identificação e correcção da frase agramatical do condicional.

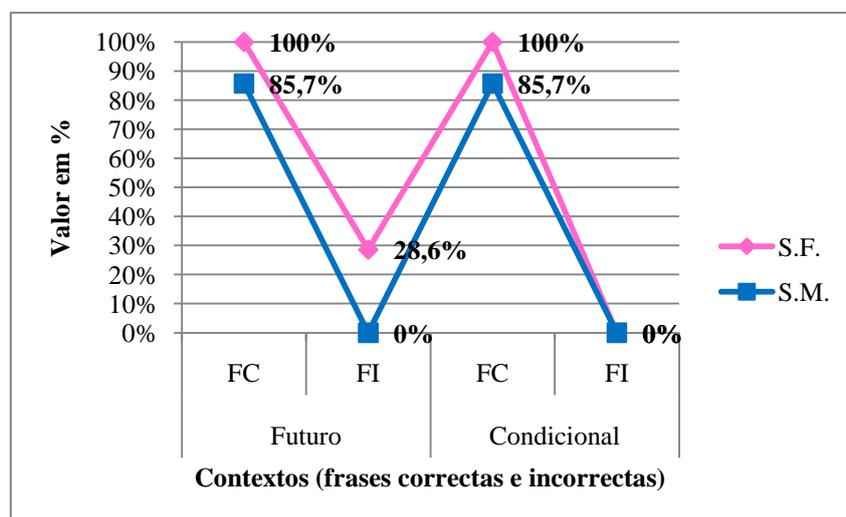


Gráfico 24: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo I nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Relativamente a valores individuais (*cf.* anexo 17), nenhum sujeito se destaca por ter avaliado correctamente todas as frases gramaticais e agramaticais apresentadas. Porém, salientam-se dois sujeitos do sexo feminino por terem obtido o valor de 75% (SF3I; SF4I) e um sujeito do sexo masculino (SM7I) por não ter identificado as frases gramaticais como tal nem ter corrigido as frases agramaticais (0%). Os restantes sujeitos alcançaram o valor de 50%, pois identificaram as frases gramaticais, contudo, não identificaram nem corrigiram as frases agramaticais.

De seguida, são apresentados os resultados relativos à avaliação dos contextos que exigem o pronome em posição mesoclítica.

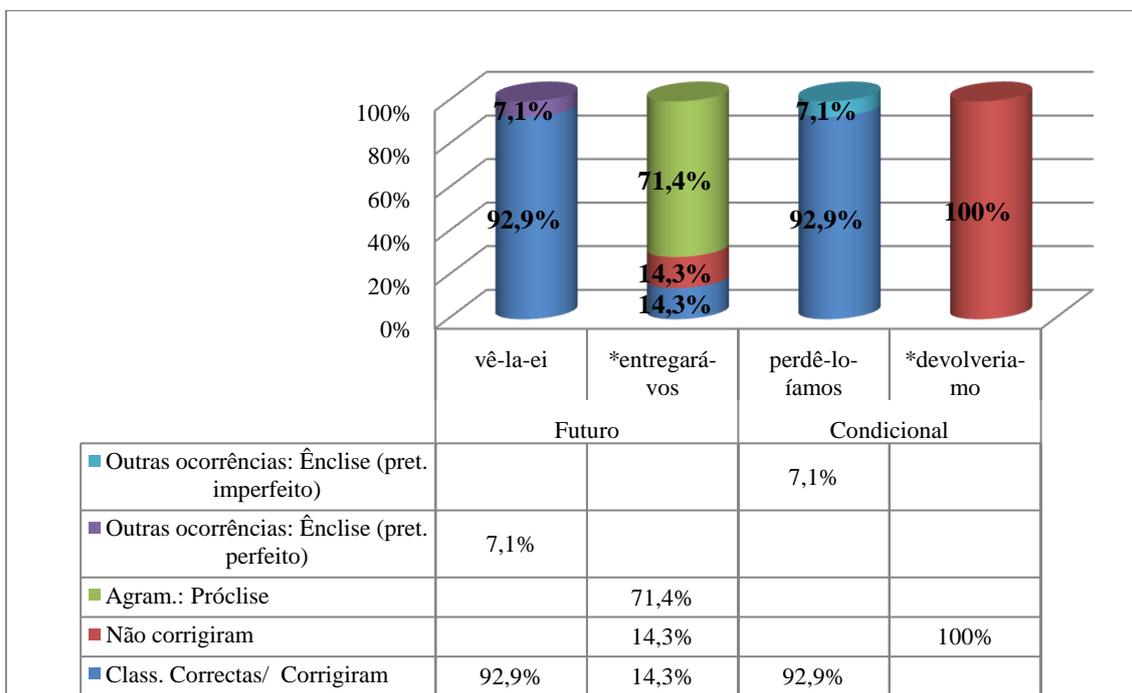


Gráfico 25: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo I nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Ao observarmos o gráfico, verificamos que o contexto que suscitou mais dificuldades aos sujeitos foi a frase agramatical do condicional, pois ninguém reconheceu a sua agramaticalidade e, portanto, não foi corrigida. Os valores percentuais que revelam mais sucesso referem-se às frases gramaticais do futuro e do condicional: 92,9% dos sujeitos consideraram as frases de acordo com a gramática-alvo. Em cada um dos casos, houve apenas um sujeito que realizou ênclise por mesóclise alterando o tempo verbal para o pretérito perfeito do indicativo ao corrigir a frase gramatical do futuro do indicativo (cf. 91), tendo também realizado ênclise por mesóclise alterando o tempo verbal para o pretérito imperfeito do indicativo ao corrigir a frase gramatical do condicional (cf. 92). Eis as frases produzidas aquando da correcção:

(91) * “Há muito tempo que não estou com a Margarida, mas no sábado **vi-a** na festa do Mário.” (SM7I)

(92) * “O autocarro partiu às oito horas; se saíssemos de casa cinco minutos antes, **perdiamo-lo.**” (SM7I)

Quanto à frase agramatical, cujo verbo estava conjugado no futuro do indicativo, a maior parte dos sujeitos (71,4%, correspondente a 10 ocorrências) procedeu à sua correcção, seleccionando o padrão proclítico. Dos restantes, 14,3% (2 ocorrências) não corrigiram a frase e 14,3% (2 ocorrências) identificaram-na como agramatical, corrigindo-a de acordo com a gramática-alvo.

3.1.2.4. Síntese comparativa

Ao atentarmos no gráfico seguinte (*Gráfico 26*), verificamos que o padrão enclítico é aquele em que os sujeitos revelam um melhor desempenho linguístico (92%) quando o comparamos com os contextos de próclise (81,8%) e de mesóclise (50%).

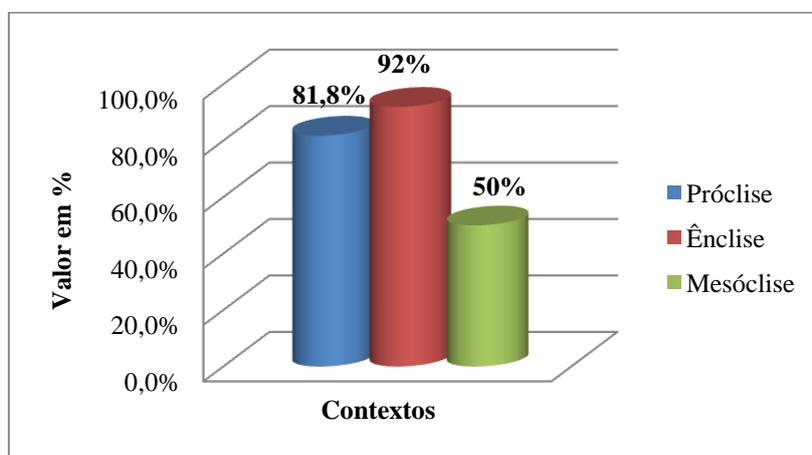


Gráfico 26: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I.

O *Gráfico 27* mostra os resultados finais relativos à avaliação das frases gramaticais e das frases agramaticais nos três padrões de colocação. Verifica-se que os resultados obtidos na avaliação das frases agramaticais são inferiores aos alcançados na avaliação das frases gramaticais, principalmente nos contextos de próclise e de mesóclise, em que se registaram as maiores diferenças, a saber: nos contextos de próclise registou-se menos 25% de sucesso na avaliação das frases agramaticais do que nas frases gramaticais; nos contextos de mesóclise, a discrepância foi bem mais evidente com uma diferença de 85,8% entre a avaliação das frases gramaticais e das frases agramaticais. Quanto ao padrão enclítico, os sujeitos mostraram um melhor desempenho na avaliação das frases gramaticais, registando uma diferença de 12,5% relativamente ao desempenho demonstrado na avaliação das frases agramaticais.

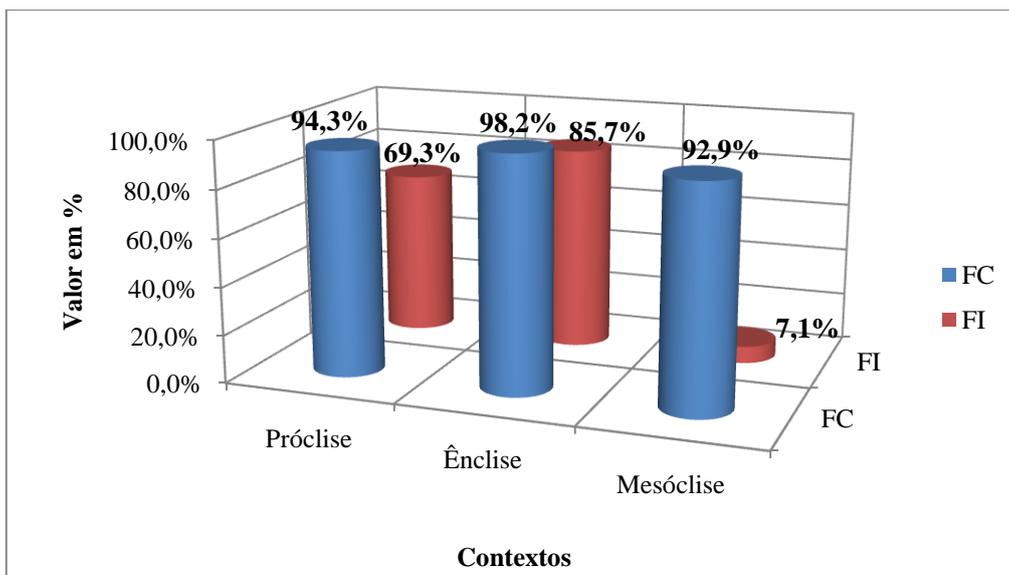


Gráfico 27: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo I.

No *Gráfico 28*, observamos que os sujeitos do sexo feminino exibem melhor desempenho do que os do sexo masculino em dois dos três padrões de colocação (próclise e mesóclise). No que toca ao padrão enclítico, os sujeitos do sexo masculino obtiveram valores ligeiramente acima dos alcançados pelos sujeitos do sexo feminino.

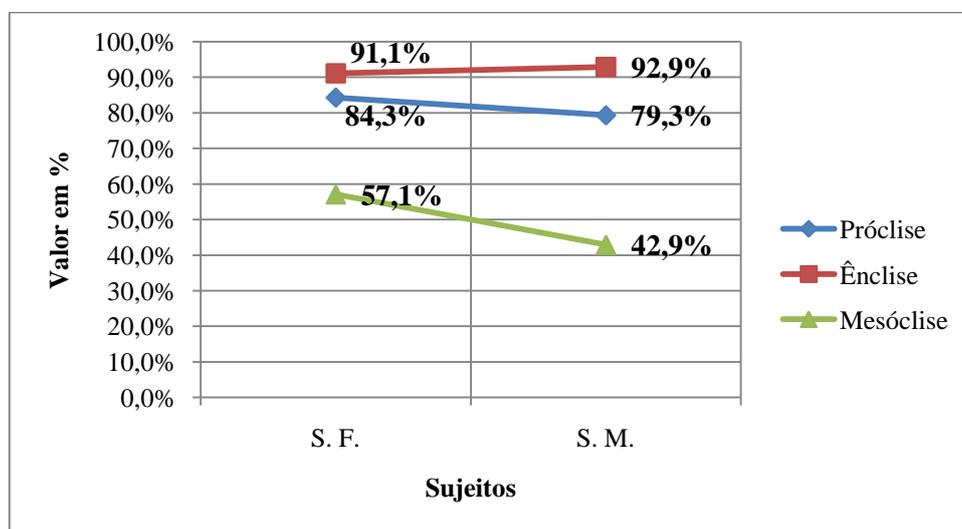


Gráfico 28: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo I.

No gráfico seguinte (*Gráfico 29*), constatamos que a maior parte dos sujeitos do sexo feminino (5 em 7 sujeitos) obtém mais sucesso nos contextos de ênclise, seguindo-se os

contextos de próclise e, por último, os de mesóclise. Apenas dois sujeitos não registam a tendência anteriormente descrita, revelando um melhor desempenho nos contextos de próclise (embora a diferença não seja significativa), seguindo-se os contextos de ênclise e, de seguida, os de mesóclise.

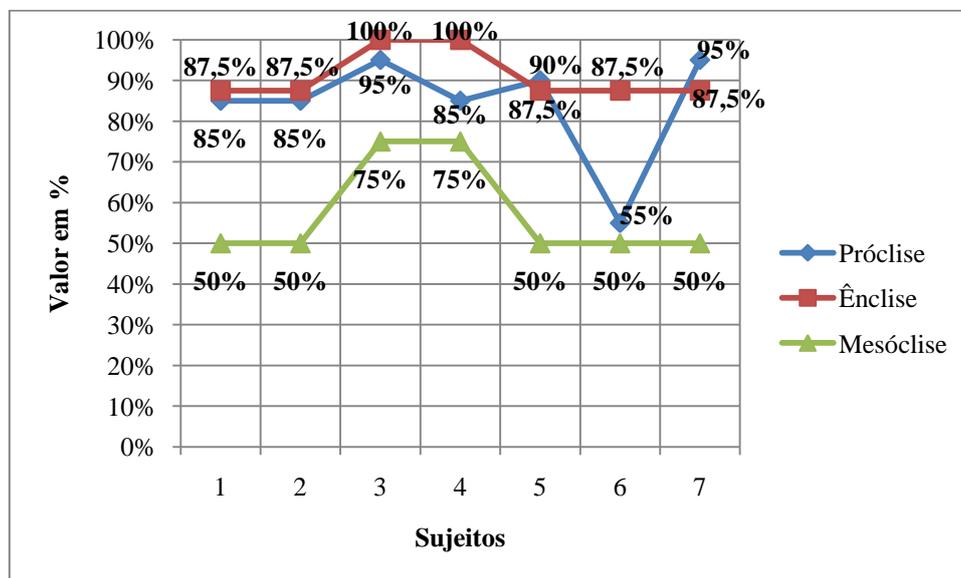


Gráfico 29: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo I.

No que respeita aos resultados dos sujeitos do sexo masculino, e de acordo com a informação do *Gráfico 30*, refira-se que a maior parte dos sujeitos obteve melhores resultados no padrão enclítico (5 em 7 sujeitos), seguindo-se o padrão proclítico e, por último, o mesoclítico. Os dois sujeitos que não seguiram esta tendência revelaram um melhor desempenho na avaliação das estruturas de próclise, seguindo-se as de ênclise e, por fim, as estruturas mesoclíticas. No entanto, importa referir que, no caso do sujeito SM3I, a diferença entre o desempenho nos contextos de próclise e de ênclise é praticamente inexistente, correspondendo a 2,5%; apenas o sujeito SM2I apresenta intervalos consideráveis entre os valores obtidos nos três padrões de colocação.

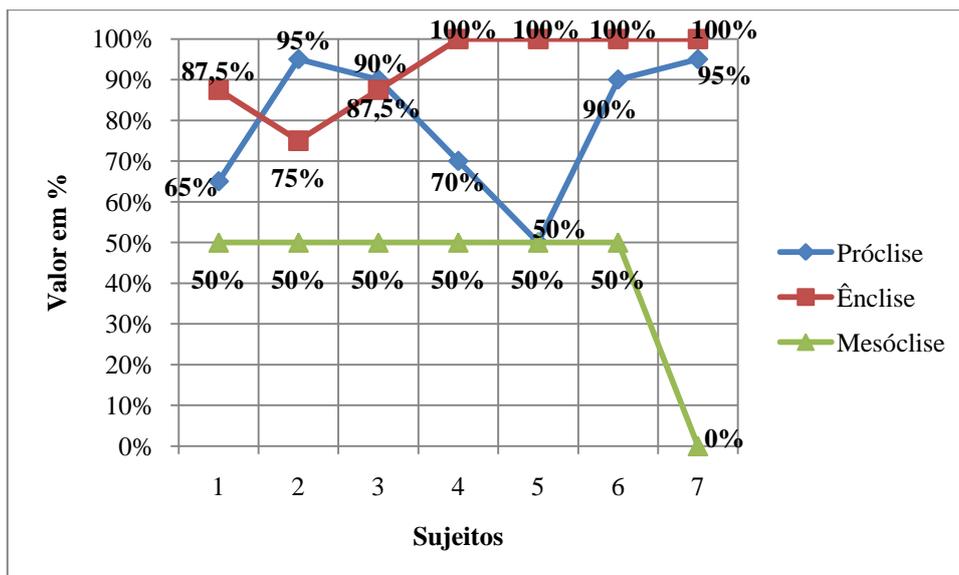


Gráfico 30: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo I.

3.1.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação

O *Gráfico 31* permite-nos estabelecer uma comparação entre os resultados globais obtidos pelos sujeitos do Grupo I nos testes de produção e de avaliação.

A leitura do gráfico leva-nos a constatar que os valores alcançados no teste de produção são inferiores aos obtidos no teste de avaliação nos padrões proclítico e mesoclítico, sendo neste último bastante evidente a discrepância entre ambos, com uma diferença de 48,2%. Quanto ao padrão enclítico, constata-se a tendência inversa, uma vez que os sujeitos obtiveram 100% no teste de produção e apresentam um resultado ligeiramente inferior no teste de avaliação (96,3%).

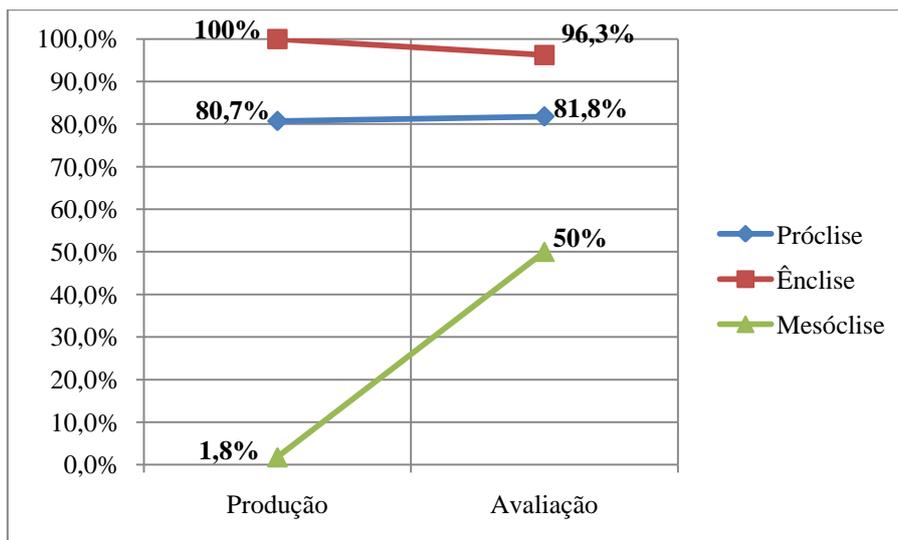


Gráfico 31: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo I no teste de produção e no teste de avaliação.

3.1.4. Síntese final do Grupo I

Após a descrição dos resultados obtidos pelo Grupo I (6º ano), constatamos que:

- (i) os indutores de próclise dominados pelos sujeitos são: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “que”, a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”, o determinante interrogativo “que”, o advérbio de inclusão “até”; colocam muitas dificuldades aos sujeitos: a conjunção subordinativa causal “porque” e os quantificadores universais “qualquer” e “todos”;
- (ii) quando o padrão proclítico não foi respeitado:
 - a. os sujeitos seleccionaram a ênclise, no teste de produção;
 - b. no teste de avaliação, a maior parte dos sujeitos não procedeu à correcção das frases agramaticais e registaram-se algumas ocorrências de ênclise e uma ocorrência de mesóclise;
- (iii) os sujeitos reconhecem a posição enclítica do pronome pessoal átono nas frases coordenadas e gerundivas e nas frases raiz; porém, apresentam dificuldades nas frases infinitivas, quer no teste de produção quer no teste de avaliação;
- (iv) quando não reconheceram a ênclise como o padrão alvo:
 - a. no teste de produção, os sujeitos optaram pela próclise;

- b. no teste de avaliação, a maior parte dos sujeitos não corrigiu as frases; registou-se uma ocorrência de próclise e três ocorrências de ênclise com alteração do tempo verbal;
- (v) a produção de mesóclise é praticamente inexistente:
 - a. no teste de produção, o padrão desviante privilegiado é o enclítico seguido do proclítico; também se registaram algumas ocorrências de ênclise com alteração do tempo verbal;
 - b. no teste de avaliação, a maioria dos sujeitos reconheceu o padrão mesoclítico nas frases gramaticais; contudo, perante as frases agramaticais ou não procedeu à sua correcção ou optou pelo padrão proclítico;
- (vi) o padrão de colocação em que os sujeitos apresentam melhor desempenho linguístico é o enclítico, seguido da próclise e da mesóclise, sendo importante salientar a enorme diferença em termos percentuais entre este último padrão e os dois anteriores, principalmente nos resultados do teste de produção e nos que respeitam à correcção das frases agramaticais do teste de avaliação.

3.2. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo II

Nesta secção dar-se-ão a conhecer os resultados obtidos pelos sujeitos que constituem o Grupo II (9º ano de escolaridade). Inicialmente, serão apresentados e descritos os resultados do teste de produção e, posteriormente, os do teste de avaliação. Tal como se procedeu na secção anterior, os resultados respeitantes a cada estímulo serão apresentados por padrão de colocação, pela ordem seguinte: próclise, ênclise e mesóclise. Seguidamente, far-se-á uma síntese comparativa do desempenho linguístico dos sujeitos nos três padrões de colocação. No final, serão apresentados os principais resultados deste grupo de sujeitos.

3.2.1. Resultados do Grupo II no teste de produção

Nesta subsecção, proceder-se-á à apresentação e descrição dos resultados obtidos pelos sujeitos do 9º ano de escolaridade no teste de produção, por padrão de colocação.

3.2.1.1. Próclise

No *Gráfico 32*, podemos observar a informação relativa à produção de próclise por parte dos sujeitos do Grupo II (9º ano), nos dez contextos testados.

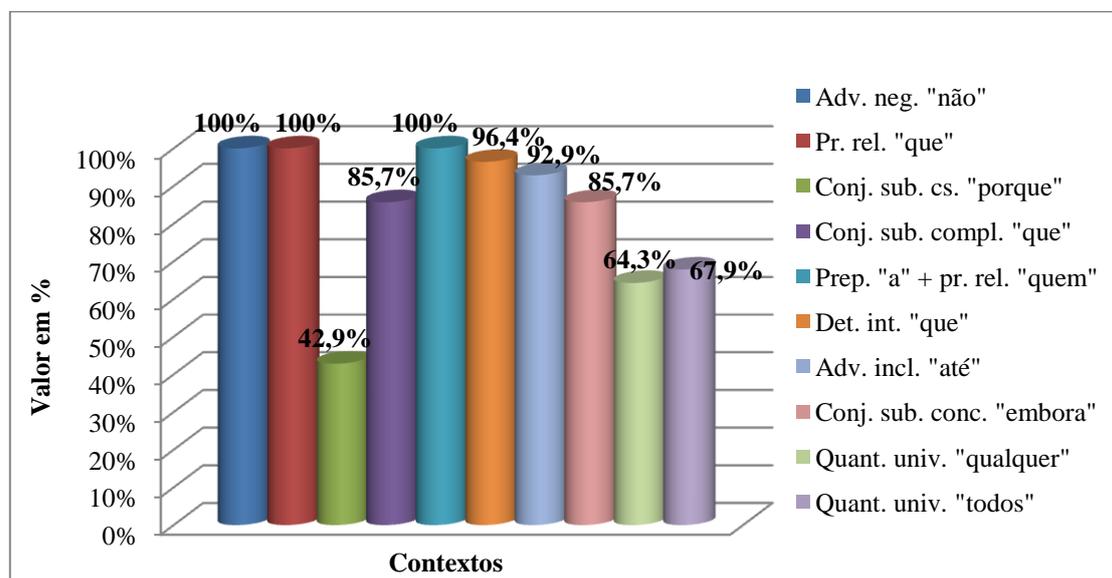


Gráfico 32: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo II.

No que respeita à produção de próclise, os sujeitos do Grupo II apresentam valores que variam entre os 42,9% e os 100% (*cf.* anexo 18). De acordo com os dados, o contexto que causa mais dificuldades aos sujeitos é o que inclui a conjunção subordinativa causal “porque”, cuja média global tem o valor de 42,9%, ou seja, mais de metade dos sujeitos não reconhece o estatuto proclisador dessa conjunção. Por outro lado, os sujeitos não revelam qualquer dificuldade em produzir próclise quando se encontram perante estruturas com o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “que” e o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”. Nestes três contextos, a média global registada é de 100%, representando o completo domínio desses elementos como proclisadores por parte dos sujeitos. Vejam-se os respectivos exemplos ilustrativos em (93), (94) e (95):

(93) “A Ana foi a casa da Rita, eles passaram por ela e não **a viram**.” (SF1II)

(94) “O pai da Joana está fascinado com o computador novo que **nos mostrou** ontem.” (SM3II)

(95) “Se tiver dificuldades, peço ajuda a quem **me explica** a matéria.” (SF4II)

Com valores percentuais abaixo dos 75%, encontram-se dois outros contextos que oferecem dificuldades aos sujeitos testados, a saber: o quantificador universal “qualquer”, com 64,3%, e o quantificador universal “todos”, com uma média global de 67,9%. Com uma média percentual acima dos 85%, e por ordem crescente de valores, destacam-se os seguintes indutores de próclise: a conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”, ambas com 85,7%; o advérbio de inclusão “até”, com 92,9%; e o determinante interrogativo “que”, com 96,4%.

Observemos, de seguida, o *Gráfico 33*, que nos permite estabelecer uma comparação entre as produções dos sujeitos do sexo feminino e as do sexo masculino nos contextos de próclise testados.

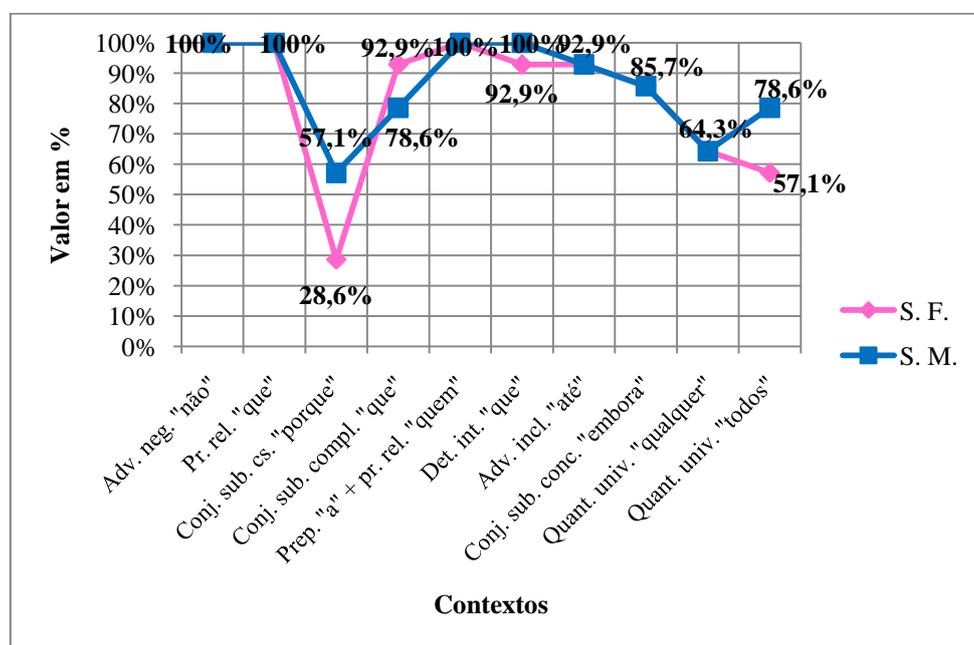


Gráfico 33: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II.

De acordo com os dados, as maiores diferenças manifestam-se nas produções que incluem: a conjunção subordinativa causal “porque”, em que as raparigas registaram uma média de produções gramaticais de 28,6%, contra 57,1% dos rapazes; a conjunção subordinativa completiva “que”, em que as raparigas obtiveram mais sucesso (92,9%) do que os rapazes (78,6%); e o quantificador universal “todos”, em que os rapazes obtiveram 78,6% de produções gramaticais, enquanto as raparigas registaram uma média global de 57,1%. Há a salientar, ainda, uma ligeira diferença entre os sujeitos dos dois sexos no que respeita às produções de frases com o determinante interrogativo

“que”, pois as frases produzidas pelos rapazes foram todas gramaticais, enquanto o valor percentual das raparigas se situa nos 92,9%.

Quanto aos restantes contextos testados, podemos afirmar que não se registaram diferenças entre as produções dos sujeitos do sexo feminino e as dos do sexo masculino, tendo obtido o mesmo valor percentual.

Acrescente-se que os sujeitos do sexo masculino não apresentam produções com valores percentuais abaixo dos 57,1%, enquanto as raparigas registam uma média de 28,6%, respeitante à produção de frases com a conjunção subordinativa causal “porque”.

Se nos detivermos nos dados individuais dos sujeitos testados, verificamos que apenas dois sujeitos do sexo masculino obtiveram a percentagem máxima nos contextos de próclise, significando tal que os sujeitos em causa reconhecem a função proclisadora de todos os contextos testados. São eles: o sujeito 2 (SM2II) e o sujeito 7 (SM7II) (*cf.* anexo 18). Ambos obtiveram o nível três na classificação do final do segundo período lectivo na disciplina de Língua Portuguesa. O pai e a mãe do SM2II têm o 9º e o 12º anos de escolaridade, respectivamente; o pai é agricultor e a mãe é queijeira. No que concerne ao SM7II, o pai tem o 4º e a mãe o 6º ano de escolaridade; o pai é vaqueiro e a mãe é trabalhadora rural.

O *Gráfico 34* mostra a distribuição, em valores percentuais, das frases gramaticais e agramaticais produzidas pelos sujeitos do Grupo II (9º ano) em todos os contextos testados.

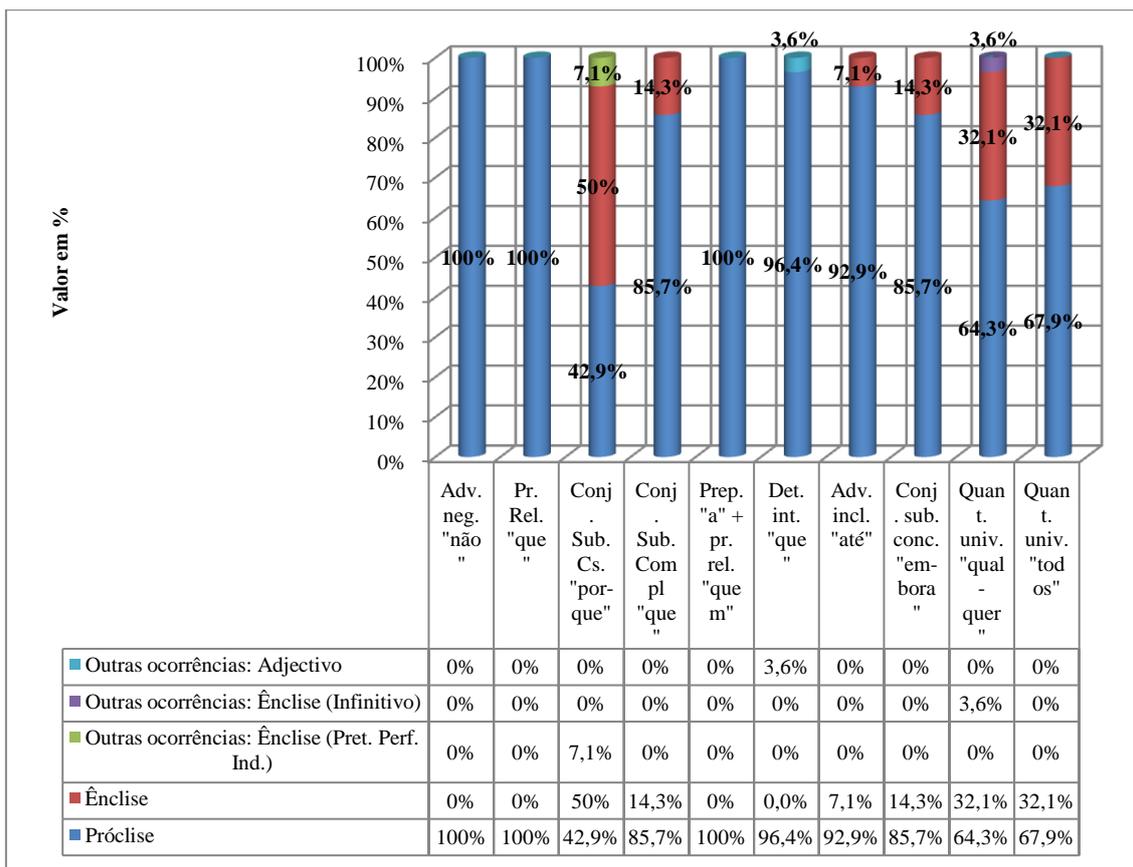


Gráfico 34: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo I nos contextos de próclise.

Quanto à produção de frases agramaticais, verifica-se que todas elas têm em comum a realização de ênclise por próclise, com alteração, por vezes, do tempo e do modo verbais, à excepção de uma ocorrência, em que o sujeito SF7II produziu uma frase agramatical substituindo a forma verbal e o pronome pessoal por um adjectivo (cf. (96)), correspondente a 3,6%.

(96) * “Luís, que cidade **deslumbrante** mais: Paris ou Londres?” (SF7II)

De acordo com os dados do *Gráfico 16*, a produção de frases agramaticais enclíticas assume a percentagem mais elevada (50%) no contexto da conjunção subordinativa causal “porque” (cf. (97) e (98)).

(97) * “Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque **encontro-o** muitas vezes à saída.” (SF5II)

(98) * “Tenho a certeza que a Maria é uma boa amiga, porque **vê-se** nas atitudes dela.” (SM6II)

Em segundo lugar, com uma percentagem comum de 32,1% de frases agramaticais, surgem os quantificadores universais “qualquer” e “todos”, exemplificados, respectivamente, nas seguintes produções:

(99) * “Quando os jogos chegarem, qualquer colega **ensina-vos** a jogar.” (SF6II)

(100) * “Todos os teus amigos **saudaram-te** pelo excelente resultado obtido.”
(SM4II)

Há a salientar a produção esporádica de frases enclíticas com alteração do tempo e modo verbais, nomeadamente: duas ocorrências (7,1%) de ênclise com o verbo no pretérito perfeito do indicativo em estruturas com a conjunção subordinativa causal “porque” (*cf.* (101)); e uma ocorrência (3,6%) de ênclise com o verbo no infinitivo numa frase com o quantificador universal “qualquer” (*cf.* (102)).

(101) * “Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque **encontrou-o** muitas vezes à saída.” (SM4II e SF3II)

(102) * “Quando os jogos chegarem, qualquer colega **ensinar-vos** a jogar.” (SM3II)

3.2.1.2. Ênclise

No que respeita ao padrão enclítico, verificamos, a partir do *Gráfico 35*, que os sujeitos não apresentam dificuldades ao nível da produção nem nas frases coordenadas nem nas gerundivas, alcançando a percentagem de 100%.

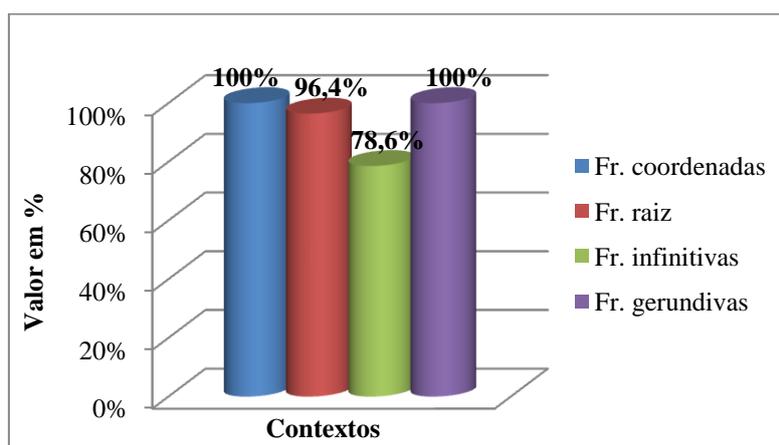


Gráfico 35: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo II.

A produção de ênclise em frases raiz apresenta uma percentagem bastante elevada (96,4%) enquanto a das frases infinitivas denota algumas dificuldades dos sujeitos, com um valor percentual de 78,6%.

Ao compararmos as produções gramaticais dos sujeitos do sexo feminino com as dos do sexo masculino (cf. *Gráfico 36*), concluímos que os primeiros dominam a ênclise em frases coordenadas e gerundivas e apresentam uma percentagem bastante elevada (92,9%) nos dois outros contextos testados (frases raiz e infinitivas). Relativamente aos sujeitos do sexo masculino, verifica-se a percentagem máxima (100%) em três dos quatro contextos testados, a saber: frases coordenadas, raiz e gerundivas. O problema, no que toca à produção de ênclise, surge nas frases infinitivas, cuja média percentual é 64,3%.

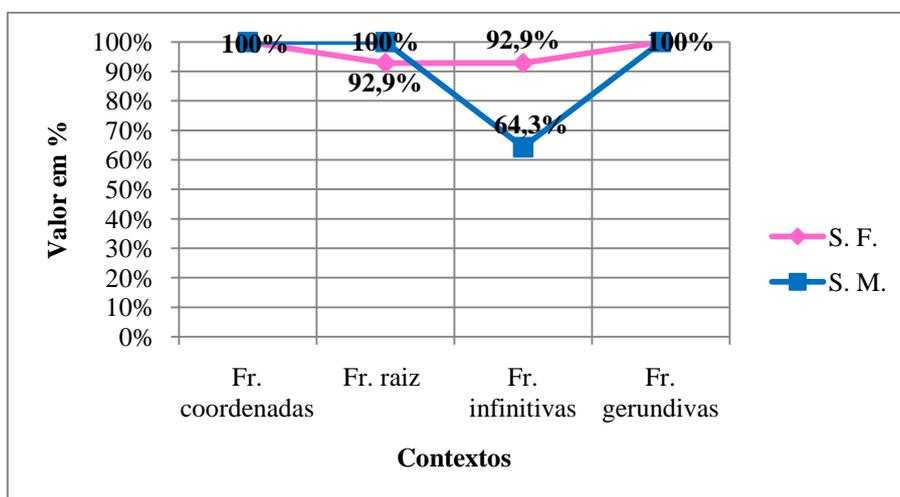


Gráfico 36: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de produção.

Quanto às produções individuais, alcançaram a percentagem máxima de 100% em todos os contextos testados 5 sujeitos do sexo feminino e 3 do sexo masculino. O sujeito SM6II não produziu correctamente nenhuma das frases infinitivas do teste (cf. anexo 19).

Pela observação do *Gráfico 37*, constatamos que os sujeitos, quando não produziram frases gramaticais, optaram pelo padrão proclítico.

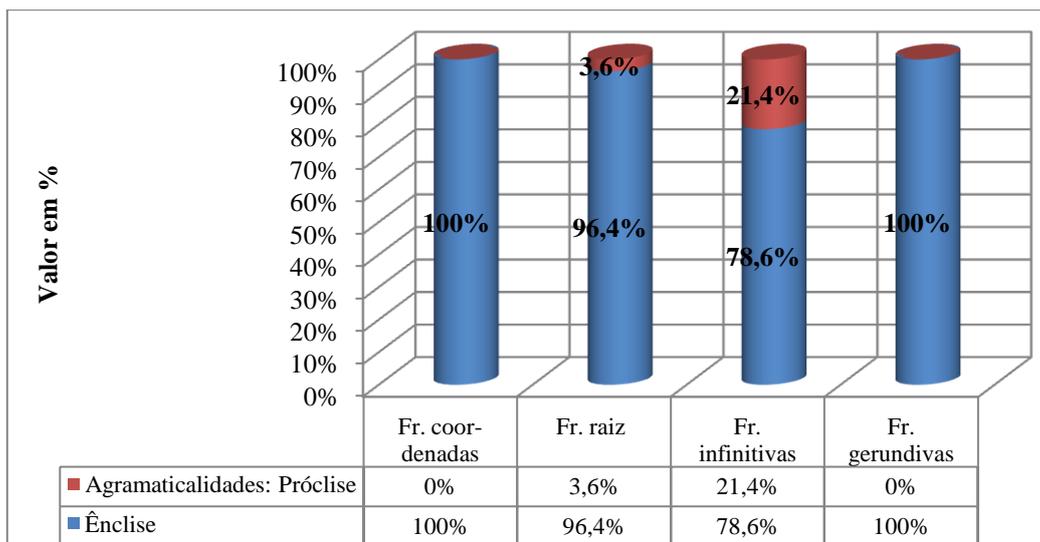


Gráfico 37: Valores percentuais das produções gramaticais e agramaticais dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise.

O contexto que regista a maior parte de ocorrências agramaticais é o das frases infinitivas (6 ocorrências em 28 frases – 21,4%; *cf.* (103) e (104)). Nas frases raiz, houve apenas uma ocorrência agramatical, que corresponde ao valor percentual de 3,6% (*cf.* (105)).

(103) * “Estive muito tempo no estrangeiro e a Margarida, ao **me encontrar** na feira, ficou surpreendida.” (SF3II)

(104) * “A Maria procurou-te entre a multidão e, ao **te ver**, caminhou na tua direcção.” (SM2II)

(105) * “Quando os colegas da Joana vão lá a casa, os pais dela **os recebem** muito bem.” (SF7II)

3.2.1.3. Mesóclise

Neste padrão, apenas um sujeito do Grupo II produziu uma frase gramatical, colocando o pronome em posição mesoclítica numa frase com a forma verbal no futuro do indicativo (*cf.* anexo 20). Veja-se o exemplo (106):

(106) “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **levá-lo-ei** ao jardim.” (SF4II)

Nas frases com o condicional não se registaram produções gramaticais. Assim, as médias são de 3,6% (equivalente a uma ocorrência) nas frases com o futuro do

indicativo e de 0% nas frases com o condicional, tal como se pode visualizar no *Gráfico 38*:

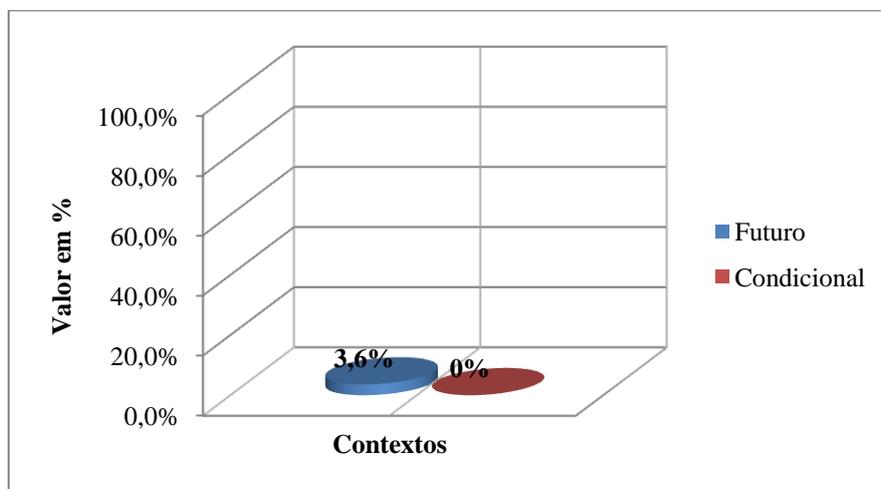


Gráfico 38: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo II.

Ao estabelecermos a comparação entre os sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino (*cf. Gráfico 39*), constatamos que a única ocorrência gramatical no padrão mesoclítico pertence a uma rapariga, como já foi referido anteriormente.

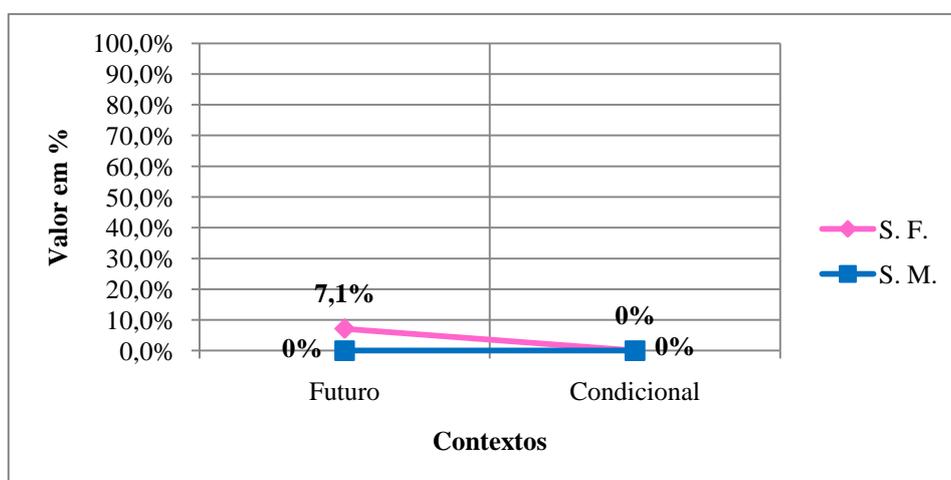


Gráfico 39: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de produção.

No que respeita às produções agramaticais nos contextos de mesóclise, verificamos, nos dados apresentados pelo *Gráfico 40*, que os sujeitos optam, na sua grande maioria, pela ênclise.

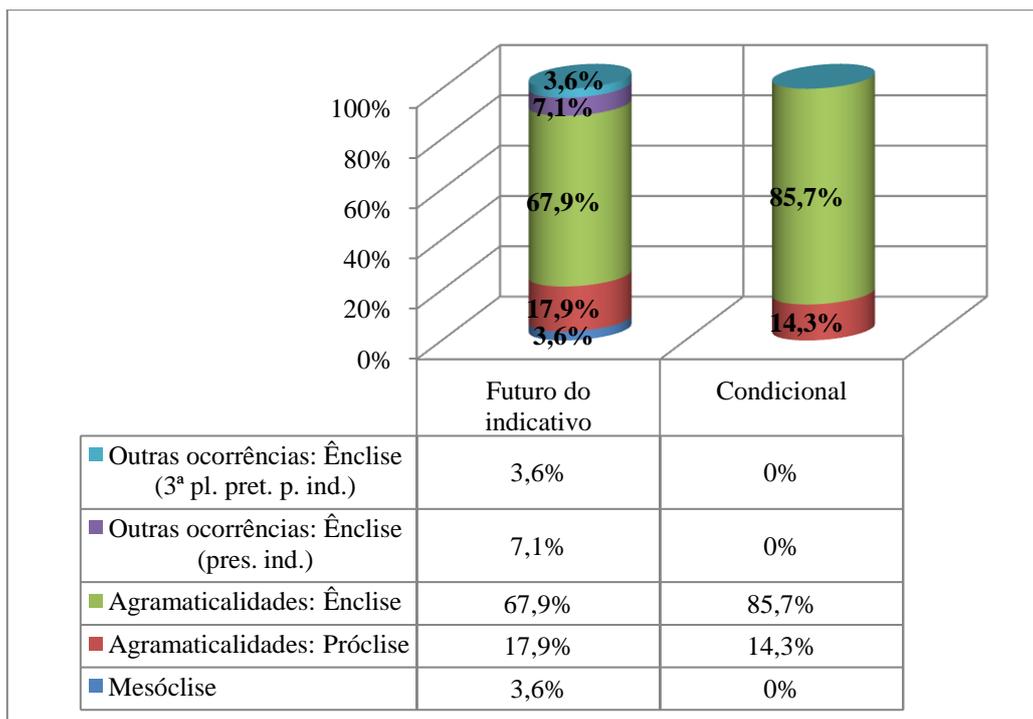


Gráfico 40: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise.

A leitura do gráfico permite-nos concluir que o padrão enclítico regista percentagens bastante elevadas em ambos os contextos: 67,9% no futuro do indicativo (19 ocorrências em 28 frases; *cf.* (107) e (108)) e 85,7% no condicional (24 ocorrências em 28 frases; *cf.* (109) e (110)).

(107) * “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **levarei-o** ao jardim.”
(SF5II)

(108) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **ofereceremos-lhes** duas caixas de bombons.” (SM1II)

(109) * “Se eles te tivessem visto na ecopista, **teriam-me** contado.” (SF1II)

(110) * “Tivesse eu um quadro de Picasso e **penduraria-o** num lugar especial da minha casa.” (SM7II)

Com percentagens mais reduzidas, a próclise constitui a segunda opção: 17,9% no futuro do indicativo (5 ocorrências em 28 frases; *cf.* (111)) e 14,3% no condicional (4 ocorrências em 28 frases; *cf.* (112)).

(111) * “Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e **o levarei** ao jardim.”
(SF2II)

(112) * “Tivesse eu um quadro de Picasso e **o penduraria** num lugar especial da minha casa.” (SM2II)

De acordo com os dados do gráfico, dois sujeitos produziram frases enclíticas com alteração do tempo da forma verbal do futuro para o presente do indicativo (7,1%; cf. (113)) e um sujeito produziu uma frase enclítica, alterando a pessoa gramatical para a 3ª do plural e o tempo verbal do futuro para o pretérito perfeito do indicativo (3,6%; cf. (114)).

(113) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **oferecemos-
-lhes** duas caixas de bombons.” (SF1II)

(114) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **ofereceram-
-lhe** duas caixas de bombons.” (SM3II)

3.2.1.4. Síntese comparativa

O Gráfico 41 apresenta os valores percentuais das produções dos sujeitos do Grupo II em cada contexto testado.

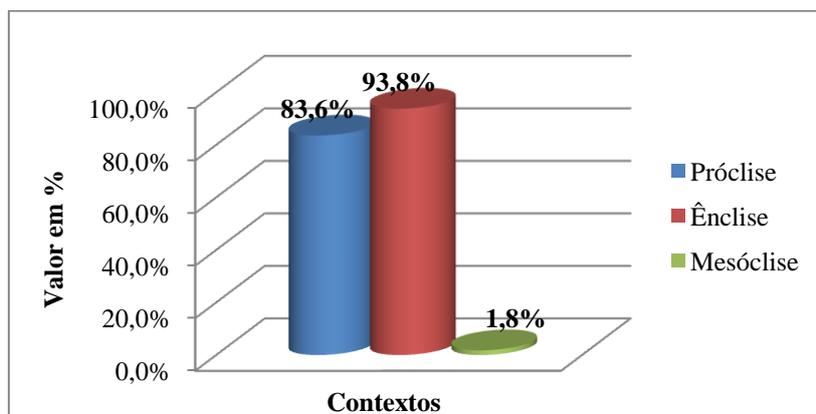


Gráfico 41: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II.

Em jeito de síntese, conclui-se que a ênclise é o padrão de colocação dos pronomes pessoais átonos em que os sujeitos do Grupo II (9º ano) produzem mais frases de acordo com o alvo, alcançando uma percentagem de 93,8%. Segue-se a próclise, com um valor percentual de 83,6% de produções gramaticais. Em terceiro e último lugar, com um valor bastante inferior relativamente aos anteriores (1,8% de produções em conformidade com o alvo), apresenta-se o padrão mesoclítico.

Ao compararmos os resultados do grupo de sujeitos do sexo feminino com os do sexo masculino nos três padrões (ênclise, próclise e mesóclise) (cf. *Gráfico 42*), verificamos que:

(i) os sujeitos do sexo feminino obtiveram uma média mais alta nos padrões enclítico (96,4%, por oposição aos 91,1% do sexo masculino) e mesoclítico (3,6%, enquanto os sujeitos do sexo masculino não produziram frases gramaticais, obtendo 0%);

(ii) os sujeitos do sexo masculino obtiveram uma média mais alta no padrão próclítico (85,7%, contra 81,4% dos sujeitos do sexo feminino).

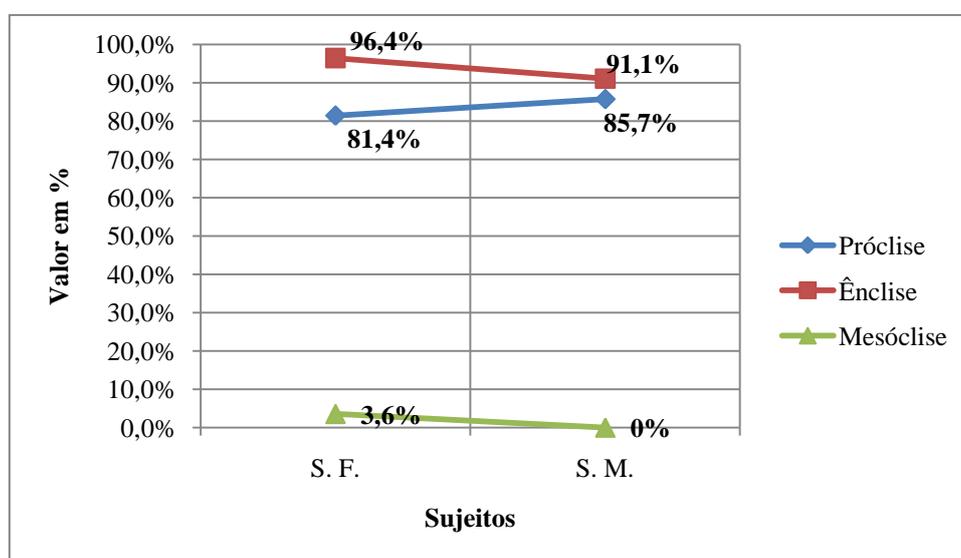


Gráfico 42: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II.

Com base nos dados do *Gráfico 43*, verificamos que todos os sujeitos registaram valores percentuais de produção de ênclise superiores aos de produção de próclise, à exceção do sujeito 7 (SF7II), cujos valores diferem apenas 2% entre os dois padrões, com a produção de próclise a superar a produção de ênclise.

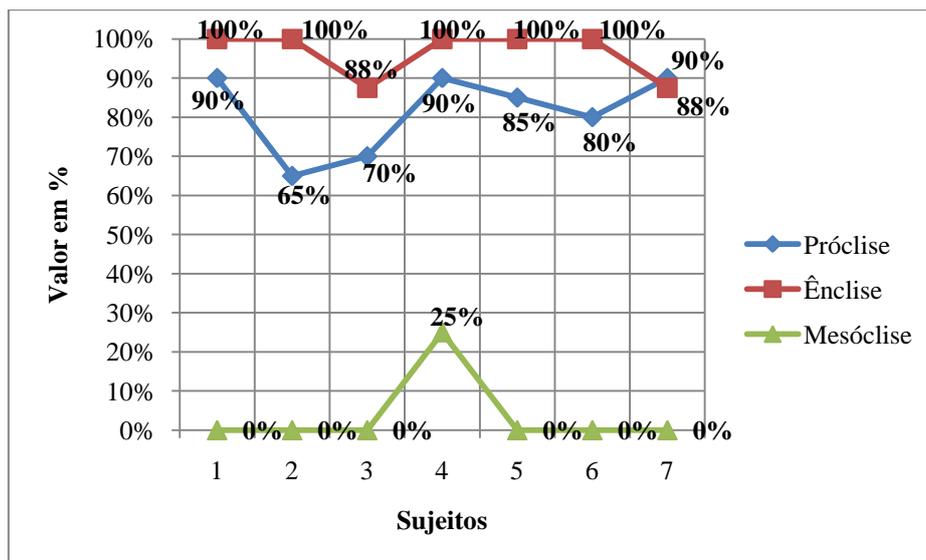


Gráfico 43: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo II.

No que respeita aos sujeitos do sexo masculino (*cf. Gráfico 44*), apenas três obtiveram resultados mais elevados nos contextos proclíticos do que nos enclíticos: os sujeitos SM2II, SM6II e SM7II.

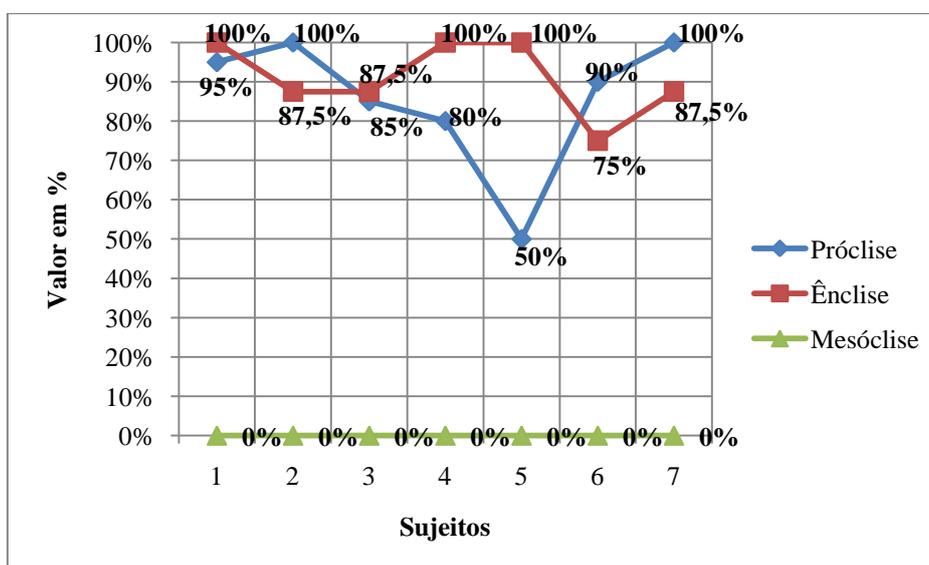


Gráfico 44: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo II.

No que respeita à mesóclise, apenas um sujeito do sexo feminino (SF4II) a produziu numa das quatro frases do teste de produção, representando um valor percentual de 25%.

3.2.2. Resultados do Grupo II no teste de avaliação

Na presente subsecção, proceder-se-á à descrição dos resultados obtidos pelos sujeitos do 9º ano no teste de avaliação, por padrão de colocação. A finalizar, far-se-á uma síntese comparativa do desempenho dos sujeitos nos três padrões de colocação, seguida de uma síntese descritiva das principais conclusões a que os dados nos conduziram.

3.2.2.1. Próclise

O gráfico seguinte (*Gráfico 45*) sintetiza o desempenho dos sujeitos do Grupo II no teste de avaliação quanto à classificação correcta das frases gramaticais e agramaticais que lhes foram apresentadas.

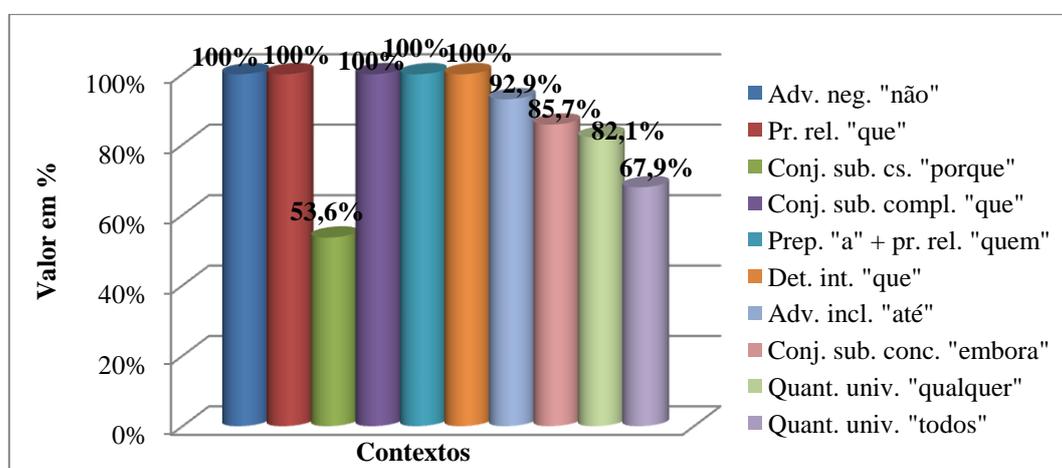


Gráfico 45: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação.

Com base na informação contida no gráfico, verificamos que os sujeitos alcançaram 100% de classificações correctas nos seguintes contextos: advérbio de negação “não”, pronome relativo “que”, conjunção subordinativa completiva “que”, preposição “a” seguida do pronome relativo “quem” e determinante interrogativo “que”. Nos restantes contextos testados, o desempenho dos sujeitos situou-se entre os 53,6%, correspondente à conjunção subordinativa causal “porque”, e os 92,9%, relativo ao advérbio de inclusão “até”.

De seguida, no *Gráfico 46*, é apresentada a média da avaliação de frases gramaticais e agramaticais pelos sujeitos do Grupo II – 9º ano.

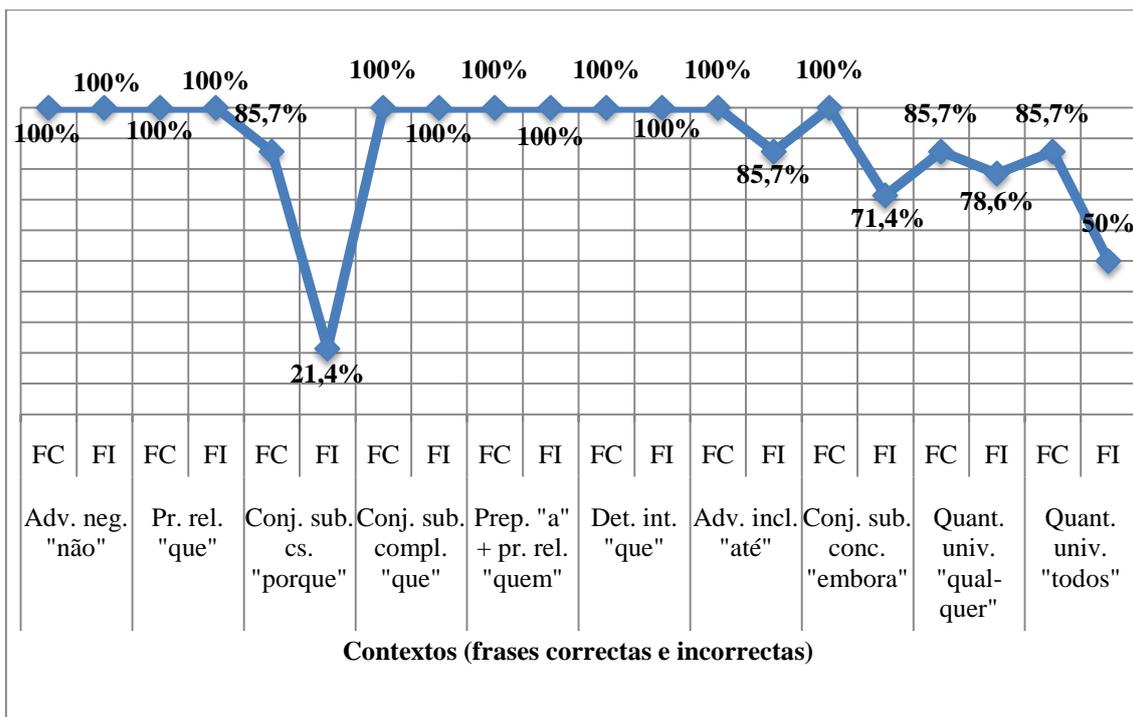


Gráfico 46: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação.

Ao analisar o gráfico, observamos que, em metade dos contextos testados, os sujeitos alcançaram 100% de sucesso quer na classificação de frases gramaticais como correctas quer na correcção de frases agramaticais. Os restantes cinco contextos que ainda colocam dificuldades aos sujeitos são: a conjunção subordinada causal “porque” (85,7% na classificação de frases gramaticais; 21,4% na correcção de frases agramaticais); o advérbio de inclusão “até” (100% na classificação de frases gramaticais; 85,7% na correcção de frases agramaticais); a conjunção subordinativa causal “embora” (100% na classificação de frases gramaticais; 71,4% na correcção de frases agramaticais); o quantificador universal “qualquer” (85,7% na classificação de frases gramaticais; 78,6% na correcção de frases agramaticais) e o quantificador universal “todos” (85,7% na classificação de frases gramaticais; 50% na correcção de frases agramaticais). Tendo em conta o exposto, podemos afirmar que os sujeitos obtiveram melhores resultados no reconhecimento das frases gramaticais como tal do que na correcção das frases agramaticais, cuja tarefa lhes era proposta. De todos os valores percentuais referidos, destaca-se o da correcção de frases com a conjunção subordinativa causal “porque”, que não está de acordo com a gramática-alvo (21,4%, correspondente a 3 ocorrências em 14 sujeitos testados).

O gráfico abaixo apresentado (*Gráfico 47*) integra os resultados obtidos pelos sujeitos do sexo feminino e pelos do sexo masculino.

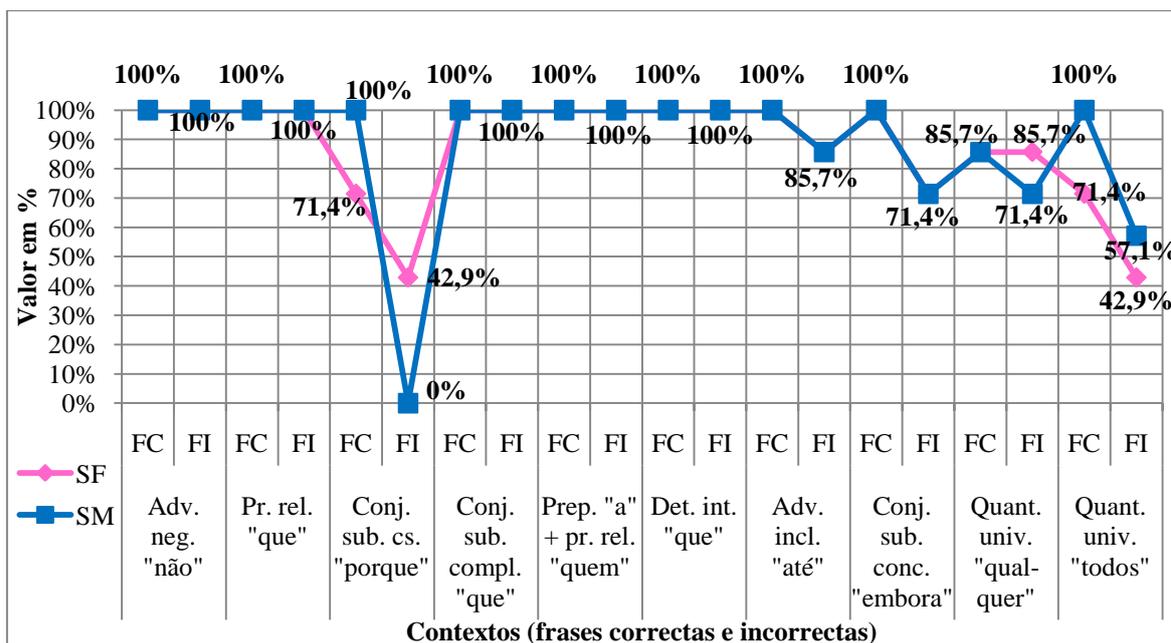


Gráfico 47: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação.

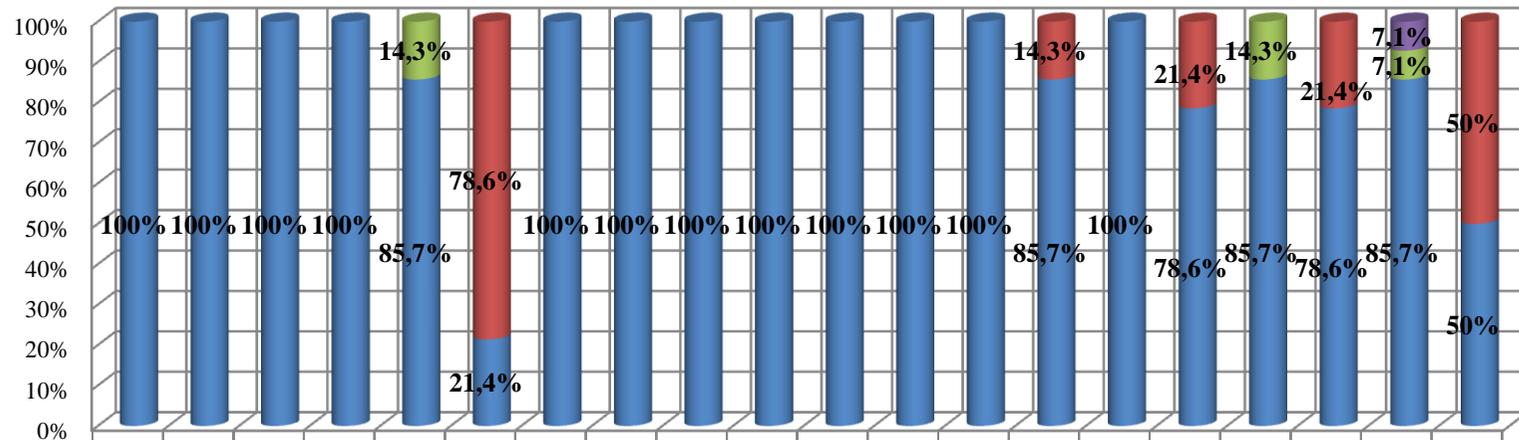
Após a observação dos resultados, constatamos que as diferenças de desempenho entre os dois sexos são praticamente inexistentes, salvo nestes três contextos: a conjunção subordinativa causal “porque” e os quantificadores universais “qualquer” e “todos”. O primeiro destes três contextos é aquele em que se registam maiores discrepâncias com os sujeitos do sexo masculino a reconhecerem todas as frases gramaticais como tal (100%) e a não corrigirem nenhuma das frases agramaticais (0%). Quanto aos sujeitos do sexo feminino, a diferença de desempenho entre a classificação de frases gramaticais (71,4%) e a correcção de frases agramaticais (42,9%) é menos acentuada. Em relação aos quantificadores, refira-se que o desempenho dos sujeitos de ambos os sexos é idêntico no reconhecimento de frases gramaticais com o quantificador universal “qualquer” (85,7%), registando-se uma pequena diferença na correcção de frases agramaticais (85,7% para os sujeitos do sexo feminino contra 71,4% para os sujeitos do sexo masculino). No que concerne ao quantificador universal “todos”, os sujeitos do sexo masculino apresentaram resultados mais elevados do que o sexo oposto (100% na identificação de frases gramaticais contra 71,4% alcançados pelo sexo feminino; 57,1% na correcção de frases agramaticais contra 42,9% do sexo feminino).

Ao analisarmos os resultados individuais (*cf.* anexo 21), destacamos um sujeito do sexo feminino, o sujeito SF5II, por ter identificado todas as frases gramaticais e ter corrigido todas as frases agramaticais de todos os contextos testados. A classificação que este sujeito obteve no final do 2º período lectivo foi o nível 2.

O *Gráfico 48*, apresentado na página seguinte, mostra o desempenho dos sujeitos do Grupo II no teste de avaliação.

Ao analisarmos o gráfico, constatamos que, em cinco dos dez contextos testados, os sujeitos classificaram como correctas todas as frases gramaticais e reconheceram todas as frases agramaticais, procedendo à sua correcção. Nos restantes cinco contextos, os sujeitos manifestaram dificuldades quer na identificação das frases gramaticais quer na correcção das frases agramaticais. Assim, perante a frase gramatical que inclui a conjunção subordinativa causal “porque”, 14,3% dos sujeitos alteraram a frase realizando ênclise por próclise; perante a estrutura agramatical, 78,6% dos sujeitos não a reconheceram como tal e não procederam à sua correcção. Quanto ao advérbio de inclusão “até”, todos os sujeitos reconheceram a estrutura gramatical e 14,3% dos sujeitos não corrigiram a estrutura agramatical. Em relação à conjunção subordinativa concessiva “embora”, todos os sujeitos identificaram a estrutura gramatical, mas 21,4% não reconheceram a estrutura incorrecta e não procederam à respectiva correcção. Perante a estrutura gramatical que inclui o quantificador universal “qualquer”, 14,3% dos sujeitos corrigiram a frase realizando ênclise por próclise; quanto à estrutura agramatical, 21,4% não a reconheceram e não a corrigiram. Relativamente ao quantificador universal “todos”, a maior parte dos sujeitos reconheceu a estrutura gramatical (85,7%), registando-se 7,1% (correspondente a 1 ocorrência) de ênclise por próclise e igual percentagem (7,1%, 1 ocorrência) de ênclise e próclise em simultâneo (*cf.* 115). A estrutura agramatical foi reconhecida e corrigida por 50 % dos sujeitos.

(115) “Todos os jogadores **o saudaram-no** quando entrou no balneário, após o jogo.” (SF7II)



■ Agram.: Próclise e ênclise																				
■ Agram.: Ênclise				14,3%												14,3%			7,1%	
■ Não corrigiram					78,6%								14,3%		21,4%			21,4%		50%
■ Class. Correctas/Corrigiram	100%	100%	100%	100%	85,7%	21,4%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	85,7%	100%	78,6%	85,7%	78,6%	85,7%	50%	

Gráfico 48: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de próclise do teste de avaliação.

3.2.2.2. Ênclise

O *Gráfico 49* apresenta os resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo II na avaliação de frases com o pronome enclítico.

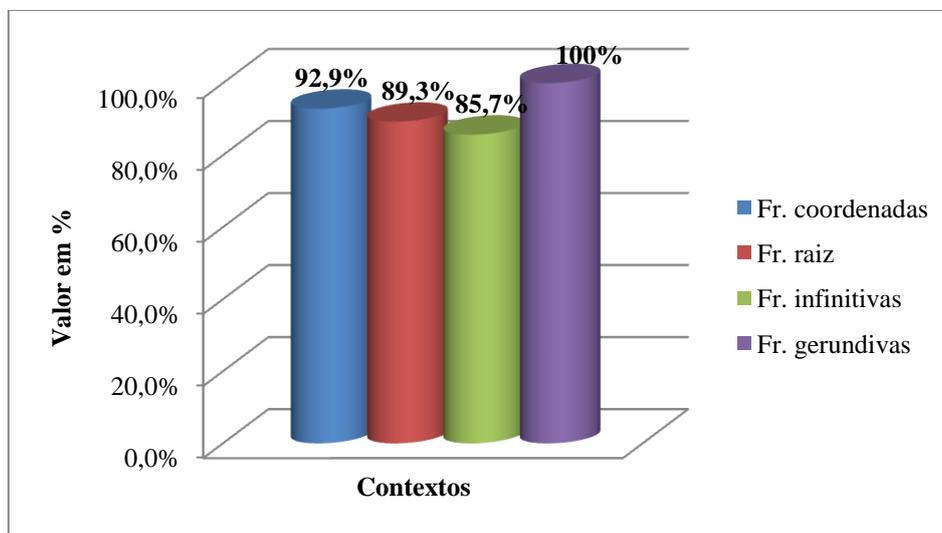


Gráfico 49: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

De acordo com a informação do gráfico, todos os sujeitos reconhecem que o pronome deverá ocupar a posição enclítica nas frases gerundivas. Nos restantes contextos testados, os sujeitos alcançaram melhores resultados nas frases coordenadas (92,9%), seguindo-se as frases raiz (89,3%). O contexto que suscitou mais dúvidas aos sujeitos foi o das frases infinitivas, cujo valor percentual se situa nos 85,7%.

Ao atentarmos no *Gráfico 50*, verificamos que os sujeitos classificaram correctamente todas as frases gramaticais que lhes foram apresentadas, tendo obtido 100% em todos os contextos testados. Quanto às frases agramaticais, os valores oscilam entre os 71,4%, correspondentes à avaliação das frases agramaticais infinitivas e os 100%, obtidos na avaliação das frases agramaticais gerundivas. Nas frases raiz, os sujeitos alcançaram 78,6% e nas frases coordenadas obtiveram 85,7%.

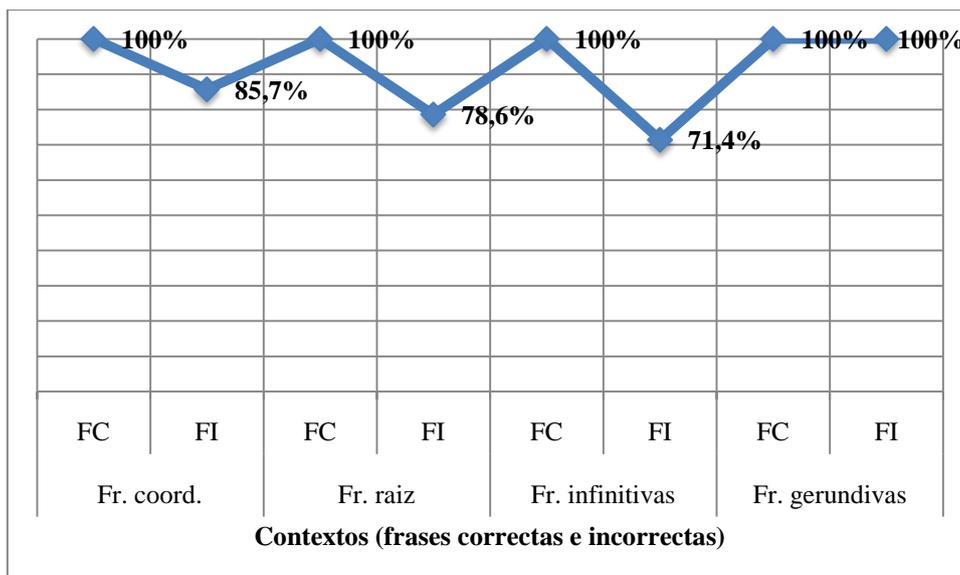


Gráfico 50: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

De acordo com a informação do *Gráfico 51*, abaixo, verificamos que os sujeitos do sexo feminino obtiveram resultados superiores aos dos sujeitos do sexo masculino. Os resultados dos sujeitos do sexo feminino foram regulares quer na avaliação de frases gramaticais quer na avaliação de frases agramaticais, tendo alcançado o valor de 100%, à excepção da percentagem de 85,7%, relativa ao desempenho na avaliação das frases agramaticais infinitivas.

No que respeita aos sujeitos do sexo masculino, verifica-se a existência de grandes discrepâncias entre a avaliação de frases gramaticais e de frases agramaticais, pois alcançaram o valor de 100% na avaliação das frases gramaticais, mas na avaliação de frases agramaticais os valores oscilaram entre os 57,1% e os 71,4%. Nas frases gerundivas, os sujeitos do sexo masculino alcançaram 100% na avaliação das frases gramaticais e das frases agramaticais.

Quanto aos resultados individuais, todos os sujeitos do sexo feminino classificaram correctamente todas as frases gramaticais e agramaticais dos contextos enclíticos, à excepção do sujeito SF5II, que não reconheceu a agramaticalidade da frase infinitiva.

Relativamente aos sujeitos do sexo masculino, apenas três sujeitos obtiveram 100% na classificação das frases gramaticais e agramaticais que lhes foram apresentadas (SM2II; SM4II; SM5II) (*cf.* anexo 22).

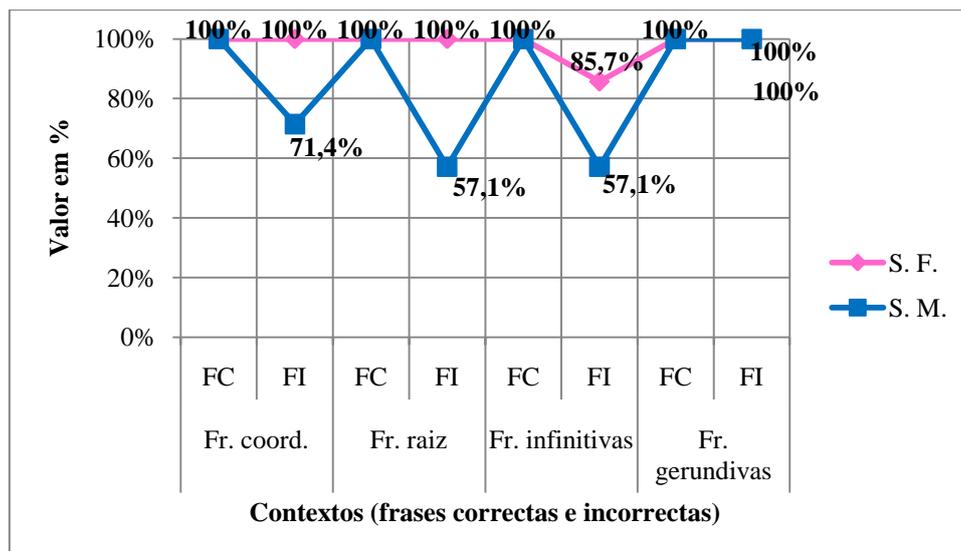


Gráfico 51: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação.

O Gráfico 52, abaixo, sintetiza a avaliação realizada pelos sujeitos e as agramaticalidades produzidas aquando da correcção das frases classificadas como incorrectas. Constatamos que as frases gramaticais não suscitaram dúvidas aos sujeitos, pois em todas alcançaram o valor de 100%. No que toca às frases agramaticais: 14,3% não corrigiram as frases agramaticais coordenadas, 21,4% também não procederam à correcção das frases raiz e 28,6% não corrigiram as frases agramaticais infinitivas.

Quanto às frases gerundivas, os sujeitos identificaram a agramaticalidade da frase incorrecta, porém não a corrigiram de acordo com o pretendido. Embora reconhecendo a posição enclítica do pronome, 7,1% (correspondente a um sujeito) alteraram a forma verbal para o infinitivo (*cf.* 116) e 14,3% (correspondente a dois sujeitos) alteraram a forma verbal para o pretérito perfeito do indicativo (*cf.* 117).

(116) * “A Joana esteve na festa até ao fim **a divertir-se** muito.” (SM3II)

(117) * “A Joana esteve na festa até ao fim **e divertiu-se** muito.” (SF7II; SM1II)

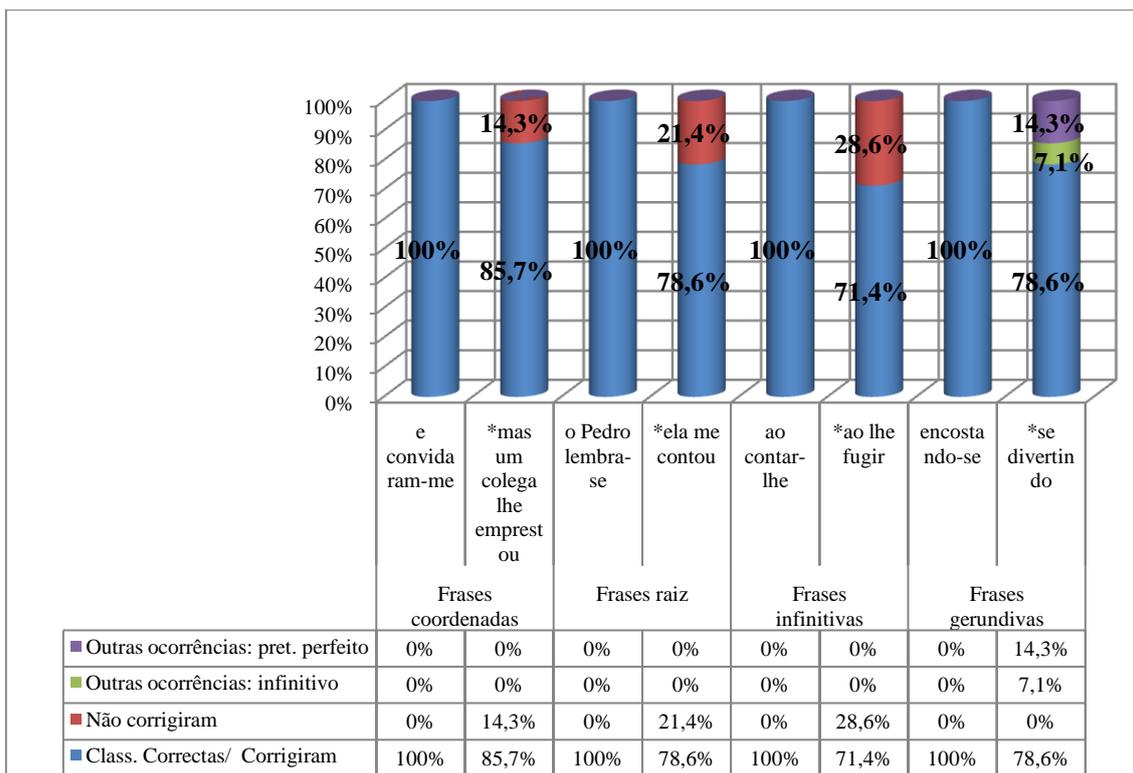


Gráfico 52: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

3.2.2.3. Mesóclise

O *Gráfico 53* apresenta os resultados obtidos pelos sujeitos na avaliação de estruturas mesoclíticas.

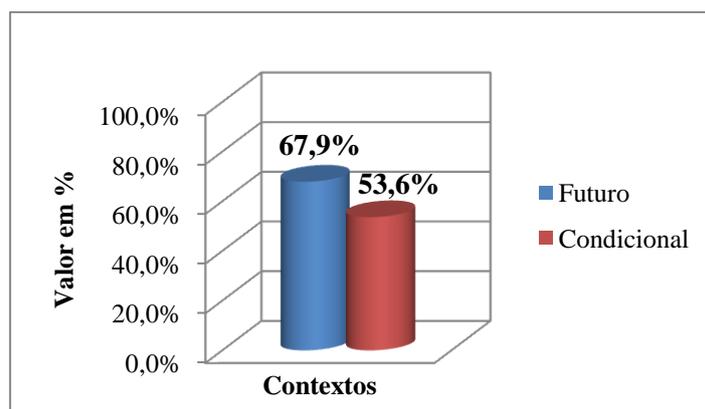


Gráfico 53: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Ao observarmos o gráfico, verificamos que os sujeitos obtiveram um resultado mais elevado na avaliação de frases com a forma verbal no futuro do indicativo (67,9%) e um valor percentual mais baixo nas frases com o condicional (53,6%).

Ao observarmos o *Gráfico 54*, constatamos que existem grandes discrepâncias entre a avaliação de frases gramaticais e a avaliação de frases agramaticais, sendo essa diferença mais acentuada nas frases com o condicional, em que se registaram os valores de 100%, correspondente às avaliações correctas das frases gramaticais, contra 7,1%, relativo à avaliação correcta das frases agramaticais. Quanto às frases com o verbo no futuro do indicativo, os sujeitos alcançaram o valor de 92,9% na avaliação das frases gramaticais, contra 42,9%, referente à avaliação correcta das frases agramaticais.

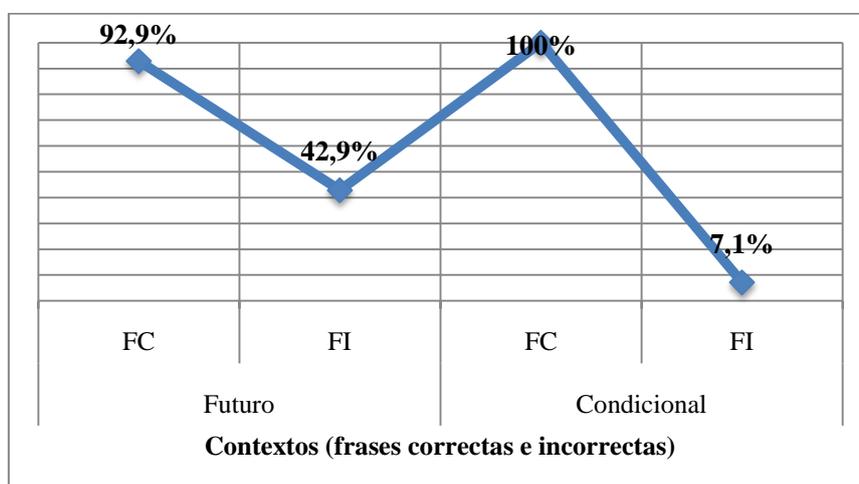


Gráfico 54: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Ao determo-nos nos valores obtidos pelos sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino (*cf. Gráfico 55*), verificamos que os primeiros obtiveram resultados superiores aos dos segundos na avaliação das frases gramaticais com o futuro do indicativo (100%, contra 85,7%, respectivamente) e igual valor na avaliação das frases gramaticais com o condicional (100%). No que respeita às frases agramaticais, os sujeitos do sexo feminino obtiveram resultados superiores em ambos os contextos, com uma maior diferença percentual nas frases com o futuro do indicativo, em que alcançaram 71,4%, contra 14,3% dos sujeitos do sexo masculino. Nas frases agramaticais com o condicional, a diferença percentual foi inferior: os sujeitos do sexo feminino obtiveram o valor de 14,3% (correspondente a 2 ocorrências) e os sujeitos do sexo masculino não corrigiram a frase agramatical que lhes foi apresentada.

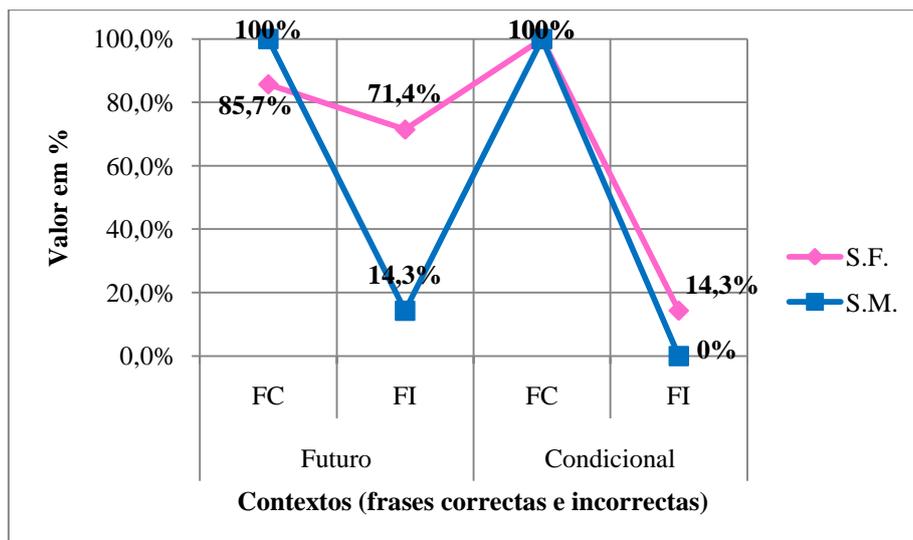


Gráfico 55: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo II nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

No *Gráfico 56*, podemos observar a síntese das avaliações feitas pelos sujeitos testados nos dois contextos mesoclíticos e a forma como procederam à correcção das frases agramaticais.

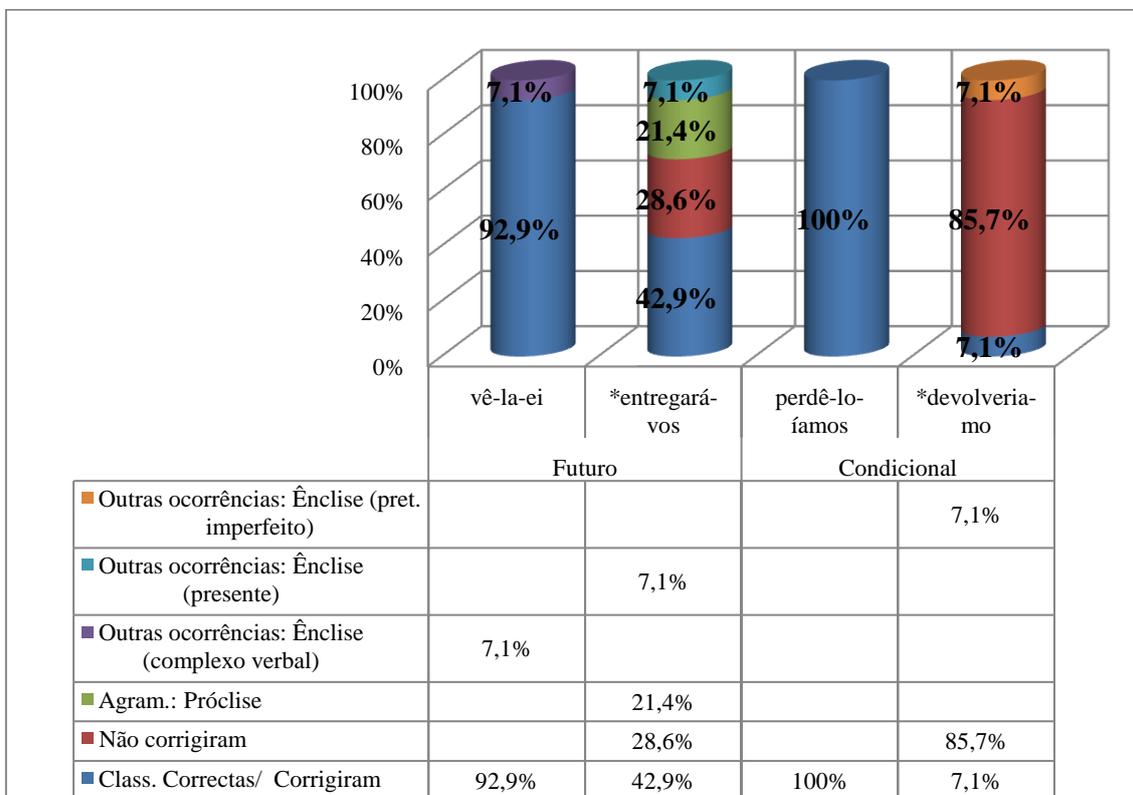


Gráfico 56: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo II nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

Ao observarmos o gráfico, constatamos que, relativamente às frases gramaticais, os sujeitos não revelaram dificuldades, salvo uma ocorrência de ênclise (correspondente a 7,1%) na correção da frase gramatical com o futuro do indicativo acompanhada da substituição desta forma verbal por um complexo verbal:

(118) “Há muito tempo que não estou com a Margarida, mas no sábado **irei vê-la** na festa do Mário.” (SF5II).

Quanto à avaliação e posterior correção da frase agramatical com o futuro do indicativo, os resultados foram os seguintes: 28,6% não a corrigiram; 7,1% optaram pelo padrão enclítico, alterando o tempo da forma verbal para o presente do indicativo (cf. 119); e 21,4% corrigiram a frase, colocando o pronome em posição pré-verbal (cf. 120):

(119) * “Assim que chegarem, a funcionária estará à entrada do edifício e **entrega-vos** toda a documentação.” (SM5II)

(120) * “Assim que chegarem, a funcionária estará à entrada do edifício e **vos entregará** toda a documentação.” (SF3II; SF6II; SM2II)

No que concerne à avaliação da frase agramatical com o condicional, apenas um sujeito procedeu à sua correção de acordo com a gramática-alvo (cf. anexo 23). Um dos sujeitos (7,1%) tentou corrigir a frase, alterando o tempo verbal para o pretérito imperfeito do indicativo e colocando o pronome enclítico (cf. 121); os restantes não a corrigiram (85,7%).

(121) * “Se o Pedro tivesse lido o livro quando lho emprestei, **devolvia-mo** mais cedo.” (SF4II).

3.2.2.4. Síntese comparativa

De seguida, far-se-á a comparação do desempenho linguístico dos sujeitos no teste de avaliação relativamente aos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos.

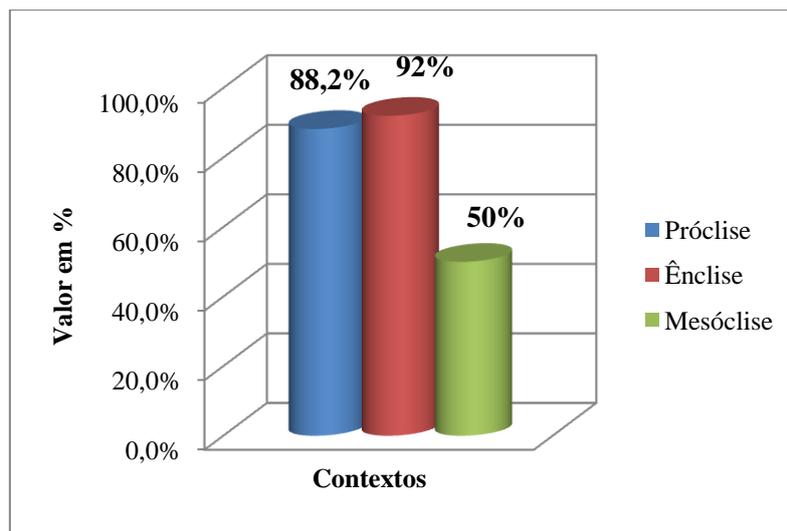


Gráfico 57: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II

Com base na informação do *Gráfico 57*, verificamos que o padrão de colocação que oferece menos dificuldades aos sujeitos do Grupo II (9º ano) é a ênclise, seguida da próclise (88,2%). Na avaliação de frases em que o pronome ocupa a posição mesoclítica, os sujeitos obtiveram o valor percentual de 50%, sendo, assim, o padrão que causa mais dificuldades aos sujeitos.

No *Gráfico 58*, são apresentados os resultados obtidos na avaliação das frases gramaticais e agramaticais por contexto.

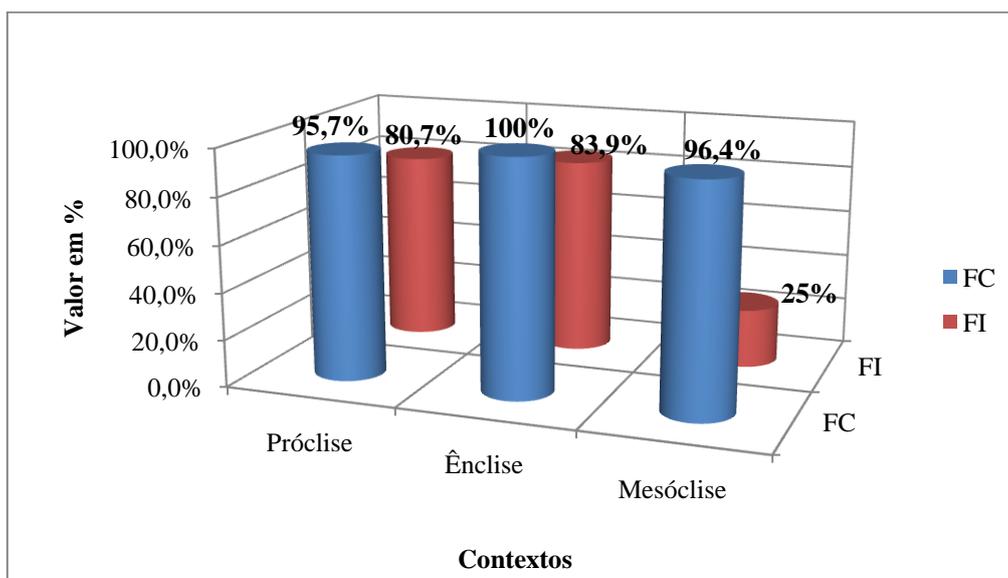


Gráfico 58: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo II

Ao ler a informação do *Gráfico 58*, constatamos que os sujeitos tiveram melhor desempenho linguístico na avaliação de frases gramaticais do que na avaliação de frases agramaticais em todos os contextos, chegando mesmo a alcançar 100% na avaliação das frases gramaticais com o pronome enclítico.

Na avaliação das frases agramaticais, os sujeitos obtiveram sempre resultados inferiores, destacando-se a maior discrepância entre a avaliação das frases agramaticais em contextos de mesóclise (25%) e as frases gramaticais do mesmo contexto (96,4%), ocorrendo, assim, uma diferença de 71,4%.

Seguidamente, com base no *Gráfico 59*, far-se-á a comparação entre o desempenho dos sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino nos três padrões de colocação.

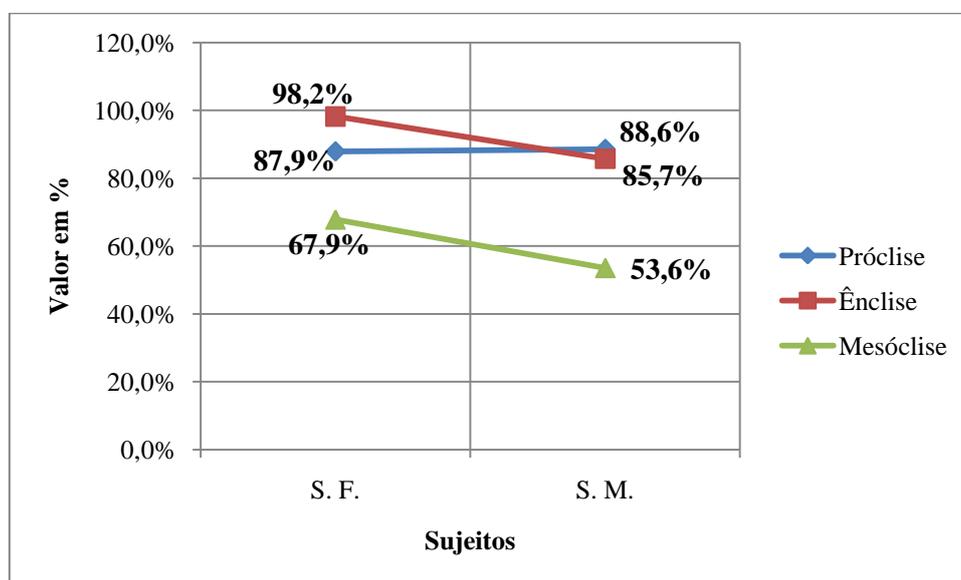


Gráfico 59: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo II

Verificamos que os sujeitos do sexo feminino têm um melhor desempenho na avaliação das frases em que o pronome ocupa a posição enclítica (98,2%), enquanto os sujeitos do sexo masculino obtiveram um melhor resultado na avaliação de frases com o pronome proclítico (88,6%). Neste contexto, os sujeitos do sexo feminino obtiveram o valor de 87,9%. Quanto à ênclise, os sujeitos do sexo masculino obtiveram a percentagem de 85,7%, ligeiramente abaixo do valor obtido em contextos de próclise. A mesóclise é, dos três contextos, aquele em que os sujeitos demonstram ter mais dificuldades; os sujeitos do sexo feminino alcançaram 67,9%, contra os 53,6% obtidos pelos sujeitos do sexo masculino.

Em síntese, os sujeitos do sexo feminino obtiveram resultados mais elevados do que os do sexo masculino nos contextos de ênclise e de mesóclise, enquanto os do sexo masculino obtiveram resultados superiores aos do sexo feminino nos contextos de próclise, embora com uma diferença percentual inexpressiva: 0,7%.

Com base no *Gráfico 60*, depreendemos que todos os sujeitos do sexo feminino têm um melhor desempenho nos contextos de ênclise, à exceção do sujeito SF5II, que obteve melhores resultados nos contextos de próclise. O padrão mesoclítico é aquele em que, no geral, os sujeitos manifestam mais dificuldades, salvo o sujeito SF2II, que avaliou correctamente as frases gramaticais e corrigiu as agramaticais em conformidade com a gramática-alvo. Por sua vez, o sujeito SF7II obteve o mesmo resultado nos contextos de próclise e de mesóclise (75%).

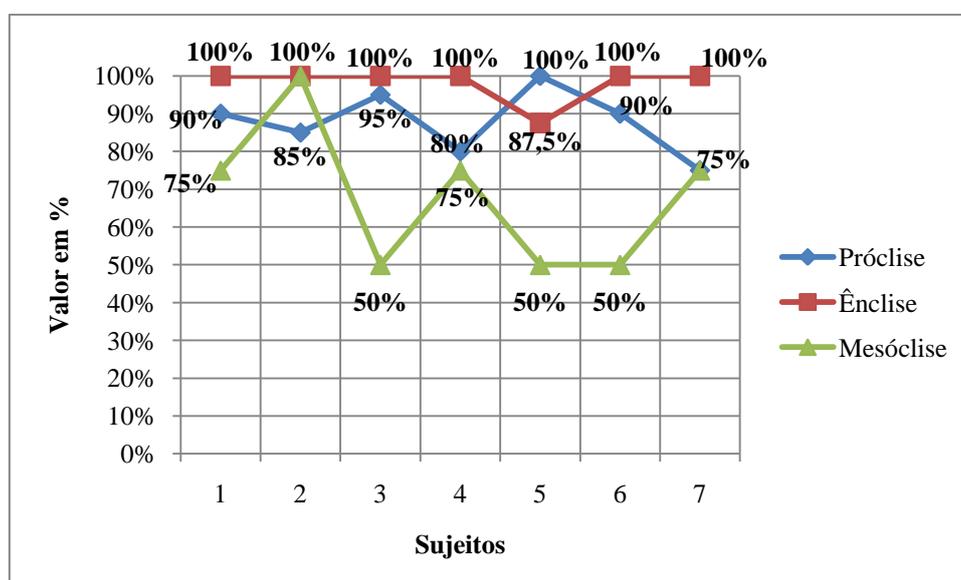


Gráfico 60: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo II

Quanto aos resultados dos sujeitos do sexo masculino, observemos, de seguida, o *Gráfico 61*.

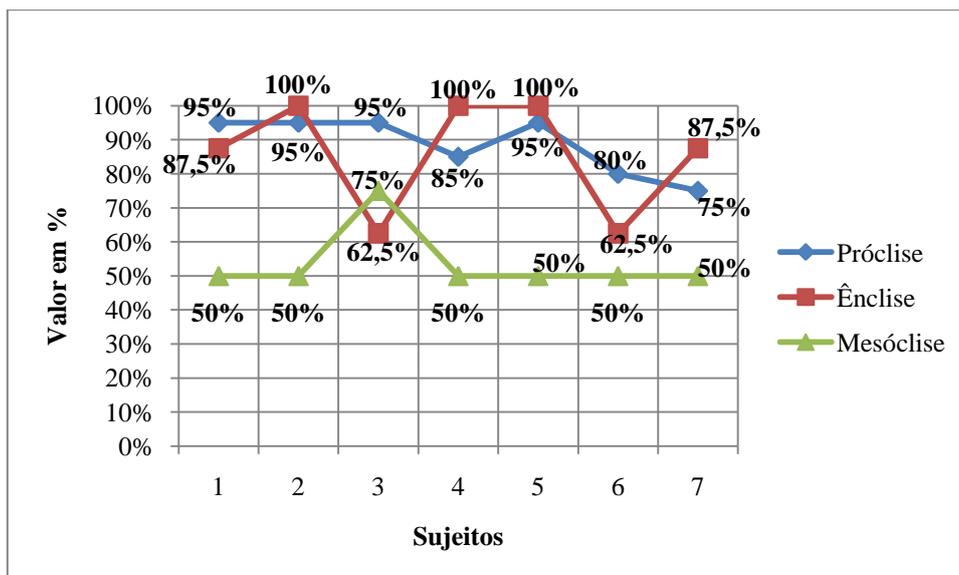


Gráfico 61: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo II.

Em relação ao desempenho dos sujeitos do sexo masculino do Grupo II (9º ano), verificamos que: quatro sujeitos obtiveram melhores resultados nos contextos de ênclise (SM2II, SM4II, SM5II e SM7II); três sujeitos alcançaram melhores resultados nos contextos de próclise (SM1II, SM3II e SM6II); o padrão mesoclítico é aquele que apresenta resultados mais baixos, à exceção do valor percentual alcançado pelo sujeito SM3II, que contraria a tendência dos outros sujeitos, manifestando um melhor desempenho neste padrão (75%) do que no padrão enclítico (62,5%).

3.2.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação

Ao atentarmos no *Gráfico 62*, verificamos que os sujeitos obtiveram melhores resultados no teste de avaliação do que no teste de produção, quer nos contextos de próclise quer nos de mesóclise; todavia no contexto de ênclise constata-se a tendência inversa, embora a diferença entre o valor percentual obtido no teste de produção seja ligeiramente superior ao do teste de avaliação, sendo 93,8% contra 92%, respectivamente.

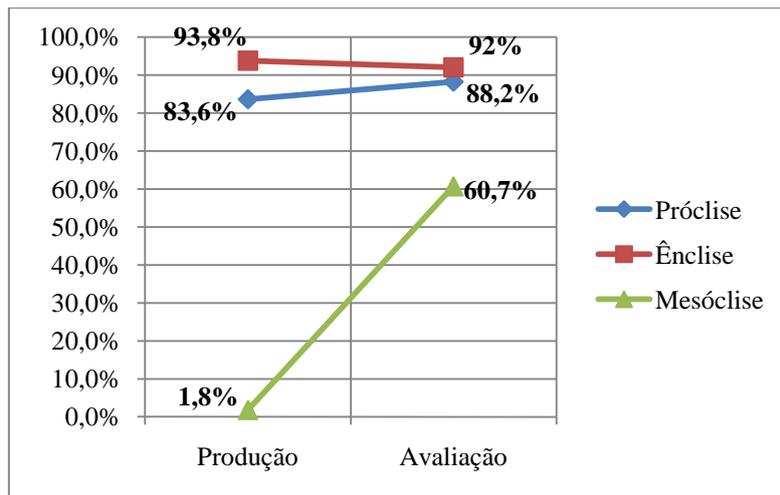


Gráfico 62: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo II no teste de produção e no teste de avaliação.

3.2.4. Síntese final do Grupo II

Concluídas a apresentação e a descrição dos dados relativos ao desempenho dos sujeitos do Grupo II, podemos deduzir o seguinte:

- (i) os resultados do teste de avaliação foram, de um modo geral, superiores aos do teste de produção;
- (ii) os sujeitos reconhecem os seguintes proclisadores: advérbio de negação “não”, pronome relativo “que”, preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”, determinante interrogativo “que”, advérbio de inclusão “até”, conjunção subordinativa completiva “que” e conjunção subordinativa concessiva “embora”;
- (iii) os sujeitos têm dificuldades em reconhecer os seguintes contextos como indutores de próclise: conjunção subordinativa causal “porque”, quantificadores universais “qualquer” e “todos”;
- (iv) como padrão de colocação alternativo à próclise, os sujeitos manifestaram preferência pela ênclise;
- (v) o padrão enclítico não oferece dificuldades aos sujeitos, salvo no que respeita à produção de frases infinitivas, em que optaram pelo padrão proclítico; no teste de avaliação, os sujeitos reconheceram todas as frases gramaticais, mas alguns não procederam à correcção das frases agramaticais;
- (vi) a produção de mesóclise é praticamente inexistente:

- a. no teste de produção, o padrão desviante preferido é a ênclise (com raras ocorrências de alteração do tempo da forma verbal), seguido do padrão proclítico;
 - b. no teste de avaliação, os sujeitos identificam as frases gramaticais do padrão mesoclítico, porém a maior parte deles, perante as frases agramaticais, tem o seguinte desempenho:
 - i. não realiza qualquer tipo de correção;
 - ii. opta pelo padrão proclítico;
 - iii. opta pelo padrão enclítico com alteração do tempo da forma verbal ou substituindo-a por um complexo verbal;
- (vii) o padrão de colocação em que os sujeitos apresentam melhor desempenho linguístico é o enclítico, seguido da próclise e da mesóclise, sendo importante salientar a enorme diferença em termos percentuais entre este último padrão e os dois anteriores, principalmente nos resultados do teste de produção e nos que respeitam à correção das frases agramaticais do teste de avaliação.

3.3. Apresentação e descrição dos resultados do Grupo III

Tal como se procedeu anteriormente, para os Grupos I e II, nesta subsecção serão apresentados e descritos os resultados respeitantes aos sujeitos do Grupo III (adultos) nos testes de produção e de avaliação. Relativamente a cada estímulo, os resultados serão apresentados por padrão de colocação e pela seguinte ordem: próclise, ênclise e mesóclise. A terminar a secção, far-se-á a comparação do desempenho dos sujeitos nos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos seguida de uma síntese dos principais resultados obtidos por este grupo.

3.3.1. Resultados do Grupo III no teste de produção

Seguidamente, serão apresentados os resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo III no teste de produção.

3.3.1.1. Próclise

O *Gráfico 63* apresenta os resultados que os sujeitos do Grupo III (adultos) obtiveram nos contextos de próclise do teste de produção.

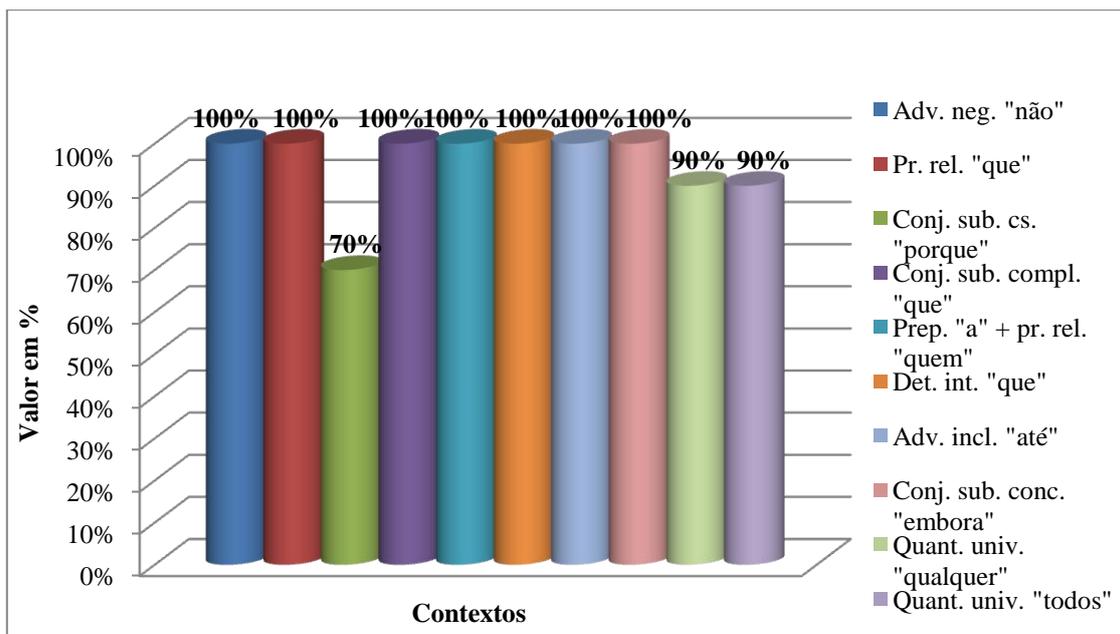


Gráfico 63: Valores percentuais de produção de próclise dos sujeitos do Grupo III.

Pela observação do *Gráfico 63*, constatamos que os sujeitos do Grupo III (adultos) produziram frases gramaticais na maior parte dos contextos em que o pronome deve ocupar a posição pré-verbal, ou seja, com: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “que”, a conjunção subordinativa completiva “que”, a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”, o determinante interrogativo “que”, o advérbio de inclusão “até” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”. As estruturas que apresentam como proclisador a conjunção subordinativa causal “porque” são as que registam a percentagem mais baixa de frases correctas (70%). Com o valor percentual comum de 90%, temos os quantificadores universais “qualquer” e “todos”.

Os dados apresentados no *Gráfico 64* permitem-nos estabelecer a comparação entre a produção de frases gramaticais pelos sujeitos do sexo feminino e pelos sujeitos do sexo masculino. Concluimos que os valores são idênticos, excepto no que diz respeito às estruturas com o quantificador universal “qualquer”. Neste contexto, os sujeitos do sexo feminino produziram 100% de frases gramaticais, mas os sujeitos do sexo masculino alcançaram uma percentagem inferior: 80%.

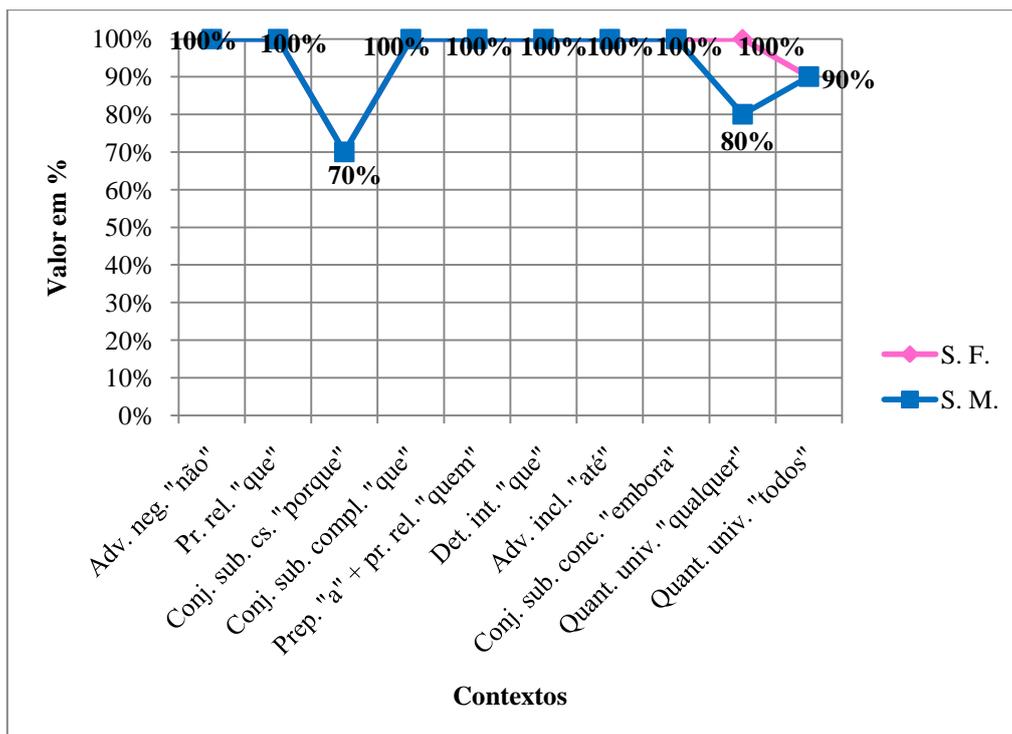


Gráfico 64: Comparação dos valores percentuais obtidos nos contextos de próclise do teste de produção pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III.

Quanto aos resultados individuais (*cf.* anexo 24), dois em cinco sujeitos de cada sexo produziram 100% de frases gramaticais em todos os contextos testados (SF3III, SF4III, SM2III e SM4III). Os restantes sujeitos obtiveram médias percentuais de 90% e 95% e o sujeito 1 do sexo masculino (SM1III) obteve 85%.

O *Gráfico 65* sintetiza a percentagem de produções gramaticais e agramaticais por contexto dos sujeitos do Grupo III (adultos).

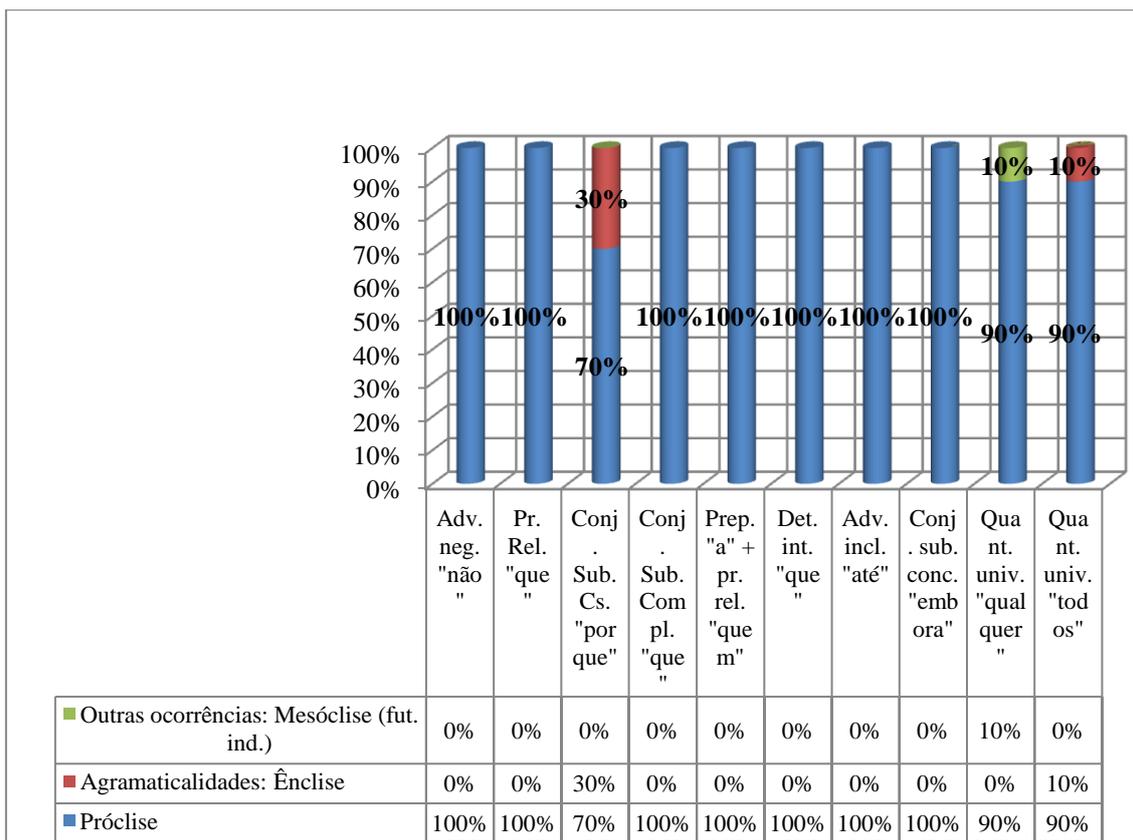


Gráfico 65: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise

De acordo com os dados do gráfico, podemos afirmar que a maior parte dos sujeitos que produziram frases agramaticais colocaram o pronome em posição pós-verbal (8 ocorrências em 20 frases, correspondendo a 40%; *cf.* (122), (123), (124) e (125)).

(122) * “Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque **encontro-o** muitas vezes à saída.” (SF1III).

(123) * “Tenho a certeza que a Maria é uma boa amiga, porque **vê-se** nas atitudes dela.” (SM5III).

(124) * “Todos os teus amigos **saudaram-te** pelo excelente resultado obtido.” (SF5III)

(125) * “Todos os participantes **dizem-nos** que não concordam com o regulamento do concurso.” (SM1III)

Um sujeito optou pelo padrão mesoclítico com alteração do tempo verbal para o futuro do indicativo nas duas frases em que se testava o reconhecimento do quantificador universal “qualquer” como indutor de próclise (2 ocorrências em 20 frases, correspondendo a 10%; *cf.* (126) e (127)).

(126) * “Quando os jogos chegarem, qualquer colega **ensinar-vos-á** a jogar.”
(SM1III)

(127) * “Assim que chegarem à clínica, qualquer funcionário **esclarecer-vos-á** acerca do serviço.” (SM1III)

3.3.1.2. Ênclise

Os dados constantes no *Gráfico 66* mostram que todos os sujeitos obtiveram 100% de produções de acordo com o alvo em todos os contextos testados (*cf.* anexo 25).

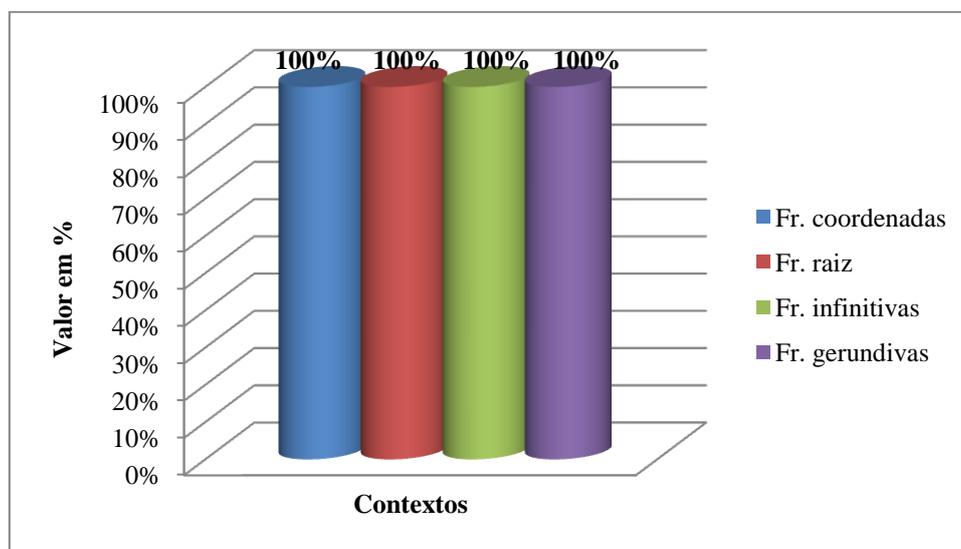


Gráfico 66: Valores percentuais de produção de ênclise dos sujeitos do Grupo III.

Sendo assim, dispensa-se a apresentação do gráfico comparativo das produções dos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, bem como do gráfico que daria conta da natureza das agramaticalidades produzidas, alterando-se, neste grupo, o procedimento que se seguiu para mostrar os resultados dos grupos anteriores (Grupos I e II).

3.3.1.3. Mesóclise

Tendo em consideração os dados do *Gráfico 67*, verificamos que a produção de frases gramaticais com o pronome mesoclítico é superior nas frases com o condicional (95%) do que nas frases com o futuro do indicativo (75%).

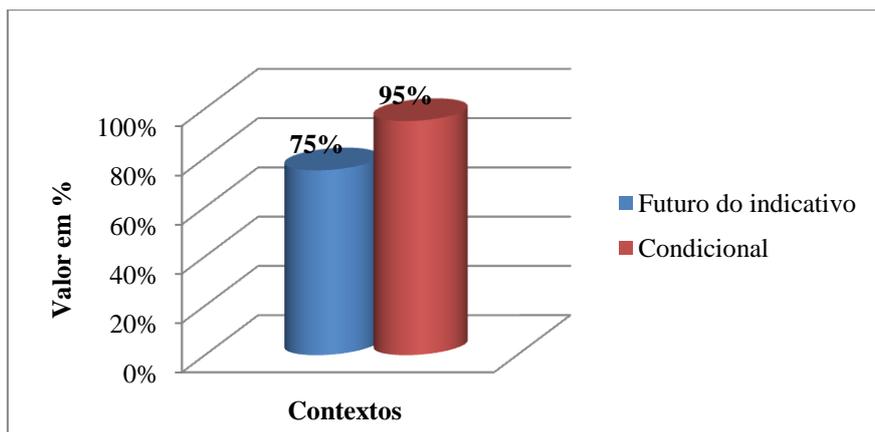


Gráfico 67: Valores percentuais de produção de mesóclise dos sujeitos do Grupo III.

Os sujeitos do sexo feminino apresentam 100% de produções de acordo com o alvo, quando a estrutura em causa é o condicional. Por outro lado, quando o contexto é o futuro do indicativo, o mesmo grupo de sujeitos apresenta a percentagem de produções gramaticais mais baixa, ou seja, 70% (cf. Gráfico 68) (cf. anexo 26).

Quanto aos sujeitos do sexo masculino, as percentagens de frases gramaticais são mais equilibradas: 80% com o futuro do indicativo e 90% com o condicional (cf. Gráfico 68).

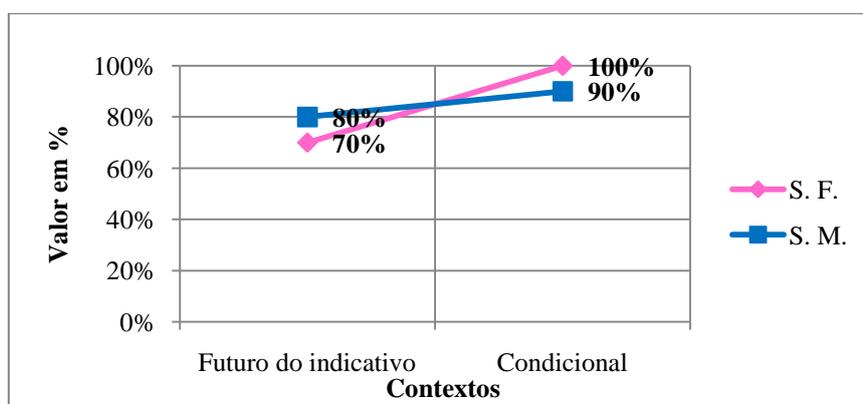


Gráfico 68: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de produção.

Atentando nos dados apresentados no Gráfico 69, verifica-se que a maior parte das produções dos sujeitos é gramatical.

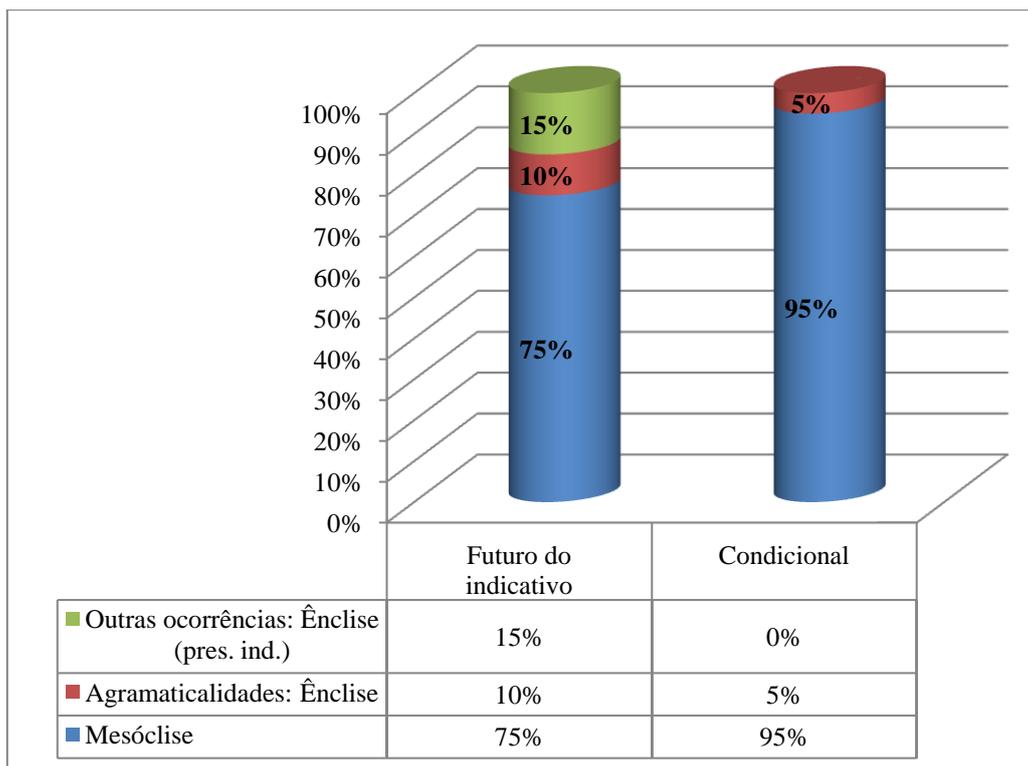


Gráfico 69: Valores percentuais de produções gramaticais, agramaticais e de outras ocorrências dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise.

Os sujeitos que não produziram frases de acordo com a gramática-alvo seleccionaram o padrão enclítico: 10% nas frases com o futuro do indicativo (2 ocorrências em 20 frases; *cf.* (128)) e 5% nas frases com o condicional (1 ocorrência em 20 frases; *cf.* (129)).

(128) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **ofereceremos-lhes** duas caixas de bombons.” (SF5III; SM1III)

(129) * “Se eles te tivessem visto na ecopista, **teriam-me** contado.” (SM2III)

Em 3 frases (num total de 20), os sujeitos optaram pela ênclise procedendo à alteração do tempo verbal para o presente do indicativo (*cf.* (130)).

(130) * “Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos **oferecemos-lhe** duas caixas de bombons.” (SF1III; SF4III; SM5III)

3.3.1.4. Síntese comparativa

Consideremos o *Gráfico 70* e verificamos que a ênclise é o padrão de colocação dos pronomes pessoais átonos em que os sujeitos alcançaram a percentagem máxima de

produções gramaticais. Segue-se-lhe a próclise, com uma média de produção de 95% e, por último, a mesóclise com 85%.

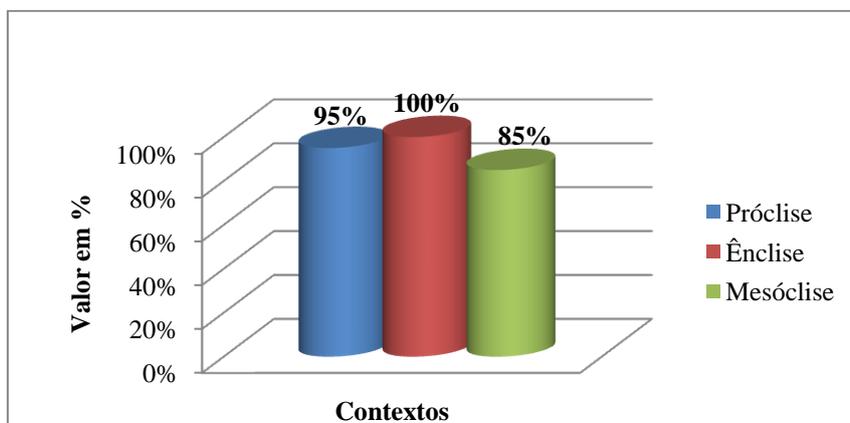


Gráfico 70: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III.

Quanto aos valores percentuais por grupo de sujeitos – sexo feminino e sexo masculino –, verifica-se um equilíbrio entre as produções de ambos os grupos em todos os padrões. (cf. *Gráfico 71*). Nos padrões enclítico e mesoclítico, a percentagem de produções gramaticais é idêntica: 100% e 85%, respectivamente. No que respeita à próclise, regista-se uma diferença mínima de 2%, com vantagem para os sujeitos do sexo feminino (96% e 94%).

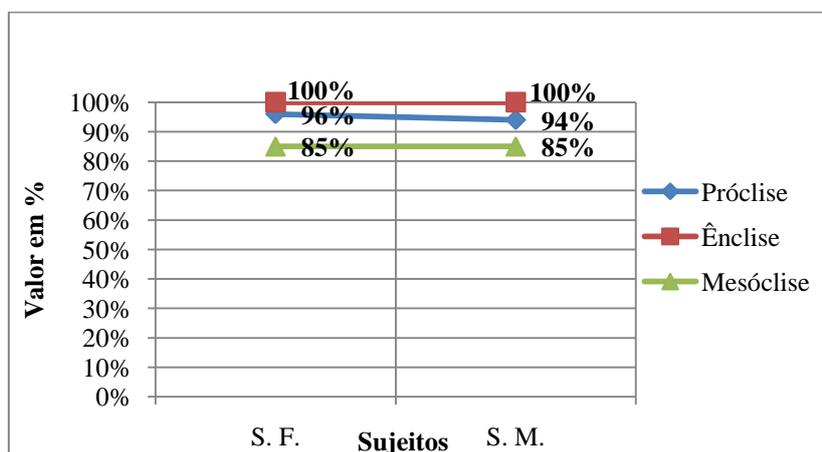


Gráfico 71: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III.

Se observarmos o *Gráfico 72*, constatamos que, do sexo feminino, apenas um sujeito regista todas as produções gramaticais de todos os contextos – o SF3III. O sujeito

SF2III contraria a tendência geral ao apresentar mais produções gramaticais no padrão mesoclítico (100%) do que no proclítico (95%).

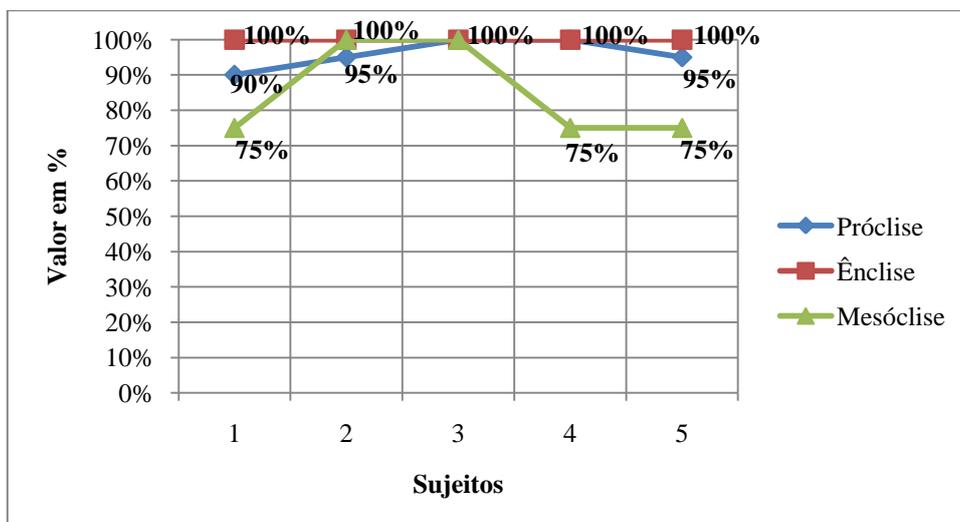


Gráfico 72: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo III.

Os dados do *Gráfico 73* mostram que, à semelhança do que foi referido anteriormente, apenas um sujeito apresenta 100% de produções de acordo com o alvo em todos os padrões (SM4III). Também existe um sujeito que inverte a tendência geral, conseguindo melhores resultados na mesóclise do que na próclise (SM3III).

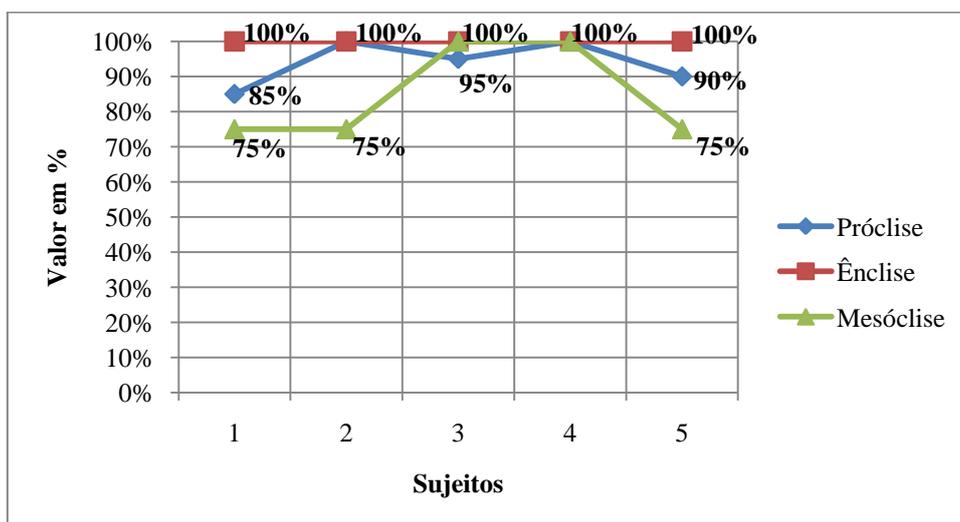


Gráfico 73: Valores percentuais da média global de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo III.

3.3.2. Resultados do grupo III no teste de avaliação

Segue-se a apresentação e descrição dos resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo III (adultos) no teste de avaliação, por padrão de colocação.

3.3.2.1. Próclise

O *Gráfico 74* apresenta os resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo III no teste de avaliação.

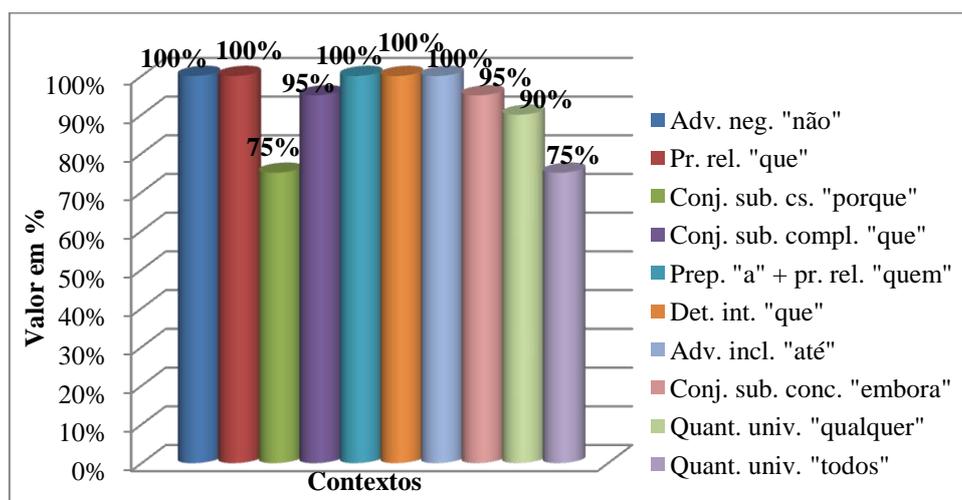


Gráfico 74: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação.

De acordo com a informação apresentada, os sujeitos do Grupo III obtiveram 100% de sucesso na avaliação de frases de cinco dos dez contextos testados. Os restantes cinco contextos que causam problemas aos sujeitos são, por ordem crescente de dificuldade: a conjunção subordinativa causal “porque” e o quantificador universal “todos” (75%), o quantificador universal “qualquer” (90%), a conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “que” (95%) (*cf.* anexo 27)

De seguida, no *Gráfico 75*, pode-se observar o desempenho dos sujeitos do Grupo III no que respeita à identificação de frases gramaticais como correctas e à classificação e respectiva correcção de frases agramaticais. De acordo com os dados, constatamos que a identificação e correcção de frases agramaticais causam mais problemas aos sujeitos do que a identificação de frases de acordo com a gramática-alvo. Tal verifica-se nos seguintes contextos: conjunção subordinativa causal “porque” (90% nas frases gramaticais; 60% nas frases agramaticais); conjunção subordinativa completiva “que”

(100% nas frases gramaticais; 90% nas frases agramaticais); conjunção subordinativa concessiva “embora” (100% nas frases gramaticais; 90% nas frases agramaticais) e quantificador universal “todos” (80% nas frases gramaticais; 70% nas frases agramaticais).

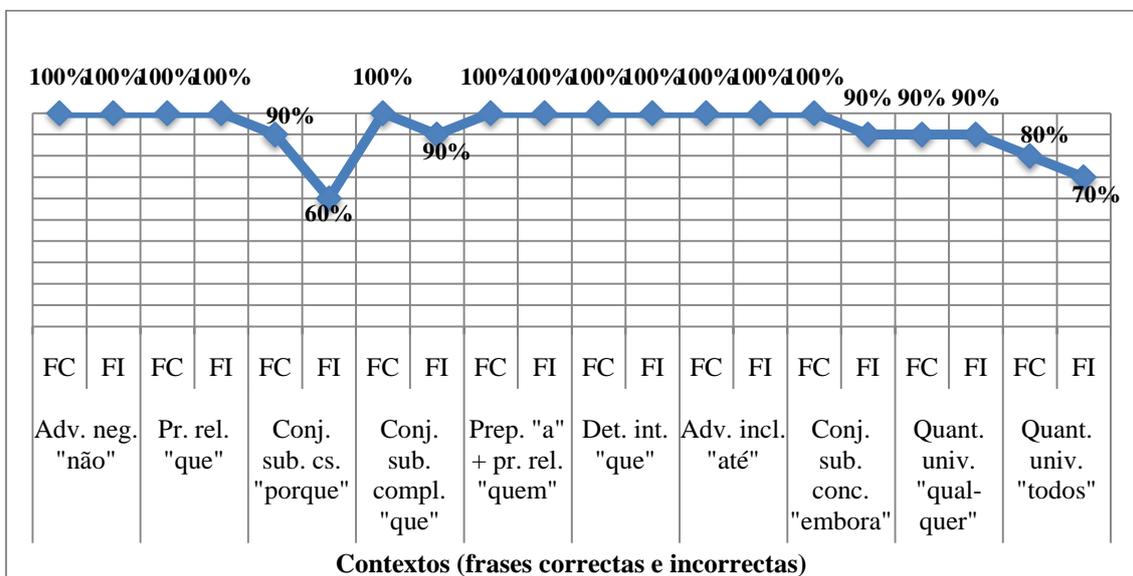


Gráfico 75: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação.

Ao observarmos o *Gráfico 76*, verificamos que os sujeitos do sexo feminino alcançaram resultados iguais ou superiores aos do sexo masculino em todos os contextos testados, excepto no que toca à identificação e correcção da estrutura agramatical da conjunção subordinativa completiva “que”. Importa, ainda, salientar o resultado alcançado pelos sujeitos do sexo masculino na identificação e correcção das frases agramaticais da conjunção subordinativa causal “porque” (40%) e do quantificador universal “todos” (40%). No que respeita à identificação das frases gramaticais dos contextos referidos, os sujeitos alcançaram 80% e 60%, respectivamente.

Os sujeitos do sexo feminino registaram uma elevada e constante percentagem de sucesso (100%), à excepção dos resultados relativos à identificação e correcção das frases agramaticais da conjunção subordinativa causal “porque” (80%) e da conjunção subordinativa completiva “que” (80%).

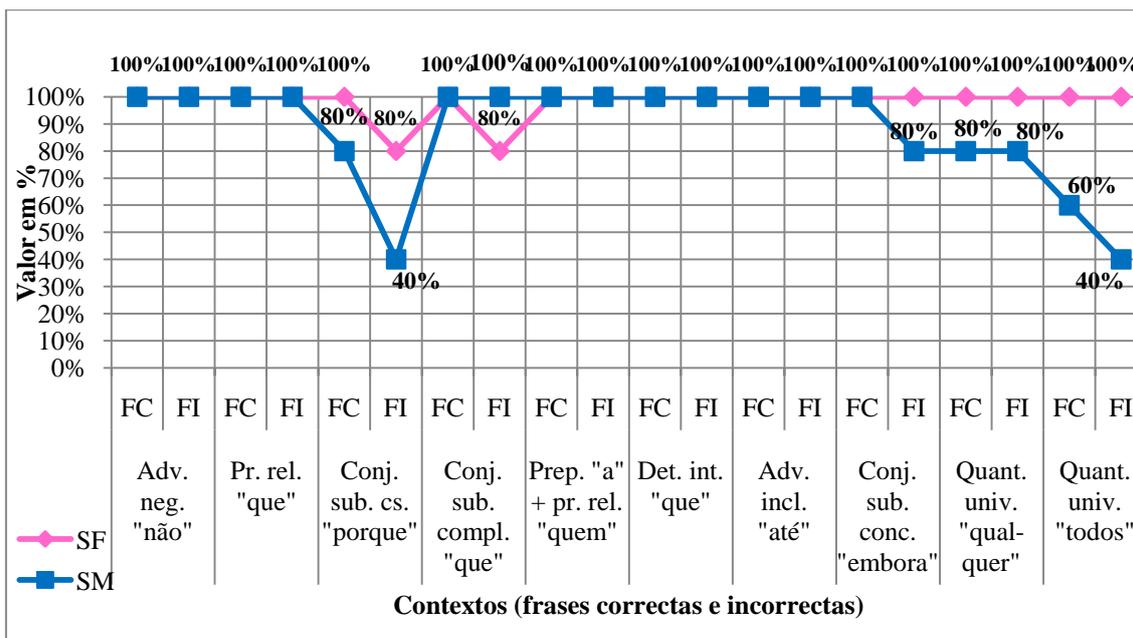


Gráfico 76: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de próclise do teste de avaliação.

De seguida, é apresentado o *Gráfico 77*, que dá conta dos padrões de colocação seleccionados pelos sujeitos quando não consideraram a próclise o padrão de colocação conforme à gramática-alvo.

A partir da observação dos resultados do gráfico, verificamos que metade dos contextos testados não oferecem qualquer problema aos sujeitos, porém nos restantes cinco contextos surgem alguns casos de agramaticalidades decorrentes da selecção de um padrão de colocação não conforme à gramática-alvo.

Aquando da avaliação da frase gramatical com a conjunção subordinativa causal “porque”, 10% dos sujeitos (equivalente a 1 ocorrência) consideraram a frase agramatical, procedendo à sua correcção através da selecção do padrão enclítico. Quanto à avaliação da frase agramatical, 60% dos sujeitos identificaram-na como tal, corrigindo-a, enquanto os restantes sujeitos (40%) a aceitaram como correcta e não a corrigiram. O sujeito SM4III considerou a frase gramatical correcta, mas também aceita o padrão enclítico (*cf.* 131). Quando confrontado com a frase agramatical, o mesmo sujeito considerou-a correcta, mas também aceita o padrão proclítico (*cf.* 131).

(131) * “A Maria teve de ir ao hospital, porque o filho **sentiu-se** mal enquanto fazia a digestão.” (SM4III)

(132) */ “A Ana está descansada, porque o Luís **dá-lhe / lhe dá** boleia até à porta do escritório.” (SM4II).

Ao avaliarem a frase gramatical com o quantificador universal “todos”, 20% dos sujeitos (2 ocorrências) consideraram-na incorrecta e corrigiram-na seleccionando o padrão enclítico. No que toca à frase agramatical, 70% dos sujeitos (7 ocorrências) corrigiram-na, mas 30% dos sujeitos (3 ocorrências) não a corrigiram.

Relativamente à conjunção subordinativa completiva “que” e à conjunção subordinativa concessiva “embora”, apenas um sujeito (10%) aceitou as frases agramaticais como correctas; todos os sujeitos consideraram as frases gramaticais conformes à gramática-alvo.

No que respeita ao quantificador universal “qualquer”, nove sujeitos (90%) avaliaram as frases de acordo com a gramática-alvo, contudo, um sujeito (10%) corrigiu a frase gramatical e a frase agramatical seleccionando o padrão mesoclítico para a colocação do pronome.

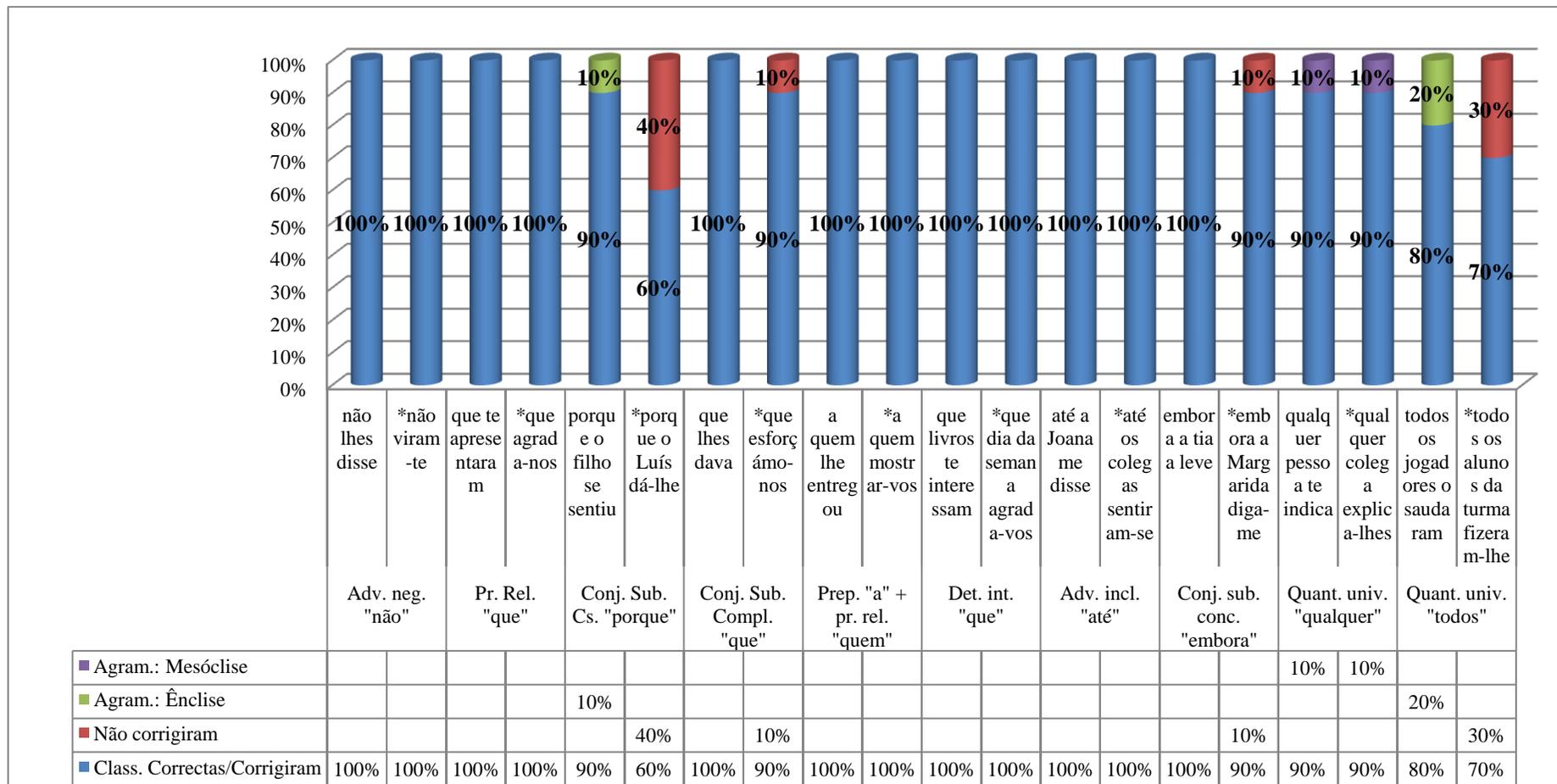


Gráfico 77: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de próclise do teste de avaliação.

3.3.2.2. Ênclise

De seguida, far-se-á a descrição dos resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo III (adultos) em contextos de ênclise.

Com base no *Gráfico 78*, verificamos que os sujeitos alcançaram 100% de sucesso na avaliação das frases raiz e 95% na avaliação das frases dos restantes contextos testados, a saber: frases coordenadas, frases infinitivas e frases gerundivas (*cf.* anexo 28).

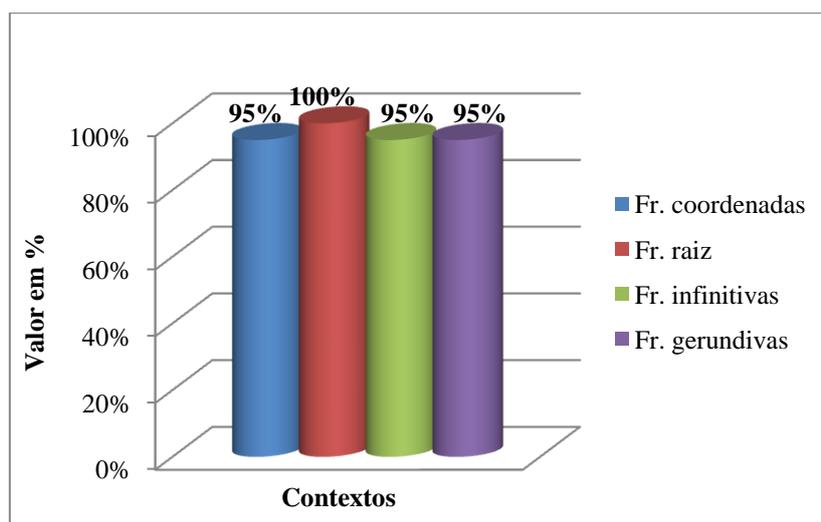


Gráfico 78: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

O *Gráfico 79* informa acerca dos resultados obtidos na avaliação das frases gramaticais e das frases agramaticais em contextos de ênclise.

Embora as diferenças entre a avaliação das frases gramaticais e agramaticais não sejam significativas, verifica-se que em três dos quatro contextos testados, os sujeitos tiveram melhor desempenho na avaliação das primeiras (frases coordenadas, infinitivas e gerundivas), tendo obtido 100%, contra os 90% alcançados na avaliação das frases agramaticais. Relativamente às frases raiz, o resultado é de 100% quer nas frases gramaticais quer nas agramaticais.

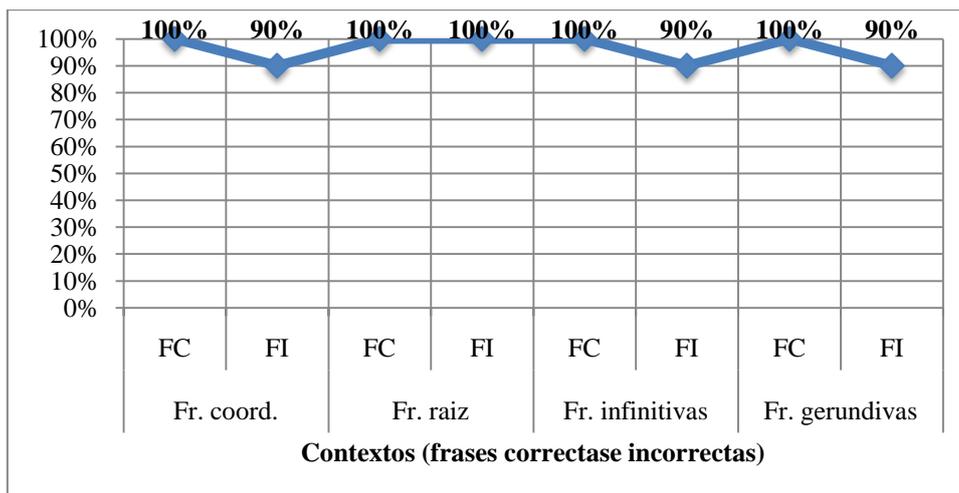


Gráfico 79: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

Quanto à comparação do desempenho dos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, de acordo com os resultados apresentados no *Gráfico 80*, constatamos que os sujeitos do sexo masculino obtiveram 100% na avaliação de todas as frases enquanto os sujeitos do sexo feminino obtiveram uma percentagem inferior, de 80% (correspondente a quatro ocorrências em cinco sujeitos), na avaliação das frases agramaticais coordenadas, infinitivas e gerundivas.

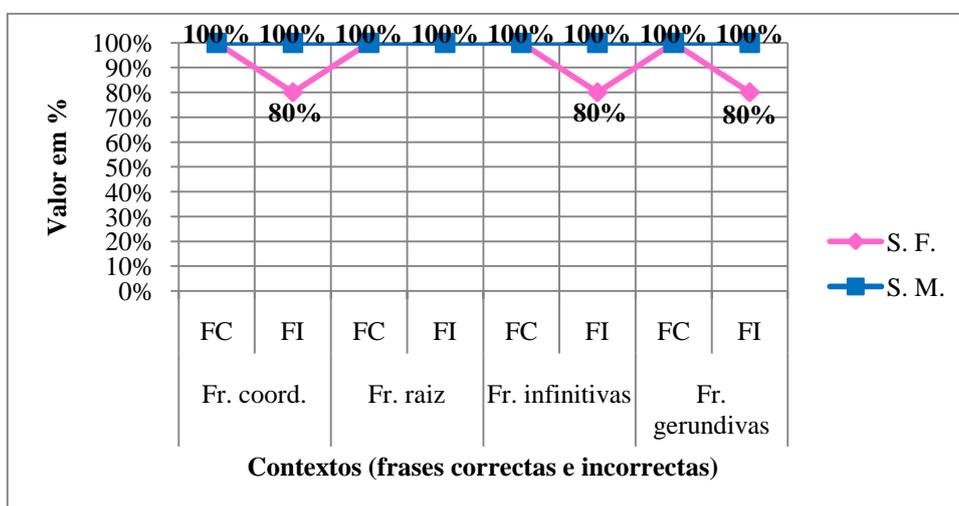


Gráfico 80: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de ênclise do teste de avaliação.

Na avaliação e posterior correcção das frases apresentadas, os sujeitos não escolheram outros padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos, como se confirma no *Gráfico 81*. Perante as frases apresentadas, os sujeitos ou corrigiram as frases de acordo

com a gramática-alvo ou não procederam à sua correcção. Não foram corrigidas as frases agramaticais coordenadas, infinitivas e gerundivas

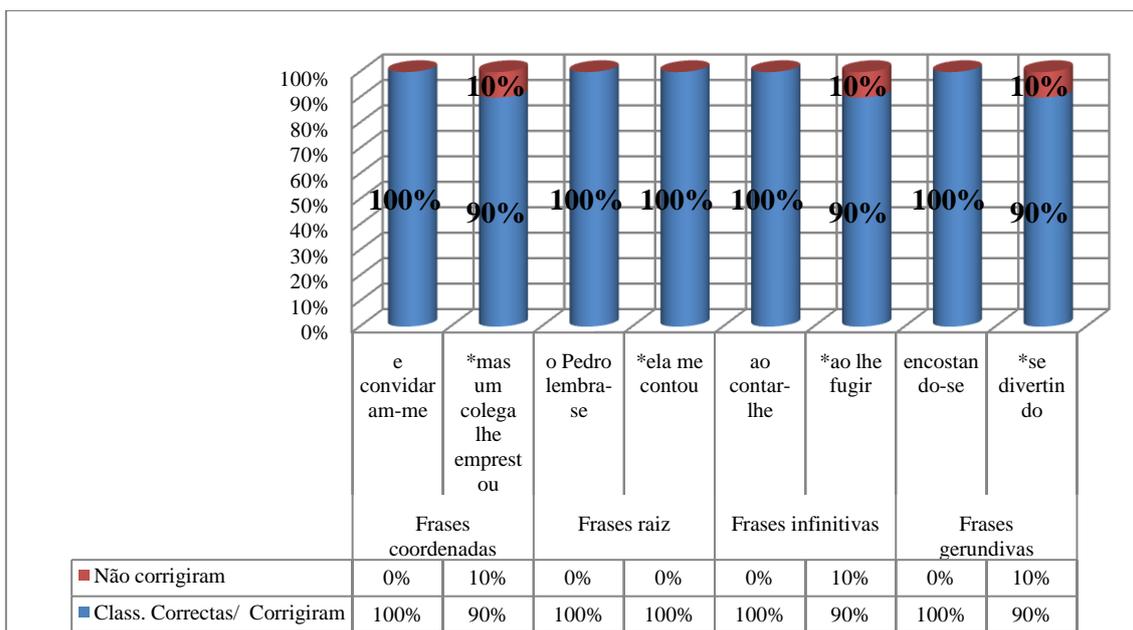


Gráfico 81: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de ênclise do teste de avaliação.

3.3.2.3. Mesóclise

Segue-se a apresentação dos resultados obtidos pelos sujeitos do Grupo III (adultos) em contextos de mesóclise.

Segundo as informações do *Gráfico 82*, todos os sujeitos avaliaram correctamente as frases apresentadas em contextos de mesóclise, tendo obtido o valor percentual de 100% (cf. anexo 29).

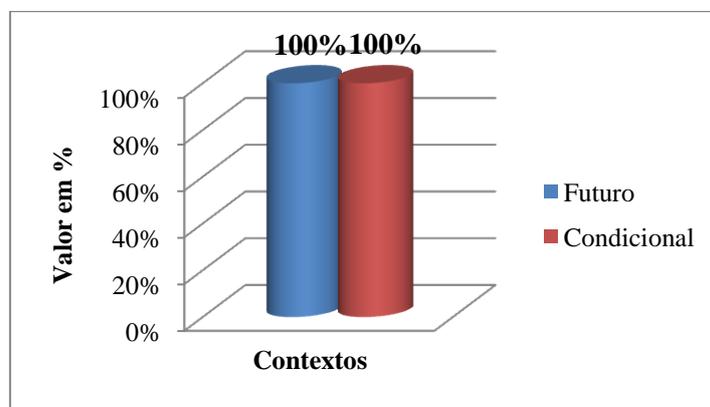


Gráfico 82: Valores percentuais de classificações correctas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

A informação do *Gráfico 83* confirma o que foi referido anteriormente: todos os sujeitos identificaram as frases gramaticais como tal e procederam à correcção das frases agramaticais de acordo com a gramática-alvo, por isso os valores apresentados são de 100%.

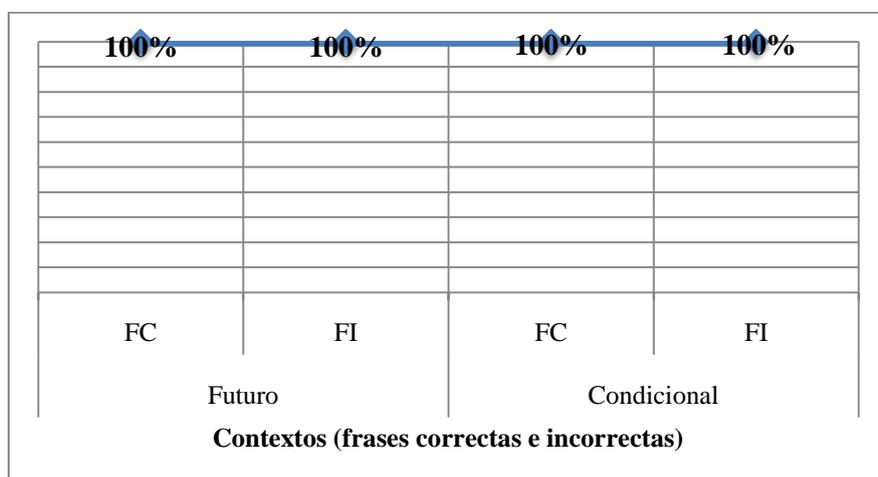


Gráfico 83: Valores percentuais da avaliação de frases correctas e incorrectas dos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

O *Gráfico 84*, ao estabelecer a comparação entre os resultados dos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, vem confirmar o que já foi referido: todos os sujeitos de ambos os sexos alcançaram o valor percentual de 100%.

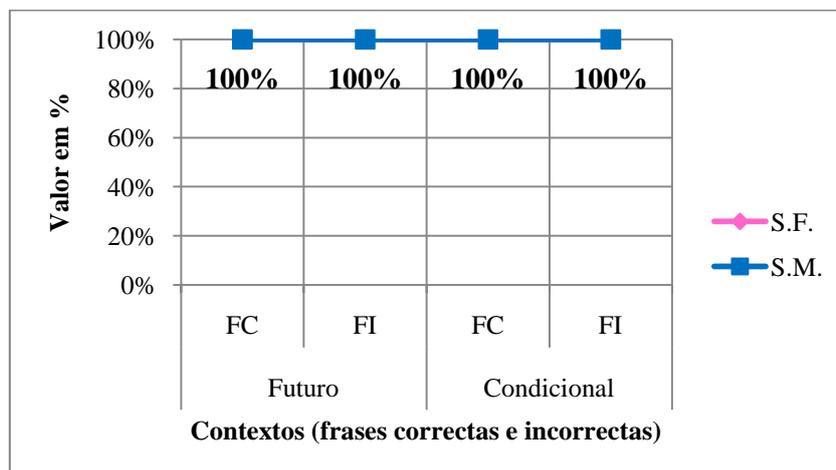


Gráfico 84: Comparação dos valores percentuais obtidos pelos sujeitos masculinos e femininos do Grupo III nas frases correctas e incorrectas dos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

O *Gráfico 85*, para além de confirmar a informação anteriormente referida, dá-nos conta de um sujeito que alterou a frase correcta do condicional substituindo o condicional

simples pelo condicional composto, mantendo, contudo, o pronome em posição mesoclítica (cf. 133)³⁴.

(133) “O autocarro partiu às oito horas; se tivéssemos saído de casa cinco minutos depois, **tê-lo-íamos perdido.**” (SM4III)

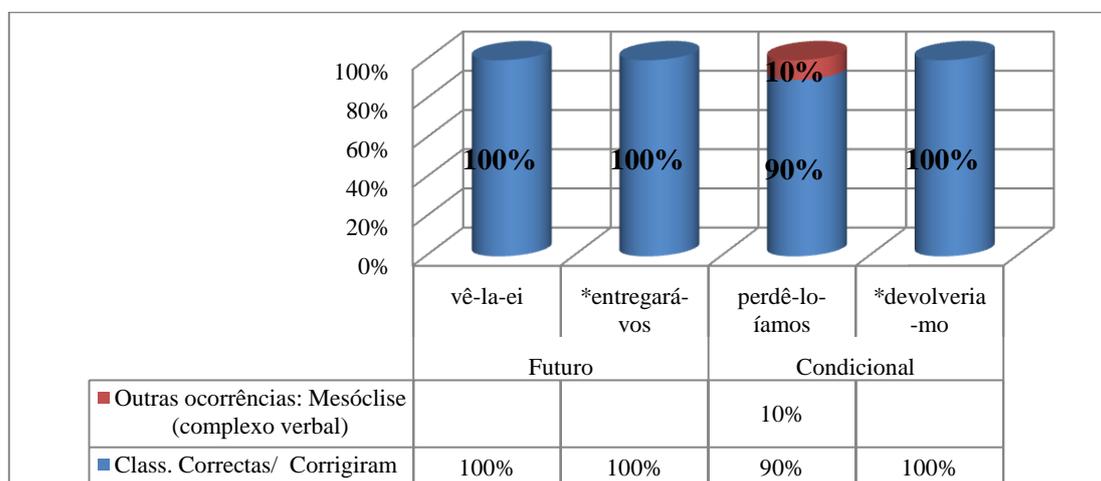


Gráfico 85: Valores percentuais dos padrões de colocação escolhidos pelos sujeitos do Grupo III nos contextos de mesóclise do teste de avaliação.

3.3.2.4. Síntese comparativa

Seguidamente, será feita a comparação do desempenho dos sujeitos do Grupo III nos contextos testados dos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos.

De acordo com a informação apresentada no *Gráfico 86*, verificamos que os sujeitos alcançaram 100% de sucesso nos contextos de mesóclise, seguindo-se os contextos de ênclise com 96,3% e, por fim, os contextos de próclise com 93%.

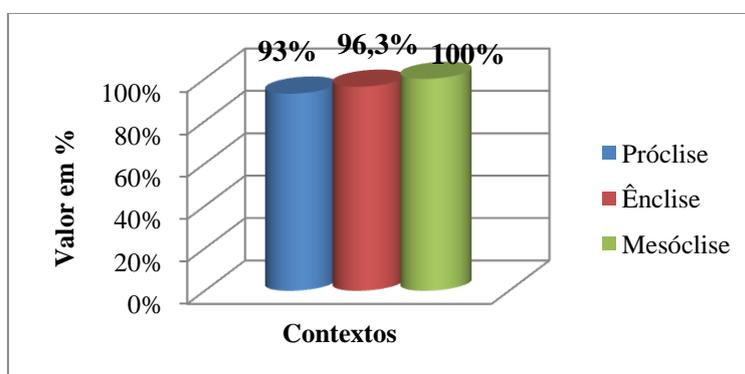


Gráfico 86: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III

³⁴ O sujeito também substituiu o advérbio de tempo “antes” pelo advérbio de tempo “depois”.

O *Gráfico 87* estabelece a comparação entre os resultados obtidos na avaliação de frases gramaticais e agramaticais nos três padrões de colocação. Constatamos que o padrão de colocação em que os sujeitos obtiveram o melhor resultado foi o padrão mesoclítico. Quanto aos contextos de ênclise, os sujeitos alcançaram 100% na avaliação de frases correctas, no entanto a avaliação de frases incorrectas suscitou-lhes algumas dúvidas. Quanto aos contextos de próclise, os sujeitos nem sempre avaliaram e/ou corrigiram as frases apresentadas de acordo com a gramática-alvo.

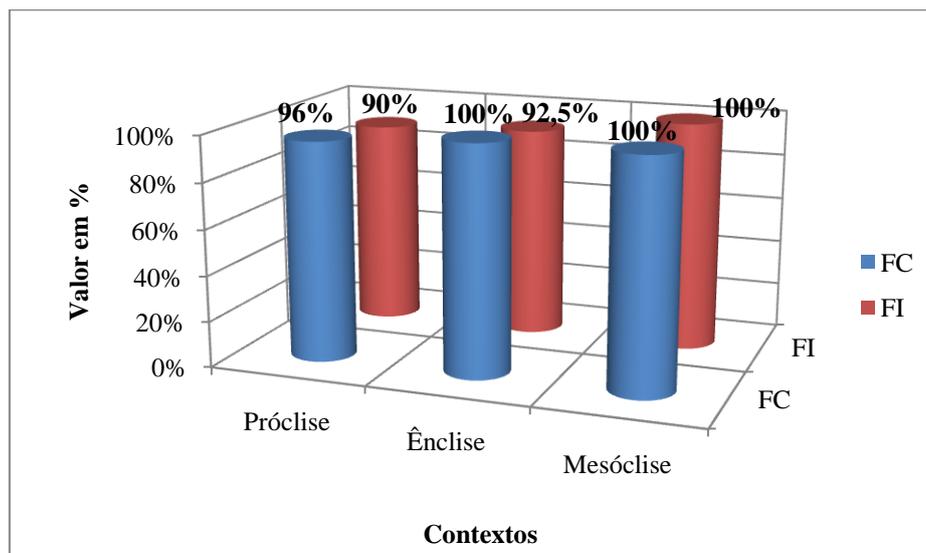


Gráfico 87: Comparação dos valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos do Grupo III.

Ao efectuar a comparação entre o desempenho dos sujeitos do sexo feminino e os do sexo masculino (*cf. Gráfico 88*), constatamos que: os sujeitos de ambos os sexos tiveram 100% de sucesso na avaliação e correcção das frases com o pronome mesoclítico; os sujeitos do sexo feminino obtiveram melhores resultados do que os do sexo masculino nos contextos de próclise (98% contra 88%), mas os sujeitos do sexo masculino revelaram melhor desempenho nos contextos de ênclise, em que obtiveram 100% contra 92,5% dos sujeitos do sexo feminino.

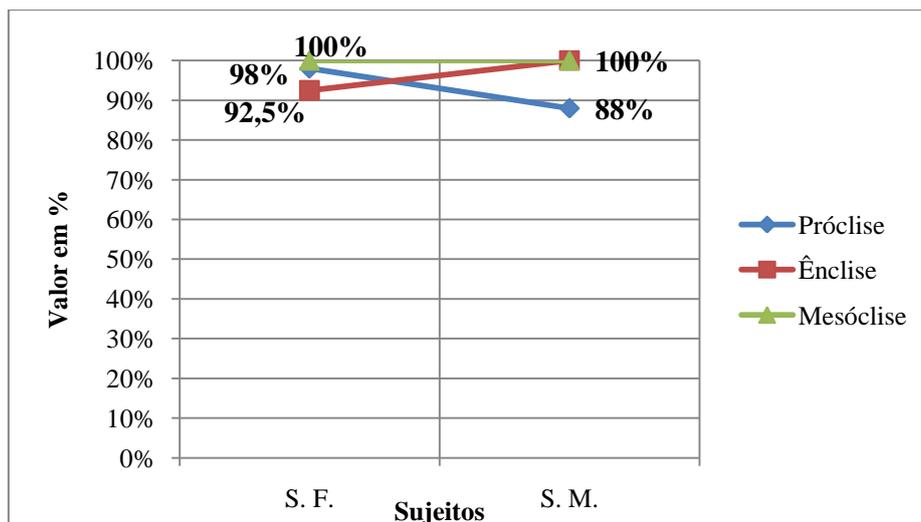


Gráfico 88: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos e masculinos do Grupo III.

Ao verificarmos a média de cada sujeito do sexo feminino por padrão de colocação (cf. Gráfico 89), constatamos que: todos os sujeitos obtiveram 100% de sucesso no padrão mesoclítico; quatro em cinco sujeitos obtiveram 100% de sucesso no padrão proclítico; e três em cinco sujeitos alcançaram 100% de sucesso no padrão enclítico.

Assim, três sujeitos obtiveram 100% de sucesso nos três padrões de colocação, enquanto os outros dois tiveram um desempenho de 100% na mesóclise (tendo um deles igual valor no padrão proclítico). Quanto à ênclise, três dos cinco sujeitos obtiveram o valor percentual de 100%, os restantes dois obtiveram os valores de 87,5% e 75%.

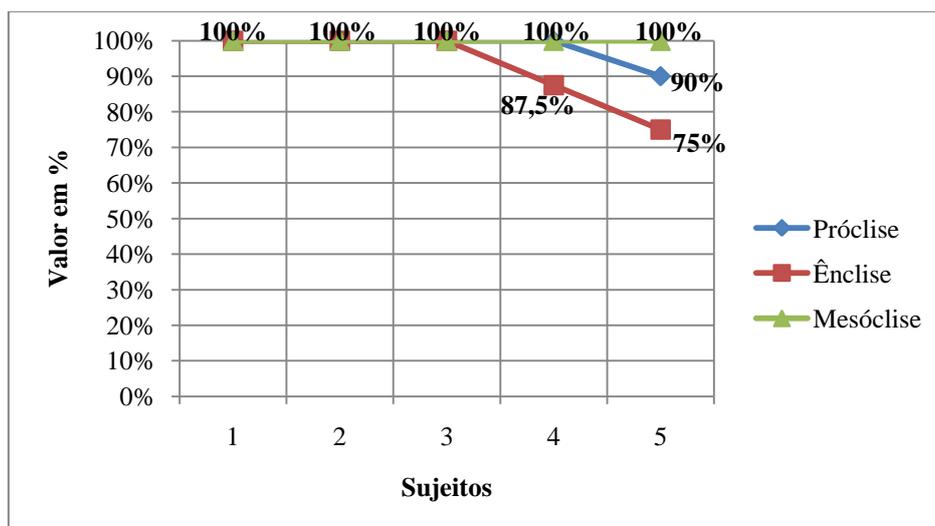


Gráfico 89: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos femininos do Grupo III.

No que toca aos sujeitos do sexo masculino, todos apresentam um desempenho de 100% de sucesso nos padrões enclítico e mesoclítico (cf. *Gráfico 90*). Quanto ao padrão próclítico, verificamos que a linha não tem a mesma regularidade, pois apenas um sujeito obteve 100%; todos os outros obtiveram percentagens que oscilam entre os 75% e os 95%.

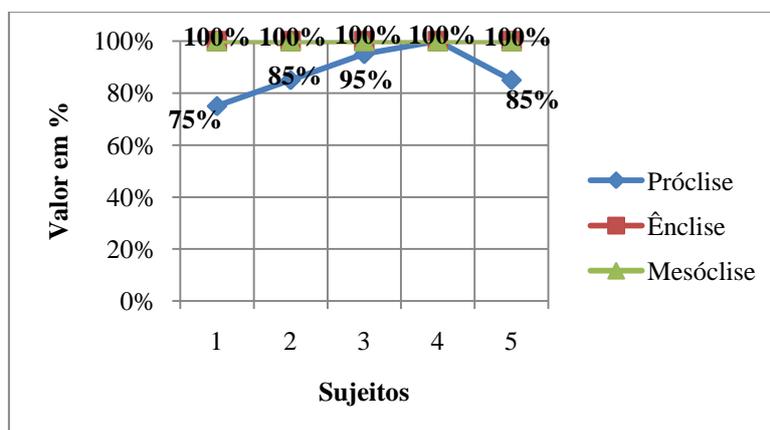


Gráfico 90: Valores percentuais da média global de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos sujeitos masculinos do Grupo III.

3.3.3. Síntese comparativa dos resultados do teste de produção e do teste de avaliação

Ao observarmos o *Gráfico 91*, podemos constatar que os sujeitos do Grupo III obtiveram melhores resultados no teste de produção do que no teste de avaliação nos padrões enclítico e próclítico. Quanto ao padrão mesoclítico verifica-se a tendência inversa, registando-se uma diferença significativa entre os resultados do teste de produção (85%) e os do teste de avaliação (100%).

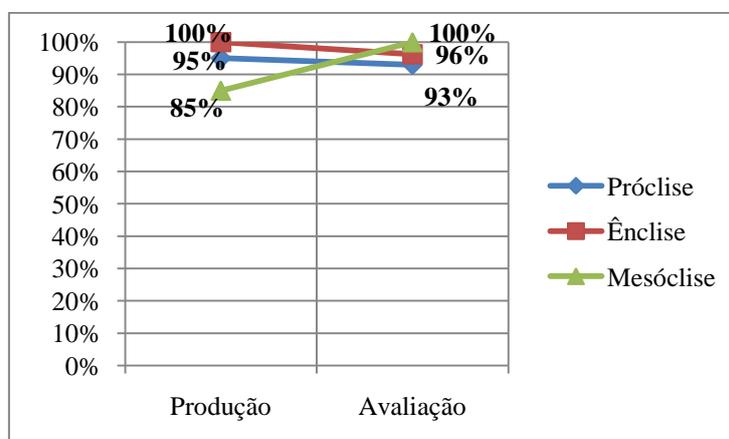


Gráfico 91: Valores percentuais globais dos sujeitos do Grupo III no teste de produção e no teste de avaliação.

3.3.4. Síntese final do Grupo III

Os resultados anteriormente descritos, relativos aos sujeitos do Grupo III, permitem-nos verificar que o desempenho linguístico deste grupo de sujeitos, no que respeita aos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos, se distancia do revelado pelos outros dois grupos de sujeitos testados – Grupo I e Grupo II. Assim, podemos constatar que:

- (i) No teste de produção, o contexto de próclise em que os sujeitos se mantêm mais distantes do alvo é o que envolve a conjunção subordinativa causal “porque”; quanto aos proclisadores quantificadores universais “qualquer” e “todos”, os valores percentuais de fidelidade situam-se nos 90%; quando o padrão proclítico não foi respeitado, os sujeitos preferiram, sobretudo, a ênclise;
- (ii) No teste de avaliação, os sujeitos obtiveram resultados inferiores, tendo-se distanciado mais do alvo na presença da conjunção subordinativa causal “porque” e do quantificador universal “todos”; embora não tenham sido totalmente fiéis ao alvo, registaram uma percentagem acima dos 90% quando os indutores de próclise foram o quantificador universal “qualquer”, a conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”; perante as frases agramaticais, os sujeitos ou não as corrigiram ou privilegiaram o padrão enclítico;
- (iii) No teste de produção, todas as produções dos sujeitos relativas ao padrão enclítico estiveram em conformidade com o alvo; no teste de avaliação, os resultados fiéis à gramática-alvo situam-se acima dos 95%, verificando-se que algumas frases agramaticais não foram corrigidas;
- (iv) O padrão mesoclítico regista total fidelidade ao alvo no teste de avaliação; no teste de produção, os resultados afastaram-se mais do alvo quando a forma verbal era o futuro do indicativo (75%), mas aproximaram-se com a forma verbal do condicional (95%); o padrão de colocação alternativo foi a ênclise, registando-se algumas ocorrências acompanhadas da alteração do tempo verbal.

3.4. Discussão dos resultados

Após a apresentação e descrição de todos os resultados alcançados pelos três grupos de sujeitos testados (Grupo I (6º ano), Grupo II (9º ano) e Grupo III (adultos)), proceder-se-á, de seguida, à sua discussão, tendo como referência os critérios adoptados para a definição da fase de aquisição das estruturas linguísticas em estudo, apresentados na subsecção 2.4. desta dissertação.

Em primeiro lugar, serão discutidos os resultados obtidos no teste de produção e, posteriormente, os do teste de avaliação. Numa primeira parte, esta discussão assentará: (i) na comparação dos resultados globais obtidos pelos três grupos de sujeitos; (ii) na comparação entre os grupos por contexto nos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos. Na segunda parte, relacionar-se-ão os resultados obtidos com as hipóteses de trabalho enunciadas em 1.1.5..

3.4.1. Comparação entre os grupos no teste de produção

Na presente subsecção, far-se-á a comparação dos resultados obtidos pelos três grupos de sujeitos no teste de produção. Inicialmente, serão apresentados os resultados globais dos três grupos de sujeitos nos três padrões de colocação, seguindo-se a comparação entre os grupos em cada padrão de colocação: próclise, ênclise e mesóclise.

3.4.1.1. Valores globais

O *Gráfico 92* (abaixo) apresenta os resultados globais obtidos pelos sujeitos no teste de produção.

No que toca à colocação dos pronomes pessoais átonos em conformidade com a gramática-alvo, verificamos que todos os sujeitos dominam a ênclise.

Quanto ao padrão proclítico, a informação contida no gráfico revela que se encontra adquirido, mas não estabilizado nos Grupos I e II, enquanto os resultados do Grupo III mostram que, neste grupo, o padrão se encontra estabilizado.

A produção de mesóclise é praticamente nula entre os sujeitos do Grupo I (6º ano) e do Grupo II (9º ano) e confirma que se trata de um padrão não adquirido. Verifica-se, porém, que os resultados aumentam vertiginosamente no Grupo III (adultos).

O facto de ambos os grupos (Grupo I e Grupo II) se situarem na mesma fase de aquisição mostra que, entre estes dois níveis de escolaridade, não houve evolução, o que nos leva a duvidar do papel do sistema formal de ensino no processo de aquisição destas estruturas.

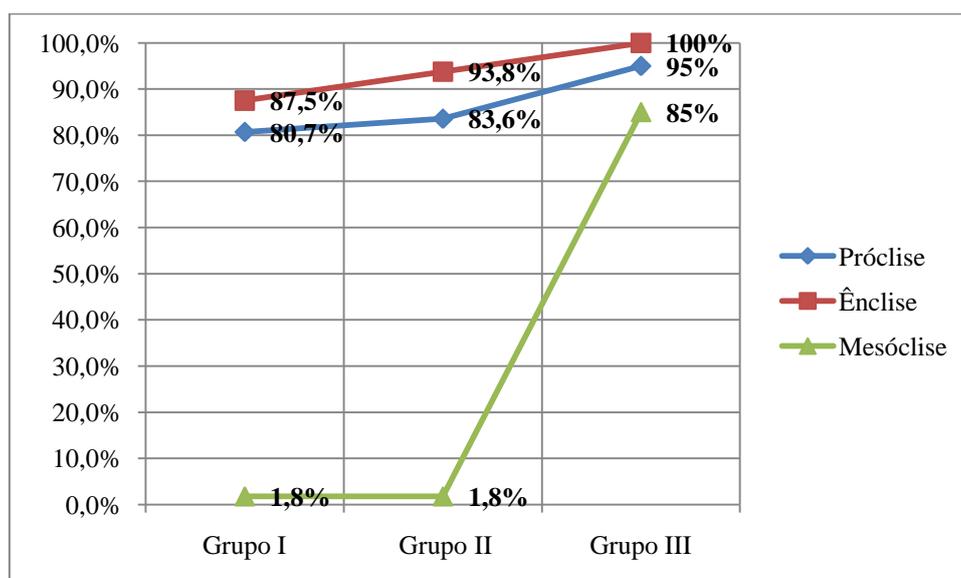


Gráfico 92: Comparação dos valores percentuais globais de produção de próclise, ênclise e mesóclise dos Grupos I, II e III.

3.4.1.2. Próclise

O *Gráfico 93* (abaixo) mostra-nos os valores relativos à produção de frases gramaticais em todos os contextos testados pelos três grupos de sujeitos.

Como já afirmámos anteriormente, constatamos que o contexto que causa mais dificuldades aos sujeitos é o que envolve a conjunção subordinativa causal “porque”, que não está adquirido nem pelos sujeitos do Grupo I nem pelos sujeitos do Grupo II, seguido dos quantificadores universais “qualquer” e “todos”, que se encontram em fase de aquisição em ambos os grupos. Relativamente à conjunção subordinativa completiva “que”, regista-se uma evolução entre os resultados dos dois grupos, uma vez que está em fase de aquisição pelos alunos do 6º ano, encontrando-se adquirida, mas não estabilizada ao nível do 9º ano.

Os restantes proclisadores são dominados por ambos os grupos, nomeadamente: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”, o pronome relativo “que”, o determinante interrogativo “que”, o advérbio de inclusão “até” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”.

Relativamente ao Grupo III, refira-se que todos os proclisadores se encontram estabilizados, à excepção da conjunção subordinativa causal “porque”.

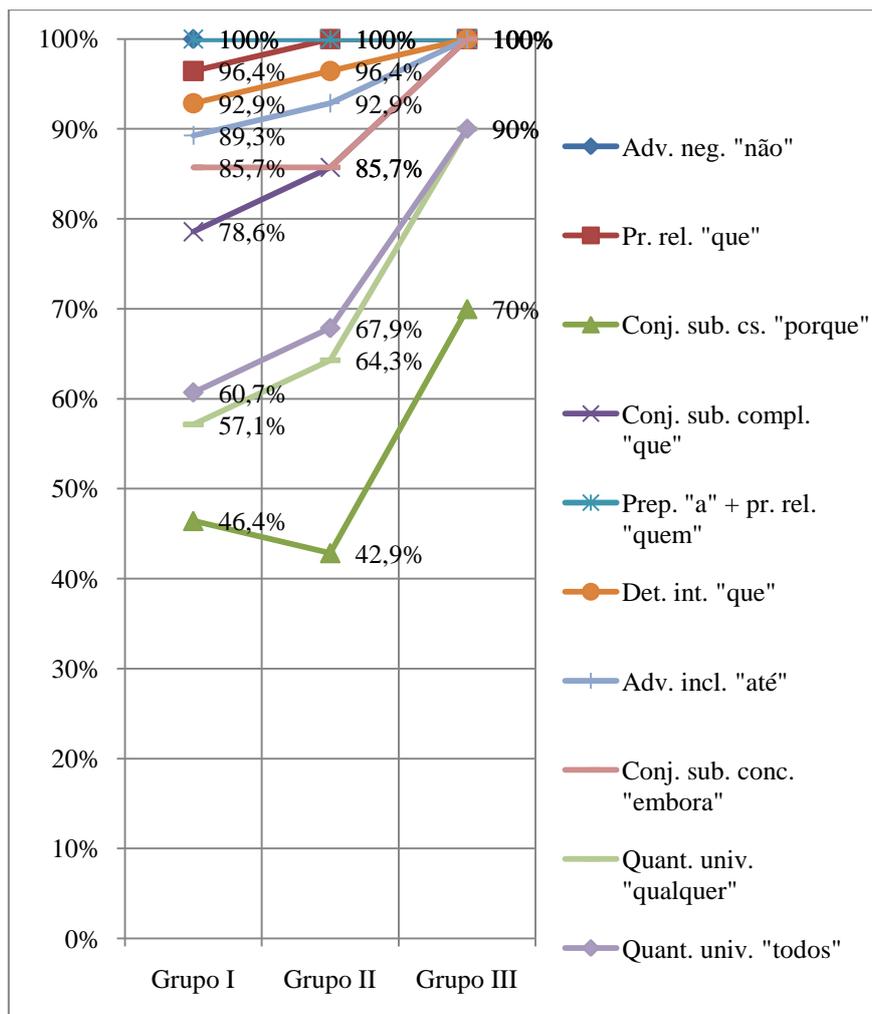


Gráfico 93: Comparação dos valores percentuais de produção de próclise dos Grupos I, II e III.

O *Gráfico 94*, que apresentamos de seguida, sintetiza a informação referente às produções gramaticais dos sujeitos em contextos de próclise, bem como à produção de agramaticalidades e de outras ocorrências.

Ao observarmos o gráfico, constatamos que, no geral, nos Grupos I e II, a próclise é um padrão que está adquirido, mas não estabilizado.

Como alternativa ao padrão proclítico, os sujeitos manifestam preferência pela ênclise, acompanhada, em alguns (raros) casos, de alteração do tempo verbal. Um dos sujeitos do Grupo II substituiu o verbo por um adjectivo.

Os resultados do Grupo III revelam que a próclise é um padrão estabilizado / dominado.

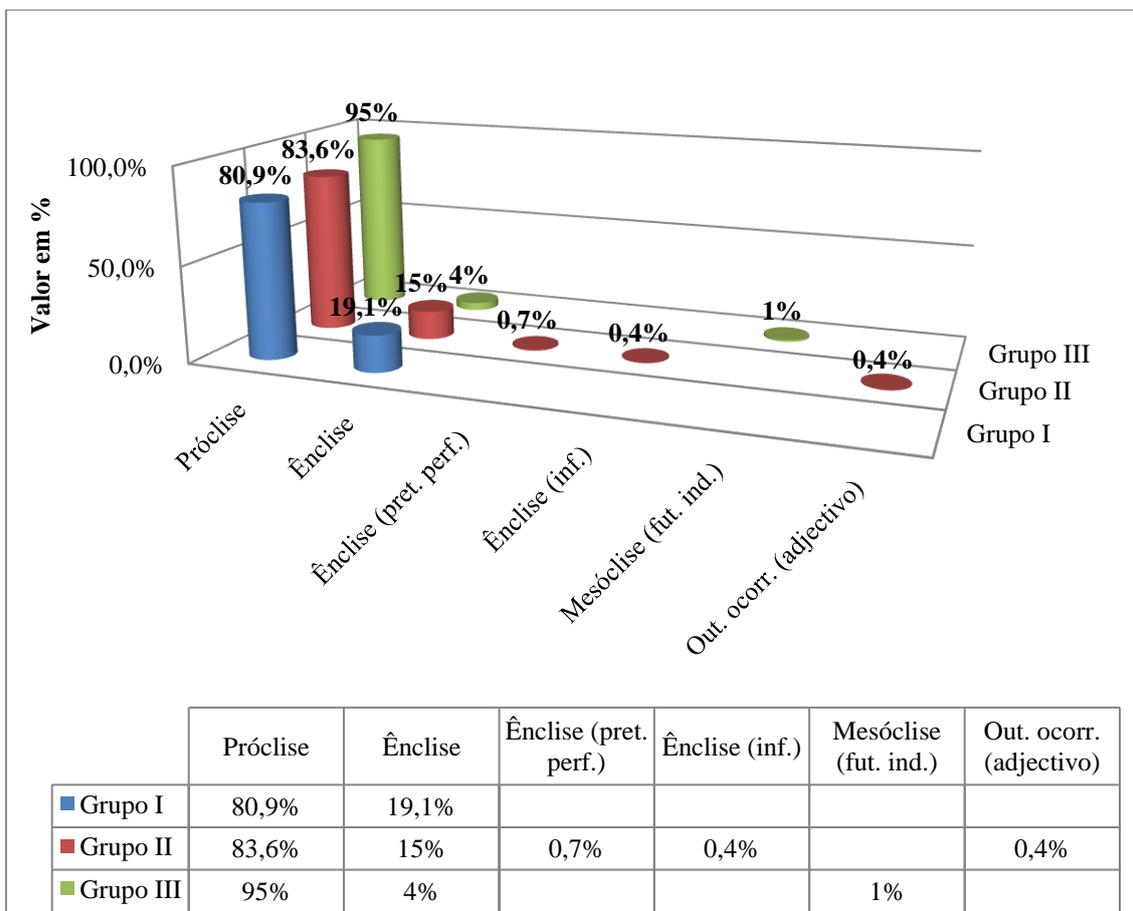


Gráfico 94: Valores percentuais de produção de próclise, agramaticalidades e outras ocorrências dos sujeitos dos Grupos I, II e III.

3.4.1.3. Ênclise

No que respeita à produção de frases enclíticas, verificamos, através dos dados apresentados no *Gráfico 95*, que o único contexto que se encontra adquirido, mas não estabilizado pelos Grupos I e II são as frases infinitivas, embora se registre uma ligeira evolução do primeiro para o segundo.

Os restantes contextos enclíticos são dominados por todos os grupos, verificando-se que o Grupo II obteve valores percentuais ligeiramente acima dos do Grupo I.

Os sujeitos do Grupo III produziram todas as frases deste padrão de acordo com a gramática-alvo.

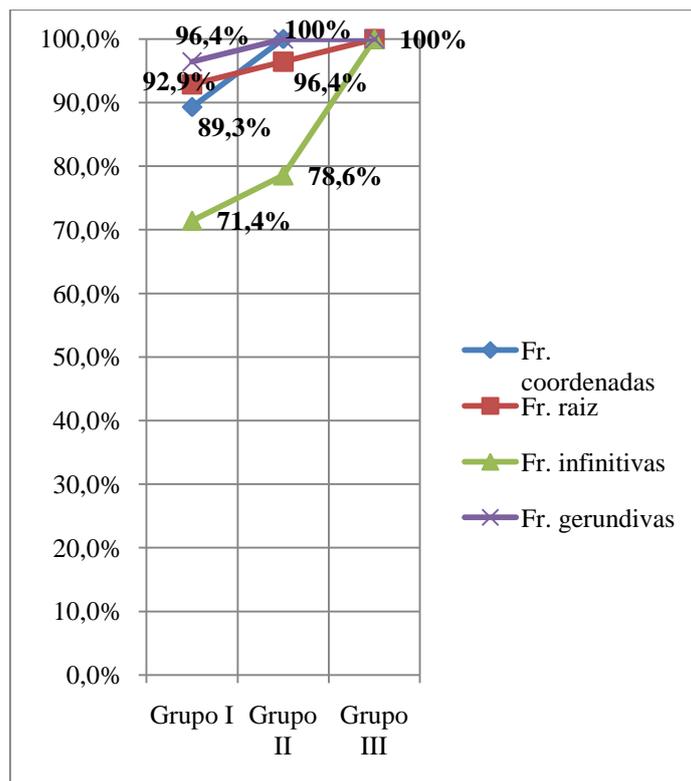


Gráfico 95: Comparação dos valores percentuais de produção de ênclise dos Grupos I, II e III.

Os resultados apresentados no *Gráfico 96* confirmam que a ênclise é um padrão de colocação dominado por todos os grupos, verificando-se uma evolução ligeira de grupo para grupo. Quando produziram frases agramaticais, os sujeitos preferiram o padrão proclítico.

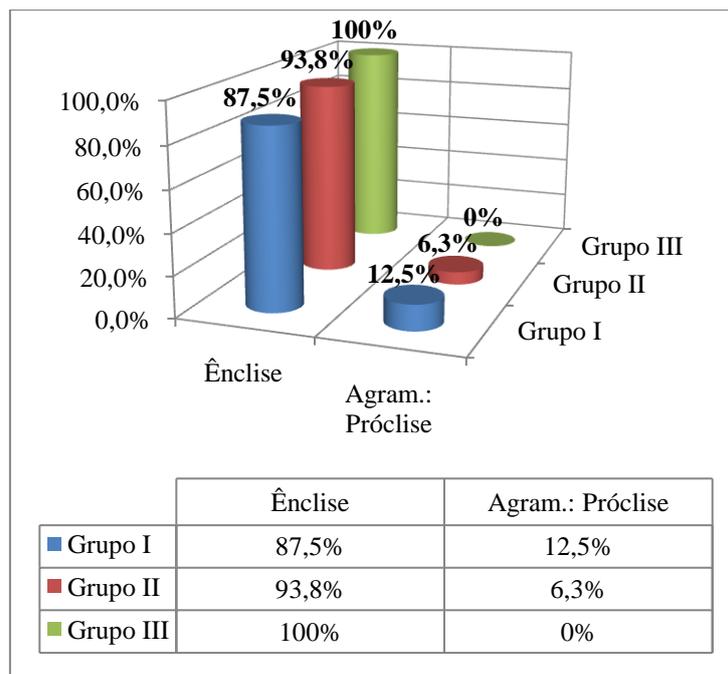


Gráfico 96: Valores percentuais de produção de ênclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III.

3.4.1.4. Mesóclise

O *Gráfico 97* demonstra que a produção de mesóclise é quase inexistente e, por isso, é um padrão não adquirido pelos sujeitos do Grupo I e do Grupo II. Atendendo aos valores percentuais apresentados, verificamos que nem o Grupo I nem o Grupo II apresentam produções correctas quando a forma verbal é o condicional. Quanto ao futuro do indicativo, os dois grupos atrás referidos, I e II, apenas registam 3,6% de produções gramaticais. Apenas o Grupo III regista um elevado número de produções de acordo com o alvo, embora não atinja os 100%, i.e., 75% com o futuro do indicativo e 95% com o condicional.

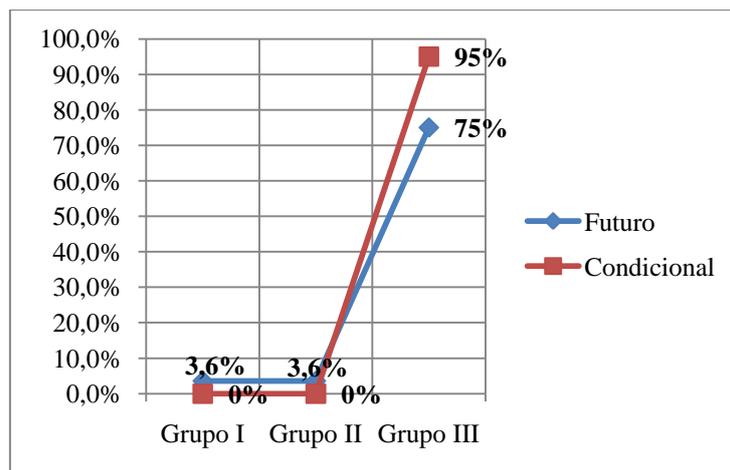


Gráfico 97: Comparação dos valores percentuais de produção de mesóclise dos Grupos I, II e III.

De seguida, no *Gráfico 98*, são apresentados os valores percentuais alcançados pelos sujeitos na produção de mesóclise e de frases agramaticais alternativas, bem como de outras ocorrências.

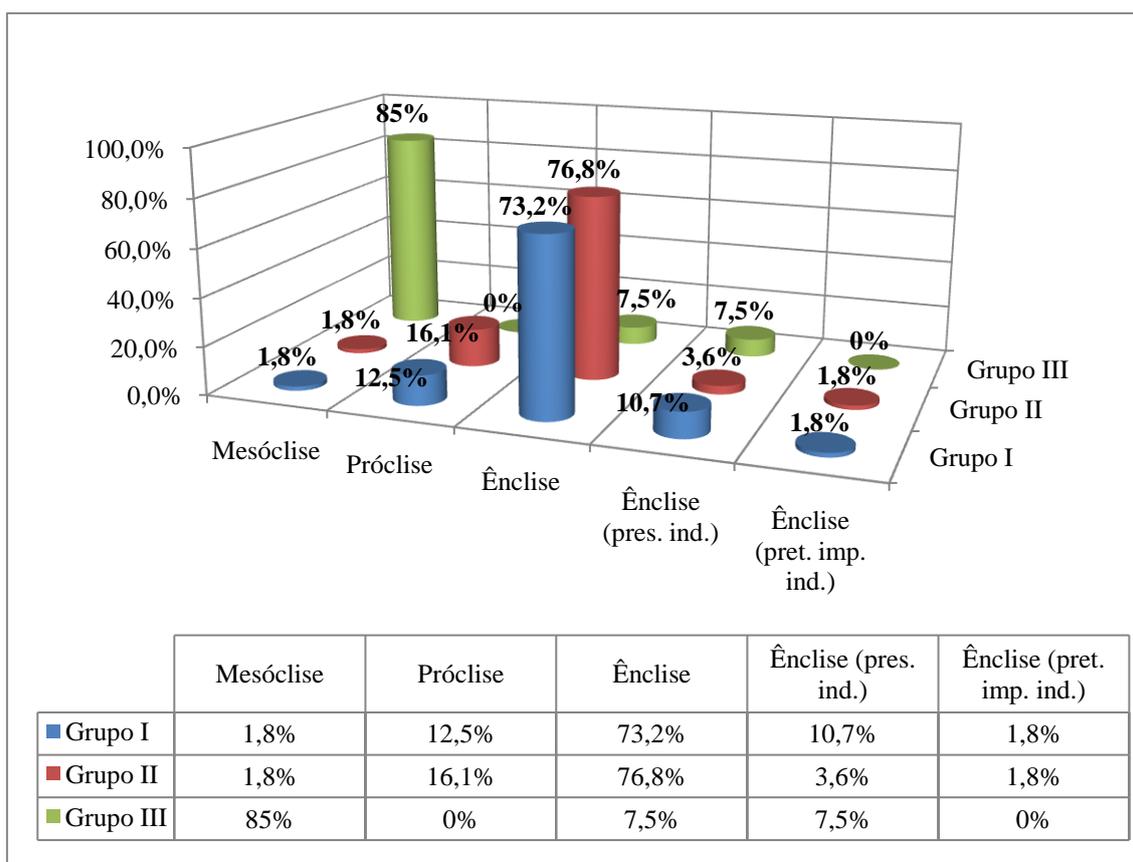


Gráfico 98: Valores percentuais de produção de mesóclise, agramaticalidades e outras ocorrências dos Grupos I, II e III.

Ao observarmos o gráfico, verificamos que, em alternativa à mesóclise, os sujeitos mostram preferência pela ênclise, por vezes com recurso à alteração do tempo verbal. Também se registam alguns casos no Grupo I e no Grupo II, embora em menor número, cujo padrão preferido foi a próclise. Quanto ao Grupo III, dos adultos, verifica-se um elevado valor percentual de produção de mesóclise, tendo como segundo padrão preferido a ênclise, por vezes com alteração do tempo verbal.

3.4.2. Comparação entre os grupos no teste de avaliação

Tal como referido anteriormente para os resultados do teste de produção, nesta subsecção, proceder-se-á à comparação dos resultados obtidos pelos três grupos de sujeitos no teste de avaliação. Inicialmente, serão apresentados os resultados globais dos três grupos de sujeitos nos três padrões de colocação, seguindo-se a comparação entre os grupos em cada padrão de colocação: próclise, ênclise e mesóclise.

3.4.2.1. Valores globais

O *Gráfico 99* apresenta a comparação dos valores globais relativos aos três padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos.

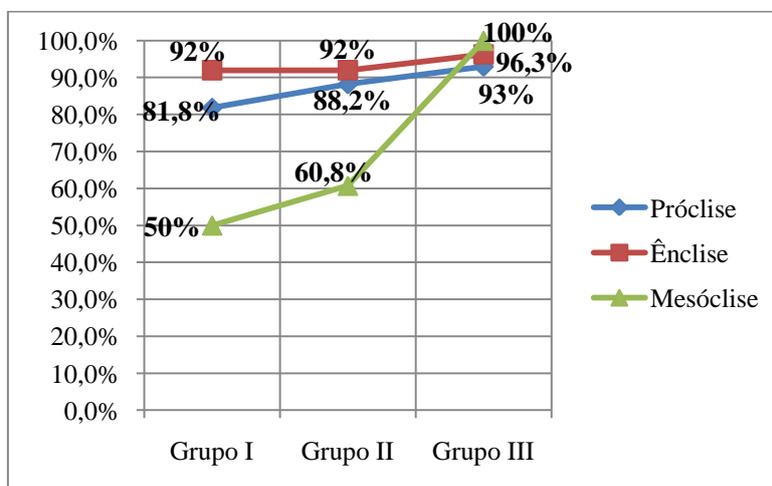


Gráfico 99: Comparação dos valores percentuais globais de avaliação de próclise, ênclise e mesóclise dos Grupos I, II e III.

Constatamos que o padrão enclítico é o que oferece menos dificuldades aos sujeitos testados dos Grupos I e II, podendo considerar-se estabilizado. Segue-se o padrão proclítico, que se encontra adquirido, mas não estabilizado, no 6º ano e já é dominado pelos sujeitos do 9º ano. Pelo contrário, o padrão mesoclítico não se encontra adquirido pelos sujeitos do 6º ano, estando em fase de aquisição no 9º ano. Importa alertar que os

resultados da mesóclise são mais elevados no teste de avaliação do que no teste de produção pelo facto de os sujeitos aceitarem as frases correctas que lhes foram apresentadas. Este é o padrão que regista as percentagens mais baixas quer no Grupo I quer no Grupo II, com uma diferença bastante significativa relativamente aos outros dois contextos. Porém, é o único padrão em que os sujeitos do Grupo III alcançaram a percentagem máxima de 100%.

3.4.2.2. Próclise

O *Gráfico 100* permite-nos visualizar os valores alcançados pelos três grupos de sujeitos nos contextos de próclise testados.

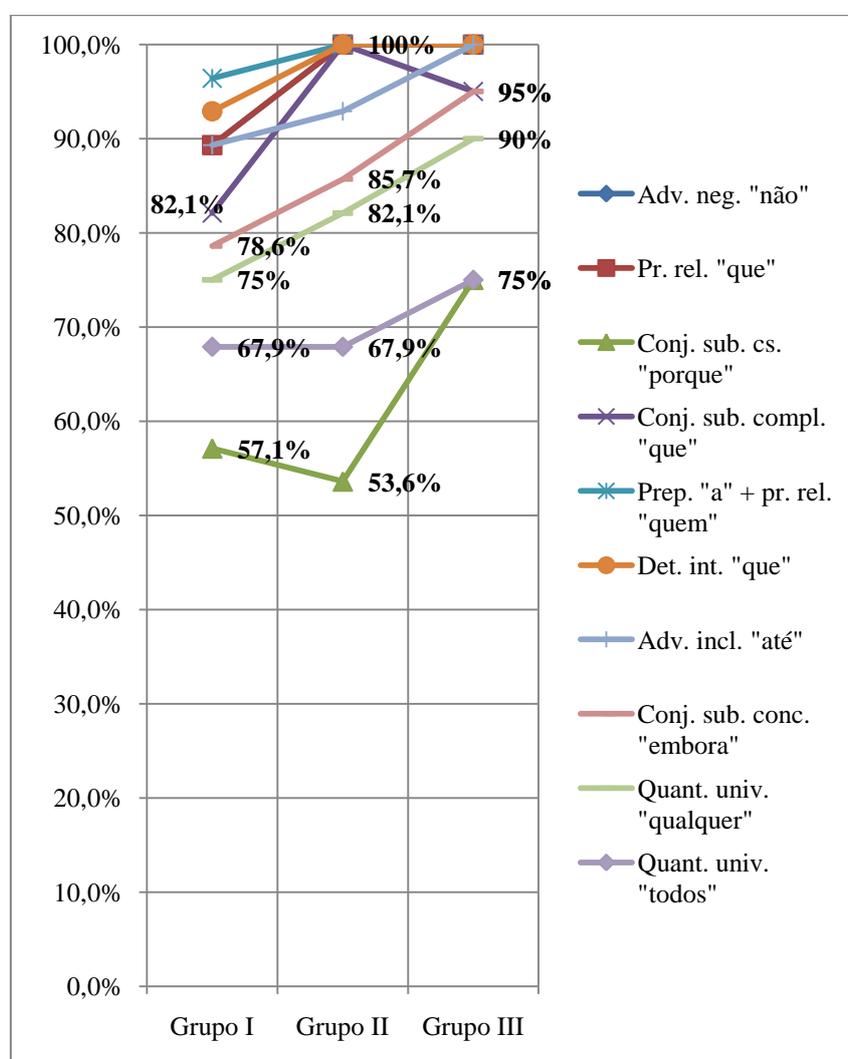


Gráfico 100: Comparação dos valores percentuais de avaliação de próclise dos Grupos I, II e III.

Os valores do teste de avaliação revelam que os sujeitos dos Grupos I e II dominam os seguintes proclisadores: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”, o determinante interrogativo “que”, o pronome relativo “que” e o advérbio de inclusão “até”.

A conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “embora” são desencadeadores de próclise que se encontram adquiridos, mas não estabilizados no 6º ano de escolaridade, registando uma evolução deste nível de escolaridade para o 9º ano, em que se podem considerar estabilizados.

Nos 6º e 9º anos, está adquirido, mas não estabilizado, como proclisador, o quantificador universal “qualquer”, embora se verifique uma ligeira evolução do primeiro para o segundo nível de escolaridade.

Os contextos que criaram mais dificuldades aos sujeitos foram o quantificador universal “todos” e a conjunção subordinativa causal “porque”, que se encontram em aquisição nos dois grupos.

Os contextos em que se regista uma evolução gradual do Grupo I até ao Grupo III são os que compreendem: o advérbio de inclusão “até”, a conjunção subordinativa concessiva “embora”, o quantificador universal “qualquer”. Estes contextos estão representados, no gráfico, por uma linha em sentido ascendente do Grupo I para o Grupo III.

O *Gráfico 101*, abaixo, mostra o desempenho dos vários grupos na classificação e correcção das frases do teste de avaliação.

Ao lermos o gráfico, constatamos que a maior parte dos sujeitos que não realizou classificações de acordo com a gramática-alvo não efectuou qualquer correcção. Aqueles que tentaram corrigir (uma minoria) mostraram preferência pelo padrão enclítico. Registaram-se, ainda, raras ocorrências de ênclise e próclise em simultâneo e de mesóclise.

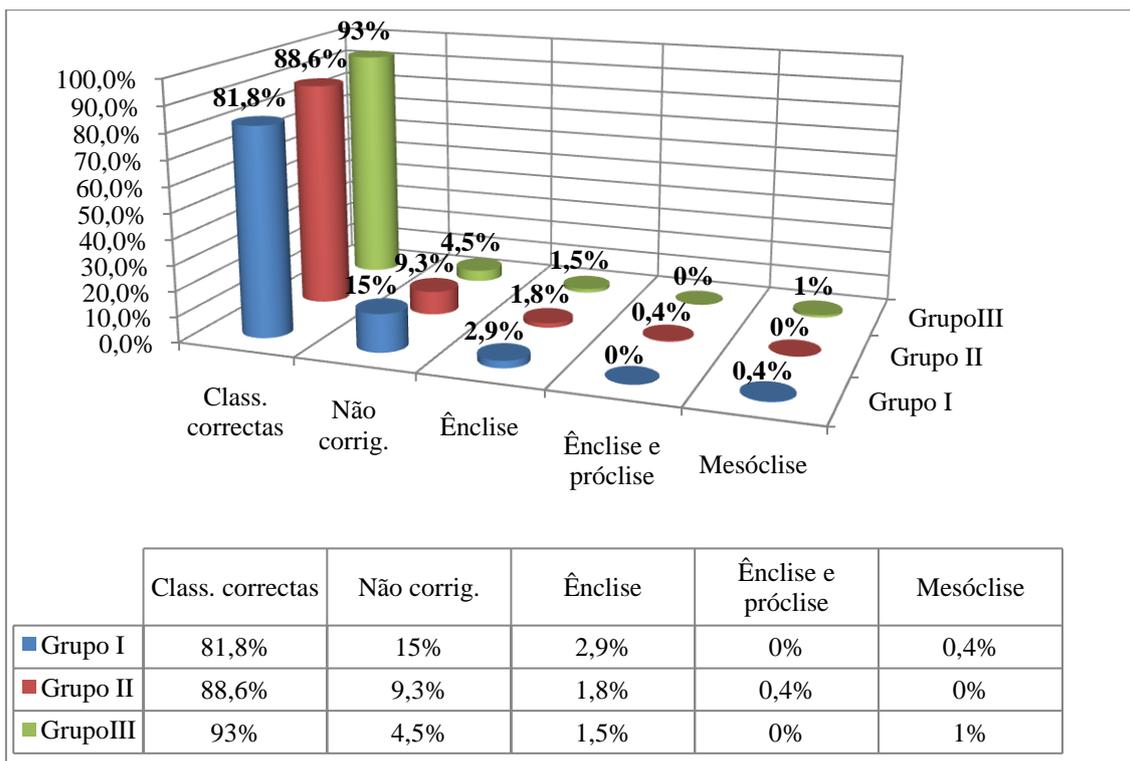


Gráfico 101: Valores percentuais de avaliação de próclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III.

3.4.2.3. Ênclise

O Gráfico 102 apresenta a média que cada grupo obteve nos quatro contextos de ênclise testados: frases coordenadas, raiz, infinitivas e gerundivas.

Ao analisarmos o gráfico, verificamos que os contextos enclíticos são dominados por todos os grupos de sujeitos, à exceção das frases infinitivas. Os resultados revelam a existência de uma evolução na avaliação destas frases do Grupo I para o Grupo II, ou seja, no 6º ano o referido contexto encontra-se adquirido, mas não estabilizado, podendo considerar-se dominado pelos alunos do 9º ano. No entanto, a diferença não é significativa em termos percentuais pelo facto de os resultados dos dois grupos se encontrarem próximos do valor que separa as duas fases de aquisição.

Os valores obtidos pelos sujeitos do Grupo III indicam que todos os contextos de ênclise se encontram estabilizados.

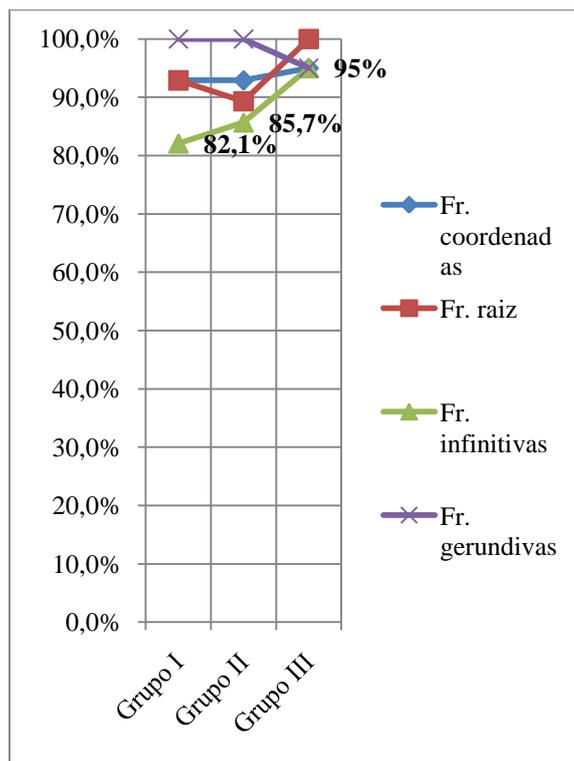


Gráfico 102: Comparação dos resultados obtidos pelos Grupos I, II e III no teste de avaliação – contextos de ênclise.

Observemos, de seguida, o *Gráfico 103*, que apresenta os valores percentuais relativos à avaliação dos contextos enclíticos e de agramaticalidades.

De acordo com o gráfico apresentado, verificamos que os resultados obtidos no teste de avaliação são elevados. A maior parte dos sujeitos que não procederam à classificação correcta das frases não efectuaram qualquer correcção. De acordo com a informação contida no gráfico, uma minoria optou pelo padrão enclítico com alteração do tempo verbal ou pela próclise.

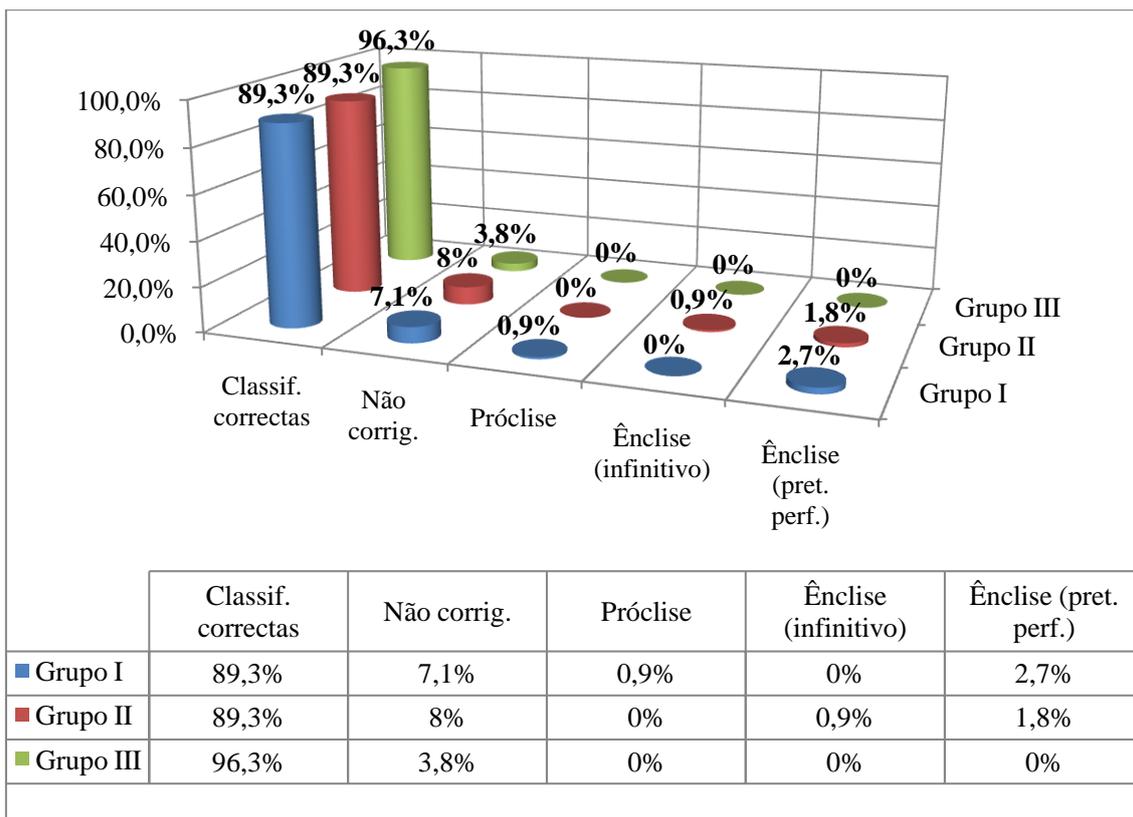


Gráfico 103: Valores percentuais de avaliação de ênclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III.

3.4.2.4. Mesóclise

No que respeita aos contextos de mesóclise, o *Gráfico 104* apresenta os valores percentuais obtidos pelos três grupos testados representados por duas linhas ascendentes do Grupo I até ao Grupo III. Ao observarmos o gráfico, verificamos que o contexto mesoclítico com o verbo no condicional ainda não se encontra adquirido pelos sujeitos do 6º ano, estando em aquisição no 9º ano de escolaridade. Quanto ao futuro do indicativo, os resultados indicam que está em aquisição nos dois grupos de sujeitos, embora os sujeitos do Grupo II tenham alcançado resultados superiores.

Quanto ao Grupo III, refira-se que obteve 100% em ambos os contextos.

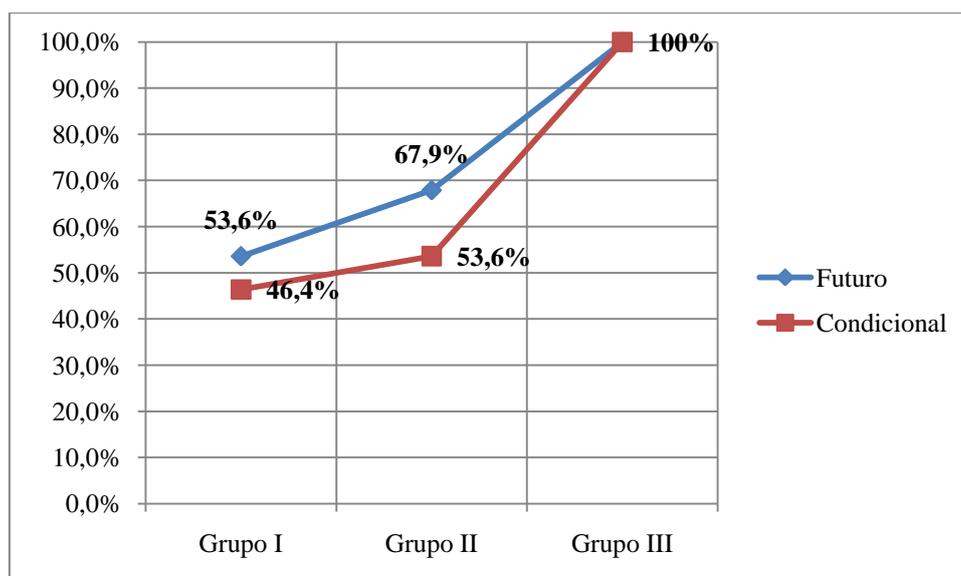


Gráfico 104: Comparação dos valores percentuais de avaliação de mesóclise dos Grupos I, II e III

O *Gráfico 105* apresenta os resultados obtidos pelos sujeitos na avaliação de frases com contextos mesoclíticos.

A partir dos valores do gráfico, verificamos que a maioria dos sujeitos que não fez classificações correctas não procedeu a qualquer correcção. Destaca-se a ocorrência de agramaticalidades, em que os sujeitos preferiram, sobretudo, o padrão proclítico. Quando optaram pela ênclise, os sujeitos procederam à alteração do tempo verbal ou substituíram a forma verbal simples por um complexo verbal. Também se registou a preferência pelo padrão mesoclítico, embora com um valor percentual mais baixo, com alteração da forma verbal para um complexo verbal.

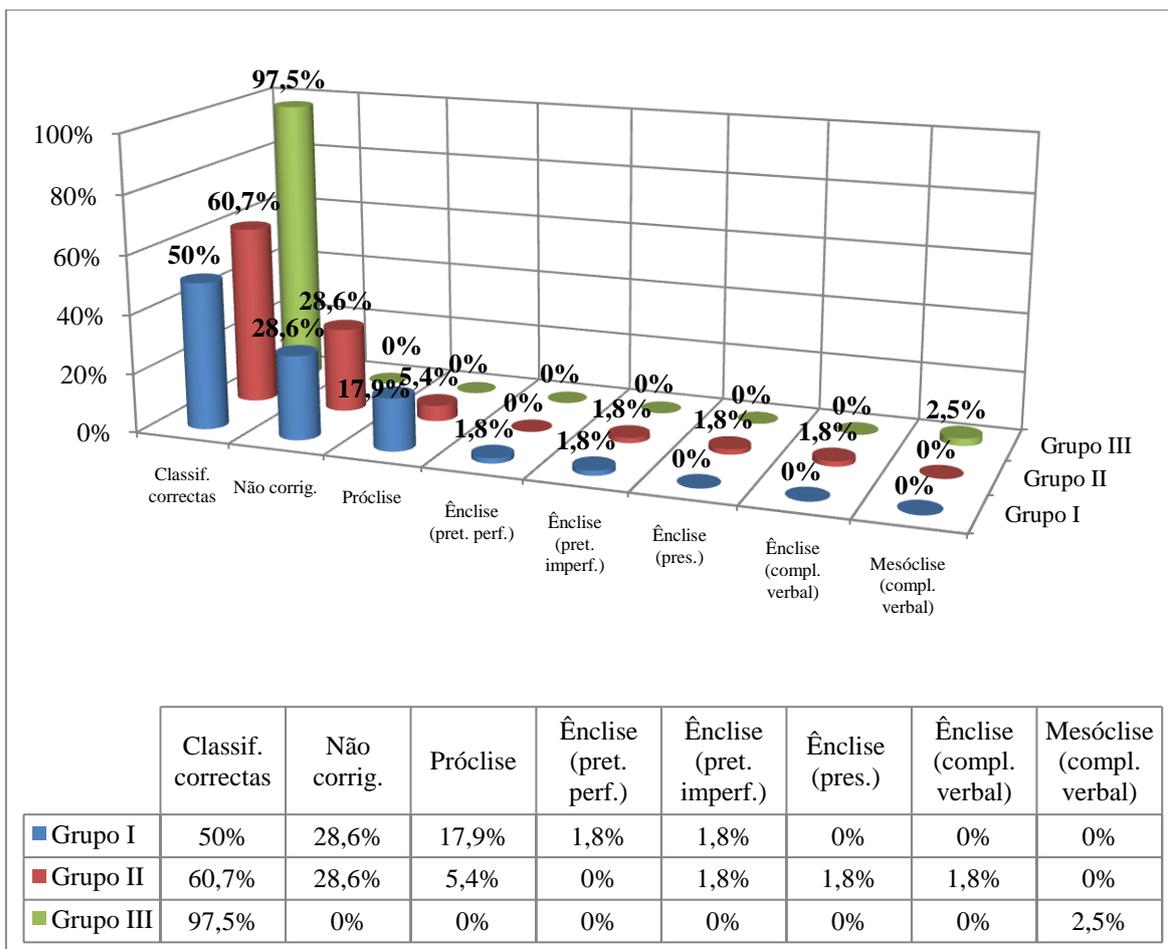


Gráfico 105: Valores percentuais de avaliação de mesóclise e de agramaticalidades dos Grupos I, II e III.

3.4.3. Comparação entre os resultados do teste de produção e do teste de avaliação

Nesta subsecção, é feita a comparação entre os resultados obtidos pelos sujeitos no teste de produção e no teste de avaliação.

De seguida, é apresentada a comparação dos resultados dos dois tipos de teste, em termos globais.

3.4.3.1. Valores globais

De acordo com a informação do *Gráfico 106*, constata-se que todos os grupos de sujeitos testados obtiveram melhores resultados no teste de avaliação do que no teste de produção. Enquanto os sujeitos dos Grupos I e II apresentam uma diferença percentual na ordem dos 15,2% e 20,6%, respectivamente, entre os resultados obtidos nos dois testes, os sujeitos do Grupo III registam uma diferença mínima de 3,1%.

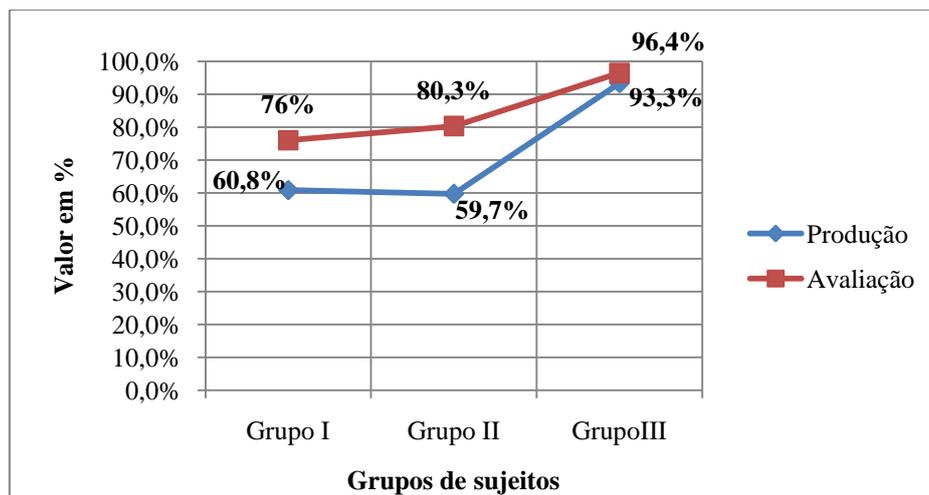


Gráfico 106: Comparação dos resultados globais dos testes de produção e de avaliação dos Grupos I, II e III.

De seguida, far-se-á a comparação dos resultados obtidos pelos três grupos de sujeitos em cada padrão de colocação dos pronomes pessoais átonos.

3.4.3.2. Próclise

O *Gráfico 107* permite-nos comparar os resultados obtidos pelos sujeitos dos três grupos nos contextos de próclise nos testes de produção e de avaliação.

Constata-se que os resultados do teste de produção são idênticos ou superiores aos do teste de avaliação apenas em quatro contextos, nomeadamente, nas frases que contêm: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “que”, a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”. Os resultados relativos ao advérbio de inclusão “até” são idênticos quer na produção quer na avaliação. Quanto aos restantes contextos de próclise, os sujeitos ou obtiveram resultados idênticos ou melhores no teste de avaliação do que no de produção; são eles: a conjunção subordinativa causal “porque”, a conjunção subordinativa completiva “que” (neste contexto, apenas o Grupo III apresenta a tendência inversa, com resultados ligeiramente melhores no teste de produção do que no de avaliação), o determinante interrogativo “que” e os quantificadores universais “qualquer” e “todos”.

Verifica-se que os contextos em que os sujeitos obtiveram melhores resultados no teste de produção são os que lhes causam menos problemas. Por outro lado, os contextos que causam mais dificuldades aos sujeitos apresentam melhores resultados no teste de avaliação.

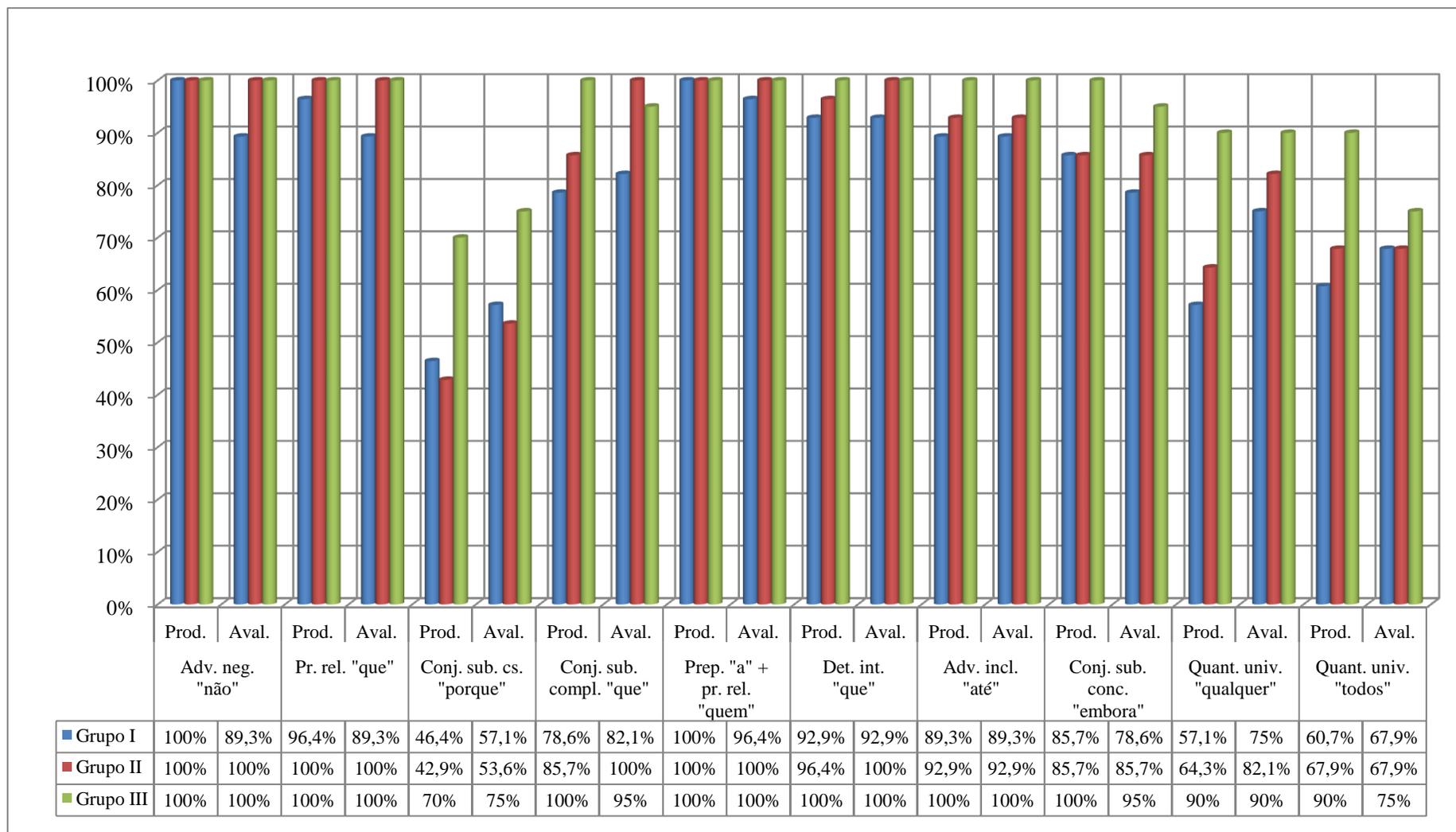


Gráfico 107: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de próclise dos Grupos I, II e III.

3.4.3.3. Ênclise

Atente-se, de seguida, no *Gráfico 108*, cuja informação nos permite comparar os resultados dos testes de produção e de avaliação no que respeita aos resultados dos contextos enclíticos.

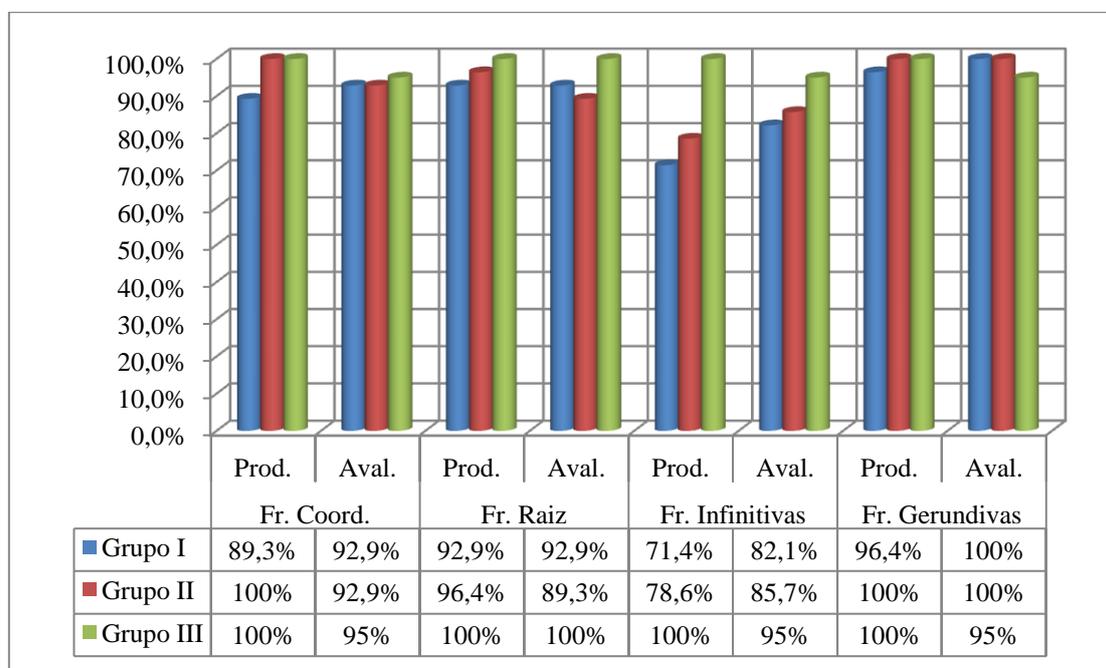


Gráfico 108: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de ênclise dos Grupos I, II e III.

Ao observarmos o gráfico, verificamos que não existe uma tendência comum aos sujeitos dos três grupos. Enquanto os sujeitos do Grupo I obtiveram valores mais baixos no teste de produção do que no teste de avaliação na maioria dos contextos (frases coordenadas, infinitivas e gerundivas), tendo alcançado valores idênticos (92,9%) nas frases raiz, os sujeitos do Grupo III manifestaram a tendência inversa ao obterem resultados ligeiramente mais altos no teste de produção do que no teste de avaliação, à excepção das frases raiz, em que o resultado é idêntico (100%).

Relativamente às frases infinitivas (o contexto enclítico que causa mais problemas aos sujeitos dos Grupos I e II), verifica-se que os valores do teste de avaliação são superiores aos do teste de produção.

3.4.3.4. Mesóclise

Quanto aos contextos de mesóclise, veja-se o *Gráfico 109*, que mostra os resultados obtidos pelos três grupos de sujeitos nos testes de produção e de avaliação.

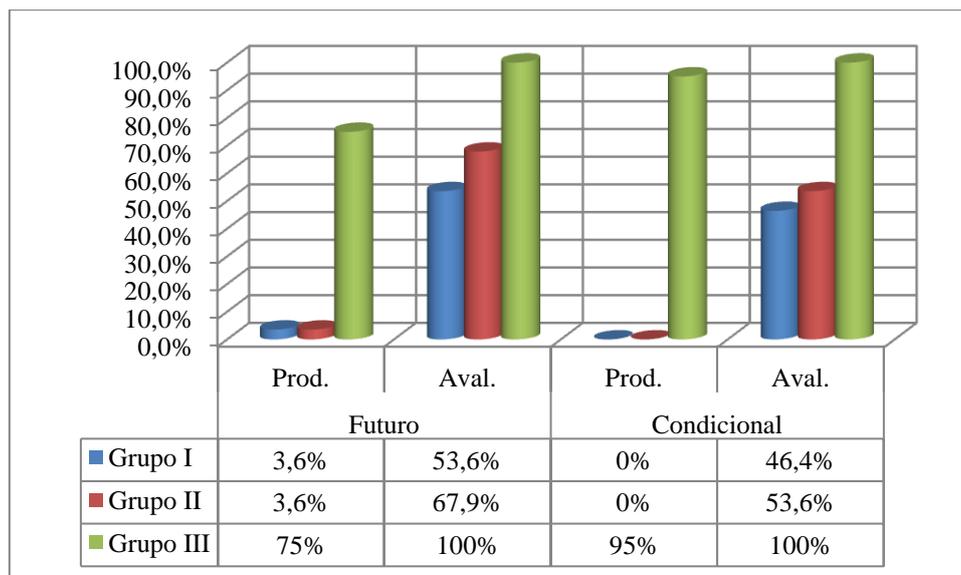


Gráfico 109: Comparação dos resultados de produção e de avaliação de mesóclise dos Grupos I, II e III.

Constata-se que, no que respeita aos Grupos I e II, os valores obtidos no teste de avaliação são claramente superiores aos do teste de produção. Quanto aos resultados dos sujeitos do Grupo III, verifica-se que são melhores no teste de avaliação, contudo a diferença de desempenho na realização dos dois exercícios não é tão expressiva como a existente entre os outros dois grupos já referidos.

À semelhança do que se verificou nos contextos de próclise e de ênclise, também ao analisar o gráfico que apresenta os resultados do padrão mesoclítico se confirma que os contextos que causam mais dificuldades aos sujeitos obtêm melhores resultados no teste de avaliação do que no de produção.

3.4.4. Discussão dos resultados em função das hipóteses formuladas

Nesta secção, ter-se-á em conta a descrição dos resultados anteriormente apresentados e proceder-se-á à discussão dos mesmos em função das hipóteses formuladas.

No que respeita aos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos, tal como se esperava, na esteira dos resultados avançados por outros estudos anteriormente realizados (Duarte, Matos & Faria (1995) e Santos (2002)), de uma forma geral, os sujeitos mostraram dominar o padrão enclítico. Quer nos testes de produção quer nos testes de avaliação, a ênclise é o padrão em que os sujeitos obtêm melhores resultados.

É de salientar que, de entre os quatro contextos testados (frases coordenadas, frases raiz, frases infinitivas e frases gerundivas), os sujeitos dos Grupos I e II manifestaram mais

dificuldades na produção de ênclise em frases infinitivas (71,4% e 78,6%, respectivamente), tendo optado por colocar o pronome em posição proclítica (28,6% e 21,4%, respectivamente). Os resultados do teste de avaliação também dão conta de que este contexto se encontra adquirido, mas não estabilizado, no 6º ano e quase estabilizado no 9º ano.

Sendo assim, este contexto é o único que não se pode considerar estabilizado / dominado pelos sujeitos dos Grupos I e II, contudo, regista-se uma ligeira evolução. No Grupo III (adultos), todos os contextos enclíticos são dominados pelos sujeitos testados. Desta forma, confirma-se quase totalmente o enunciado na Hipótese 1, que recuperamos de seguida:

Hipótese 1 – No padrão enclítico, não se espera que os sujeitos manifestem dificuldades, uma vez que se trata do padrão não-marcado.

Enquanto os resultados obtidos nos contextos de ênclise são mais elevados do que os dos restantes contextos, os resultados do padrão mesoclítico são os mais baixos. Já em Duarte, Matos & Faria (1995) se revela a preferência dos sujeitos pela ênclise em contextos de mesóclise e em Santos (2002) se confirmam as dificuldades dos sujeitos dos 7º e 9º anos relativamente a estes contextos. Foram estas informações que nortearam a formulação da Hipótese 2:

Hipótese 2 – A mesóclise é o padrão que regista os resultados mais fracos, sendo tendencialmente substituída pela ênclise.

De facto, nesta investigação, verificou-se que, a nível da produção, a mesóclise é praticamente inexistente (Grupos I e II – 1,8%), à excepção do grupo dos adultos que, apesar de algumas hesitações, obtiveram resultados bastante mais elevados (85%) do que os sujeitos dos outros dois grupos. Quanto à avaliação, os resultados dos sujeitos dos Grupos I e II melhoraram significativamente (50% e 60,8%, respectivamente), na medida em que reconhecem a gramaticalidade das frases correctas que lhes foram apresentadas, mas não reconhecem a agramaticalidade das frases incorrectas e, por tal motivo, não procederam à sua correcção.

Em Santos (2002), os resultados dos testes de produção e de avaliação também mostraram que o padrão mesoclítico não estava adquirido ao nível dos 7º e 9º anos, embora, à semelhança do que se constatou nesta investigação, os resultados do teste de avaliação tenham sido superiores aos do teste de produção. Neste último, os Grupos I

(7º ano) e II (9º ano) obtiveram 2,5% e 16,2%, respectivamente, e no teste de avaliação alcançaram 42,5% e 44%, respectivamente.

A manutenção das dificuldades, que os resultados denunciam, leva-nos a questionar a influência do sistema formal de ensino no desempenho linguístico dos sujeitos no que toca ao padrão mesoclítico e a supor a ocorrência de mudança linguística relativamente a este aspecto gramatical.

Ao analisarmos as alternativas seguidas pelos sujeitos em contextos de mesóclise, verificamos que, no teste de produção, o padrão desviante seleccionado pela maioria é a ênclise, apresentando, no Grupo I, um valor percentual de 73,2% e, no Grupo II, o valor de 76,8%. Ainda se registaram algumas ocorrências de ênclise acompanhadas de alteração do tempo verbal (12,5%, no Grupo I e 5,4%, no Grupo II) e algumas ocorrências de próclise (12,5%, no Grupo I e 16,1%, no Grupo II).

No teste de avaliação, a maior parte dos sujeitos não procedeu à correcção das frases agramaticais e quando o fez, optou pela próclise (Grupo I – 71,4%, na frase agramatical do futuro do indicativo; Grupo II – 21,4%) ou pela ênclise com alteração do tempo verbal.

Os sujeitos do Grupo I não corrigiram a frase agramatical do condicional e optaram pela próclise (71,4%) na frase cuja forma verbal se encontra no futuro do indicativo. No que respeita aos resultados do Grupo II, 85,7% dos sujeitos não corrigiram a frase agramatical do condicional e 7,1% optaram pelo padrão enclítico com alteração do tempo verbal. Quanto à frase com a forma verbal conjugada no futuro do indicativo, 28,6% dos sujeitos não a corrigiram, 21,4% optaram pela próclise e 7,1% optaram pela ênclise com alteração do tempo verbal.

Tendo em conta o exposto, constatamos que os resultados relativos à avaliação infirmam a Hipótese 2, enquanto os dados da produção a confirmam.

De acordo com Duarte, Matos & Faria (1995), Santos (2002) e Mateus *et al.* (2003), o contexto proclítico também causa problemas aos sujeitos. Com base nas informações fornecidas por estas autoras e que se encontram enunciadas no primeiro capítulo desta dissertação, colocou-se a hipótese que se segue:

Hipótese 3 – Os sujeitos manifestam dificuldades na colocação dos pronomes em posição pré-verbal, não reconhecendo a atracção exercida por determinados proclisadores, nomeadamente nas frases introduzidas pelo advérbio “até”, nas frases

com pronome relativo “que” e, principalmente, nas frases com a conjunção subordinativa causal “porque”.

Nos testes que serviram de suporte à presente investigação, decidiu-se incluir os proclisadores enunciados na Hipótese 3, entre outros, no sentido de verificar se os problemas apresentados em Santos (2002) persistem ou se há evolução. De facto, no que respeita à conjunção subordinativa causal “porque”, o enunciado acima confirma-se, visto que, entre todos os contextos proclíticos testados, é aquele que coloca mais problemas aos sujeitos, inclusive aos adultos. Ora, vejamos os resultados alcançados pelos três grupos no teste de produção: Grupo I – 46,4%; Grupo II – 42,9%; Grupo III – 70%. No teste de avaliação, os resultados são igualmente os mais baixos de todos: Grupo I – 57,1%; Grupo II – 53,6%; Grupo III – 75%.

Relativamente aos outros dois contextos referidos, o advérbio “até” e o pronome relativo “que”, não se verificaram problemas, visto que a percentagem alcançada rondou os 90%, quer no teste de produção quer no de avaliação, em todos os grupos, podendo considerar-se contextos estabilizados.

Além da conjunção subordinativa causal “porque”, os elementos indutores de próclise que oferecem mais dificuldades aos sujeitos testados são os quantificadores universais “qualquer” e “todos”. Relativamente ao quantificador universal “qualquer”, verificou-se uma progressão entre os Grupos I e II: encontra-se em aquisição pelos sujeitos do Grupo I (6º ano), considerando-se adquirido, mas não estabilizado pelos sujeitos do Grupo II (9º ano). Os sujeitos do Grupo III obtiveram 90% em ambos os testes (produção e avaliação). O quantificador universal “todos” encontra-se em aquisição pelos sujeitos dos Grupos I e II. Quanto aos sujeitos do Grupo III, alcançaram o valor de 90% no teste de produção e de 75% no teste de avaliação.

Quanto aos restantes contextos proclíticos, conclui-se que, quer no Grupo I quer no Grupo II, se encontram estabilizados / dominados os seguintes contextos: advérbio de negação “não”, a preposição “a” seguida do pronome relativo “quem” e o determinante interrogativo “que”³⁵. Podem considerar-se adquiridos, mas não estabilizados, no Grupo I (6º ano), os contextos que apresentam como proclisadores a conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “embora”; todavia, verificou-

³⁵ Relativamente aos contextos de próclise, em Santos (2002), o advérbio de negação “não” e o quantificador universal “todos” consideram-se estabilizados. A conjunção subordinativa causal “porque”, segundo a autora, causa dificuldades aos sujeitos.

se uma progressão expressiva nos resultados do Grupo I para o Grupo II, em que os referidos contextos parecem encontrar-se estabilizados, na medida em que apresentam valores na ordem dos 86%.

Em alternativa à posição proclítica, no teste de produção, os sujeitos colocaram o pronome enclítico, registando-se algumas (raras) ocorrências de ênclise acompanhada de alteração do tempo verbal, nomeadamente nos sujeitos do Grupo II. No teste de avaliação, a maior parte dos sujeitos não reconheceu a agramaticalidade das frases e, por tal motivo, não as corrigiu. Quando procedeu a correcções, a maior parte dos sujeitos também optou pelo padrão enclítico. Importa salientar algumas (raras) ocorrências de ênclise na correcção de frases gramaticais com os indutores de próclise que causam mais dificuldades aos sujeitos: a conjunção subordinativa causal “porque” e o quantificador universal “todos” (em todos os grupos de sujeitos); o quantificador universal “qualquer” (nos Grupos I e II); a conjunção subordinativa completiva “que” e a conjunção subordinativa concessiva “embora” (no Grupo I). Também se registou a ocorrência de ênclise por próclise com o advérbio de inclusão “até”.

Tendo em conta o exposto, verificamos que, quando os sujeitos não reconheceram o estatuto indutor de próclise dos elementos referidos, quer no completamento de frases (teste de produção) quer ao efectuarem juízos de gramaticalidade (teste de avaliação), em que mostraram não aceitar as frases gramaticais com o pronome proclítico, procederam à sua “correcção” colocando (agramaticalmente) o pronome à direita do verbo.

Assim sendo, confirma-se a Hipótese 4:

Hipótese 4 – Os sujeitos manifestam preferência pelo padrão enclítico em contextos que seleccionam a próclise.

Depois de analisados os resultados dos sujeitos nos três padrões de colocação, concluímos que a evolução existente entre os dois grupos de sujeitos (Grupo I e Grupo II) não é significativa. Em termos de valores globais, verifica-se que: (i) os contextos do padrão enclítico estão estabilizados em todos os grupos nos testes de produção e de avaliação; (ii) no geral, os contextos de próclise encontram-se adquiridos, mas não estabilizados, nos Grupos I e II, segundo os resultados do teste de produção, estando no mesmo patamar, no Grupo I, de acordo com os resultados do teste de avaliação, e

estabilizados, no Grupo II, tendo em conta os resultados do mesmo teste; (iii) os contextos de mesóclise não se encontram adquiridos por nenhum dos grupos ao nível da produção e os resultados do teste de avaliação revelam que se encontram em aquisição.

Em suma, apenas se regista a ocorrência de uma evolução significativa do Grupo I para o Grupo II nos resultados do teste de avaliação no padrão proclítico, verificando-se a mesma tendência nos resultados de Santos (2002). Relativamente à mesóclise, a sua produção é praticamente inexistente e os valores percentuais do teste de avaliação reflectem pouco mais do que a avaliação correcta das frases gramaticais, o que também se confirma em Santos (2002). O facto de os padrões não evidenciarem evoluções significativas, leva-nos a questionar o papel da escola na aquisição destas estruturas linguísticas.

Sendo assim, a Hipótese 5, que retomamos abaixo, não espelha os resultados obtidos, à excepção da evolução existente entre os Grupos I e II no contexto proclítico da conjunção subordinativa completiva “que” e da diferença entre os resultados dos Grupos I e II e os do Grupo III relativamente ao quantificador universal “todos” e ao padrão mesoclítico. No entanto, o que se esperava era uma evolução expressiva entre os sujeitos do 6º e do 9º anos, decorrente da explicitação da gramática promovida pelo sistema formal de ensino.

Hipótese 5 – As dificuldades na colocação dos pronomes tendem a diminuir à medida que os sujeitos avançam na idade e no nível de escolaridade.

A constatação de que os resultados do teste de avaliação são superiores aos do teste de produção confirma a Hipótese 6:

Hipótese 6 – Os resultados decorrentes da avaliação de frases gramaticais serão percentualmente superiores aos resultados obtidos com a avaliação de frases agramaticais nos três padrões de colocação e em todos os grupos de sujeitos testados.

Todos os grupos alcançaram melhores resultados na avaliação de frases gramaticais em detrimento das frases agramaticais, o que é bem visível na linha em ziguezague dos gráficos que mostram os resultados relativos ao teste de avaliação (*cf.* secção 3.)

Aquando da formulação das hipóteses, considerou-se que, a ser verdade o que se apresenta na Hipótese 6, os resultados obtidos no teste de avaliação seriam,

provavelmente, superiores aos do teste de produção, tendo-se avançado com a Hipótese 7:

Hipótese 7 – Em função do enunciado na Hipótese 6, prevê-se que os resultados alcançados pelos sujeitos no teste de avaliação sejam superiores aos resultados do teste de produção.

Efectivamente, esta hipótese confirma-se a nível global, pois os resultados mostram que todos os grupos de sujeitos tiveram um melhor desempenho no teste de avaliação do que no teste de produção, a saber, respectivamente: Grupo I – 76% / 60,8%; Grupo II – 80,3% / 59,7%; Grupo III – 96,4% / 93,3%.

Contudo, esta hipótese não reflecte os resultados da totalidade dos contextos. No padrão proclítico, a hipótese confirma-se claramente nos seguintes contextos que causaram mais dificuldades aos sujeitos: a conjunção subordinativa causal “porque” e os quantificadores universais “qualquer” e “todos” (neste último, exclui-se o grupo de controlo, que apresentou a tendência inversa).

No caso do Grupo I, os resultados são ligeiramente superiores no teste de produção do que no teste de avaliação nos seguintes contextos: advérbio de negação “não”; pronome relativo “que”; preposição “a” seguida do pronome relativo “quem”; e conjunção subordinativa concessiva “embora”.

Quanto aos valores percentuais do Grupo II, ou são idênticos nos dois tipos de teste ou confirmaram a hipótese em discussão.

Nos contextos do padrão enclítico, os resultados do Grupo I corroboram a hipótese formulada, contudo, os restantes dois grupos de sujeitos apenas apresentaram tal tendência num dos quatro contextos testados, o das frases infinitivas, verificando-se valores ligeiramente inferiores no teste de avaliação nos restantes três contextos enclíticos.

Quanto à mesóclise, confirma-se claramente o enunciado na Hipótese 7. A produção dos Grupos I e II é praticamente nula, registando-se 3,6% nas frases com futuro do indicativo e 0% nas frases com condicional. Contudo, os sujeitos reconhecem a gramaticalidade das frases correctas, o que contribuiu para o aumento da percentagem global alcançada no teste de avaliação, acentuando-se, assim, uma diferença bastante

significativa entre os resultados de ambos os testes. Relativamente ao grupo de controlo, também existe uma diferença entre os resultados do teste de produção e os do teste de avaliação, confirmando-se a hipótese acima transcrita, embora de forma menos significativa.

Tendo em consideração a investigação realizada, verifica-se que:

- (i) A ênclise é o padrão dominado, não só pelo facto de os contextos enclíticos se encontrarem estabilizados nos grupos de sujeitos testados, mas também por ser o padrão seleccionado como alternativo;
- (ii) Relativamente ao padrão proclítico:
 - a. há elementos indutores de próclise que são reconhecidos como tal pelos sujeitos e não oferecem problemas: o advérbio de negação “não”; o pronome relativo “que”; o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”; o determinante interrogativo “que” e o advérbio de inclusão “até”;
 - b. há proclisadores que parecem estar a perder o seu estatuto: a conjunção subordinativa causal “porque” (que causa problemas, inclusive, aos sujeitos do Grupo III (adultos)) e os quantificadores universais “qualquer” e “todos”³⁶;
- (iii) Os resultados do padrão mesoclítico, que mostram o desnível entre os resultados idênticos dos 6º e 9º anos e do Grupo dos adultos, indiciam mudança linguística;
- (iv) As discrepâncias existentes entre os resultados do teste de produção e do teste de avaliação revelam instabilidade por parte dos sujeitos na aquisição / conhecimento das estruturas em estudo; ao realizarem juízos de gramaticalidade correctos e ao revelarem insucesso na produção, os sujeitos manifestam possuir conhecimento implícito que, com a promoção de actividades adequadas, se deverá transformar em conhecimento explícito.

³⁶ Refira-se que, em Santos (2002), os sujeitos também manifestaram dificuldades em reconhecer o estatuto proclisador da conjunção subordinativa causal “porque”. Quanto ao quantificador universal “todos”, parece estar a perder a sua atracção enquanto indutor de próclise, visto que coloca problemas aos sujeitos e, em Santos(2002), estava estabilizado.

4. Os pronomes pessoais átonos nos Programas de Português do Ensino Básico

Os programas de Língua Portuguesa constituem um documento de grande importância na medida em que não só contribuem para a definição e caracterização da disciplina como também regulam o ensino e a elaboração de manuais escolares (*cf.* Castro e Sousa (1992)).

Os programas em vigor datam de 1991 e, ao analisá-los, constatamos que atribuem mais importância aos domínios *ouvir/falar, ler e escrever* do que ao domínio do *funcionamento da língua*. De acordo com Duarte (1991), este domínio detém um lugar periférico, na medida em que não é abordado como uma competência autónoma, recomendando-se o estudo da gramática sempre em contexto. Tal estatuto é bem evidente, visto que o documento não apresenta os conteúdos na descrição gramatical, mas apenas “níveis e processos de operacionalização”, o que não acontece na abordagem das outras competências.

Posteriormente, em 2001, foi publicado o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, que concebe o estudo da gramática (aí designado como *Conhecimento Explícito da Língua*) como uma competência essencial, tal como as restantes competências, e uma das áreas nucleares do currículo. Este documento prevê, ainda, a elaboração de novos programas para as diversas disciplinas. Por outro lado, os alunos que terminam o ensino secundário evidenciam graves dificuldades no domínio da gramática (*cf.* Delgado Martins *et al.* (1987) e Costa (2008)).

É neste contexto que surgem os novos Programas de Português do Ensino Básico (PPEB), que seguem os pressupostos enunciados no Currículo Nacional e definem o Conhecimento Explícito da Língua como uma competência autónoma, ao nível das restantes competências, e não com um estatuto transversal.

Os PPEB foram homologados em Março de 2009 e entrarão em vigor no ano lectivo de 2011/2012. Estes programas apresentam os descritores de desempenho (aquilo que se espera que o aluno seja capaz de fazer) e os conteúdos por ciclo, permitindo ao professor a gestão dos mesmos de acordo com a realidade educativa da sua escola e as metas que os alunos deverão alcançar no final de cada ciclo. O professor deverá ter sempre em atenção o “princípio da progressão” preconizado por este documento, visto

que o processo de ensino e aprendizagem da língua materna progride por patamares sucessivamente consolidados.

Vejamos, de seguida, a forma como o tópico gramatical em que nos concentramos nesta dissertação – os pronomes pessoais átonos – é abordado nos PPEB³⁷.

Nível de escolaridade	Plano	Descritores de desempenho	Conteúdos ³⁸
1º ciclo (1º e 2º anos)	Plano morfológico	- Comparar dados e descobrir regularidades	- Flexão pronominal – número (singular, plural); género (masculino, feminino), pessoa (1ª, 2ª, 3ª)
1º ciclo (3º e 4º anos)	Plano morfológico	- Explicitar regras e procedimentos: - Explicitar algumas regras de flexão nominal, adjectival, pronominal e verbal (verbos regulares).	- Flexão pronominal – número (singular, plural); género (masculino, feminino), pessoa (1ª, 2ª, 3ª)
	Plano das Classes de Palavras	- Explicitar: - Classificar e seriar (estabelecer classes, ordenar elementos em classes, distinguir uma classe de outra); - Identificar as características que justificam a inclusão (ou exclusão) de palavras numa classe.	- Pronome – pessoal (forma tónica e átona); possessivo, demonstrativo, interrogativo
2º ciclo	Plano morfológico	- Sistematizar as propriedades de distinção entre palavras variáveis e invariáveis. - Explicitar categorias relevantes para a flexão das classes de palavras variáveis.	- Palavras variáveis e invariáveis Flexão: - Pronomes pessoais: caso.
	Plano das Classes de Palavras	- Utilizar o pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal ³⁹ .	- Pronome: próclise, mesóclise, ênclise
	Plano sintáctico	- Distinguir as funções sintácticas de constituintes seleccionados e não seleccionados pelo verbo	- Funções sintácticas Complemento ⁴⁰ indirecto

³⁷ Embora o nosso estudo se centre nos 2º e 3º ciclos, julgámos pertinente a inclusão do 1º ciclo neste quadro, tornando, assim, possível a comparação entre os três níveis de escolaridade.

³⁸ A cor cinzenta indica que o conceito subjacente ao conteúdo pode ser trabalhado, embora o professor não deva explicitar o termo aos alunos, visto que fará parte apenas da metalinguagem do professor.

³⁹ As actividades sugeridas são exercícios de pronominalização.

⁴⁰ O exercício proposto consiste na substituição dos constituintes pela forma acusativa/dativa do pronome pessoal, tendo em conta as regras de concordância (“o”, “a”, “os” ou “as”, “lhe”/”lhes”).

3º ciclo	Plano morfológico	- Sistematizar as categorias relevantes para a flexão das classes de palavras variáveis.	- Flexão: - Pronomes pessoais: caso nominativo, acusativo, dativo e oblíquo ⁴¹ .
	Plano das Classes de Palavras	- Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal ⁴² .	- Pronomes: próclise, mesóclise, ênclise.

Quadro 6: A abordagem dos pronomes pessoais átonos nos PPEB.

A informação contida nesta tabela, elaborada a partir dos PPEB, permite-nos confirmar que a abordagem dos pronomes pessoais átonos é feita progressivamente do 1º ao 3º ciclos de escolaridade.

De seguida, serão apresentadas algumas propostas de exercícios a realizar pelos alunos dos 2º e 3º ciclos, decorrentes dos problemas detectados pela investigação em curso, bem como das indicações fornecidas pelos PPEB e enunciadas anteriormente.

4.1. Propostas de didactização

De acordo com o *Guião de Implementação do Programa – Conhecimento Explícito da Língua*, o ensino da gramática deverá partir do conhecimento implícito que as crianças têm da sua língua, i.e., das regras gramaticais que elas mobilizam automaticamente como falantes competentes da sua língua, de forma inconsciente, mas eficiente, para a explicitação dessas mesmas regras. Em Sim-Sim *et al.* (1997) afirma-se que “*a consciencialização do conhecimento implícito facilita a referência aos conteúdos a trabalhar, ajuda os alunos a descobrirem as regras gramaticais que usam (e as que devem usar) e permite a identificação rápida das dificuldades que manifestam no uso que fazem da língua*”, cabendo à escola o importante papel de promover actividades que desenvolvam a consciência linguística dos seus alunos.

Segundo a autora, “*é indispensável conhecer o perfil de desempenho de cada aluno em cada competência nuclear, o que remete para uma avaliação de diagnóstico*”.

Consideramos, pois, crucial que o professor comece por preparar actividades de

⁴¹ Os autores do PPEB sugerem a realização de exercícios que conduzam à identificação da relação existente entre as formas dos pronomes pessoais – casos – e a função sintáctica desempenhada na frase (sujeito; complemento directo/indirecto).

⁴² Propõe-se que as actividades desenvolvidas sejam articuladas com a expressão oral e escrita, recorrendo a exercícios de pronominalização com frases afirmativas, negativas e interrogativas que assegurem o domínio dos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos: próclise; mesóclise; ênclise.

diagnóstico com vista ao levantamento das dificuldades dos alunos, visto que há domínios de aquisição tardia, e, a partir do conhecimento (implícito) que eles revelarem, elabore exercícios que potenciem o desenvolvimento de novo conhecimento.

No entanto, nem sempre é possível partir do uso que os alunos já fazem da sua língua e, no *Guião de Implementação do Programa – Conhecimento Explícito da Língua*, faz-se referência ao facto de determinados aspectos da língua terem de ser aprendidos explicitamente, como, por exemplo, a colocação dos pronomes em contexto mesoclítico. Relativamente a este tópico, os autores partem do princípio de que não existe conhecimento implícito (tendo em conta os estudos realizados sobre o assunto, que confirmamos com os resultados obtidos com a presente investigação) e, por tal motivo, defendem que é necessário criar um contexto de ensino das regras de colocação do pronome no interior da forma verbal.

Por fim, importa sublinhar que o processo de ensino e aprendizagem se deve centrar no que é regular em detrimento das irregularidades e das excepções. Ao tomar consciência e ao sistematizar os padrões regulares da sua língua, o aluno estará mais capaz de resolver novos problemas, mobilizando o seu conhecimento gramatical em novas situações.

Foi com base nas conclusões a que chegámos nesta investigação e nos pressupostos e orientações dos PPEB acima expostos que desenvolvemos as actividades que a seguir se propõem e que passamos a descrever.

Actividade 1: Trata-se de um exercício que, sem ser exaustivo, contribuirá para a diagnose da turma relativamente ao conhecimento existente sobre a colocação dos pronomes pessoais átonos. Neste exercício, incluímos frases em que o pronome pessoal átono ocorre nos três padrões de colocação, possibilitando ao professor o conhecimento do desempenho individual dos alunos relativamente à colocação dos referidos pronomes. Assim, ser-lhe-á possível desenvolver exercícios diferenciados de forma a atender às necessidades / dificuldades de cada aluno.

Actividade 2: Neste exercício, parte-se do conhecimento implícito dos alunos acerca da colocação dos pronomes pessoais átonos, conduzindo-os aos contextos em que, obrigatoriamente, o pronome deverá ocorrer proclítico. Na elaboração desta actividade foram tidas em consideração as conclusões a que chegámos na presente investigação,

daí que, nos exercícios 1 e 2, tenham sido incluídos apenas os contextos estabilizados ao nível do 6º ano de escolaridade, nomeadamente: o advérbio de negação “não”, o pronome relativo “que”, o pronome relativo “quem” antecedido da preposição “a”, o determinante interrogativo “que” e o advérbio de inclusão “até”.

A progressão é assegurada no exercício 4, que integra os contextos proclíticos em que os sujeitos alcançaram resultados mais baixos, a saber: a conjunção subordinativa completiva “que”, a conjunção subordinativa concessiva “embora”, os quantificadores universais “qualquer” e “todos” e a conjunção subordinativa causal “porque”.

Posteriormente, os alunos são orientados no sentido de conhecerem as regras que subjazem à colocação do pronome proclítico e a actividade termina com um exercício de treino.

Actividade 3: Com esta actividade pretende-se que os alunos aprendam a colocar o pronome no padrão mesoclítico. Os resultados obtidos neste estudo, que revelam a aceitação de frases correctas com o pronome mesoclítico, sendo a produção praticamente nula, confirmam a impossibilidade de, ao elaborar exercícios, partir do conhecimento implícito dos alunos acerca deste contexto. Assim sendo, a actividade foi desenvolvida de forma a conduzir os alunos na realização do exercício até à explicitação das regras a respeitar nas estruturas que exigem a mesóclise. No final, apresenta-se um exercício de treino que possibilitará ao aluno a verificação dos conhecimentos adquiridos.

4.1.2. Actividade 2: Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos (próclise)

Tipo de actividade: Mobilização de conhecimento + Construção de conhecimento + Treino
Descritores de desempenho: Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal (ênclise e próclise).
Pré-requisitos: Para realizarem a actividade, os alunos devem conhecer as classes de palavras.
Questão a que responde: Onde fica o pronome?
Duração da actividade: 90 minutos

ONDE FICA O PRONOME?

Com este exercício, vais aprender a:

- Colocar o pronome pessoal átono.

Em que lugar da frase devo colocar o pronome pessoal átono?

1. Lê as frases da coluna A.
2. Completa as frases da coluna B de acordo com as suas correspondentes da coluna A.

Coluna A	Coluna B
a) O João viu-a.	a) O João não _____
b) Ofereceste-me a camisola azul.	b) A camisola que _____ é azul.
c) Apresentaram-nos ao colega.	c) Vi o colega a quem _____ _____
d) Ofereceram-te autocolantes?	d) Que autocolantes _____ _____
e) O Pedro e a Maria felicitaram-se.	e) Até o Pedro e a Maria _____ _____

3. Nas frases que completaste (coluna B), sublinha:
 - os pronomes pessoais átonos, com a cor **vermelha**;
 - as formas verbais a que estão ligados, com a cor **verde**.

A que conclusão chegaste?

- Nas frases da Coluna A, o pronome vem antes ou depois do verbo? _____
- Nas frases da Coluna B, o pronome vem antes ou depois do verbo? _____

4. Realiza o mesmo exercício.

Coluna A	Coluna B
a) A professora entregou-lhe o trabalho.	a) A professora disse que _____ _____
b) O filme agrada-me; prefiro ir ao teatro.	b) Embora o filme _____ _____
c) Uma pessoa indica-te o caminho.	c) Qualquer pessoa _____ _____
d) Os colegas saudaram-no.	d) Todos os colegas _____ _____
e) Ele foi ao médico; sentiu-se doente.	e) Ele foi ao médico, porque _____ _____

5. Nas frases que completaste (coluna B), sublinha:

- os pronomes pessoais átonos, com a cor **vermelha**;
- as formas verbais a que estão ligados, com a cor **verde**.

A que conclusão chegaste?

- Nas frases da Coluna A, o pronome vem antes ou depois do verbo? _____
- Nas frases da Coluna B, o pronome vem antes ou depois do verbo? _____

Como certamente reparaste, o pronome pode ocupar duas posições diferentes: antes do verbo ou depois do verbo. **Em que contextos?**

Vais agora descobrir quando é que colocas o pronome antes do verbo e quando é que o colocas depois.

6. Circunscreve as palavras que encontraste nas frases da coluna B e que não fazem parte das frases da coluna A.

6.1. Escreve-as nas linhas abaixo:

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____
- f) _____
- g) _____
- h) _____
- i) _____
- j) _____

A que conclusão chegaste?

Os pronomes pessoais átonos foram colocados _____ do verbo, na presença das seguintes palavras, que os atraíram para essa posição: _____, _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Quando não há palavras que os atraiam para esse lugar, os pronomes pessoais átonos são sempre colocados _____ do verbo.

NUNCA TE ESQUEÇAS!

Os contextos que atraem os pronomes pessoais átonos para a posição pré-verbal são os seguintes:

- ✓ Palavras de negação: *nunca, não, nada, nem*;
- ✓ Pronomes ou advérbios interrogativos: *quem, que*;
- ✓ Pronomes ou advérbios exclamativos ou palavras exclamativas: *que*;
- ✓ Pronomes ou advérbios relativos: *que, onde*;
- ✓ Conjunções subordinativas completivas: *que, se*;
- ✓ Conjunções subordinativas que introduzem orações adverbiais (causais, comparativas, concessivas, condicionais, consecutivas, finais, temporais): *porque, como, ainda que, se, que, para, quando, embora*;
- ✓ Advérbios ou locuções adverbiais como: *ainda, até, já, oxalá, sempre, só, talvez, também*;
- ✓ Quantificadores e pronomes ou determinantes indefinidos como: *algo, alguém, ambos, pouco, qualquer, todo, tudo*;
- ✓ Preposições (excepto a preposição *a*) ou locuções preposicionais: *antes de, para, em*;
- ✓ Gerúndios regidos da preposição *em*.

Agora, vais treinar o que aprendeste. Vê se ainda te lembras!

7. Lê as frases seguintes e classifica-as como correctas ou incorrectas.

Frases	Correcta	Incorrecta
a) Que descontos fizeram-te naquela livraria?		
b) Até a Maria se riu!		
c) A Ana não me deu o recado.		
d) Qualquer funcionário informa-te do horário dos serviços.		
e) O Pedro garantiu que trazia-te o jogo hoje.		
f) A rapariga que te apresentaram é minha vizinha.		

4.1.3. Actividade 3: Padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos

Tipo de actividade: Construção de conhecimento + Treino
Descritores de desempenho: Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal átono (reflexo e não reflexo) em adjacência verbal (mesóclise).
Pré-requisitos: Para realizarem a actividade, os alunos devem conhecer: os pronomes pessoais átonos, o futuro do indicativo e o condicional, os padrões proclítico e enclítico de colocação dos pronomes pessoais átonos; as funções sintácticas de complemento directo e indirecto.
Questão a que responde: Onde devo colocar o pronome?
Duração da actividade: 90 minutos

ONDE DEVO COLOCAR O PRONOME?

Com este exercício, vais aprender a:

- Colocar o pronome pessoal átono em adjacência a verbos conjugados no futuro do indicativo e no condicional.

LEMBRAS-TE?

Normalmente, os pronomes pessoais átonos colocam-se a seguir à forma verbal, excepto quando determinados elementos os atraem para a posição pré-verbal.

Serão só estas as posições em que o pronome ocorre (antes e depois do verbo)?

1. Repara na frase A:

Frase A: O Pedro telefonará à irmã.

1.1. Circunscreve a forma verbal.

1.2. Identifica o tempo e o modo em que está conjugada.

1.3. Preenche o esquema com os elementos da forma verbal que circunscreveste:

Radical		Terminação
_____	+	_____

NUNCA TE ESQUEÇAS!

Quando o pronome pessoal átono ocorre com formas verbais do futuro do indicativo, deverá ocupar a posição **entre o radical (infinitivo) e a terminação do verbo**.

1.4. Preenche, agora, o esquema com o pronome pessoal átono que substitui o constituinte sublinhado.

Radical	Pronome pessoal átono	Terminação
_____	_____	_____

1.5. Indica a função sintáctica desempenhada pelo constituinte sublinhado e pelo pronome que o substitui.

1.6. Agora, reescreve a frase completa de acordo com o esquema que preenchestes.

2. Repara na frase B:

Frase B: Se tivesse o telefone com ele, o Pedro telefonaria à irmã.

2.1. Circunscreve a forma verbal da segunda oração.

2.2. Identifica o modo em que está conjugada.

2.3. Preenche o esquema com os elementos da forma verbal que sublinhaste:

Radical	Terminação
↓ _____	↓ _____

NUNCA TE ESQUEÇAS!

Quando o pronome pessoal átono ocorre com formas verbais do condicional, deverá ocupar a posição **entre o radical (infinitivo) e a terminação do verbo**.

Radical	Pronome pessoal átono	Terminação
↓	↓	↓
_____	_____	_____

2.5. Indica a função sintáctica desempenhada pelo constituinte sublinhado e pelo pronome que o substitui.

2.6. Agora, reescreve a frase completa de acordo com o esquema que preenchestes.

3. Atenta na frase C:

Frase C: O João entregará o envelope.

3.1. Circunscreve a forma verbal

3.2 Indica o pronome pessoal átono que poderá substituir o constituinte sublinhado.

3.3. Preenche o esquema, tal como fizeste nos exercícios anteriores.

Radical	Pronome pessoal átono	Terminação
↓	↓	↓
_____	_____	_____

NUNCA TE ESQUEÇAS!

As formas do pronome pessoal com a função de complemento directo – *o, a, os, as* – tomam as formas *lo, la, los, las*, quando colocadas no interior do verbo, suprimindo-se o *-r* do radical.

Exemplo:

Nós escreveremos as cartas. → Nós escrever ~~/~~ **las** + emos → Nós **escrevê-las-emos**.



3.4. Reescreve, agora, a frase completa de acordo com o esquema que preenchestes e com as regras enunciadas acima.

Agora, vais treinar o que aprendeste!

4. Reescreve as frases substituindo os constituintes sublinhados por pronomes.

a) Os directores cumprimentarão as atletas no estádio.

b) Se a víssemos, nós reconheceríamos a escultura.

c) O mecânico reparará o carro?

d) Se não te atrasasses, ouvirias os depoimentos.

5. Repara na frase D:

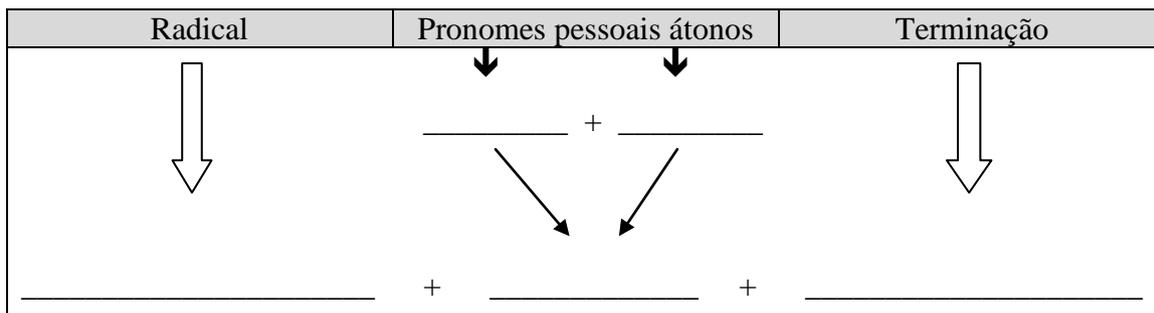
Frase D: O João entregará o envelope ao director.

5.1. Circunscreve a forma verbal.

5.2. Indica os pronomes pessoais átonos que poderão substituir os constituintes sublinhados:

Constituintes	<i>o envelope</i>	<i>ao director</i>
Pronomes		

5.3. Preenche o esquema, tal como fizeste nos exercícios anteriores. Associa os pronomes pessoais numa mesma forma.



Considerações finais

O objectivo do presente estudo consistiu em averiguar o desempenho linguístico dos alunos dos anos terminais do 2º e do 3º ciclos (6º e 9º anos, respectivamente) no que respeita à colocação dos pronomes pessoais átonos. Para tal, foram elaborados dois tipos de testes de elicitación de dados: um questionário de produção e outro de avaliação de frases, solicitando-se, neste último, a correcção das frases avaliadas como agramaticais. Os questionários foram, também, aplicados a um grupo de adultos, que funcionou como grupo de controlo.

Relativamente aos resultados obtidos, verificam-se algumas diferenças entre os do teste de produção e os do teste de avaliação. Enquanto no primeiro os resultados obtidos dizem respeito à produção dos alunos, os do segundo consistem na média das avaliações das frases gramaticais e das correcções que os alunos fizeram das frases agramaticais. O que se verificou foi que os resultados da classificação das frases gramaticais foram, no geral, superiores aos resultados da correcção das frases agramaticais, o que influenciou os resultados globais do teste de avaliação, favorecendo, assim, determinados contextos em que os sujeitos revelaram dificuldades aquando da correcção das frases agramaticais e, também, no teste de produção. Esta discrepância entre os resultados do teste de produção e os do teste de avaliação evidencia instabilidade no domínio da colocação dos pronomes pessoais átonos, dando a entender que os alunos dispõem de conhecimento implícito sobre as estruturas (daí aceitarem as frases gramaticais que lhes são apresentadas), mas não explicitam as regras que subjazem a essas mesmas estruturas e, por isso, não as produzem de acordo com a gramática-alvo. A comprovar esta dedução temos o facto de os resultados de ambos os testes serem idênticos quando se trata de contextos dominados pelos sujeitos. Segundo Sim-Sim (2006) a capacidade de reconhecer explicitamente a (a)gramaticalidade de uma estrutura depende do conhecimento implícito e das capacidades de reflexão do sujeito. A autora refere que “*a aquisição tardia de uma estrutura específica determina uma maior dificuldade de apreciação da (a)gramaticalidade dessa estrutura*” (cf. Sim-Sim (2006:21).

Relativamente aos padrões de colocação dos pronomes pessoais átonos, constatámos que o padrão dominado pelos sujeitos é a ênclise, embora as frases infinitivas coloquem alguns problemas. No domínio proclítico, os proclisadores em que os sujeitos manifestaram mais dificuldades foram a conjunção subordinativa causal “porque” e os

quantificadores universais “qualquer” e “todos”. O padrão que obteve os resultados mais baixos, sendo praticamente nulos no teste de produção, foi a mesóclise, verificando-se que se encontra estabilizado apenas no grupo dos adultos.

A descrição e análise dos dados obtidos relativamente ao padrão mesoclítico, bem como o conhecimento que temos do desempenho linguístico oral e escrito dos sujeitos destes níveis de escolaridade, levam-nos a crer estarmos perante uma situação de mudança linguística. Na verdade, é comum constatarmos a inexistência de construções que envolvam este padrão de colocação, quer a nível da oralidade quer a nível da escrita. Quando confrontados com o pronome mesoclítico nos textos escritos ou em determinados exercícios gramaticais, a reacção dos sujeitos é, normalmente, de estranheza e, por vezes, de desconfiança relativamente à “correção” da frase.

Com base nos resultados apurados nesta investigação, que confirmam a inexistência de evolução entre os sujeitos do 6º e os do 9º anos no que respeita à colocação dos pronomes pessoais átonos, consideramos necessário um maior investimento no estudo dos proclisadores que causam mais dificuldades aos sujeitos, bem como dos contextos mesoclíticos. Foi nesse sentido que entendemos complementar este estudo com algumas propostas de didactização, que partem do conhecimento implícito que os sujeitos têm da colocação dos pronomes pessoais átonos nos contextos dominados para os contextos que ainda não se encontram estabilizados. Ao revelar os resultados desta investigação acompanhados de exercícios sobre o tópico em questão, esperamos ir ao encontro das necessidades dos docentes de língua portuguesa, contribuindo para a utilização e concepção de materiais de trabalho relativos à competência do conhecimento explícito da língua e, conseqüentemente, para um melhor desempenho linguístico dos alunos.

Parece-nos importante que, em investigações futuras, a recolha de dados incida sobre outros níveis de ensino, nomeadamente o pré-escolar e o primeiro ciclo, de forma a que seja possível avaliar o impacto das actividades relativas ao conhecimento explícito da língua, promovidas pelo sistema formal de ensino, nos sujeitos testados. Seria igualmente interessante conhecer o desempenho linguístico de sujeitos do ensino secundário e até universitário, no sentido de verificar o momento em que as estruturas estabilizam ou de confirmar a mudança linguística.

Referências bibliográficas

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo.
- Avram, Larisa e Martine Coene (2007). Object clitics as last resort. Implications for language acquisition. In S. Baauw, J. Van Kampen, M. Pinto (eds.) *The Acquisition of Romance Languages. Selected Papers from The Romance Turn II 2006*, Utrecht: LOT, pp. 7-26.
- Babyonyshev, Maria e Stefania Marin (2005). The Acquisition of Object Clitic Constructions in Romanian. In Gess, Randall S. e Edward J. Rubin (eds.), *Theoretical and Experimental Approaches to Romance Linguistics*, pp. 21-40.
- Bechara, Evanildo (2001). *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Cardinaletti, Anna e Michael Starke (1996). Deficient Pronouns: a View from Germanic. A Study in the Unified Description of Germanic and Romance. In Thráinsson, Epstein e Peter (orgs.), *Studies in Comparative Germanic Syntax*, Vol. II: 21-65. Dordrecht: Kluwer.
- Cardinaletti, Anna e Michael Starke (1999). The Typology of Structural Deficiency. A Case Study of the Three Classes of Pronouns. In van Riemsdijk (org.), *Clitics in the Languages of Europe*, 145-233. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Carmona, Jaqueline e Carolina Silva (2007). A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. In A. Coutinho e M. Lobo (eds.) *XXII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 199-210.
- Castro, Rui Vieira de, e Maria de Lourdes Sousa (1992). Novos Programas de Português: entre a ruptura e a continuidade”, *O Professor*, nº 24 (3ª série). Lisboa: Editorial Caminho, pp. 18-26.
- Costa, João (2008). Conhecimento gramatical à saída do Ensino Secundário: estado actual e consequências na relação com leitura, escrita e oralidade. In Carlos Reis (ed.) *Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*, Lisboa: Ministério da Educação, pp. 149-165.

- Costa, João e Maria Lobo (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 285-293.
- Costa, João e Maria Lobo (2007). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. In A. Coutinho e Maria Lobo (eds.) *XXII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 303-313.
- Costa, João e Maria Lobo (2009). Clitic Omission in the Acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In A. Pires e J. Rothman eds. *Minimalist Inquiries into Child na Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 63-84.
- Cuesta, Pilar Vázquez e Luz, M. Albertina (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições 70.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1990). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Delgado Martins, M. R. et al. (1987). *Para uma caracterização do saber linguístico à entrada no ensino superior*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Duarte, Inês (1983). “Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos”. *Revista da Faculdade de Letras*, nº especial comemorativo do 50º aniversário da Revista, 158-176.
- Duarte, Inês (1991). Funcionamento da Língua: a periferia dos NPP. In M. R. Delgado-Martins et al.. Documentos do Encontro sobre os Novos Programas de Português. Lisboa: Colibri.
- Duarte, Inês (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Duarte, Inês e Gabriela Matos (2000). Romance Clitics and the Minimalist Program. In Costa, João (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 116-142.

- Duarte, Inês, Gabriela Matos e Isabel Hub Faria (1995). “Specificity of European Portuguese Clitics in Romance”. In Faria e Freitas (eds) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL Edições Colibri.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos, Anabela Gonçalves e Ilza Ribeiro (2001). Clíticos Especiais em Português Europeu e Brasileiro. Comunicação apresentada ao 2º *workshop* do Projecto *Português Europeu e Português Brasileiro: Unidade e Diversidade na Viragem do Milénio*. Universidade Federal do Ceará.
- Fiéis, Alexandra (2001). Interpolação no Português Medieval como Adjunção a XP. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 197-211.
- Fiéis, Alexandra (2003). *Ordem de Palavras, Transitividade e Inacusatividade. Reflexão Teórica e Análise do Português dos Séculos XIII a XVI*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Figueiredo, C. (1944). *O Problema da Colocação de Pronomes – Suplemento às Gramáticas Portuguesas*. Juízo crítico de Gonçalves Viana. 4ª ed., Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Frota, Sónia e Marina Vigário (1996). On Weight Effects in European Portuguese. Comunicação apresentada no *Glow Workshop On Weight Effects*. Atenas.
- Gonçalves, Anabela (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo Não Preposicionado do Português Europeu*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Fernanda (2004). *Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe em Português Europeu e Brasileiro*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- Gonçalves, Fernanda, Paula Guerreiro e Maria João Freitas (2009/no prelo). *O Conhecimento da Língua: Percursos de Desenvolvimento*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

- Guasti, Maria Teresa (2002). *Language Acquisition – The Growth of Grammar*. Cambridge: The MIT Press.
- Hamman, Cornelia, Luigi Rizzi e Uli H. Frauenfelder (1996). On the acquisition of subject and object clitics in French. In H. Clahsen (ed.) *Generative perspectives on language acquisition*. Amsterdam: Benjamins, pp. 309-333.
- Jaeggli, Osvaldo (1982). *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Jakubowicz, Celia e Catherine Rigaut (2000). L’acquisition des clitiques nominatifs et des clitiques objects en français. *Canadian Journal of Linguistics* 45 (1/2), pp. 119-157.
- Kato, Mary (1999). Strong and Weak Pronominals and the Null Subject Parameter. *Probus*, 11(1): 1-37.
- Kayne, Richard (1975). *French Syntax. The Transformational Cycle*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Lobo, Maria (2003). Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Lust, Barbara (2006). *Child Language – Acquisition and Growth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Madeira, Ana (1993). Clitic-second in European Portuguese. *Probus* 5, pp. 155-174.
- Magro, Catarina (2007). *Clíticos: Variações sobre o Tema*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Martins, Ana Maria (1994a). *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (1994b). Enclisis, VP-deletion and the Nature of Sigma. *Probus* 6, pp.173-205.

- Martins, Ana Maria (2001). *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Martins, Ana Maria (2003). "Variação e Mudança no Português". *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais - 2002*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais. 29-44.
- Martins, Ana Maria (2005). "Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance". *Grammaticalization and Parametric Change*, ed. by M. Batllori, M.-Ll. Hernanz, C. Picallo, & F. Roca. Oxford & New York: Oxford University Press. 175-193.
- Martins, Ana Maria (em preparação). A Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos. In Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Eduardo Paiva Raposo, Maria Luísa Segura e Maria do Céu Viana (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, Gabriela (1985). *Clítico Verbal Demonstrativo*. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Menyuk, Paula (1971). *The Acquisition and Development of Language*. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs [tradução portuguesa: Geraldina Porto Witter e Leonor Scliar Cabral (1975). *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*. São Paulo: Pioneira].
- Radford, Andrew (1994). The Syntax of Questions in child English. *Journal of Child Language* 21, pp. 211-236.
- Rainho, Elisabete (2010). *Norma e Variação na Aula de Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.
- Ramalho, Ana Margarida (2010). *Aquisição do Plural nos Nomes Terminados em Ditongo Nasal – Estudo com Crianças entre os 3 e os 7 anos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

- Raposo, Eduardo Paiva (1986). On the Null Subject Construction in European Portuguese. In Jaeggli e Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris, pp. 373-390.
- Reis, Carlos (Org.) (2008). *Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC.
- Said Ali, Manuel (1908 e 1966). *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro/S. Paulo: Laemmert e C.
- Santos, M. F. N. (2002). *Os Pronomes Pessoais Átonos no Português Europeu. Descrição de Problemas que Ocorrem no 3º Ciclo e Proposta de Actividades Didácticas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Schaeffer, Jeannette (1997). *Direct Object scrambling in Dutch and Italian child language*, UCLA Dissertations in Linguistics, 17.
- Silva, Carolina (2007). A aquisição de pronomes clíticos diferenciados em português europeu. In *Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes*. Lisboa. Edição online: http://www.clul.ul.pt/artigos/silva_carolina.pdf
- Silva, Carolina (2008). *Assimetrias na Aquisição de Clíticos Diferenciados em Português Europeu*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Silva Dias, Augusto Epiphanyo (1918). *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1933 (2ª ed.).
- Sim-Sim, Inês, et al. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica, Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Sim-Sim, Inês (2006). *Avaliação da Linguagem Oral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sportiche, Dominique (1996). Clitic Constructions. In J. Rooryck e L. Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, pp. 213-276.

- Tsakali, Vina e Kenneth Wexler (2003). Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. Paper presented at *Generative Approaches to Language Acquisition 2003*. Utrecht: Utrecht University.
- Vigário, Marina (1999). Pronominal Cliticization in European Portuguese: a Postlexical Operation. *CatWPL*, 7: 219-237.
- Vigário, Marina (2001). *The Prosodic Word in European Portuguese*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa. [Publicada em 2003 pela Mouton de Gruyter na colecção *Interface Explorations*.]
- Vilela, Mário (1995). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Wexler, Kenneth, Anna Gavarró e Vicent Torrens (2003). Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe e P. Sleeman (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory. Selected Papers from Going Romance 2002*. Amsterdam: John Benjamins.
- Zwicky, Arnold (1977). *On Clitics*. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.

Documentos oficiais

- ABRANTES, Paulo (coord.) (2001), *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* [CNEB], Lisboa, Ministério da Educação.
- COSTA, João (coord.), Assunção Caldeira CABRAL, Ana SANTIAGO e Filomena VIEGAS (2009), *Guião de Implementação do Programa- Conhecimento Explícito da Língua*, [Documento de trabalho reservado à formação].
- DUARTE, Regina (coord.), Ana Sofia VEIGAS, Joana BATALHA, Maria da Luz PIGNATELLI e Marisa HENRIQUES (2009), *Programas de Língua Portuguesa/Português: uma visão diacrónica*, Lisboa, Ministério da Educação, DGIDC.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (1967), *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, [Portaria nº 22.664 de 28 de Abril de 1967], *Diário do Governo*, 1ª Série, Nº 101, pp. 821-827.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1991) [ME, 1991a], “Língua Portuguesa”, *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico: 2º ciclo*, Vol. I, Lisboa, Departamento da Educação Básica, 1999, pp. 49-74.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1991) [ME, 1991b], *Programa Língua Portuguesa, Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, Ensino Básico, 2º ciclo*, Vol. II, Lisboa, Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1991) [ME, 1991c], “Língua Portuguesa”, *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico: 3º ciclo*, Vol. I, Lisboa, Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário, pp. 47-72.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1991) [ME, 1991d], *Programa Língua Portuguesa, Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, Ensino Básico, 3º ciclo*, Vol. II, Lisboa, Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2009) [ME, 2009], *Programas de Português do Ensino Básico*, Lisboa, DGIDC.

SILVA, Encarnação, Glória BASTOS, Regina DUARTE e Rui VELOSO (2009), *Guião de Implementação do Programa- Leitura*, [Documento reservado à formação].

SIM-SIM, Inês, Inês DUARTE e Maria José FERRAZ (1997), *A Língua Materna na Educação Básica: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Lisboa, Ministério da Educação- Departamento da Educação Básica.

Sítios na internet

Associação de Informação Terminológica: <http://www.ait.pt>

Associação Portuguesa de Linguística: <http://www.apl.org.pt>

Associação de Professores de Português: <http://www.app.pt/>

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: <http://www.ciberduvidas.sapo.pt>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <http://www.priberam.pt>

Dicionário Terminológico: <http://www.dt.dgicd.min-edu.pt/>

Fóruns e materiais didáticos: <http://www.dgicd.minedu.pt/TLEBS/gramatica/index.html>

Gramática.pt: <http://www.dgicd.min-edu.pt/TLEBS/Gramática/index.html>

Instituto Camões – Centro Virtual: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/aprender-portugues.html>

Portal da Língua Portuguesa – Iltec <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>

Programa Nacional de Ensino do Português: <http://www.sitio.dgicd.min-edu.pt/linguaportuguesa/Paginas/PNEP.aspx>

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO (GRUPOS I E II)

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: ____ anos Sexo: Feminino Masculino Ano e turma: _____

Local de residência: _____

Escola: _____

Classificação do 2º período a Língua Portuguesa: _____

Nível de escolaridade no ano lectivo anterior: _____

Língua materna: _____ Língua falada em casa: _____

Domínio de outras línguas (escreva o(s) idioma(s) nos espaços):

	Níveis de domínio		
	Básico	Intermédio	Avançado
LÍNGUAS NÃO MATERNAS			

Data de realização do questionário: ____/____/____ Local: _____

ANEXO 2

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO I

Grupo de sujeitos do 6º ano – Turmas A e B – Escola B. I. / J. I. de Alcáçovas

Sujeito	Idade	Residência	Classificação do 2º período – L. Portuguesa	Nível de escolaridade do ano anterior	Língua materna	Língua falada em casa	Outras línguas
							Nível básico
SF1I	12	Alcáçovas	3	5º ano	Português	Português	Inglês
SF2I	11	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SF3I	11	Alcáçovas	4	6º ano	Português	Português	Inglês
SF4I	11	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SF5I	12	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SF6I	11	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SF7I	12	Alcáçovas	3	5º ano	Português	Português	Inglês
SM1I	11	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SM2I	11	Alcáçovas	3	5º ano	Português	Português	Inglês
SM3I	11	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SM4I	12	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SM5I	12	Alcáçovas	4	5º ano	Português	Português	Inglês
SM6I	11	Alcáçovas	3	5º ano	Português	Português	Inglês
SM7I	12	Alcáçovas	3	5º ano	Português	Português	Inglês

ANEXO 3

IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO II

Grupo de sujeitos do 9º ano – Turma A – Escola B. I. / J. I. de Alcáçovas

Sujeito	Idade	Residência	Classificação do 2º período – L. Portuguesa	Nível de escolaridade do ano anterior	Língua materna	Língua falada em casa	Outras línguas	
							Nível básico	Nível intermédio
SF1II	15	Alcáçovas	2	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SF2II	15	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês	Inglês
SF3II	15	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SF4II	16	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SF5II	16	Alcáçovas	2	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SF6II	15	Alcáçovas	4	8º ano	Português	Português	Francês	Inglês
SF7II	14	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês	Inglês
SM1II	15	Alcáçovas	4	8º ano	Português	Português	Francês	Inglês
SM2II	16	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SM3II	17	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	Espanhol
SM4II	14	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SM5II	14	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SM6II	17	Alcáçovas	2	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____
SM7II	15	Alcáçovas	3	8º ano	Português	Português	Francês/Inglês	_____

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO (GRUPO III)

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: ____ anos Sexo: Feminino Masculino Naturalidade: _____

Local de residência: _____ Profissão: _____

Local de trabalho: _____

Habilitações acadêmicas: _____

Língua materna: _____ Língua falada em casa: _____

Domínio de outras línguas (escreva o(s) idioma(s) nos espaços):

	Níveis de domínio		
	Básico	Intermédio	Avançado
LÍNGUAS NÃO MATERNAS			

Data de realização do questionário: ____/____/____ Local: _____

ANEXO 5
IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO III
Grupo de adultos – Sexo feminino

Sujeito	Idade	Naturalidade	Residência	Profissão	Local de trabalho	Habilitações académicas	Língua materna	Língua falada em casa	Outras línguas		
									Básico	Interm.	Avançado
SF1III	52	(Port.)	Évora	Prof.	Évora	Licenc. LLM – Est. Portugueses	Portug.	Portug.	Inglês	Francês	_____
SF2III	55	(Port.)	Évora	Prof.	Portel	Licenc. Ens. Português/ Francês	Portug.	Portug.	Inglês	_____	Francês
SF3III	46	Portalegre	Aguiar	Prof.	Alcáçovas	Licenc. Ens. Português/ Francês	Portug.	Portug.	Castelhano	Inglês	Francês
SF4III	48	Portel	Portel	Prof.	Portel	Lic. LLM – variante Port./Franc.	Portug.	Portug.	_____	Francês	_____
SF5III	39	Beja	Évora	Prof.	Portel	Licenc. Ens. Português/ Inglês	Portug.	Portug.	_____	Alemão	Inglês

ANEXO 6
IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO III
Grupo de adultos – Sexo masculino

Sujeito	Idade	Naturalidade	Residência	Profissão	Local de trabalho	Habilitações académicas	Língua materna	Língua falada em casa	Outras línguas		
									Básico	Interm.	Avançado
SM1III	35	Paris	Bragança	Prof.	Arm. de Pêra	Licenc. Ens. Português/ Francês	Portug.	Portug.	Castelhano/ Inglês	_____	Francês
SM2III	38	Vendas Novas	Vendas Novas	Prof.	Vendas Novas	Licenc. Ens. Português/ Inglês	Portug.	Portug.	Castelhano	Francês	Inglês
SM3III	37	Évora	Évora	Prof.	Portel	Licenc. Ens. Português/ Inglês	Portug.	Portug.	_____	Francês	Inglês
SM4III	58	Caldas da Rainha	_____	Prof.	Redondo	Licenc. LLM – Est. Portugueses	Portug.	Portug.	Alemão/ Russo	Inglês/ Latim	Francês
SM5III	38	Mont.-o-Novo	Lavre	Prof.	Mont.-o-Novo	Licenc. Ens. Português/ Francês	Portug.	Portug.	_____	Inglês	Francês

ANEXO 7
TESTE DE PRODUÇÃO

TESTE DE PRODUÇÃO

1. Leia atentamente as frases apresentadas.
2. Complete os espaços em branco com as palavras das margens direita e esquerda, combinando-as da forma que considerar correcta. Se julgar necessário, poderá alterar essas palavras.

disseram	1. O professor avisou que o teste era hoje e eles não _____ nada.	lhe
levarei	2. Assim que tiver algum tempo, irei buscar o Pedro e _____ ao jardim.	o
deslumbra	3. Luís, que cidade _____ mais: Paris ou Londres?	te
limpou	4. A minha mochila estava suja, mas a mãe _____ no fim-de-semana.	a
ensina	5. Quando os jogos chegarem, qualquer colega _____ a jogar.	vos
compra	6. Como gosta muito de ler livros, o Pedro _____ todos os meses.	os
mostrou	7. O pai da Joana está fascinado com o computador novo que _____ ontem.	nos

encontrar	8. Estive muito tempo no estrangeiro e a Margarida, ao _____ na feira, ficou surpreendida.	me
fez	9. Devias agradecer a quem _____ esse favor.	te
assumindo	10. _____ o responsável pela brincadeira, o Rui contou tudo à professora.	se
teriam	11. Se eles te tivessem visto na ecopista, _____ contado.	me
encontro	12. Não me digas que ele não vai ao refeitório, porque _____ muitas vezes à saída.	o
custassem	13. Embora os últimos metros _____ muito, o Rui ganhou a corrida.	lhe
encontremos	14. É importante que amanhã _____ para irmos juntas.	nos
comoveu	15. A Rita acabou de sair; até a Marta _____ com a história dela.	se
ver	16. A Maria procurou-te entre a multidão e, ao _____, caminhou na tua direcção.	te

viram	17. A Ana foi a casa da Rita, eles passaram por ela e não _____.	a
dizem	18. Todos os participantes _____ que não concordam com o regulamento do concurso.	nos
recebem	19. Quando os colegas da Joana vão lá a casa, os pais dela _____ muito bem.	os
ofereceste	20. Os bombons que _____ no Natal são ótimos!	lhes
saudaram	21. Todos os teus amigos _____ pelo excelente resultado obtido.	te
vê	22. Tenho a certeza que a Maria é uma boa amiga, porque _____ nas atitudes dela.	se
penduraria	23. Tivesse eu um quadro de Picasso e _____ num lugar especial da minha casa.	o
comprem	24. Embora os pais _____ outros brinquedos, o Pedro brinca sempre com carros.	lhe
explica	25. Se tiver dificuldades, peço ajuda a quem _____ a matéria.	me
esclarece	26. Assim que chegarem à clínica, qualquer funcionário _____	vos

	_____ acerca do serviço.	
mostraram	27. Os alunos visitaram o Planetário e _____ mais interessados pela matéria.	se
metendo	28. _____ dentro da gaveta, a Maria escondeu o bilhete.	o
telefonou	29. A Joana contou à mãe que o Rui _____ hoje de manhã.	lhe
interessa	30. De todas as que estão disponíveis, que actividade _____ mais?	vos
ofereceremos	31. Ultimamente não têm comido chocolates, mas no dia de anos _____ duas caixas de bombons.	lhes
disse	32. Não sei se vou ter boa nota; até o Luís _____ que o teste foi muito difícil.	me

Nome: _____ Idade: ____ Ano: ____

Local: _____ Data: __/__/__

ANEXO 8
TESTE DE AVALIAÇÃO I

TESTE DE AVALIAÇÃO - I

- 1. Leia com atenção as frases apresentadas.**
- 2. Escolha a opção que considerar correcta.**

1. A Ana encontrou o Pedro e o Filipe à porta do teatro e não lhes disse que os bilhetes estavam esgotados.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

2. A intervenção dele foi inconveniente; até os colegas sentiram-se incomodados.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

3. Assim que chegarem, a funcionária estará à entrada do edifício e entregará-vos toda a documentação.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

4. A Joana esteve na festa até ao fim, se divertindo muito.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

5. A Maria encontrou o Luís e, ao contar-lhe a novidade, ele ficou surpreendido.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

6. A Ana está descansada, porque o Luís dá-lhe boleia até à porta do escritório.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

7. Lembras-te daquele colega que te apresentaram na festa da Rita? Vi-o na minha escola.
 - a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

8. A Maria agradeceu muito a quem lhe entregou o convite para a apresentação do livro.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
9. Os meus primos foram ao cinema e convidaram-me para ir com eles.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
10. Quando eles voltarem, qualquer colega explica-lhes a matéria de Geografia.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
11. A professora disse que esforçámo-nos pouco nas aulas durante este período.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
12. Aquela matéria é complicada; até a Joana me disse que está com dificuldades.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
13. Embora a Margarida diga-me que não, eu sei que ela foi ao concerto dos Xutos & Pontapés.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
14. Todos os alunos da turma fizeram-lhe uma surpresa assim que ela entrou na sala.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
15. Como tem uma óptima memória, o Pedro lembra-se sempre do aniversário dos amigos.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta
16. Eles entraram no edifício, dirigiram-se ao refeitório e não viram-te ao fundo do corredor.
- a) frase correcta
 - b) frase incorrecta

17. Trata-se de uma cidade que agrada-nos especialmente pela hospitalidade dos seus habitantes.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

18. Se o Pedro tivesse lido o livro quando lho emprestei, devolveria-mo mais cedo.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

19. A Maria teve de ir ao hospital, porque o filho se sentiu mal enquanto fazia a digestão.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

20. Encostando-se à parede, a Maria conseguiu ficar até ao fim do espectáculo.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

21. Para a visita, que dia da semana agrada-vos: a quinta ou a sexta-feira?

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

22. O Pedro não tinha lápis para fazer o exercício, mas um colega lhe emprestou o dele.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

23. Quando pedi à mãe, ela me contou a história da Cinderela.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

24. Quando chegares à Guarda, qualquer pessoa te indica o caminho até Belmonte.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

25. Há muito tempo que não estou com a Margarida, mas no sábado vê-la-ei na festa do Mário.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

26. O Bruno não queria ficar com a tia e, ao lhe fugir, foi atropelado.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

27. A Maria garantiu-me que lhes dava o recado hoje, sem falta.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

28. Embora a tia a leve ao parque todos os dias, ela fica sempre insatisfeita.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

29. Todos os jogadores o saudaram quando entrou no balneário, após o jogo.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

30. Exponham todas as dúvidas a quem mostrar-vos a obra desse pintor.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

31. Margarida, que livros te interessam mais: os de aventuras ou de mistério?

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

32. O autocarro partiu às oito horas; se saíssemos de casa cinco minutos antes, perdê-lo-íamos.

- a) frase correcta
- b) frase incorrecta

Nome: _____ Idade: ____ Ano: ____

Local: _____ Data: ____/____/____

ANEXO 9
TESTE DE AVALIAÇÃO II

TESTE DE AVALIAÇÃO - II

- 1. Leia com atenção as frases apresentadas.**
- 2. Reescreva as frases, corrigindo as que considerar incorrectas.**

1. A Ana encontrou o Pedro e o Filipe à porta do teatro e não lhes disse que os bilhetes estavam esgotados.

2. A intervenção dele foi inconveniente; até os colegas sentiram-se incomodados.

3. Assim que chegarem, a funcionária estará à entrada do edifício e entregará-vos toda a documentação.

4. A Joana esteve na festa até ao fim, se divertindo muito.

5. A Maria encontrou o Luís e, ao contar-lhe a novidade, ele ficou surpreendido.

6. A Ana está descansada, porque o Luís dá-lhe boleia até à porta do escritório.

7. Lembras-te daquele colega que te apresentaram na festa da Rita? Vi-o na minha escola.

8. A Maria agradeceu muito a quem lhe entregou o convite para a apresentação do livro.

9. Os meus primos foram ao cinema e convidaram-me para ir com eles.

10. Quando eles voltarem, qualquer colega explica-lhes a matéria de Geografia.

11. A professora disse que esforçámo-nos pouco nas aulas durante este período.

12. Aquela matéria é complicada; até a Joana me disse que está com dificuldades.

13. Embora a Margarida diga-me que não, eu sei que ela foi ao concerto dos Xutos & Pontapés.

14. Todos os alunos da turma fizeram-lhe uma surpresa assim que ela entrou na sala.

15. Como tem uma óptima memória, o Pedro lembra-se sempre do aniversário dos amigos.

16. Eles entraram no edifício, dirigiram-se ao refeitório e não viram-te ao fundo do corredor.

17. Trata-se de uma cidade que agrada-nos especialmente pela hospitalidade dos seus habitantes.

18. Se o Pedro tivesse lido o livro quando lho emprestei, devolveria-mo mais cedo.

19. A Maria teve de ir ao hospital, porque o filho se sentiu mal enquanto fazia a digestão.

20. Encostando-se à parede, a Maria conseguiu ficar até ao fim do espectáculo.

21. Para a visita, que dia da semana agrada-vos: a quinta ou a sexta-feira?

22. O Pedro não tinha lápis para fazer o exercício, mas um colega lhe emprestou o dele.

23. Quando pedi à mãe, ela me contou a história da Cinderela.

24. Quando chegares à Guarda, qualquer pessoa te indica o caminho até Belmonte.

25. Há muito tempo que não estou com a Margarida, mas no sábado vê-la-ei na festa do Mário.

26. O Bruno não queria ficar com a tia e, ao lhe fugir, foi atropelado.

27. A Maria garantiu-me que lhes dava o recado hoje, sem falta.

28. Embora a tia a leve ao parque todos os dias, ela fica sempre insatisfeita.

29. Todos os jogadores o saudaram quando entrou no balneário, após o jogo.

30. Exponham todas as dúvidas a quem mostrar-vos a obra desse pintor.

31. Margarida, que livros te interessam mais: os de aventuras ou de mistério?

32. O autocarro partiu às oito horas; se saíssemos de casa cinco minutos antes, perdê-lo-íamos.

Nome: _____ Idade: ____ Ano: ____

Local: _____ Data: __/__/__

ANEXO 10
PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A RECOLHA DE DADOS
(Director da Escola)

Exmo. Sr.

Director da Escola B. I. / J. I. de Alcáçovas

Maria Florentina Charneca Catalão, aluna do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem e da Comunicação, na sequência da realização de um trabalho para o referido curso, vem por este meio solicitar autorização para a recolha de dados a partir da aplicação de testes a alguns alunos deste estabelecimento.

Os dados recolhidos apenas serão utilizados para fins académicos.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada.

Alcáçovas, 3 de Maio de 2010

A Aluna,

(Maria Florentina Charneca Catalão)

ANEXO 11
PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A RECOLHA DE DADOS
(Encarregados de Educação)

Alcáçovas, 3 de Maio de 2010

Exmo(a). Sr(a). Encarregado(a) de Educação:

Venho por este meio solicitar a colaboração de V. Exa. no sentido de autorizar o(a) seu(sua) educando(a) a realizar uma actividade no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fim académico-científico (trabalho de Mestrado), sendo assegurada total confidencialidade relativamente à identidade dos alunos.

Agradeço antecipadamente a sua atenção e despeço-me com os melhores cumprimentos.

A docente,

(M. Florentina C. Catalão)

✂-----

DECLARAÇÃO

Declaro que autorizo / não autorizo (por favor, risque o que não interessa) o meu/ minha educando/educanda a participar na actividade de Língua Portuguesa, cuja finalidade é recolher dados para fim académico-científico (trabalho de Mestrado).

Data: ____/____/____

Assinatura do Encarregado de Educação

ANEXO 12
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO I – PRÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos										Média/ sujeito
				Adv. neg. "não"	Pr. rel. "que"	Conj. sub. cs. "porque"	Conj. sub. compl. "que"	Prep. "a" + pr. rel. "quem"	Det. int. "que"	Adv. incl. "até"	Conj. sub. conc. "embora"	Quant. univ. "qualquer"	Quant. univ. "todos"	
%														
Feminino	1	12	3	100	100	50	100	100	50	100	100	100	50	85
	2	11	4	100	100	0	100	100	100	100	100	0	100	80
	3	11	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	90
	4	12	4	100	100	100	100	100	100	100	100	50	100	95
	5	11	4	100	100	0	100	100	100	100	100	50	100	75
	6	12	3	100	100	50	50	100	100	100	100	100	50	80
	7	12	4	100	100	50	50	100	100	0	50	50	50	65
Média	11,6	3,7	100	100	50	85,7	100	92,9	85,7	78,6	71,4	50	81,4	
Masculino	1	11	4	100	100	50	100	100	100	100	100	50	50	85
	2	11	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	11	4	100	100	50	0	100	50	50	50	0	0	50
	4	12	4	100	100	0	50	100	100	100	100	0	50	70
	5	12	4	100	50	50	100	100	100	100	100	0	100	80
	6	11	3	100	100	50	100	100	100	100	100	50	100	90
	7	12	3	100	100	0	50	100	100	100	100	100	100	85
Média	11,4	3,6	100	92,9	42,9	71,4	100	92,9	92,9	92,9	42,9	71,4	80	
Média global	11,5	3,6	100	96,4	46,4	78,6	100	92,9	89,3	85,7	57,1	60,7	80,7	

ANEXO 13
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO I – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos				Média/sujeito
				Fr. coordenadas	Fr. raiz	Fr. infinitivas	Fr. gerundivas	
				%				
Feminino	1	12	3	100	100	0	100	75
	2	11	4	100	100	100	100	100
	3	11	4	100	100	100	100	100
	4	12	4	50	100	100	100	87,5
	5	11	4	100	100	100	50	87,5
	6	12	3	50	50	100	100	75
	7	12	4	100	100	50	100	87,5
Média	11,6	3,7	85,7	92,9	78,6	92,9	87,5	
Masculino	1	11	4	50	50	50	100	62,5
	2	11	3	100	100	0	100	75
	3	11	4	100	100	100	100	100
	4	12	4	100	100	100	100	100
	5	12	4	100	100	50	100	87,5
	6	11	3	100	100	100	100	100
	7	12	3	100	100	50	100	87,5
Média	11,4	3,6	92,9	92,9	64,3	100	87,5	
Média global	11,5	3,6	89,3	92,9	71,4	96,4	87,5	

ANEXO 14

RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO

GRUPO I – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos		Média/ sujeito
				Futuro	Condi- cional	
				%		
Feminino	1	12	3	0	0	0
	2	11	4	0	0	0
	3	11	4	50	0	25
	4	12	4	0	0	0
	5	11	4	0	0	0
	6	12	3	0	0	0
	7	12	4	0	0	0
Média		11,6	3,7	7,1	0	3,6
Masculino	1	11	4	0	0	0
	2	11	3	0	0	0
	3	11	4	0	0	0
	4	12	4	0	0	0
	5	12	4	0	0	0
	6	11	3	0	0	0
	7	12	3	0	0	0
Média		11,4	3,6	0	0	0
Média global		11,5	3,6	3,6	0	1,8

ANEXO 16
 RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO
 GRUPO I – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º D.	Contextos								Média FC	Média FI	Média/sujeito
				Fr. Coord.		Fr. Raiz		Fr. Infinitivas		Fr. Gerundivas				
				FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI			
Feminino	1	12	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	87,5
	2	11	4	100	100	100	0	100	100	100	100	100	75	87,5
	3	11	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	4	12	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	11	4	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	87,5
	6	12	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	88
	7	12	4	100	100	100	100	0	100	100	100	75	100	88
Média	11,6	3,7	100	100	100	85,7	85,7	57,1	100	100	96,4	85,7	91,1	
Média				100		92,9		71,4		100				91,1
Masculino	1	11	4	100	100	100	0	100	100	100	100	100	75	87,5
	2	11	3	100	0	100	100	100	0	100	100	100	50	75
	3	11	4	100	0	100	100	100	100	100	100	100	75	87,5
	4	12	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	12	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	6	11	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	7	12	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Média	11,4	3,6	100	71,4	100	85,7	100	85,7	100	100,0	100	86	92,9	
Média				85,7		92,9		92,9		100				92,9
Média (FC/FI)				100	85,7	100	85,7	92,9	71,4	100	100	98,2	85,7	
Média global	11,5	3,6	92,9		92,9		82,1		100				92	

ANEXO 17

RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO

GRUPO I – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º p.	Contextos				Média FC	Média FI	Média/sujeito
				Futuro		Condicional				
				FC	FI	FC	FI			
%										
Feminino	1	12	3	100	0	100	0	100	0	50
	2	11	4	100	0	100	0	100	0	50
	3	11	4	100	100	100	0	100	50	75
	4	12	4	100	100	100	0	100	50	75
	5	11	4	100	0	100	0	100	0	50
	6	12	3	100	0	100	0	100	0	50
	7	12	4	100	0	100	0	100	0	50
Média	11,6	3,7		100	28,6	100	0	100	14,3	57,1
Média				64,3		50				57,1
Masculino	1	11	4	100	0	100	0	100	0	50
	2	11	3	100	0	100	0	100	0	50
	3	11	4	100	0	100	0	100	0	50
	4	12	4	100	0	100	0	100	0	50
	5	12	4	100	0	100	0	100	0	50
	6	11	3	100	0	100	0	100	0	50
	7	12	3	0	0	0	0	0	0	0
Média	11,4	3,6		85,7	0	85,7	0	85,7	0	42,9
Média				42,9		42,9				42,9
Média (FC/FI)				92,9	14,3	92,9	0	92,9	7,1	
Média global	11,5	3,6		53,6		46,4				50

ANEXO 18
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO II – PRÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos										Média/ sujeito
				Adv. neg. "não"	Pr. rel. "que"	Conj. sub. cs. "por-que"	Conj. sub. compl. "que"	Prep. "a" + pr. rel. "quem"	Det. int. "que"	Adv. incl. "até"	Conj. sub. conc. "embo-ra"	Quant. univ. "qual-quer"	Quant. univ. "todos"	
				%										
Feminino	1	15	2	100	100	50	100	100	100	100	100	50	100	90
	2	15	3	100	100	0	50	100	100	50	50	50	50	65
	3	15	3	100	100	0	100	100	100	100	50	50	0	70
	4	16	3	100	100	50	100	100	100	100	100	50	100	90
	5	16	2	100	100	0	100	100	100	100	100	100	50	85
	6	15	4	100	100	0	100	100	100	100	100	50	50	80
	7	14	3	100	100	100	100	100	50	100	100	100	50	90
Média	15,1	2,9	100	100	28,6	92,9	100	92,9	92,9	85,7	64,3	57	81,4	
Masculino	1	15	4	100	100	50	100	100	100	100	100	100	100	95
	2	16	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	17	3	100	100	50	100	100	100	100	100	0	100	85
	4	14	3	100	100	0	0	100	100	50	0	50	0	50
	5	14	3	100	100	50	50	100	100	100	100	0	100	80
	6	17	2	100	100	50	100	100	100	100	100	100	50	90
	7	15	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Média	15,4	3	100	100	57,1	78,6	100	100	92,9	85,7	64,3	78,6	85,7	
Média global	15,3	2,9	100	100	42,9	85,7	100	96,4	92,9	85,7	64,3	67,9	83,6	

ANEXO 19
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO II – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos				Média/ sujeito
				Fr. Coorde- nadas	Fr. raiz	Fr. Infiniti- vas	Fr. Gerun- divas	
				%				
Feminino	1	15	2	100	100	100	100	100
	2	15	3	100	100	100	100	100
	3	15	3	100	100	50	100	87,5
	4	16	3	100	100	100	100	100
	5	16	2	100	100	100	100	100
	6	15	4	100	100	100	100	100
	7	14	3	100	50	100	100	87,5
Média		15,1	2,9	100	92,9	92,9	100	96,4
Masculino	1	15	4	100	100	100	100	100
	2	16	3	100	100	50	100	87,5
	3	17	3	100	100	50	100	87,5
	4	14	3	100	100	100	100	100
	5	14	3	100	100	100	100	100
	6	17	2	100	100	0	100	75
	7	15	3	100	100	50	100	87,5
Média		15,4	3	100	100	64,3	100	91,1
Média global		15,3	2,9	100	96,4	78,6	100	93,8

ANEXO 20
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO II – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º per.	Contextos		Média/ sujeito
				Futuro	Condi- cional	
				%		
Feminino	1	15	2	0	0	0
	2	15	3	0	0	0
	3	15	3	0	0	0
	4	16	3	50	0	25
	5	16	2	0	0	0
	6	15	4	0	0	0
	7	14	3	0	0	0
Média		15,1	2,9	7,1	0	3,6
Masculino	1	15	4	0	0	0
	2	16	3	0	0	0
	3	17	3	0	0	0
	4	14	3	0	0	0
	5	14	3	0	0	0
	6	17	2	0	0	0
	7	15	3	0	0	0
Média		15,4	3,0	0	0	0
Média global		15,3	2,9	3,6	0	1,8

ANEXO 21

RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO

GRUPO II – PRÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º p.	Contextos																				Média FC	Média FI	Média/sujeito	
				Adv. neg. "não"		Pr. rel. "que"		Conj. sub. cs. "porque"		Conj. sub. compl. "que"		Prep. "a" + pr. rel. "quem"		Det. int. "que"		Adv. incl. "até"		Conj. sub. conc. "embora"		Quant. univ. "qualquer"		Quant. univ. "todos"					
				FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI				FC
%																											
Feminino	1	15	2	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	80	90	
	2	15	3	100	100	100	100	0	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	80	90	85	
	3	15	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	90	95	
	4	16	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	0	100	0	90	70	80	
	5	16	2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	6	15	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	100	100	0	100	80	90	
	7	14	3	100	100	100	100	0	0	100	100	100	100	100	100	100	0	100	0	100	100	0	100	80	70	75	
Média		15,1	2,8	100	100	100	100	71,4	42,9	100	100	100	100	100	100	100	85,7	100	71,4	85,7	85,7	71	42,9	92,9	82,9	87,9	
Média		100		100		57,1		100		100		100		92,9		85,7		85,7		57,1				87,9			
Masculino	1	15	4	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	90	95	
	2	16	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	90	95	
	3	17	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	90	95	
	4	14	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	100	0	90	80	85	
	5	14	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	90	95	
	6	17	2	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	100	100	0	100	0	100	0	100	60	80	
	7	15	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	0	100	0	100	0	100	0	100	50	75	
Média		15,4	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	85,7	100	71,4	85,7	71,4	100	57,1	98,6	78,6	88,6	
Média		100		100		50		100		100		100		92,9		85,7		78,6		78,6				88,6			
Média (FC/FI)		100	100	100	100	85,7	21,4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	85,7	100	71,4	85,7	78,6	85,7	50	95,7	80,7		
Média global		15,3	2,9	100		100		53,6		100		100		100		92,9		85,7		82,1		67,9				88,2	

ANEXO 22

RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO

GRUPO II – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º p.	Contextos								Média FC	Média FI	Média/sujeito
				Fr. Coord.		Fr. Raiz		Fr. Infinitivas		Fr. Gerundivas				
				FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI			
%														
Feminino	1	15	2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	2	15	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	15	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	4	16	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	16	2	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	87,5
	6	15	4	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	7	14	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Média	15,1	2,9	100	100	100	100	100	85,7	100	100	100	96,4	98	
Média			100	100	92,9	100							78,6	
Masculino	1	15	4	100	100	100	0	100	100	100	100	100	75	88
	2	16	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	17	3	100	0	100	0	100	0	100	100	100	25	63
	4	14	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	14	3	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	6	17	2	100	0	100	0	100	0	100	100	100	25	62,5
	7	15	3	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	87,5
Média	15,4	3,0	100	71,4	100	57,1	100	57,1	100	100	100	71	86	
Média			85,7	78,6	78,6	100							85,7	
Média (FC/FI)			100	85,7	100	78,6	100	71,4	100	100	100	83,9		
Média global	15,3	2,93	92,9	89,3	85,7	100							92	

ANEXO 23
 RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO
 GRUPO II – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Nível 2º p.	Contextos				Média FC	Média FI	Média/sujeito
				Futuro		Condicional				
				FC	FI	FC	FI			
%										
Feminino	1	15	2	100	100	100	0	100	50	75
	2	15	3	100	100	100	100	100	100	100
	3	15	3	100	0	100	0	100	0	50
	4	16	3	100	100	100	0	100	50	75
	5	16	2	0	100	100	0	50	50	50
	6	15	4	100	0	100	0	100	0	50
	7	14	3	100	100	100	0	100	50	75
Média	15,1	2,9	85,7	71,4	100	14,3	92,9	42,9	67,9	
Média				78,6		57,1				67,9
Masculino	1	15	4	100	0	100	0	100	0	50
	2	16	3	100	0	100	0	100	0	50
	3	17	3	100	100	100	0	100	50	75
	4	14	3	100	0	100	0	100	0	50
	5	14	3	100	0	100	0	100	0	50
	6	17	2	100	0	100	0	100	0	50
	7	15	3	100	0	100	0	100	0	50
Média	15,4	3,0	100	14,3	100	0	100	7,1	53,6	
Média				57,1		50				53,6
Média (FC/FI)				92,9	42,9	100	7,1	96,4	25	
Média global	15,3	2,9	67,9		53,6				60,7	

ANEXO 24

RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO

GRUPO III – PRÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Contextos										Média / sujeito
			Adv. neg. "não"	Pr. rel. "que"	Conj. sub. cs. "porque"	Conj. sub. compl. "que"	Prep. "a" + pr. rel. "quem"	Det. int. "que"	Adv. incl. "até"	Conj. sub. conc. "embora"	Quant. univ. "qualquer"	Quant. univ. "todos"	
%													
Feminino	1	52	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	90
	2	55	100	100	50	100	100	100	100	100	100	100	95
	3	46	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	4	48	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	39	100	100	100	100	100	100	100	100	100	50	95
Média	48	100	100	70	100	100	100	100	100	100	100	90	96
Masculino	1	35	100	100	100	100	100	100	100	100	0	50	85
	2	38	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	37	100	100	50	100	100	100	100	100	100	100	95
	4	58	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	38	100	100	0	100	100	100	100	100	100	100	90
Média	41,2	100	100	70	100	100	100	100	100	100	80	90	94
Média global	44,6	100	100	70	100	100	100	100	100	100	90	90	95

ANEXO 25

RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO

GRUPO III – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Contextos				Média/ sujeito
			Fr. Coorde- nadas	Fr. raiz	Fr. Infiniti- vas	Fr. Gerundi- vas	
			%				
Feminino	1	52	100	100	100	100	100
	2	55	100	100	100	100	100
	3	46	100	100	100	100	100
	4	48	100	100	100	100	100
	5	39	100	100	100	100	100
Média		48	100	100	100	100	100
Masculino	1	35	100	100	100	100	100
	2	38	100	100	100	100	100
	3	37	100	100	100	100	100
	4	58	100	100	100	100	100
	5	38	100	100	100	100	100
Média		41,2	100	100	100	100	100
Média global		44,6	100	100	100	100	100

ANEXO 26
 RESULTADOS DO TESTE DE PRODUÇÃO
 GRUPO III – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Contextos		
			Futuro	Condi- cional	Média/ sujeito
			%		
Feminino	1	52	50	100	75
	2	55	100	100	100
	3	46	100	100	100
	4	48	50	100	75
	5	39	50	100	75
Média		48	70	100	85
Masculino	1	35	50	100	75
	2	38	100	50	75
	3	37	100	100	100
	4	58	100	100	100
	5	38	50	100	75
Média		41,2	80	90	85
Média global		44,6	75	95	85

ANEXO 28
 RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO
 GRUPO III – ÊNCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Contextos								Média FC	Média FI	Média/sujeito
			Fr. Coord.		Fr. Raiz		Fr. Infinitivas		Fr. Gerundivas				
			FC	FI	FC	FI	FC	FI	FC	FI			
%													
Feminino	1	52	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	2	55	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	46	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	4	48	100	100	100	100	100	0	100	100	100	75	87,5
	5	39	100	0	100	100	100	100	100	0	100	50	75
Média	48	100	80	100	100	100	80	100	80	100	85	92,5	
Média		90	100		90		90					92,5	
Masculino	1	35	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	2	38	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	3	37	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	4	58	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
	5	38	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Média	41,2	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	
Média		100	100		100		100					100	
Média (FC/FI)		100	90	100	100	100	90	100	90	100	92,5		
Média global	44,6	95	100		95		95					96,3	

ANEXO 29
 RESULTADOS DO TESTE DE AVALIAÇÃO
 GRUPO III – MESÓCLISE

Sexo	Sujeitos	Idade	Contextos				Média FC	Média FI	Média/sujeito
			Futuro		Condicional				
			FC	FI	FC	FI	%		
Feminino	1	52	100	100	100	100	100	100	
	2	55	100	100	100	100	100	100	
	3	46	100	100	100	100	100	100	
	4	48	100	100	100	100	100	100	
	5	39	100	100	100	100	100	100	
	Média	34,3	100	100	100	100	100	100	
Média		100		100				100	
Masculino	1	35	100	100	100	100	100	100	
	2	38	100	100	100	100	100	100	
	3	37	100	100	100	100	100	100	
	4	58	100	100	100	100	100	100	
	5	38	100	100	100	100	100	100	
	Média	29,4	100	100	100	100	100	100	
Média		100		100				100	
Média (FC/FI)		100	100	100	100	100	100		
Média global	31,9	100		100				100	